ARIELA PEREIRA



A APOSTA QUE o Magnata Grego NÃO RECUSOU

A APOSTA QUE O MAGNATA GREGO NÃO RECUSOU

Ariela Pereira

Copyright © 2024 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal, no Brasil.

1ª Edição
2024

ÍNDICE

REDES SOCIAIS

SINOPSE:

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

REDES SOCIAIS

Siga a autora Ariela Pereira nas suas redes sociais.

@autoraarielapereira no Instagram e @arielapereira55 no Tik Tok

Acesse através do link: https://linktr.ee/ariela.pereira

Ou aponte a câmera para o código abaixo:

SINOPSE:

Daphne Galanis nasceu e cresceu na pitoresca Mykonos, uma cidade turística no coração da Grécia. Todos os anos, ela testemunha as outras garotas locais competirem ferozmente por um marido rico durante a temporada de verão, quando a ilha é invadida por turistas milionários de todo o mundo.

Filha de humildes pescadores e empregada doméstica, Daphne mantém distância desses visitantes, determinada a se casar virgem e construir uma vida digna e simples como a de seus pais.

Nascido e criado na paradisíaca ilha de Mykonos, Stefanos Nicolaidis mudou-se para os Estados Unidos aos dezoito anos, onde construiu um império milionário. Quando seu sobrinho é assassinado, ele retorna à sua terra natal determinado a fazer justiça, mas o suposto assassino está protegido por partidos políticos e foro privilegiado, complicando sua vingança.

Sua única chance surge quando um amigo de infância, cruel e poderoso, faz uma aposta inescrupulosa: seduzir a doce e virtuosa Daphne, uma garota dez anos mais nova, levá-la para a cama e gravar esses momentos em vídeo , em troca dos meios para condenar o assassino.

Obcecado por justiça, Stefanos está disposto a tudo para consegui-la, mesmo que isso signifique corromper a inocência de Daphne. No entanto, ao conhecê-la, ele se vê diante de um dilema: seguir com o plano ou ouvir seu coração, que clama por uma chance de amar de verdade.



CAPÍTULO 1

Definitivamente, o domingo era o meu dia favorito da semana, não apenas por ser meu dia de folga do trabalho de empregada doméstica, mas pelos momentos preciosos que passava com minha família.

Nossa casa simples, mas aconchegante, em Ano Mera[1], vibrava com vida e aromas deliciosos. Minha mãe e eu estávamos na cozinha, preparando o almoço, enquanto meus irmãos menores, Theodoros e Ariadne, brincavam no quintal ensolarado.

Minha irmã do meio, Ioanna, arrumava a mesa rústica do lado de fora, coberta por uma toalha de linho branca com bordados azuis, e cercada por cadeiras de madeira, algumas pintadas de azul para combinar com a decoração típica das Cíclades[2].

O aroma de comida caseira se espalhava, envolvendo-nos numa atmosfera acolhedora, apesar da simplicidade.

Pouco antes do meio-dia, meu pai retornou do mar com um balde cheio de peixes frescos, que ele mesmo havia pescado naquela manhã. Ele era um homem simples, vivendo da pesca como seu pai e avô antes dele.

Com as guarnições quase prontas, saí da cozinha para ajudar o meu pai a preparar e grelhar os peixes na churrasqueira. Embora o sol brilhasse forte, as sombras das parreiras que cobriam grande parte do quintal ofereciam um alívio agradável do calor.

Com os peixes prontos e os pratos à mesa, todos nós nos reunimos para agradecer a refeição. A conversa fluía naturalmente, entre risos e histórias compartilhadas.

Meu pai, como sempre, contava entusiasmado suas histórias de mar, relatando suas aventuras e as mudanças climáticas.

Apesar da simplicidade, desde a prataria até a comida, muito distante dos utensílios e refeições luxuosas que eu manuseava diariamente na residência milionária onde trabalhava, tínhamos momentos especiais, de harmonia e união. Era quando cada membro de nossa família se sentia verdadeiramente amado e valorizado.

Esses eram momentos que dinheiro algum poderia comprar. A maior prova disso era a discórdia constante na qual vivia a família rica para quem trabalhava. Eles possuíam tudo, exceto o amor, a harmonia e a paz que realmente importavam.

Por esses motivos, decidi que construiria uma vida simples como a dos meus pais. Diferente das outras garotas da minha idade, que sonhavam com um marido rico que as levasse para longe, eu me casaria com o filho de um pescador, como eu, e criaria meus filhos no mesmo ambiente de simplicidade e paz que tanto prezava.

Apesar dos alertas de que aos dezoito anos era cedo para pensar em casamento, eu ansiava pelo dia em que me uniria a Elias, filho de um pescador tão humilde quanto meu pai, que trabalhava como garçom em um dos clubes mais luxuosos de Mykonos durante a temporada turística. Ele era o meu melhor amigo desde a infância, e começamos a namorar quando ambos tínhamos quinze anos.

Se eu tinha maturidade suficiente para trabalhar desde os quatorze anos, certamente tinha para me casar e formar a minha própria família, ao dezoito. Era isso que eu queria, afinal.

Elias era amigo íntimo da nossa família e tinha uma excelente relação com meu pai. Neste domingo, ele estava ausente da nossa casa devido ao trabalho no clube, que se intensificava nos finais de semana, apesar de o local receber turistas durante todo o verão.

— Vocês não vão acreditar no que aconteceu essa semana na casa onde trabalho. A senhora Eleni trocou os talheres de prata por outros mais sofisticados, de ouro. Só que ninguém foi avisado, e eu acabei usando o produto errado para limpá-los. Que confusão! — contou Ioanna, e todos nós rimos.

Embora Ioanna também fosse empregada doméstica, seu verdadeiro sonho era trabalhar no turismo, como Elias. Além disso, almejava encontrar um turista milionário que se apaixonasse por ela e a levasse para uma grande metrópole, onde viveriam como a realeza.

Essa era a aspiração de muitas jovens em Mykonos, mas raramente passava de uma ilusão. Os homens ricos que visitavam a ilha no verão não buscavam uma esposa, mas apenas diversão passageira.

Frequentemente, eles se aproveitavam dos sonhos e da ingenuidade das garotas locais, envolvendo-se com elas temporariamente, para depois descartá-las como um preservativo usado.

Ao longo dos anos, presenciei essa realidade se repetindo a cada verão. A clínica de abortos clandestina na cidade tornava-se o local mais movimentado após o fim da temporada turística, e ainda assim, as lições pareciam nunca ser aprendidas.

— Ah, filha, parece que riqueza demais só traz dor de cabeça. Aqui, um garfo é um garfo, e pronto! — brincou meu pai, rindo do relato de Ioanna.

— E se ficar sujo, é só lavar! — completou minha mãe, compartilhando da alegria.

— É, e aqui em casa o verdadeiro tesouro são as receitas da mamãe! Nada substitui o sabor do seu *tzatziki*[3], mãe — interveio Ariadne, minha irmã mais nova.

Minha mãe sorriu, orgulhosa.

— Eu ajudei a fazer! Não é, mamãe? Eu que mexi o iogurte! — exclamou Theodoros, o caçula, com entusiasmo.

— Isso mesmo, meu pequeno chef! — respondeu minha mãe, depositando um beijo em sua cabeça.

— Ei, vocês precisam ouvir isso! — anunciou Theodoro, animado. — Ontem, enquanto pescava com o papai, vimos um golfinho! Foi incrível, parecia que ele estava dançando no mar.

Meu pai confirmou com um aceno de cabeça e um sorriso nos lábios.

— Foi mesmo. Um espetáculo da natureza. Espero que, um dia, vocês também possam ver essas maravilhas e contar para os seus filhos.

— Nikolas nadou com os golfinhos, uma vez — disse Ariadne.

De repente, um silêncio pesado caiu sobre nós, carregado de dor e pesar.

Nikolas, nosso irmão mais velho, havia falecido há seis meses. Não era apenas sua ausência que nos causava dor, mas a maneira trágica como ele havia partido. A culpa agravava o sofrimento de meu pai, tornando seu luto ainda mais insuportável que o nosso.

Continuamos a refeição, envoltos numa atmosfera de união e harmonia como antes, porém sem tanta alegria. Era impossível ignorar o vazio deixado por Nikolas. Sem ele, nossa família sempre pareceria incompleta, como se nos faltasse um pedaço essencial.

Após o almoço, todos ajudamos a limpar a mesa e, em seguida, nos acomodamos em redes distribuídas sob a sombra das árvores no quintal, buscando um descanso merecido. Meu pai, então, pegou seu *bouzouki*[4] e começou a dedilhar uma melodia suave, embalando a tarde que avançava lentamente.

Quando me levantei para ir rapidamente ao banheiro, Ioanna seguiu-me discretamente, e eu já intuía o que ela queria antes mesmo de ela falar.

— Nem pense em tramar algo. Não vou encobrir suas mentiras novamente — afirmei, decidida.

Tentei escapar, buscando refúgio no banheiro, mas ela, persistente, seguiu-me para dentro do pequeno cômodo.

— Daphne, por favor, a temporada turística já começou, todas as minhas amigas estão na praia. Dizem que está lotado de gente e até um DJ famoso vai se apresentar hoje. Eu preciso ir. Me ajude, por favor.

— Não, você não precisa ir.

— Mas eu realmente quero.

Este era o padrão nos finais de semana, Ioanna desejava ir às festas para se misturar com os turistas, alimentando a ilusão de encontrar um amor verdadeiro entre os milionários que frequentavam a ilha, que a levaria para uma vida luxuosa na cidade grande. Ela dependia de mim para mentir aos nossos pais, dizendo que ela iria estudar na casa de uma amiga.

— Eu já te disse mil vezes, esses turistas não querem nada sério com as garotas daqui! — alertei em um sussurro, cautelosa para não sermos

ouvidas do lado de fora. — Eles só querem se aproveitar de garotas ingênuas como você.

— Mas eu não estou indo por causa dos turistas. Só quero dançar e me divertir um pouco. Não há mal algum nisso.

— Sei muito bem que tipo de diversão você está buscando.

— Nem todas que vão à praia estão atrás de homens. Só quero me divertir. Por favor, Daphne. Se eu pedir ao papai, ele nunca vai deixar, mas se você disser que vou para a casa de uma amiga, ele concorda na hora.

— Você acha certo ficarmos mentindo para ele?

— Não precisaríamos mentir se ele não fosse tão rígido e inflexível.

— Ele só quer o nosso bem.

— Ele quer é nos manter como prisioneiras. Todos os outros pais deixam as filhas saírem. Por favor, fale com ele por mim. Prometo que volto cedo.

Revirei os olhos, consciente de que ela não desistiria enquanto eu não cedesse aos seus pedidos.

— Está bem, vou falar com ele. Mas se eu sequer suspeitar que você esteve bebendo ou flertando com esses filhinhos de papai que vêm de fora, nunca mais encobrirei suas ações.

Radiante, Ioanna me abraçou, depositando beijos repetidos em meu rosto, com um sorriso que se esticava de uma orelha a outra.

— Obrigada, maninha. Você é a melhor irmã do mundo.

— Tudo bem. Agora saia, preciso usar o banheiro.

Depois de conversar com nosso pai, Ioanna se despediu de todos e partiu, vestida como estava, mas carregando uma mochila com roupas para trocar na casa de uma amiga.



CAPÍTULO 2

Eram mais de nove horas da noite. Eu estava confortavelmente acomodada no sofá da sala, assistindo a uma série na televisão, enquanto meus pais cochilavam ao meu lado e as crianças já dormiam no quarto que dividiam.

Ioanna havia telefonado no final da tarde, avisando que passaria a noite na casa de uma amiga. Apesar de ter me prometido que estava dizendo a verdade, eu sabia que ela mentia, que provavelmente estava nos bares da orla, e eu não conseguia deixar de me preocupar com tudo o que poderia acontecer a ela em meio a tantas pessoas desconhecidas e embriagadas.

Geralmente, Mykonos era uma cidade pacata, onde todos se conheciam. No entanto, se transformava em um verdadeiro caos quando a temporada turística, que durava todo o verão, começava.

Já fazia algum tempo que a ilha havia se tornado o destino da moda entre os europeus, atraindo pessoas dos mais variados lugares, principalmente jovens ricos e mimados em busca de diversão em um local isolado o suficiente para que seus atos não se tornassem públicos.

Muitos desses visitantes não tinham pudor ou decência, começando a beber desde cedo e estendendo a farra por toda a noite.

Quando embriagados, cometiam as mais inacreditáveis loucuras. Era comum ver garotas seminuas dançando sobre as mesas dos bares, casais quase transando na frente uns dos outros, e muitas pessoas consumindo drogas.

O toque do meu celular me arrancou desses pensamentos. Ao ver o nome de Michalis na tela, fiquei apreensiva, temendo que meus pais percebessem que ele estava me ligando.

Michalis Kazantzidis era um dos homens mais ricos e influentes de Mykonos, herdeiro de uma fortuna multimilionária, acumulada através das prósperas atividades de armadores na indústria marítima grega.

Além disso, ocupava a posição de juiz da vara criminal da região, tendo sido nomeado para o cargo pela presidente do país, que o considerava um defensor fervoroso da família tradicional, dos bons costumes e de princípios religiosos, tal como ela própria. Só que ela não poderia estar mais enganada.

Apesar de nossos pais terem nos proibido de sequer mencionar o nome dele, depois do que aconteceu ao nosso irmão, eu mantinha uma amizade às escondidas com Michalis. Ao contrário do que meus pais acreditavam, ele não teve culpa no que aconteceu a Nikolas, tudo havia sido uma trágica fatalidade.

Peguei o celular e me refugiei em meu quarto antes de atender.

— Alô.

— *Olá, minha pequena amiga. Como você está?* — disse Michalis, com sua voz carregada de uma angústia que parecia nunca o deixar.

Ao fundo, o som estrondoso de uma música animada era audível, indicando que ele estava em algum bar da cidade.

— Estou bem, apenas trabalhando muito, como sempre.

— *E se divertindo pouco, como de costume.*

— Isso não é verdade. Meu dia hoje foi bastante divertido.

— *Sei, fechada em casa como uma idosa. Isso não é saudável para alguém da sua idade.*

— Eu gosto deste jeito. E você, como está?

Michalis suspirou.

— *Bem, dentro do possível. Mas não liguei para falar sobre mim. Lamento ter que te dizer isso, mas sua irmã está em um bar na orla, muito*

embriagada, com um grupo de filhinhos de papai italianos cheios de más intenções. Acho que isso não vai terminar bem para ela.

— Droga! — exclamei, frustrada — Eu pedi para ela não beber e não se envolver com turistas!

— *Ela não é a única. As amigas estão na mesma situação. Todas estão tão bêbadas que mal percebem o que estão fazendo. É exatamente como esses rapazes gostam de aproveitar. Eu a tiraria de lá, mas você sabe que não posso me aproximar.*

— Eu sei. E agradeço por me avisar. Onde exatamente ela está?

— *No Scandinavian Bar & Disco*[5]*, em Little Venice*[6]*.*

— Sei onde fica. Estou indo buscá-la. Muito obrigada por me avisar.

— *Não há de que. Você sabe que sempre estarei aqui para você.*

— Eu sei. Boa noite — com isto, encerramos a ligação.

Pensei em ligar para Elias e pedir sua ajuda para resgatar minha irmã, mas não queria atrapalhá-lo em seu trabalho tão essencial. Então, troquei meu vestido de algodão confortável por uma calça e casaco de moletom, prendi os cabelos em um rabo de cavalo e saí de casa o mais discretamente possível, para não despertar meus pais.

Eu não queria nem imaginar o que aconteceria se meu pai desconfiasse que Ioanna estava bebendo com turistas.

Meu pai, apesar de ser um homem bom e humilde, tinha convicções conservadoras e rígidas. Ele via como imoralidade qualquer comportamento íntimo fora do casamento, ou que contrariasse os ensinamentos religiosos.

Essa rigidez não era culpa dele, pois fora criado desde muito jovem para adotar esse rigor moral.

Lá fora, peguei a velha lambreta que usava para ir ao trabalho e parti para Little Venice, um dos pontos turísticos mais movimentados de Mykonos, envolvida pelo silêncio tranquilo da noite.

Ao chegar lá, senti como se tivesse sido transportada para outro mundo. As ruelas tranquilas e silenciosas da cidade onde nasci e cresci foram substituídas por um verdadeiro caos.

Multidões de pessoas embriagadas e seminuas circulavam por todos os lados, dirigindo-se aos bares e casas noturnas que se alinhavam ao longo dos becos estreitos. O som das músicas que emanava desses locais era quase ensurdecedor, criando uma atmosfera que beirava o insuportável.

Trafegando em meio aos turistas recém-chegados, percebi que os biquínis haviam deixado de ser um traje exclusivo das praias, as mulheres

simplesmente cobriam-nos com uma renda transparente e se dirigiam às baladas vestidas assim.

Ignorando os olhares curiosos que me eram lançados, devido aos meus trajes mais comportados, estacionei a lambreta e segui a pé, abrindo caminho através da multidão, em direção ao Scandinavian Bar & Disco, uma das casas noturnas mais populares de Mykonos.

Precisei pagar entrada para ter acesso ao lugar. Ao entrar, senti como se tivesse mergulhado ainda mais fundo naquele inferno. O volume da música era quase insuportável, mulheres seminuas, e visivelmente embriagadas, dançavam sobre as mesas, enquanto alguns homens se aproveitavam da situação para passar a mão nelas, tocando suas partes íntimas de maneira extremamente abusiva, sem que elas se importassem. Algumas estavam tão dopadas que sequer percebiam.

Em algumas mesas, via-se casais e grupos trocando carícias íntimas, como se estivessem prestes a transar ali mesmo, na frente de todos.

Eu não compartilhava do puritanismo do meu pai, que julgava severamente o comportamento dessas pessoas. Eu simplesmente havia escolhido um caminho diferente para minha vida.

Acreditava que o verdadeiro empoderamento feminino residia na liberdade de escolher quem queríamos ser, inclusive optar por uma vida de esposa e dona de casa, que era o que eu aspirava.



CAPÍTULO 3

Enquanto vasculhava o local à procura de Ioanna, meu olhar encontrou o de Michalis, que já estava fixo em mim. Ele se encontrava sentado a uma mesa, acompanhado de uma deputada do partido que apoiava, o prefeito de Mykonos e sua esposa.

Sabendo que não poderíamos ser vistos juntos, sem que meus pais descobrissem no dia seguinte — afinal, em uma cidade pequena como a nossa, onde todos se conheciam, as fofocas se espalhavam rapidamente —, evitei me aproximar dele, e ele também não veio ao meu encontro.

Michalis sutilmente indicou com um gesto, levantando seu copo de uísque pela metade em uma direção. Quando segui seu olhar, avistei Ioanna rodeada por um grupo de turistas italianos bem-vestidos, todos com a típica aparência de filhinhos de papai.

Ela e suas amigas estavam envolvidas em carícias com eles, de uma maneira vulgar e imprópria. Minha irmã estava sentada entre dois deles, que a beijavam e passavam as mãos pelo seu corpo, mal coberto por um biquíni minúsculo e um lenço transparente amarrado nos quadris.

Fiquei furiosa ao ver que ela estava claramente embriagada, sem consciência do que ocorria, e meu sangue ferveu ainda mais ao perceber que aqueles caras estavam se aproveitando de sua vulnerabilidade.

Que canalhas!

Com a ira fervendo dentro de mim, marchei determinada em direção à mesa onde Ioanna estava, disposta a arrancá-la das garras daqueles aproveitadores do caralho e levá-la para casa.

No entanto, antes que tivesse a chance de alcançá-la, uma mão firme envolveu meu braço e me deteve. Era Dimitrius Papadopoulos, o filho da minha chefe, o sujeito mais detestável que já pisou na face da Terra.

— Quem diria que eu veria você por aqui! — exclamou ele, com os olhos escuros e avermelhados, visivelmente afetados pelo álcool e, provavelmente, drogas. — Decidiu finalmente abandonar o puritanismo e se divertir? Se precisar de um guia para conhecer a verdadeira diversão, estou à disposição.

Revirei os olhos, sentindo-me irritada e enojada. Havia quatro anos que eu trabalhava na vila onde Dimitrius morava com seus pais, e durante todo esse tempo ele vinha tentando me levar para a cama, como fazia com tantas outras mulheres, especialmente com as garotas pobres, a quem podia descartar com mais facilidade, depois de conseguir o que queria.

Mas ele não tinha a menor chance comigo.

— Me solta, Dimitrius! — exigi, tentando me livrar de sua mão — Se eu quisesse me divertir, você seria o último da minha lista.

Ele riu, um riso áspero e zombeteiro que apenas intensificou meu desprezo.

— Ah, Daphne, sempre tão arrogante. Não se cansa, não? — provocou ele, apertando meu braço com mais força.

— Me canso, e você não imagina o quanto. Agora, com licença, preciso cuidar da minha irmã. Algo que você não entenderia, já que cuidar de si mesmo deve ser um grande desafio para você — rebati.

Ele arqueou uma sobrancelha, finalmente me soltando.

— Ah, claro. A irmãzinha problemática. Talvez ela só esteja se divertindo um pouco. Você deveria aprender a relaxar e fazer o mesmo.

Eu o encarei, sentindo a raiva subir pelo pescoço.

— Divertindo? É assim que você chama ser explorada por caras insignificantes como você? — minha voz saiu mais alta do que eu pretendia, atraindo alguns olhares curiosos ao nosso redor.

Foi então que os amigos dele deixaram as garotas com quem se agarravam à mesa, e se aproximaram de nós. Eram os mesmos caras com quem ele sempre andava: o arrogante Nikos, o falante Andreas, e o sempre entediado Yannis.

No entanto, havia um rosto novo entre eles. Um loiro alto, com olhos azuis tão intensos que pareciam iluminar a escuridão ao nosso redor. Esse eu nunca tinha visto na ilha. Obviamente era mais um playboyzinho, que se considerava o dono do mundo, assim como os amigos com quem estava.

— Ai, meu Deus, a santinha veio pra balada! Será que finalmente você vai ter uma chance, Dimi? — disparou Nikos, com deboche e minha raiva se intensificou um pouco mais.

— Não diga merda! Não estou atrás de uma chance com ela! — rebateu Dimitrius, constrangido pelo fato de ser rejeitado pela empregada da sua mãe, uma ofensa inenarrável para o cara que já seduziu e trepou com praticamente todas as garotas da cidade, e até com as visitantes.

— Se me derem licença, não vim aqui para conversar — anunciei.

Tentei seguir o meu caminho, mas Dimitrius entrou na minha frente, mais uma vez me fazendo parar.

— Ela veio pra atrapalhar a diversão da irmã — disse ele — Não é porque você é frígida e não curte a vida, que sua irmã tem que ser do mesmo jeito.

Como podia existir uma pessoa tão insuportável nesse mundo?!

— Dimitrius, você é realmente incapaz de entender. Ioanna está bêbada e vulnerável. Se você tivesse o mínimo de decência, ajudaria ao invés de atrapalhar. Agora, saia do meu caminho.

Sua expressão mudou, tornando-se mais sombria. Ele odiava ser insultado, especialmente por uma empregada, e na frente dos amigos.

— Cuidado com o que diz, garota. A fila de desempregados na cidade está enorme. Você não ia querer fazer parte dela.

Sorri com deboche.

— Lamento informar, mas não trabalho para você e sim para os seus pais. Portanto, nem perca seu tempo ameaçando me demitir. Ao invés disso, faça um favor a todos: cresça e pare de ser um idiota.

Desta vez o rosto dele ficou vermelho de raiva, e ele deu um passo mais perto, invadindo meu espaço pessoal.

— Cuidado, Daphne. Uma hora dessas eu vou me cansar de ouvir seus insultos.

Eu o encarei, sem recuar.

— Que se foda! Não tenho medo de você. Você não passa de um garoto mimado que nunca aprendeu o significado da palavra respeito.

Os amigos de Dimitrius riam alto, claramente se divertindo com a discussão, o que apenas aumentava a irritação do filho da minha chefe, por ser humilhado diante de todos. O loiro, no entanto, mantinha-se sério, observando a situação com um interesse tranquilo e quase analítico.

— Dimitrius, não vai me apresentar sua amiga? — perguntou ele, dando um passo à frente e fixando em mim um olhar penetrante.

Era realmente muito bonito, dono de uma masculinidade gritante, quase agressiva. Seus traços eram esculpidos com precisão artística: um rosto angular, queixo forte e uma barba rala que adicionava mistério e maturidade.

Seus olhos azuis hipnotizantes transmitiam confiança e serenidade. Os cabelos loiros e ligeiramente ondulados caíam despretensiosamente sobre a testa, conferindo-lhe um charme natural.

Com ombros largos e um corpo atlético, sua força física era suavizada por uma postura relaxada e elegante. Usava camiseta sem mangas e bermuda despojada, exalando um carisma e segurança irresistíveis, tornando impossível desviar o olhar.

— Amiga é uma palavra muito forte — disparou Andreas, aos risos.

— Ela não é ninguém, só uma empregada metida à besta — rosnou Dimitrius.

— Exatamente — concordei, desviando os olhos do deus grego loiro — Agora se me derem licença, tenho mais o que fazer.

Novamente tentei retomar o meu caminho e mais uma vez fui detida pelo homem que entrou na minha frente, desta vez o loiro lindo de viver.

Meu Deus! O cara era gato pra cacete, mas tão metido e prepotente quanto os outros!

— Espere só mais um pouco, ainda não me apresentei — disse ele, fitando-me com aqueles olhos tão lindos que era impossível não se sentir encantada — Sou Stefanos e qual o seu nome?

Ele estendeu-me a mão, esperando que eu a apertasse. Contudo, ao invés de cumprimentá-lo, cruzei os braços e empinei o nariz.

— Só por curiosidade, o que te faz pensar que estou interessada em saber o seu nome, ou mesmo tomar conhecimento da sua existência? — não economizei na rispidez, irritada com a prepotência desses caras em achar que todas as mulheres do planeta estavam ansiosas para conhecê-los, e abrir as pernas para eles logo em seguida, só porque eram ricos e lindos.

Ao invés de se irritar com a minha resposta, o loiro abriu um largo sorriso, como se minha atitude o divertisse.

— Você é sempre tão mal-humorada assim? — indagou.

— Não, sou pior! Agora saia da minha frente, antes que eu comece a fazer um escândalo que vai te deixar horrorizado!

Ele não fez menção de se afastar.

— É preciso muito mais que um escândalo pra me deixar horrorizado. Aliás, eu adoro garotas escandalosas, dessas que gritam bem alto quando estão rebolando no meu pau.

Diante de toda a imoralidade que ocorria ao nosso redor, não era para as palavras dele terem me surpreendido, afinal não era menos do que se podia esperar de pessoas como ele. Ainda assim, fiquei atônita com tamanha falta de pudor e vergonha na cara.

Seguindo a um impulso mais forte do que pudesse controlar, estiquei o braço até a bandeja de um garçom que passava e me apossei de uma caneca cheia de cerveja, atirando todo o líquido no rosto daquele safado, pegando-o completamente de surpresa.

— Para que aprenda a ter a educação que sua mãe não te deu! — berrei, enquanto as pessoas paravam à nossa volta para observar a cena, os amigos dele soltando altas gargalhadas, o garçom protestando a cerveja perdida.

A ruiva com quem ele estava se agarrando há pouco saiu do seu lugar à mesa e correu em seu socorro, parecendo um cachorrinho correndo para o dono, com um lenço em mãos, pronta para secar o seu rosto.

Não esperei para ver o que aconteceria. Obstinada, desviei do loiro e retomei o meu caminho, seguindo em direção à mesa onde Ioanna estava.



CAPÍTULO 4

Após atirar uma caneca de cerveja em meu rosto, a amiga louca de Dimitrius passou por mim como um furacão e seguiu na direção de um grupo de italianos que se divertia com garotas locais.

A ruiva francesa com quem eu estava há pouco, cujo nome não me recordava, tentava secar o líquido gelado do meu rosto, mas eu sequer a enxergava, e nem era porque meus olhos ardiam pra caralho devido ao álcool que os atingira, mas sim porque meu olhar seguia atentamente aquela diaba em forma de garota.

Minha vontade era de deitá-la de bruços sobre as minhas pernas e dar umas boas palmadas naquela bunda gostosa que ela tanto fazia questão de esconder sob a calça folgada do moletom.

— Sinto muito, cara, mas você poderia ter ido dormir sem esse banho — disparou Andreas, aos risos.

Todos riam com o inesperado banho de cerveja que levei, exceto Dimitrius, que permanecia visivelmente irado com a garota, lançando-lhe olhares que pareciam querer consumi-la em chamas.

Era óbvio que, para alguém de ego tão inflado, como ele, ser rejeitado pela empregada doméstica de sua mãe representava uma afronta indescritível. Essa rejeição, pelo que pude observar, não era algo recente. Parecia que Dimitrius assediava essa garota há tempos, e era notável que ela não cedesse, ao contrário de muitas que se deixavam seduzir pela promessa de um marido rico.

No entanto, o que realmente capturava meu interesse naquela mulher não era seu comportamento endiabrado. Ela me chamou a atenção desde o momento em que cruzou o limiar da porta do clube, inicialmente pela sua aparência, tão distinta das outras presentes.

Enquanto todas as demais ostentavam trajes leves, que beiravam a vulgaridade, ela optava por roupas largas e modestas, um conjunto de moletom pouco adequado para o calor intenso, como se o objetivo fosse se esconder.

Seus cabelos escuros e cacheados estavam presos em um rabo de cavalo feito às pressas, e seu rosto bronzeado não continha qualquer vestígio de maquiagem. Apesar de não fazer esforço algum para se embelezar, ela era a mais gata dali.

O segundo motivo, ainda mais intrigante, para a minha fixação por ela, foi o breve e intenso contato visual que trocou com Michalis Kazantzidis, o infame assassino do meu sobrinho, ao entrar.

O olhar que compartilharam, embora fugaz, tinha a profundidade de uma relação íntima. Além disso, foi ele quem discretamente indicou a direção da mesa onde sua irmã se encontrava, sugerindo uma proximidade mantida em segredo. *Mas, de quem? E por qual motivo?*

Se minhas suspeitas estivessem corretas, essa garota poderia ser uma amante secreta de Michalis, e portanto, a chave para me aproximar desse criminoso e finalmente fazer justiça.

— Pode tirar o olho, cara, essa garota não dá mole pra ninguém — informou Nikos, ao perceber que eu mantinha meu olhar fixo na garota de moletom — Meu amigo aqui está tentando comer essa garota há anos e até agora nada — completou ele, acenando para Dimitrius e dando risada.

— No mínimo deve ser lésbica, ou então uma religiosa fanática — disparou Dimitrius, tentando fazer graça, mas ninguém riu.

Reacomodamo-nos ao redor da mesa, cada um de nós com uma garota no colo. A tensão ainda marcava o semblante de Dimitrius. Nem

mesmo a morena gostosa sentada em suas pernas conseguia aliviar sua irritação.

Ele parecia profundamente perturbado pela empregada de sua casa, e definitivamente não de uma maneira positiva.

Enquanto os outros à mesa continuavam fazendo piadas e rindo do banho de cerveja que tomei, meu foco se desviava deles, inteiramente capturado pela figura da empregada audaciosa, que, segundo meus amigos, se chamava Daphne.

Ela se aproximava da mesa onde sua irmã, mais jovem e desinibida, se divertia com outras moças locais e o grupo de turistas italianos. Tentava, sem sucesso, convencer a irmã a deixar o colo de um dos rapazes, que, junto com os outros italianos, insistia para que ela se juntasse a eles.

Daphne estava claramente alterada, criando um alvoroço para tentar retirar a irmã dali, e previ que a situação não acabaria bem para ela, considerando o nível de embriaguez de todos à mesa.

Ela persistia em sua confusão, elevando a voz e gesticulando com veemência. Foi ao derrubar garrafas e copos no chão que um dos italianos perdeu a paciência. Ele se levantou abruptamente, agarrando-a pela gola do casaco de maneira agressiva.

Tentei, mas não consegui assistir aquilo sem fazer nada. Quando dei por mim já estava de pé, marchando em direção ao tumulto, ignorando o coro de risadas e comentários maldosos dos meus amigos.

A francesa ruiva tentou segurar meu braço, mas eu a desvencilhei com um movimento brusco. Precisava intervir antes que as coisas ficassem piores.

— Ei, larga ela, porra! — gritei, me aproximando com passos apressados e empurrando o italiano que segurava Daphne.

Ele me olhou, com os olhos vermelhos de álcool e raiva. Soltou a garota e se virou para mim, gesticulando e falando algo em italiano que eu não compreendi, mas o tom era claramente ameaçador. Eu o encarei de volta, determinado a não recuar.

— Toque nela novamente e vou te ensinar que não é desta forma que se trata uma mulher! — ameacei.

— O que está fazendo?! Eu não preciso da sua ajuda! — gritou Daphne.

— Não seja mal-agradecida. Você estava prestes a levar uma surra.

Ela bufou, com a raiva brilhando em seus olhos negros como uma noite sem luar.

— Eu poderia resolver isso sozinha! Não preciso de um salvador!

— Resolver sozinha? Como? Sendo espancada por esses idiotas?

Os italianos se levantaram, prontos para uma briga. Um deles tentou me empurrar, mas eu segurei seu braço e o torci, forçando-o a recuar com um gemido de dor. Outro avançou, mas eu o acertei com um soco rápido no estômago, fazendo-o dobrar-se ao meio.

A ingrata aproveitou o momento para agarrar sua irmã, que estava tão bêbada que mal conseguia ficar de pé. Ela a puxou com dificuldade, os olhos lançando faíscas de fúria em minha direção.

— Isso não acabou, cara! — um dos italianos gritou, mas eu o ignorei, seguindo as duas irmãs, focado em garantir que conseguissem sair dali em segurança.

Enquanto lutávamos para atravessar a multidão, percebi que Michalis nos observava de longe, com os olhos fixos em Daphne. Havia algo na maneira como ele a olhava, uma intimidade que me deixou inquieto. Eles definitivamente tinham um vínculo que ia além do que aparentava.

Contudo, não era um vínculo emocional, ou ele não teria conseguido se manter impassível enquanto ela era quase agredida. Tentar manter uma relação às escondidas não era suficiente para que um homem visse uma garota sendo atacada e não fizesse nada.

Finalmente, conseguimos chegar à saída. Daphne segurava a irmã com firmeza, mas sua expressão ainda era de pura raiva.

— Você é um idiota, sabia? — ela disparou, com os olhos brilhando de indignação. — Eu não precisava de você!

— Claro que precisava. Se não fosse por mim, você e sua irmã estariam em sérios apuros agora.

— Eu me viro muito bem sozinha. Não preciso de ninguém, especialmente de alguém como você.

Eu estava prestes a responder, mas a expressão dela e o olhar que trocamos me fizeram calar. Havia algo mais ali, algo que não compreendia completamente. Uma mistura de frustração, orgulho e talvez um pouco de medo.

— Saiam logo daqui. Isso não é seguro para vocês.

Ela me lançou um último olhar de desprezo, mas não disse mais nada. Apenas assentiu e continuou a arrastar a irmã pela ruela bem-iluminada e movimentada. Enquanto eu as seguia com o olhar, meus pensamentos estavam confusos e cheios de perguntas.

Havia muito mais naquela garota do que ela deixava transparecer, e eu estava determinado a descobrir o que era.



CAPÍTULO 5

— Admirável sua atitude. Evitou que Daphne levasse a surra que ela merece — disparou Dimitrius, com tom de amargura, assim que sentei-me de volta no meu lugar à mesa — Mas, se fez isso achando que vai conseguir levá-la para a cama, está perdendo seu tempo. Essa garota não abre as pernas para ninguém.

Peguei a ruiva gostosa pela cintura e fiz com que se sentasse de volta em meu colo, antes de beber um grande gole de uísque.

— Não existe mulher que não abra as pernas para ninguém. Você é que não soube fazer as coisas direito. No seu lugar, eu já teria fodido essa garota por todos os orifícios há muito tempo — anunciei.

— Ah, mas eu duvido muito.

— O Dimi tem razão — interveio Andreas — Essa garota é diferente de todas as outras. Ouvi dizer que ela tem planos de se casar virgem, com um pescador tão fodido quanto o pai dela.

— Uma virgem?! — disse a francesa em meu colo — Puta merda! Isso ainda existe?!

— Só mesmo no interior da Grécia — completou a amiga dela que estava no colo de Dimitrius.

— Não acho que seja coisa de garota do interior — interveio a terceira garota — Acho louvável a atitude dela de se manter pura até o casamento.

— Se você acha louvável, por que não fez o mesmo? — Dimi quis saber.

— Ah, porque o fogo no meio das pernas falou mais alto — ela confessou e todos rimos em uníssono.

— Mas falando sério agora — interveio Yannis — O Dimi não foi o único que tentou seduzir a Daphne. Todos nós já tentamos, mas ela é obstinada. Nunca vi outra igual.

Claro que ela era diferente. Era amante em segredo de um juiz milionário que jamais assumiria publicamente a filha de um simples pescador, porque estava pretendendo enveredar na carreira política e um relacionamento desses o atrapalharia.

— Vocês é que são incompetentes. Eu conseguiria comê-la em uma semana. Talvez até menos — me embeveci.

— Ah, mas disso eu duvido muito — afirmou Andreas.

— Nunca existiu e nunca existirá uma mulher capaz de resistir ao papai aqui.

— Então prove que é capaz — desafiou Dimitrius, ainda carregando sinais de irritação em seu semblante — Seduza Daphne, leve-a para a cama, desvirtue-a, e grave tudo em vídeo para provar que o fez e, em troca, te dou o Aegean Pavilion[7].

Ele só podia estar brincando! O Aegean Pavilion era um dos maiores e mais luxuosos clubes, entre as inúmeras propriedades turísticas que a família dele possuía em Mykonos, contando com vários restaurantes, uma grande casa noturna e um resort à beira-mar.

Estava mesmo muito obstinado a arruinar a reputação de Daphne, para oferecê-lo de graça, e tudo porque seu ego não lhe permitia ser desprezado por uma empregada.

Era mesmo muito mimado!

— Você não está falando sério — duvidei.

— Estou falando muito sério. Desvirtue Daphne, prove que ela não passa de mais uma vadia, como todas as mulheres, e traga as imagens para mim. O Aegean Pavilion será seu.

— Essa garota só é virgem na sua cabeça, amigo — falei, dando risada da proposta estapafúrdia dele.

— Ótimo. Nesse caso, seria mais fácil para você. Faça um vídeo trepando com ela e o clube mais lucrativo de Mykonos passará para o seu nome.

Ponderei por um momento. A oferta poderia parecer atrativa para quem tivesse interesse em investir no setor turístico de Mykonos, mas esse definitivamente não era o meu caso.

Apesar de ter nascido nesta ilha, não planejava voltar a morar aqui. Mudar-me para os Estados Unidos logo após concluir o ensino médio foi a melhor decisão que já tomei na vida.

Nos EUA, tive a oportunidade de frequentar uma universidade de primeira linha e estabelecer uma carreira próspera no setor tecnológico, criando milhares de empregos e acumulando uma fortuna que superava em muito a da minha família.

Não estava disposto a deixar tudo isso para trás e voltar a me estabelecer em Mykonos, nem mesmo por períodos breves.

O único motivo que me trouxe de volta à ilha neste verão era a determinação de fazer Michalis pagar por ter devastado o que restava da minha família.

Ademais, gravar momentos íntimos de uma mulher sem o seu consentimento era um ato deplorável, algo que só poderia ter sido concebido pela mente perturbada de Dimitrius. Eu jamais cometeria uma inescrupulosidade dessa.

— Nem pensar, cara. Não vou gravar uma garota trepando sem o consentimento dela. Pode ficar com o seu clube — anunciei e a garota em meu colo plantou um beijo em meu rosto.

— É assim que se fala, gato! — disse ela.

Mesmo depois que mudamos de assunto, Dimitrius continuou com aquele olhar sombrio, seu semblante contraído de irritação dando indícios do quanto era obcecado por Daphne, com o seu orgulho ferido por ela.

Horas depois, levantei-me para ir ao banheiro e ele me seguiu. Ao constatar que estávamos sozinhos no lavabo da casa noturna, que também pertencia à família dele, trancou a porta por dentro.

— Tá maluco? — indaguei — O que diabos você tá querendo?

— Eu sei que você não voltou para Mykonos depois de tanto tempo só para tirar férias. Você está atrás de Michalis Kazantzidis, pelo que ele fez

ao seu sobrinho e como isso afetou sua irmã.

Senti um gosto amargo na boca, a tensão foi tomando conta de cada um dos meus músculos. Aquele assunto vinha me assombrando há seis meses, desde que tudo aconteceu, sem que eu tivesse um minuto de paz.

— Vim para fazer justiça. E daí? — cuspi as palavras com amargura.

— E daí que posso te entregar a cabeça de Michalis em uma bandeja de prata.

— Como?

— Como assim, como?! Meu pai é primo da presidente do país, esqueceu? Foi ela quem deu o cargo de juiz a Michalis e vai apoiar a candidatura dele à prefeitura nas próximas eleições. Uma conversa do meu pai com ela e esse cara estará acabado, sem cargo e seu apoio político.

— E quem me garante que seu pai vai ter essa conversa com ela?

— Eu garanto. Sei ser bem persuasivo, quando quero.

A proposta dele era a minha melhor chance de chegar até Michalis. Sem o cargo de juiz, que lhe garantia imunidade processual, eu poderia exigir uma investigação mais profunda do assassinato do meu sobrinho e, com isto, finalmente puni-lo.

— E em troca, você quer que eu grave um vídeo trepando com Daphne — afirmei.

— Exatamente.

— Cara, você é doente. E está obcecado por essa garota.

— Obcecado ou não, quero esse vídeo e acho que você pode conseguir. Ou não acredita tanto assim no seu potencial?

— Potencial é o que mais tenho, mas... — não consegui concluir a frase.

Seria burrice recusar o que Dimitrius me oferecia. Embora fosse inescrupuloso pra caralho gravar uma trepada com uma garota sem o consentimento dela, isso não era nada se comparado à chance de finalmente fazer justiça pela minha família.

Um vídeo íntimo geraria um impacto violento na vida da garota, especialmente porque provaria que ela não era casta como tentava convencer a todos. Contudo, logo o escândalo seria esquecido e ela seguiria com sua vida como se nada tivesse acontecido.

Por outro lado, se eu desperdiçasse essa chance, talvez jamais conseguisse fazer justiça pelo assassinato do meu sobrinho.

— Eu topo — declarei e um sorriso iluminou o rosto de Dimitrius — Vou gravar um vídeo fodendo gostoso com ela, só acho que você não verá nenhuma virgindade nessas imagens, porque não existe nenhuma.

— Mesmo que não exista, quero provar a Daphne que ela não é tão puritana quanto tenta demonstrar.

— Que nada! Você quer é se vingar, porque ela não te dá mole.

— Que seja. Cada um com suas vinganças.

— Então estamos acordados. Você providencia para que Michalis seja exonerado do cargo de juiz, e te darei o melhor filme pornô que você já viu.

— Para facilitar as coisas, você pode se hospedar na minha casa. Temos um andar inteiro para hospedar os amigos da família. Ela trabalha lá.

— Acho que posso seduzi-la em outro lugar. Não preciso me mudar para a sua vila.

— Acontece que ela não sai para outro lugar, que não para encontrar o namoradinho. Além disso, já instalei uma câmera escondida no quarto dela, na ala dos empregados. Você pode fazer tudo com ela lá mesmo.

Eu o fitei atônito.

— Você instalou uma câmera escondida no quarto dela?! Caralho, você é mesmo doente!

— Doente ou não, sou sua única chance de chegar até Michalis. E então, temos um acordo?

Eu nem precisava pensar sobre o assunto, pois seria capaz de qualquer coisa para dar àquele juiz de merda o que ele merecia, inclusive passar por cima de todos os meus princípios morais. A pobre empregadinha se recuperaria depois de um tempo.

— Sim, nós temos um acordo — declarei, apertando a mão do cara perturbado que meu amigo de infância havia se tornado.



CAPÍTULO 6

— Será que dá pra você parar um pouco? Acho que vou vomitar! — disse Ioanna, com a voz muito embolada pela embriaguez.

Estávamos montadas na minha lambreta, ela na garupa, eu na direção. Atravessávamos uma área bastante isolada da cidade, mais ou menos no meio do percurso entre a orla marítima, onde se encontrava a maior concentração de turistas, e nossa casa em Ano Mera.

Assim que parei a moto, em meio à escuridão da noite, Ioanna saltou, afastou-se alguns metros correndo e inclinou-se, vomitando abundantemente o álcool que havia ingerido durante toda a tarde e parte da noite.

Tentei não sentir pena, afinal aquilo era pouco perto do que ela merecia por ter um comportamento tão vulgar e promíscuo, oferecendo-se aos turistas, enchendo a cara com eles.

Eu devia dar-lhe umas boas palmadas por agir assim. No entanto, ao invés disso, fui até ela e segurei seus cabelos, enquanto ela colocava tudo o que havia em seu estômago para fora.

Assim que se deu por satisfeita, Ioanna levantou-se, e afastou-se de mim de supetão.

— Nem pense que está tudo bem, porque não está! — exclamou ela, asperamente, e a raiva voltou a ferver em meu sangue.

— Com certeza não está! Se papai sonhar que você estava agindo como uma puta, nem sei o que pode acontecer!

— Agindo como uma puta?! Eu estava me divertindo e você apareceu pra atrapalhar, como sempre!

— Você devia agradecer por eu ter aparecido. Se não fosse por mim, aqueles dois caras estariam te amassando até agora, ou coisa pior.

— Como você é retrógrada! Já parou pra pensar que eu queria estar com eles dois agora, fazendo o que você chama de coisa pior?!

Meus olhos se arregalaram de pura perplexidade.

— Você está dizendo isso porque está bêbada. Não é possível que queria mesmo ser abusada por dois desconhecidos.

— Não é abuso se eu também queria! É diversão! Mas você não saberia o que é isso nem se eu desenhasse. Faz questão de agir como se vivesse na Idade da Pedra. Você é retrógrada e intransigente igual aos nossos pais!

— Sou como eles mesmo e não há nada errado nisso. Pelo contrário, eu me orgulho de ter decência.

— Decência?! — sob a penumbra noite, consegui enxergar o ódio brilhando nos olhos escuros, borrados de maquiagem, de Ioanna. Parecia uma pessoa diferente, mais perversa, do que a irmã meiga e sensata que eu tanto amava. Esse era o efeito que o álcool causava nas pessoas — Foi por causa do que vocês chamam de decência que Nikolas morreu! Vocês o mataram por causa dessa intransigência arcaica! Vocês todos são os culpados pelo que aconteceu e ele!

Enquanto ela gritava as palavras com histeria, rompendo o silêncio da noite, eu me sentia invadida pela angústia que me assolava desde a perda de nosso irmão mais velho. As acusações de Ioanna intensificavam essa dor, tornando-a insuportável e profundamente lancinante.

— Não foi nossa culpa o que aconteceu a ele.

— Claro que foi! Se vocês não fossem tão escrotos, se não o julgassem tanto, ele ainda estaria vivo!

— Ele teria sido morto independente da forma como nossos pais agiram. Nada poderia ter mudado o que aconteceu. O único culpado já foi

punido, e não somos nós.

— Você nunca vai admitir, mas nossos pais o mataram e você ajudou.

Suspirei pesadamente, a dor sufocando meu peito. Continuar discutindo com Ioanna no meio do nada, não ia nos levar a lugar algum. Quando estivesse sóbria, ela repensaria suas palavras, embora nada jamais seria capaz de apagá-las do meu coração. Me doía na alma saber que minha irmã pensava assim.

— Está tarde. Temos que ir pra casa — fui até a lambreta e a montei, sem que Ioanna se movesse do lugar.

— Vá você. Eu não quero ir.

Ela só podia estar de brincadeira!

— Você está louca se acha que vai voltar para aquela balbúrdia.

— Volto se quiser. Você não manda em mim!

— Mando sim. Você tem só dezessete anos. Eu sou mais velha.

— Que se foda! Vou voltar e se tentar me impedir, te dou uma surra aqui mesmo.

Dito isto, ela me deu as costas e saiu andando com passos apressados e cambaleantes na direção oposta à nossa casa, ainda usando apenas o biquíni pequeno e o lenço em volta dos quadris.

Pensei em ir atrás dela, tentar forçá-la a subir na moto, mas seria em vão. Ioanna estava perdida na vida e eu não podia fazer nada para resgatá-la.

A menos que ela decidisse mudar por si própria, acabaria se tornando mãe solteira do filho de um cara que sequer se lembrava do nome dela. Esse era o destino de muitas garotas como ela, o destino que ela escolhia. Não cabia a mim mudá-lo.

Com meu coração apertado de dor, pilotei a lambreta de volta para casa, sozinha, abandonando Ioanna à própria sorte. Encontrei a casa inteira silenciosa, com todos adormecidos e passei direto para o quarto que dividia com ela.

Deitada ao lado da sua cama vazia, não consegui dormir mais que uma hora, minha mente e meu peito estavam atormentados pelas palavras de Ioanna, pelas suas acusações cruéis, pelas suas atitudes de atirar-se em uma vida cercada de tantos perigos, pela opinião dela ao meu respeito e dos nossos pais.

Mesmo sem ter dormido quase nada durante a noite, precisei me levantar cedo para ir trabalhar. Perder esse emprego estava fora de questão. Não apenas por ser funcionária na vila de uma das famílias mais influentes do país, mas também porque eu tinha um quarto na ala de funcionários da residência.

Isso me permitia ficar a semana inteira lá, sem a necessidade de vir até Ano Mera todos os dias, facilitando minha rotina.

Embora ultimamente eu estivesse vindo dormir em casa pelo menos duas vezes por semana, pretendia passar essa semana inteira na casa dos Papadopoulos, para evitar estar presente quando meus pais descobrissem o que Ioanna andava fazendo.

Por mais que ela insistisse em mentir sobre suas saídas, em algum momento eles saberiam que ela não estava indo à casa de uma amiga, como dizia, e eu não queria estar por perto quando essa bomba explodisse.

Quando saí de casa para o trabalho, já com o dia claro, Ioanna ainda não havia chegado e não quis nem imaginar o que estava fazendo.



CAPÍTULO 7

Despertei com a vibração insistente do meu celular. Ao abrir os olhos fui golpeado pela dor lancinante na cabeça, o gosto amargo na boca anunciando a ressaca depois da noite de bebedeira, com os meus amigos de infância.

Ao meu lado, na cama, as duas garotas com quem passei a noite ainda dormiam, completamente nuas, abraçadas. Era a ruiva francesa, cujo nome eu ainda não havia decorado, e a amiga dela, que nos pediu carona enquanto saíamos do clube durante a madrugada.

Havia sido uma noite muito louca. A ruiva e eu estávamos deixando o clube quando fomos abordados pela amiga dela, uma loira magrinha, gostosa pra caralho, que passara toda a noite me encarando de longe.

Trouxe as duas para o meu apartamento e transamos durante praticamente toda a noite, avançando pelo dia. Nossos corpos movidos pelo álcool e pelo tesão intenso.

Apesar de não ter vindo para Mykonos para me atirar na esbórnia, não custava nada unir o útil ao agradável e aproveitar para tirar umas férias do trabalho, como não fazia há muitos anos.

Aliás, eu nem me lembrava mais da última vez em que deixara meus negócios de lado para descansar e aproveitar um pouco o lado mais divertido da vida.

A vibração do celular continuava insistindo e estiquei o braço para pegar o aparelho sobre a mesinha de cabeceira. Era uma ligação de Dimitrius. O relógio no visor do telefone marcava três horas da tarde, eu havia dormido durante praticamente o dia inteiro.

— Fala cara — atendi a ligação, levantando-me e catando minha bermuda do chão.

— *O que você está fazendo que ainda não chegou aqui? Achei que tínhamos combinado que você se hospedaria na minha casa* — disse Dimitrius, do outro lado da linha, sua voz exprimindo uma irritação mal disfarçada.

— Sim, combinamos. Ainda estava dormindo — respondi, vestindo a bermuda e dirigindo-me até a sala — Vou tomar um banho, comer alguma coisa, e assim que organizar tudo, apareço aí.

— *Por favor, seja rápido. Daphne está trabalhando desde cedo, mas logo encerrará o expediente.*

— Ué, eu achei que ela morasse aí.

— *Mora, mas costuma sair para ver o namorado no fim da tarde.*

— Certo. Chegarei aí o mais depressa possível. Até logo — com isto, encerrei a ligação.

De volta ao quarto, encontrei as duas garotas começando a despertar, seus corpos deliciosos entrelaçados, completamente nus, movendo-se um no outro. A visão me deixou de pau duro novamente, com vontade de deitar-me entre elas e recomeçar a fodê-las.

No entanto, precisava cumprir meu acordo com Dimitrius, afinal, acabar com a raça de Michalis estava acima de qualquer coisa, inclusive do meu tesão. Então, apenas dispensei as garotas, anotando o número do telefone de uma delas, prometendo que ligaria depois, o que dificilmente aconteceria, pois eu não estava em busca de companhia fixa e muito menos de um relacionamento duradouro.

Pouco tempo depois, adentrei a imponente vila onde Dimitrius vivia com sua família, situada sobre as colinas mais altas de Mykonos, com uma impressionante vista da vastidão do mar Egeu.

Eu costumava frequentar aquele lugar quando era criança e vinha brincar com Dimitrius e outros amigos. Conhecia bem a residência.

Fui recebido por um mordomo — *eu nem sabia que ainda existiam mordomos* —, que se encarregou de levar as minhas malas até o andar destinado aos hóspedes e me indicou a sala de jogos, onde encontrei Dimitrius e Andreas entretidos em um jogo de vídeo game de última geração.

Dimitrius tinha vinte e oito anos, a mesma idade que eu. Embora viver com os pais após a idade adulta fosse comum na cultura grega, era estranho ver um homem naquela idade morando na casa dos pais.

— Olha só quem chegou, o nosso Don Juan — disse Dimitrius, deixando o jogo de lado para vir me receber.

Andreas também se aproximou.

— Eu estava dormindo, cara. Você me acordou — reclamei.

— Deve ter passado a noite toda com o pau dentro da boceta daquelas francesas, para ainda estar dormindo a uma hora dessas — respondeu ele.

— E passei mesmo. Trepar faz bem pra saúde física e mental.

— Eu concordo. Também adoro trepar — Dimitrius aproximou-se um pouco mais. Sua voz soou mais baixa, assumindo um tom de confidencialidade, quando voltou a falar: — Mas agora você tem que esquecer a esbórnia e focar em levar a santinha pra cama.

— Caramba! Essa eu quero ver — disparou Andreas, aos risos.

— Você contou para ele, porra?! — disparei, inundado por um misto de irritação e perplexidade.

— Ele é nosso amigo. Mas é o único que sabe, além de nós dois. Ninguém mais precisa saber — falou Dimitrius — Sinta-se como se estivesse em sua casa. Meus pais já foram informados que você passará o verão aqui. Quanto à santinha sem devotos, está aqui todos os dias, à sua disposição. Cumpra o que combinamos.

— Sinceramente, não vejo como lançar o papo pra uma mulher que está trabalhando, sem parecer um assediador — comentei.

— Está pensando em desistir?

— De jeito nenhum. Quero a cabeça de Michalis. Só acho que posso me aproximar da garota em outro ambiente.

— Ela não frequenta outro ambiente, amigo. Ou está aqui, ou com o namorado. Ela estudava até pouco tempo atrás, mas já terminou o ensino médio e não vai fazer faculdade.

— É verdade. Ninguém nunca a vê se divertindo por aí — confirmou Andreas — Ontem foi uma exceção.

— Ela estava procurando a irmã ontem. Mas parece que não obteve sucesso. A garota voltou ao clube pouco depois de sair.

— A irmã dela é uma vadia. Agora vamos ao plano. Daphne trabalha aqui como ajudante, às vezes ajuda na limpeza, às vezes na cozinha. Hoje está cobrindo a folga do jardineiro. Você a encontrará no jardim. Já conhece o caminho.

— Certo. Vou falar com ela.

— Boa sorte — desejou Dimitrius.

— Com certeza você vai precisar — emendou Andreas, sorrindo.



CAPÍTULO 8

Deixei os dois “desocupados” e atravessei toda a vila em direção ao jardim, sem encontrar os pais de Dimitrius pelo caminho, o que foi de grande alívio.

No jardim dos fundos, caminhei por alguns minutos pelo caminho de paralelepípedos que serpenteava entre as bougainvilleas, oliveiras e outras plantas muito bem-cuidadas, antes de encontrar Daphne. Ela estava de costas para mim, segurando um regador grande, molhando cuidadosamente um canteiro de lavandas.

Assim que coloquei meus olhos na figura dela, compreendi por que Dimitrius estava tão obcecado. A garota era gostosa pra caralho, muito mais do que eu havia percebido na noite passada.

Usava um uniforme de empregada branco, com a saia colada ressaltando o traseiro grande e gostoso que ela tinha, assim como a cintura fininha e as coxas grossas. Seus cabelos estavam presos em um coque no alto da cabeça, com alguns cachos soltos nas laterais.

Nada jamais me pareceu mais gracioso e delicado que os suaves fios negros que se revelavam em sua nuca.

Como se sentisse o peso da minha observação, ela virou-se de frente para mim, lançando-me um olhar de desprezo, como se tivesse visto um inseto, antes de voltar a se concentrar na sua tarefa.

— Boa tarde. Como você está? — perguntei, aproximando-me.

— Trabalhando, como você está vendo — seu tom de voz era seco e áspero.

— Percebi que você não conseguiu levar sua irmã para casa ontem. Ela está bem?

Por fim, Daphne parou o que fazia e me agraciou com a sua atenção, olhando diretamente para mim.

Seu rosto era tentador como se tivesse sido esculpido à mão. Tinha lábios tão carnudos que pareciam implorar para chupar um pau. O nariz era pequeno e naturalmente arrebitado; a pele tinha um tom naturalmente bronzeado, e os olhos de íris negras carregavam um ar de inocência, certamente fabricado, que ela tentava demonstrar.

Ela era gata pra cacete. Não seria nenhum sacrifício levá-la para a cama, pelo contrário.

— Você a viu voltando ao clube depois que saímos? — indagou, com seu semblante carregado de preocupação.

— Vi. Infelizmente ela voltou para a mesa dos italianos.

— E eles ficaram lá até que horas?

— Isso eu não sei. Quando saí ainda estavam lá.

— E você saiu muito tarde?

— Mais ou menos. Era umas três horas quando fui... dormir — observei a angústia se refletir em sua expressão, e algo dentro de mim se contraiu — Você se preocupa muito com ela, não é?

— Sim. Ela tem apenas dezessete anos e nenhum juízo.

— Mas, relaxa. Nada de mal aconteceu. A cidade é pequena, notícias ruins chegam depressa.

— Tem razão — disse, timidamente — Obrigada por responder minhas perguntas. Com licença — dito isto, Daphne deu-me novamente as costas, voltando para sua tarefa de regar as plantas.

Era a minha deixa para ir embora, mas não me movi do lugar.

— Sua irmã tem dezessete anos, e você? — perguntei, com o intuito de puxar assunto.

— Tenho dezoito.

Meu Deus! Era quase uma criança e já tinha um tarado stalkeando-a com uma câmera escondida em seu quarto!

— Há quanto tempo trabalha aqui? — continuei a conversa, que mais parecia um interrogatório.

— Há quatro anos.

— Então começou aos quatorze?! — imaginei Dimitrius observando-a intimamente com essa idade, quando ele próprio já estava com vinte e quatro anos, e fui golpeado por uma intensa onda de repulsa — Onde moro é totalmente ilegal trabalhar com essa idade.

— E onde você mora?

— Na Carolina do Norte, Estados Unidos, mas nasci aqui.

— Então deve saber que na Grécia não é ilegal trabalhar aos quatorze anos. Aliás, eu já ajudava meu pai com a pesca bem antes disso.

— E a escola, você não frequentou?

— Frequentei sim. Eu trabalhava depois da escola, até porque aqui fica mais perto pra eu ir. Agora não estudo mais.

— Não quis cursar a faculdade?

Ela fez um instante de silêncio, antes de responder.

— Não — de súbito, parou o que fazia, e virou-se para me encarar — Olha só, o papo tá bom, mas eu realmente preciso trabalhar.

— Estou te atrapalhando?

— Não quero ser mal-educada, mas está sim. Então, se puder me dar licença.

Sorri quase sem perceber. Era a primeira vez na minha existência que uma garota me dispensava, e de maneira tão incisiva. Geralmente, era o oposto. Era eu quem dispensava as mulheres, quando não estava interessado, ou depois de ter tido o que queria delas.

Mas eu gostava disso em Daphne. Gostava de como ela empinava ainda mais o nariz já naturalmente arrebitado, ao falar, gostava de como era franca e mais ainda do quanto era difícil. Isso só estimulava meu desejo de conquistá-la e domá-la.

— Qual é a graça? — ela ergueu uma sobrancelha, fitando-me com desprezo.

Eu precisava de uma abordagem diferente para ganhar a confiança dela, ou pelo menos uma brecha para que ela me enxergasse além de um simples intruso.

— Nada. Só gostei do seu jeito.

— Pois desgoste. Eu já tenho namorado.

— Mas eu não disse que quero namorar com você.

O rosto lindo dela ficou vermelho de raiva.

— Eu sei exatamente o que caras como você querem com garotas como eu. Mas nem perca seu tempo. Comigo não vai rolar.

— Nossa! Você é pretensiosa! Só porque vim aqui falar com você, não significa que quero te comer.

A raiva no olhar dela se tornou ainda mais fervorosa, suas íris negras brilhando lindamente.

— Então por que veio? Não tem mais nada pra fazer?

— Na verdade, não. Estou hospedado aqui e vamos nos ver muito ainda. Aliás, parece que você tem muito trabalho por aqui. Quer ajuda? — perguntei, tentando parecer genuíno.

Daphne permaneceu em silêncio por um instante, reflexiva. Quando voltou a falar, havia um brilho diferente em seus olhos, e percebi que ganhar a confiança dela seria mais fácil do que eu imaginava.

— Não preciso de ajuda, mas se você insiste, pode pegar a mangueira para darmos mais água a essas lindas lavandas.

— Está bem, e onde está a mangueira? — perguntei, tentando soar casual.

— Logo ali — Daphne apontou para um canto do jardim. Atravessando o caminho de pedras, eu me deparei com a grossa e pesada mangueira. Me perguntei se não seria água demais para as delicadas plantas. — Não esqueça de abrir a torneira até o final antes de tirar o pino na ponta da mangueira — ela instruiu de longe, alto o suficiente para eu ouvir.

Fiz como ela disse, girando a torneira até o limite e voltando para perto dela. Molhar plantas não era exatamente a minha praia. Na verdade, eu nunca havia feito isso antes. Mas qualquer desculpa para ficar perto de Daphne era bem-vinda.

Quanto mais rapidamente eu realizasse os planos que tinha para ela, mais cedo alcançaria o meu objetivo de destruir Michalis.

— O que faço agora? — perguntei, segurando a mangueira.

— Primeiro você abre o pino, e só depois aponta para as plantas — ela instruiu, dando alguns passos para trás.

Com um ar de autoconfiança que eu não sentia de verdade, abri o pino da mangueira. O que aconteceu a seguir foi um completo desastre. Um

jato de água de alta pressão me atingiu em cheio no rosto, me pegando de surpresa.

A água jorrou com tanta força que senti cada gota como se fosse uma chicotada na pele, encharcando-me de cima a baixo em questão de segundos.

Percebi então que aquilo não era uma simples mangueira de jardim. Era uma mangueira de alta pressão, dessas usadas para lavar carros e pisos. Eu tinha sido completamente enganado pela astúcia de Daphne.

Enquanto eu lutava desesperadamente para domar a mangueira rebelde, a água continuava jorrando sem misericórdia, e meus esforços para fechar o pino eram inúteis.

Foi então que ouvi a risada alta de Daphne, ela estava dobrada de tanto rir, se divertindo à custa do meu infortúnio.

Ah, mas eu a faria pagar caro por isso!



CAPÍTULO 9

Eu ria tanto que minha barriga doía. Não havia nada mais reconfortante do que zombar da cara de um desses playboys que se achavam donos do mundo e que podiam ter tudo e todos que queriam.

Eu realmente gostaria de acreditar que Stefanos era apenas um cara legal, que me ajudara a tirar Ioanna das garras dos italianos na noite passada, e agora se mostrava tão prestativo comigo.

No entanto, ele era amigo de Dimitrius, e isso dizia tudo sobre ele.

— Está se divertindo, garota? — rosnou ele, com a voz carregada de irritação, enquanto tentava, sem sucesso, fechar o pino da mangueira.

— Na verdade, estou sim. Não há nada mais compensador do que ver alguém como você sofrendo, nem que seja um pouquinho.

Como num passe de mágica, ele conseguiu fechar a mangueira e se livrar dos jatos de água. Havia feito aquilo mais rápido do que eu esperava e subitamente percebi que podia estar em sérios apuros.

Droga! Eu, definitivamente, não tinha parado para pensar nas consequências antes de convencê-lo a usar a mangueira de alta pressão.

— Alguém como eu, como?! — esbravejou, dando um passo na minha direção, enquanto eu recuava outro — O que diabos você tem contra mim?

— Você é amigo de Dimitrius. Isso diz tudo sobre você.

Ele continuava caminhando vagarosamente na minha direção, com uma expressão ao mesmo tempo furiosa e ameaçadora brilhando nos olhos azuis, claros como água.

Apesar do perigo que ele representava, eu não podia ignorar o quanto era lindo e gostoso, especialmente sob a luz do dia, com o sol forte iluminando seu rosto perfeitamente esculpido. Agora, com a camiseta molhada, os contornos impecáveis dos músculos de seu peito estavam ainda mais evidentes.

Era realmente um belo espécime masculino, uma arma letal para garotas ingênuas e sonhadoras, muito diferentes de mim, que tinha os pés bem firmes no chão.

— Só porque meu amigo é um degenerado, não significa que eu seja também — retrucou ele.

— Ah, então você concorda que ele não vale nada.

— Sim, eu concordo. Mas não sou como ele.

— Eu não me importo com o que você seja. Não me interesso por nada sobre você.

— Mas deveria — falou — Deveria dar graças a Deus por eu não ser como ele, ou o preço que teria que pagar pelo que acabou de fazer seria muito mais alto do que o que tenho planejado para você — ele acelerou os seus passos, alcançando-me rapidamente.

Ainda tentei me refugiar atrás da moita de alguns coqueiros, mas foi ali mesmo que ele me pegou, passou os braços em volta da minha cintura e puxou-me de supetão, aprisionando meu corpo ao dele. Sua atitude pegou-me desprevenida, deixando-me chocada e furiosa na mesma medida.

— Me solta! Ficou louco?! — exigi, esmurrando o peito largo dele, sem que meus golpes o abalassem minimamente.

— Acha mesmo que pode tirar onda com a minha cara e sair impune depois? — seu tom de voz era baixo, mas carregado de ameaça e uma onda de pânico varreu o meu corpo.

— O que você vai fazer? — indaguei, temerosa.

— Isso.

Sem que nada tivesse me preparado para tamanha audácia, o filho da mãe saiu me arrastando pelos caminhos de pedras do jardim, nos aproximando rapidamente da piscina. Ao prever o que ele faria, ainda pensei em gritar por socorro, mas não houve tempo.

— Não! — foi tudo o que saiu da minha boca.

Sem dó e nem piedade, Stefanos simplesmente me atirou nas águas claras da enorme piscina, bruscamente.

— Para que você aprenda a nunca mais brincar comigo! — gritou ele, com o tom de voz triunfante, observando-me da borda com um sorriso.

Mas eu apagaria aquele sorriso do rosto dele, faria com que saísse correndo pela vila, passando vergonha, à procura de socorro para a empregada que deliberadamente tentara afogar.

Com o plano em mente, mergulhei na água, fingindo me debater para tentar emergir, encenando um afogamento que estava longe de existir. Afinal, como filha de um pescador, eu aprendi a nadar ainda muito cedo, algo que um riquinho engomado, como ele, jamais entenderia.

Meu coração batia rápido, não de medo, mas de excitação. A água estava fria, mas a antecipação do que estava por vir me aquecia.

Como presumi, o loiro acreditou que eu estava mesmo me afogando. Seus olhos arregalaram-se, a expressão de pânico foi crescendo em seu rosto. Só que ao invés de sair correndo em busca de socorro, como eu esperava, ele simplesmente atirou-se na água com um ímpeto desesperado.

Ele me segurou pelo meio, seus braços fortes e determinados, e me puxou para cima com uma facilidade espantosa. Continuou me segurando enquanto nadava até a borda, seus músculos tensos como se cada braçada fosse uma batalha.

Senti a força brutal em seus braços enquanto ele me levantava da água, seus olhos cheios de preocupação e medo. A sensação de poder em ver o pânico na expressão dele era intoxicante, uma pequena vingança por sua arrogância.

Assim que meus pés tocaram o chão, fingi uma tosse violenta, expulsando água inexistente dos meus pulmões. Stefanos me olhava, ainda segurando meus ombros com força, sua respiração pesada e irregular.

O sorriso havia desaparecido completamente do rosto dele, substituído por uma expressão de puro terror e alívio.

Dentro de mim, eu ria.

— Você está bem? — indagou ele, seu tom de voz carregado de desespero.

— Não graças a você! — ralhei.

— Caramba, me desculpe. Eu nem parei para pensar que você talvez não soubesse nadar. Sou um idiota, me desculpe.

— Sim, você é um idiota — sem mais conseguir me conter, permiti que o sorriso se alargasse em meus lábios, fazendo com que ele percebesse que caíra em uma farsa.

— Eu não acredito! — exclamou — Você estava fingindo! Como ousa tirar onda com a minha cara novamente?!

Ri ainda mais alto, debochando da cara dele.

— Você é mesmo um bobo. Como realmente pode acreditar que uma pessoa nascida em uma ilha cercada pelo mar não sabe nadar?

Os olhos dele se estreitaram sobre os meus.

— Você é uma diaba, garota! Mas vou te ensinar a nunca mais brincar comigo — seu tom era de ameaça e dei um passo para trás.

No entanto, antes que Stefanos tivesse tempo de fazer qualquer movimento, a Sra. Papadopoulos surgiu entre as folhagens do jardim, elegante como sempre, usando um vestido de tecido leve branco, com seus cabelos negros muito bem escovados e o rosto maquiado.

— O que está acontecendo aqui? — indagou ela, seus olhos perplexos percorrendo nossas roupas e cabelos molhados.

Envergonhada e sem saber o que responder, desviei meu olhar para os meus pés. Não por receio de ser demitida, ou repreendida, por causa daquela bobagem. A Sra. Papadopoulos jamais faria isso. Era uma patroa compreensiva e bondosa. Sempre me tratou muito bem.

Aliás, era a bondade e a generosidade dela que me mantinha nesse emprego, mesmo tendo que tolerar as investidas, algumas vezes abusivas, do insuportável do Dimitrius.

— A culpa foi toda minha — declarou Stefanos, dando um passo à frente — Eu quis dar um mergulho, pra refrescar o calor, mas acho que vim com muita ânsia e nem vi a garota, que estava molhando as plantas — a mentira dele não poderia ter sido mais estapafúrdia, mas pelo menos ele tentou.

A Sra. Papadopoulos, que não era nada burra, não pareceu convencida, mas não insistiu em saber o que realmente acontecia ali.

— Deve ser mesmo um grande impacto sair do friozinho gostoso dos Estados Unidos e se deparar com o calor da Grécia — disse ela — Venha cá, meu querido. Mal pude acreditar quando Dimi me disse que você passaria o verão em nossa casa — Ela foi até Stefanos e o estreitou em um abraço fraternal — Seja bem-vindo de volta. Sinta-se como se estivesse em casa.

— Obrigado. É muito bom estar de volta.

— Quanto a você — ela virou-se para mim — É melhor trocar essas roupas molhadas antes que adoeça e pode encerrar seu expediente. Já são quase quatro horas.

— Sim, senhora. Com licença.

Dei mais uma boa olhada em Stefanos, comemorando internamente por ter conseguido dar um terceiro banho nele, o que certamente seria suficiente para convencê-lo a nunca mais me importunar, e deixei o jardim, seguindo para a ala dos empregados, que se situava discretamente nos fundos da vila, quase oculta pelas oliveiras centenárias e por uma antiga muralha de pedra que delineava a propriedade.

Era isolada das áreas comuns e de lazer, mantendo-se prática e reservada, voltada para o interior do terreno, longe dos olhares dos visitantes e das vistas deslumbrantes do mar.

Sua proximidade com a cozinha e as despensas facilitava o trabalho diário, enquanto garantia aos empregados uma certa tranquilidade, distante do burburinho constante das áreas sociais. Ali, cada empregado tinha seu próprio quarto. Éramos oito funcionários, no total.

Eu havia marcado de me encontrar com Elias no início da noite, na praia. Dei graças a Deus que a Sra. Papadopoulos tenha me dispensado antes do horário habitual, pois planejava ir até a orla um pouco mais cedo, para ter tempo de procurar por Ioanna antes que Elias chegasse.

Durante todo o dia, tentei ligar para ela, mas não obtive resposta. Ao telefonar para minha mãe, descobri que Ioanna ainda não havia aparecido em casa, embora tivesse enviado uma mensagem dizendo que iria direto para o trabalho depois de passar a noite na casa de uma amiga.

Minha mãe acreditou imediatamente, mas eu conhecia Ioanna o suficiente para acreditar na possibilidade de ela sequer ter pisado na vila onde trabalhava. Temia que ainda estivesse "se divertindo", como ela costumava dizer, com aqueles italianos e outras companhias questionáveis com quem andava.

Como iria encontrar meu namorado, decidi me arrumar um pouco. Escolhi um vestido de algodão com flores azuis, longo e soltinho, escovei bem os cabelos, deixando os cachos soltos, calcei sandálias rasteira e passei um pouco de maquiagem.

Estava quase pronta, quando a porta se abriu e Irini, uma das responsáveis pela limpeza da vila, que também passava a semana inteira aqui, invadiu meu quarto, sem aviso prévio, como costumava fazer.

— Menina, você viu o deus grego, amigo de Dimitrius, que vai passar o verão aqui?! — disse ela, completamente entusiasmada.

Não precisei me esforçar muito para entender que ela estava falando de Stefanos.

— E se vi. Já até dei um banho de mangueira nele.

Os olhos dela se arregalaram.

— Como assim?

— Nada demais. Já tive o desprazer de conhecer o cara. É tão abusado e folgado quanto o Dimitrius.

Irini espichou-se muito à vontade na minha cama, enquanto eu terminava minha maquiagem. Ela era apenas alguns anos mais velha que eu, também trabalhava na vila desde a adolescência, e tínhamos desenvolvido uma boa amizade ao longo dos anos, apesar de sermos tão diferentes.

— O Dimi não é tão ruim assim. Você que não sabe aproveitar o lado bom da vida — assim como todas as outras funcionárias da vila, com menos de cinquenta anos, ela também já tinha ido para a cama com Dimitrius, várias vezes, alimentando o sonho de ser assumida por ele algum dia.

Quanta ingenuidade!

— Não vejo nada de bom em abrir as pernas pra esses playboys que só querem transar. Eu hein!

— É porque você pensa diferente, e está tudo bem. Mas mudando de assunto, você vai pra praia hoje?

— Daqui a pouco.

— Vou com você.

— Tudo bem. Mas vou encontrar o Elias mais tarde.

— Sem problemas. Vou me trocar.



CAPÍTULO 10

Pouco tempo depois, Irini e eu estávamos a caminho da praia na minha lambreta. O motorzinho roncava alto, e o vento bagunçava nossos cabelos enquanto seguíamos pelas ruas estreitas de Mykonos.

A ilha estava vibrante, repleta de turistas que aproveitavam o verão e o sol, que começava a se pôr, tingindo o céu com tons de laranja e rosa.

Enquanto pilotava, não conseguia afastar a preocupação com Ioanna. Ela sempre teve um espírito livre, mas seu recente comportamento imprudente me deixava inquieta. Não atendia minhas ligações, e a ideia de que poderia estar em apuros me angustiava profundamente.

Irini, por outro lado, estava em seu elemento. Cada vez que passávamos por um grupo de turistas, ela lançava olhares provocantes e sorria de forma insinuante. Como a maioria das garotas pobres da ilha, também sonhava em conquistar um marido rico que a levasse embora para viver como em um conto de fadas. Agia como se estivéssemos diante de uma grande vitrine com homens em exposição.

Chegamos à primeira praia, onde turistas relaxavam em espreguiçadeiras e aproveitavam drinks coloridos. Deixamos a lambreta no

estacionamento e caminhamos pela areia, observando atentamente cada rosto, na esperança de encontrar minha irmã.

Irini, porém, estava mais interessada em flertar. Viu um grupo de turistas britânicos bem-vestidos e acenou para eles, com desenvoltura.

— Olha só aqueles ali, Daphne! Parece que saíram de uma revista — ela riu, ajeitando o cabelo — Quem sabe um deles não seja o meu príncipe encantado?

Eu apenas sorri, sem conseguir esconder a pena que sentia. Sabia que Irini sonhava em encontrar um relacionamento sério, mas os turistas milionários que frequentavam a ilha raramente procuravam algo além de diversão passageira.

Depois de uma busca infrutífera naquela praia, seguimos para outra. Repetimos o processo em várias praias e clubes, perguntando por Ioanna, descrevendo-a para quem pudesse ter visto algo. Mas ninguém tinha notícias.

Tentei ligar para o celular dela mais uma vez, mas novamente sem sucesso. Considerei ligar para casa, mas decidi que continuar perguntando por Ioanna levantaria suspeitas nos meus pais.

A noite estava começando a cair, se aproximando do horário em que Elias e eu combinamos de nos encontrar. Eu e minha amiga nos dirigimos ao Scorpios[8], um clube modesto à beira-mar onde eu e meu namorado sempre nos encontrávamos para aproveitar a companhia um do outro.

O lugar estava abarrotado de turistas, como era costume nessa época do ano. A brisa marítima trazia consigo um cheiro salgado e revigorante, misturado ao som das ondas quebrando suavemente na areia.

Ao nos acomodarmos em uma mesa num canto mais isolado, Irini, como sempre, entrou em modo "caça", paquerando qualquer homem que considerasse bonito, rico e estrangeiro.

— Onde será que Ioanna está agora? — indaguei, quase para mim mesma, enquanto observava Irini se insinuar para um grupo de rapazes que pareciam ser espanhóis.

Não conseguia afastar da minha mente a imagem de Ioanna na noite passada, completamente bêbada, permitindo-se ser tocada e beijada por dois homens ao mesmo tempo, homens que sequer conhecia direito.

A lembrança das palavras duras que ela proferiu sobre a tragédia que nos tirou Nikolas ainda ressoava em meus ouvidos, como um eco doloroso.

— Acho que você se preocupa demais — começou Irini, voltando sua atenção para mim por um breve momento. — Talvez ela esteja mesmo na vila onde trabalha. Na pior das hipóteses está se divertindo com os caras com quem estava ontem, e não tem nada demais nisso.

— Não acho seguro para uma mulher ficar bêbada na companhia de homens que nem conhece, que estão aqui unicamente em busca de diversão — respondi, tentando ignorar a crescente ansiedade no meu peito.

— Nem todos os homens são imprestáveis. Ainda tem muitos caras decentes por aí — retrucou Irini, com um sorriso meigo.

— Pode até ser, mas isso não vem escrito na testa — rebati, cruzando os braços e tentando esconder minha preocupação.

Nesse momento, meu celular tocou, vibrando em minha bolsa. O coração acelerou ao ver o nome de Elias na tela. Atendi rapidamente.

— Oi, meu amor. Já estou aqui no Scorpios esperando por você — falei, tentando soar mais animada do que realmente estava.

— *Oh, minha linda. Eu te peço mil desculpas, mas surgiu um imprevisto e não poderei ir te encontrar hoje* — a voz de Elias soava preocupada.

— O que aconteceu? Foi algo grave?

— *Mais ou menos. Meu pai teve uma crise de pressão alta e precisei trazê-lo ao hospital. Ele já está sendo medicado, mas precisará ficar em observação e ficarei aqui com ele.*

— Minha nossa! Ele está bem? — minha voz saiu como um sussurro.

— *Vai ficar. Não se preocupe* — Elias tentou me tranquilizar.

— Estou indo para aí ficar com vocês — declarei, já me levantando.

— *Não precisa. Vá para casa. Nós nos vemos amanhã, pode ser?* — ele insistiu.

— Mas você não trabalha amanhã? — questionei, sentindo uma pontada de frustração.

— *Meu primo está de plantão no hospital hoje e disse que vai conseguir um atestado médico de acompanhante de dois dias para mim. Pedi isso a ele para que possamos ficar juntos amanhã. Estou com saudades.*

— Eu também estou. Tem certeza de que não quer que eu vá ficar aí com vocês?

— *Tenho. Não precisa se preocupar. Quero que volte para casa e descanse.*

Suspirei.

— Está bem — concordei.

— *Até amanhã então. Te amo.*

— Também te amo — encerramos a ligação e guardei o celular na bolsa.

— Elias não vem, não é? — indagou Irini, percebendo minha expressão desanimada.

— Não. O pai dele passou mal. Vamos voltar pra vila — respondi, tentando esconder minha frustração.

Levantei-me, e Irini fez o mesmo, mas não sem antes me lançar um olhar de desaprovação.

— Por que voltar agora? Podemos ficar mais um pouco — sugeriu ela, cheia de entusiasmo.

— Acho que não. Mas você pode ficar, se quiser.

— Sozinha não tem graça. Por que você não fica também? Tem medo de Elias não gostar? — provocou ela, com um sorriso malicioso.

— Ele não se incomodaria, pois confiamos um no outro — repliquei, segurando o riso. Era verdade. Meu namoro com Elias era baseado no respeito e confiança mútua. Tínhamos opiniões muito parecidas sobre tudo, por isso nos dávamos tão bem — Eu só não tenho nada para fazer aqui.

Comecei a andar na direção da saída, enquanto Irini me acompanhava, ainda tentando me convencer.

— Como não? E quanto a Ioanna? Podemos ir para o clube onde ela estava ontem com os italianos. Se ainda estiver com eles, com certeza aparecerão por lá novamente, só que mais tarde, como a maioria faz.

Subitamente parei, ponderando a proposta. Talvez Irini tivesse razão. Embora o clube em Little Venice fosse um verdadeiro antro de perdição, com muita gente bêbada e drogada, era minha melhor chance de ver Ioanna, caso ela ainda estivesse com aquela turma. Pelo menos, era melhor do que voltar para a vila e passar a noite inteira preocupada.

— Será que eles nos deixam ocupar uma mesa só por um refrigerante? Eu não bebo e nem tenho dinheiro para a comida cara deles — indaguei, e Irini abriu um largo sorriso.

— Eles deixam sim. Caso contrário, tenho dinheiro e compro uma bebida mais cara. Vamos.

Com isso, seguimos de lambreta para Little Venice. Encontramos o Scandinavian Bar & Disco, o clube onde Ioanna estava ontem, já quase lotado. Um ex-colega de escola, que trabalhava ali como garçom, veio nos receber e, após me fazer prometer que não armaria outro escândalo como o da noite passada, conduziu-nos educadamente até uma mesa vazia, em meio à grande balbúrdia. Pedi um refrigerante, e Irini uma vodca.

Olhei para todos os lados, à procura de Ioanna, mas não a vi em parte alguma. Irini estava certa, se minha irmã tivesse que voltar aqui com os italianos, seria mais tarde.

A atmosfera do clube era vibrante, com um DJ internacional conduzindo a noite com músicas dançantes e agitadas. As luzes piscavam, refletindo nas paredes espelhadas, enquanto a multidão se movia como uma onda colorida e energética.

A maioria das pessoas se vestia como se tivessem vindo da praia direto para a balada, com roupas curtas e transparentes jogadas sobre biquínis e maiôs. Com exceção dos funcionários, todos eram estrangeiros e pareciam muito animados, falando alto, paquerando e se balançando ao som da música. O barulho das conversas se misturava com a batida eletrônica, criando uma cacofonia envolvente.

Não demorou muito para que um grupo de caras espanhóis se aproximasse da nossa mesa, pedindo para sentar-se conosco e pagar nossas bebidas. Irini se derreteu toda, obviamente, concordando.

No entanto, abriu mão da companhia deles diante da minha ameaça de ir embora, caso eles se sentassem conosco.

Os espanhóis foram apenas os primeiros. A todo momento aparecia um grupo diferente de playboys riquinhos se oferecendo para nos fazer companhia, como sempre ansiosos por mais uma conquista com quem pudessem finalizar a noite em alguma cama de hotel.

Irini ainda dava mole para alguns deles, aceitando o convite para uma dança ou uma bebida paga. Quanto a mim, preferia manter distância, pois não confiava nem um pouco nesses caras. Sabia exatamente quais eram as reais intenções deles e temia pelas inescrupulosidades que eram capazes de cometer para obter o que desejavam.

O clube foi se enchendo de gente aos poucos, e nada de Ioanna aparecer. Em certo momento, uma dupla de rapazes britânicos se aproximou

da nossa mesa, ambos claramente embriagados. Eles riam alto e falavam rápido, gesticulando exageradamente.

Um deles convidou Irini para dançar, e ela prontamente aceitou, com um sorriso maroto nos lábios. O outro, que estava me encarando de longe já fazia um tempo, não aceitou ser rejeitado e saiu me puxando pelo braço, forçando-me a segui-lo até o centro do salão, abrindo caminho entre a multidão que dançava freneticamente.

— Será que dá pra você me soltar, seu palhaço?! — vociferei, puta da vida. — Eu já disse que não estou a fim de dançar. Procure outra que queira!

— Não quero outra, quero você. Não seja chata, é só uma dança, talvez uma bebida depois — ele falava com a voz embolada pelo álcool, enquanto continuava me puxando contra a minha vontade.

Estávamos no meio do salão, iluminado por luzes coloridas que piscavam ao ritmo da música ensurdecedora. Eu estava prestes a quebrar a promessa que havia feito ao meu colega garçom, de não armar um barraco, e enfiar a mão na cara daquele folgado.

No entanto, não foi necessário. Antes que ele tivesse tempo de me agarrar e me forçar a dançar, mãos fortes me puxaram por trás pelos ombros, forçando-o a me soltar. Logo em seguida, um braço musculoso pesou sobre os meus ombros, de maneira possessiva e protetora.

Virei o rosto furiosa, disposta a perder de vez a compostura e dar na cara daquele outro safado, quando me deparei com Stefanos. No mesmo instante, a voz alta e autoritária dele ressoou, sobressaindo-se ao som da música.

— Tire suas mãos sujas da minha namorada, seu britânico safado! — rosnou ele, parecendo bastante ameaçador.

O britânico, que parecia um brutamontes, deslocou seu olhar entre o meu rosto e o de Stefanos, claramente desconfiado.

— Ela estava sozinha — reclamou.

— Ela estava me esperando, seu filho da mãe! E se não sair da minha frente agora mesmo, vou te mostrar o que sou capaz de fazer com quem toca na minha garota!

O sujeito continuou parado, nos observando em silêncio.

A fim de parecer mais convincente, passei um braço em volta da cintura de Stefanos e, apenas então, o brutamontes nos deu as costas e se

afastou, abrindo caminho em meio aos agitados dançarinos. Só respirei aliviada depois que ele desapareceu do meu campo de visão.

Aquele lugar não era tão infernal quanto eu sempre imaginara, era ainda pior!

— Parece que você tem um talento nato para se envolver em encrencas — disse Stefanos, virando-se de frente para mim.

Ele mantinha um risinho de triunfo no canto da boca, certamente sentindo-se muito satisfeito por me ver em apuros depois de dar-lhe um banho de mangueira de alta pressão.

Apesar da irritação que me despertava, não consegui ignorar o quanto era lindo, com seus olhos azuis muito claros fitando-me intensamente, os cabelos loiros caindo-lhe sobre a testa. Definitivamente, não havia nenhum outro homem ali que se comparasse àquele.



CAPÍTULO 11

— Obrigada por ter me ajudado — falei, realmente grata.

Stefanos encenou uma expressão completamente chocada.

— Espere um pouco, você está me agradecendo?! — sem esperar resposta, continuou falando. — Será que dá pra falar um pouco mais alto? Acho que não ouvi direito.

Ele virou o ouvido na minha direção e revirei os olhos.

— Obrigada pela ajuda. Tchau — saí andando em direção à mesa, abrindo caminho em meio às pessoas, ciente de que Stefanos me seguia de perto.

— Pensei que você não frequentasse esse tipo de lugar — disse ele, às minhas costas.

— Não frequento. Só estou aqui para ver se minha irmã está bem.

— Ela está aqui?

— Ainda não. Estou esperando que apareça.

Ao conseguir sair do meio da multidão, avistei a mesa onde estava antes, com Irini, e parei, tomada pelo mais profundo desgosto ao ver Dimitrius e Andreas acomodados ali. Dimitrius conversava com Irini, que

certamente dispensara o outro britânico para dar atenção ao filho da nossa chefe. Afinal, ela era louca por ele.

— Vejo que está com seus amigos — comentei, cruzando os braços e considerando seriamente em ir embora sem avisar Irini.

Só desisti da ideia porque ela não tinha outra carona e eu não queria deixá-la à mercê de Dimitrius.

— Nós acabamos de chegar — respondeu Stefanos. — Venha, sente-se conosco. Vamos beber alguma coisa.

— Não estou a fim. Mas pode voltar para eles, vou ficar um pouco aqui.

— Esperando que outro turista bêbado te arraste para a pista de dança, ou para um lugar ainda pior — emendou ele, e um estremecimento percorreu-me dos pés à cabeça, seus olhos cristalinos captando cada movimento.

— Tem razão. Melhor voltar para a vila.

— Mas está muito cedo. Por que não tenta se divertir um pouco? Não permitirei que nenhum outro homem se aproxime de você. Te dou minha palavra.

Estava prestes a recusar, quando Irini se aproximou de mim, rápida como uma bala. Pediu licença a Stefanos e me puxou para um canto mais isolado, a fim de falar em particular.

— Daphne, por favor, por tudo o que é mais sagrado, se você tem algum apreço por mim, vamos ficar com eles na mesa. O Dimi nos convidou. Eles querem ficar com a gente. Por favor, por favor, por favor — Irini implorou, e revirei os olhos, consternada.

Não era segredo para ninguém o quanto ela — e mais uma dúzia de mulheres — era apaixonada por Dimitrius. Eu só não conseguia entender como alguém podia amar tão desesperadamente um sujeito inescrupuloso, que ia para a cama com uma mulher diferente a cada noite, nunca levava ninguém a sério e já havia, inclusive, destruído casamentos por causa de sua insaciável fome por conquistas.

— Você ainda é apaixonada por esse traste? — indaguei, realmente incrédula.

Todas as vezes em que não tinha opção melhor, Dimitrius ia para a cama com Irini. No entanto, nunca a assumiu publicamente. Além disso, já havia se deitado com todas as outras empregadas da vila, inclusive as casadas, sem ao menos fazer questão de esconder isso uma da outra.

— Ele não é um traste e eu o amo. Se pudesse escolher, não amaria, me apaixonaria por outro qualquer. Mas não mando no meu coração, eu o quero e esta noite é o mais próximo que estou chegando de tê-lo pelo menos um pouco.

— De tê-lo fora da cama, você quer dizer.

— Que seja. Por favor, vamos ficar. Faça isso por mim.

Diante do tamanho desespero dela, não consegui recusar. Afinal, não se podia mesmo controlar as coisas do coração. Apesar de sentir muita pena da minha amiga, por amar um homem que jamais seria seu, não me custava nada proporcionar-lhe esse raro momento com ele, já que era tão importante para ela.

— Tá bem, mas só um pouco. Daqui a pouco vou embora — anunciei, e Irini pulou no meu pescoço, exultante, beijando minha bochecha.

Nos aproximamos da mesa, em torno da qual Dimitrius, Andreas e Stefanos se encontravam envolvidos em uma conversa animada. Irini sentou-se na cadeira onde estava antes, ao lado de Dimitrius.

Assim que me sentei, todos se silenciaram, seus olhares incrédulos recaindo sobre mim. O olhar que Dimitrius me direcionava era tão intenso que parecia prestes a me perfurar.

— O que foi? Nunca viram uma garota na mesa de um clube pela primeira vez? — indaguei.

— Para falar a verdade, nunca pensei que te veria aqui — respondeu Andreas, aos risos.

— Mas nunca é tarde para começar a viver a vida — emendou Stefanos.

— Pois saibam que não estou aqui para me divertir. Estou apenas esperando pela minha irmã.

— Mas enquanto espera, não custa se divertir um pouco — disse Dimitrius, encarando-me com aquela expressão que sempre me parecia sombria, como se ele tivesse algo mais contra mim, além do orgulho ferido por não conseguir me tornar mais uma de suas conquistas — O que você quer beber?

— Outro refrigerante — respondi.

— Mas não é possível que você não vai experimentar os maravilhosos drinks que tem aqui. Pelo menos um — insistiu o filho da minha chefe.

Antes que eu tivesse tempo de responder, Stefanos puxou sua cadeira para mais perto de mim e pendurou um braço no encosto da cadeira que eu ocupava, sua pele roçando suavemente na minha, despertando um calor desconhecido em meu corpo.

— Na verdade, aqui há uma grande variedade de drinks de frutas, sem álcool. É mais saudável que refrigerante. Você gostaria de experimentar? — indagou o loiro.

— Pode ser.

Não sei se foi impressão minha, ou se a expressão de Dimitrius ficou ainda mais sombria depois que aceitei experimentar o drink oferecido por seu amigo. Contudo, o que se passava pela cabeça daquele degenerado era a última das minhas preocupações.

Escolhi um coquetel de frutas sem álcool e continuei percorrendo meu olhar pelos arredores, na esperança de ver Ioanna chegar a qualquer momento, enquanto participava pouco da animada conversa na qual os outros integrantes da mesa engataram, sobre suas aventuras na ilha neste e nos verões passados.

Até que, por fim, enxerguei minha irmã. Ela estava na companhia das amigas de sempre e do mesmo grupo de italianos de ontem. Assim que me avistou, percorreu os olhos pelas pessoas à minha mesa e cravou o olhar em mim, fitando-me por um momento, mas não veio falar comigo, apenas se acomodou a uma mesa com os outros.

Quando tentei me levantar para ir falar com ela e dar-lhe uma boa bronca por não atender minhas ligações, Stefanos segurou-me, impedindo-me de sair.

— Não faça isso — disse ele. — Quanto mais você pegar no pé dela, mais vai afastá-la.

— Ela é menor de idade. Não posso simplesmente deixar que fique por aí com esses aproveitadores, e nem venha com essa história de que ela está apenas se divertindo.

— Ela está se divertindo mesmo, mas concordo que não está segura com esses caras. Só que não é assim que você vai conseguir salvá-la deles. Você precisa esperar que ela quebre a cara sozinha. Apenas assim ela vai aprender. Do contrário, se você não deixá-la livre para ter essa experiência, ela sempre vai se afastar de você e buscar as companhias erradas.

Refleti sobre as palavras dele, concluindo que faziam todo sentido. Ioanna não aprenderia a lição até entender a forma como aqueles

playboyzinhos tratavam garotas como ela.

— E se eles a prejudicarem? E se a machucarem? — indaguei, preocupada.

— Eles não vão matá-la, se é com isso que está preocupada. No máximo, vão desfilar com outras garotas na frente dela, quando se cansarem da sua companhia. Isso será suficiente para fazê-la compreender que está tomando todas as decisões erradas.

Me surpreendi com a forma tão sábia e madura como ele pensava. Nunca na história da humanidade um homem havia admitido que uma garota estava tomando a decisão errada ao ficar com um deles somente pela farra e pelos momentos de diversão. Contudo, Stefanos parecia diferente de todos os outros.

Ao virar a cabeça para encará-lo, percebi que seu rosto estava mais próximo ao meu do que havia notado e senti um impacto por dentro ao me deparar com o azul cristalino dos seus olhos, me fitando de maneira intensa, profunda, de perto.

Me prendi àquele olhar durante um longo momento, incapaz de desviar os olhos, como se tivesse mergulhado em uma espécie de transe.

O rosto dele era simplesmente perfeito, como se fosse desenhado à mão. A mandíbula era forte, ressaltada pela barba bem curta; o nariz afilado; a boca ampla. Fui descendo o olhar pelos seus traços hipnóticos, quase sem perceber, e quando dei por mim estava fixando sua boca, enquanto mordia meu lábio inferior, em um gesto completamente involuntário.

— Você gostaria de dançar? — indagou Stefanos, sua voz grossa despertando-me daquele transe para o qual havia sido arrastada.

A música que tocava agora era lenta, envolvendo o salão em uma atmosfera de romantismo. Casais se uniam para dançar, inclusive Dimitrius, Irini e Andreas, que encontrara uma loira deslumbrante.

Sim, eu desejava estar nos braços de Stefanos, sentindo o calor daquele corpo másculo e descobrindo a fragrância intoxicante do seu perfume. O problema era que esse desejo era intenso demais, quase avassalador, e isso me assustava.

— Agora não — recusei, desviando o olhar dele e bebendo um gole do meu coquetel.

Direcionei minha atenção novamente para Ioanna. Ela havia sentado de costas para mim, talvez deliberadamente. Ainda assim, era possível notar

o quanto estava sorrindo, parecendo muito feliz ao conversar com seus amigos.

Eu não correria mais atrás dela, não apenas por não querer atrapalhar sua diversão, mas porque acreditava que Stefanos estava certo. Ioanna passaria a se comportar melhor apenas depois que aprendesse a enxergar como a vida realmente era.

Assim que a música romântica terminou, os outros voltaram para a mesa, Andreas de mãos dadas com a loira com quem dançava, uma bela dinamarquesa, a quem nos apresentou.

A amiga dela, outra loira deslumbrante, veio junto e sentou-se conosco. Ao ser apresentada a todos nós, não fez questão de esconder o quanto ficara interessada em Stefanos, encarando-o desavergonhadamente, mesmo que ele estivesse ao meu lado, bem próximo.

A outra desavergonhada era Irini, que já havia pulado para o colo de Dimitrius e trocava altos amassos com ele. Não pude negar que fiquei feliz ao ver os dois juntos, afinal, era tudo o que ela queria na vida.



CAPÍTULO 12

Eu conseguia sentir o calor que emanava do corpo de Daphne, mesmo sem tocá-la, um testemunho da energia intensamente carnal que vibrava entre nós.

Ao meu lado, sob as luzes que cintilavam em sua pele, ela representava um paradoxo fascinante: ainda era a garota de origem humilde, filha de pescadores, mas agora desabrochava entre o caos vibrante que nos rodeava.

Sua beleza era inegável, mesmo quando estava emburrada ela conseguia ser linda. Contudo, observá-la agora, mais desinibida e relaxada, intensificava meu fascínio por sua serenidade quase contemplativa.

Ela era, sem dúvida, diferente de qualquer outra mulher que já havia conhecido. A atração que eu nutria por ela era intensa e genuína, porém, não suficiente para desviar-me do meu propósito.

Estava, mais do que nunca, determinado a concretizar o acordo que fiz com Dimitrius, sedento por justiça contra o homem que ousou destruir o que restava da minha família.

Daphne riu de algo que um de nossos amigos disse, e aquele som me fez esquecer momentaneamente dos meus pensamentos. O barulho da música tornou-se um mero zumbido de fundo enquanto eu me perdia na melodia de seu riso.

Aquela garota, habitualmente tão endiabrada, agora deixava transparecer uma alegria espontânea que parecia dançar em seus olhos negros profundos. Sua voz, sempre comedida e firme, flutuava livremente entre as notas graves e altas.

Eu percebia como ela se permitia levar pelo ambiente descontraído do clube, algo que ninguém ali teria imaginado ver antes.

Eu aproximava-me cada vez mais dela, não apenas pensando nos planos que tinha, mas porque uma força gravitacional parecia me puxar em sua direção.

Cada vez que nossos braços roçavam sob a mesa, uma faísca elétrica corria por minha pele, deixando um rastro de calor que me fazia querer mais de si. O batom suave nos lábios dela brilhava sob as luzes estroboscópicas, e eu me perdia imaginando o sabor doce misturado à sua essência.

— Você está se divertindo? — perguntei, inclinando-me para perto, o suficiente para que ela sentisse meu hálito contra sua orelha.

O olhar de Daphne encontrou o meu, profundo e carregado com algo que não precisava de palavras para ser entendido. As respostas estavam todas ali, nos pequenos gestos, no modo como ela permitia que sua coxa pressionasse levemente contra a minha, como se estivesse procurando minha presença tanto quanto eu procurava a dela.

— Ah, sim, claro. Como não se divertir em um lugar como esse? — disse, com um leve toque de sarcasmo na voz. — E você? Já deve estar tão acostumado a frequentar esses lugares que nem se impressiona mais.

Sorri, reconhecendo sua tentativa de manter o controle. Daphne era habilidosa em esconder suas emoções, mas eu conhecia as mulheres bem o suficiente para perceber o quanto ela lutava para disfarçar o efeito que minha proximidade tinha sobre ela.

— É verdade, gosto de aproveitar a vida. Mas hoje estou me divertindo mais do que o habitual — respondi, olhando diretamente em seus olhos — A companhia melhorou.

Daphne revirou os olhos, mas não pôde esconder um leve sorriso que se formou no canto dos lábios.

— Essa cantada barata costuma funcionar? — disparou, e não consegui conter o sorriso.

— Na verdade, ajuda a criar um clima. Vivemos em uma era na qual não é mais necessário se esforçar tanto para conquistar uma mulher. Se uma não quer, há outras cinco a fim.

Ela lançou um olhar para a sueca que não parava de me encarar.

— É, estou vendo — comentou.

Daphne levou o copo aos lábios, bebendo um gole de seu coquetel de frutas. Seus olhos, no entanto, traíam sua tentativa de indiferença, deslizando furtivamente na minha direção de vez em quando.

— É intrigante uma pessoa com a sua idade, que mora em um lugar turístico, não estar habituada a frequentar casas noturnas — expressei o pensamento em voz alta.

— É questão de gosto. Acho que estaria me divertindo mais assistindo a um filme no meu quarto — respondeu.

Imaginei-a no seu quarto na vila, completamente à vontade, talvez se tocando intimamente, sem nem imaginar que o tarado do Dimitrius a observava através da sua câmera escondida. Balancei a cabeça para afastar o pensamento.

— Tem coisa bem melhor para se fazer em um quarto do que assistir filmes — falei.

Ela desviou o olhar, mas não sem antes deixar escapar um leve rubor em suas bochechas. Era claro que estava tentando esconder o efeito que minhas palavras tinham sobre ela. Seus dedos tamborilavam nervosamente no copo, um sinal claro de que minha proximidade a afetava mais do que ela gostaria de admitir.

— Verdade. Dormir é muito bom — disse.

— Não estou falando de dormir, e você sabe disso. Estou falando de prazer, de desejo, do que pode acontecer entre um homem e uma mulher, ou mesmo quando se está sozinho — aproximei mais minha boca do seu ouvido, para ter certeza de que ninguém mais me ouviria — Já deu prazer a si mesma quando está sozinha no quarto, Daphne?

Ela encarou-me com seus olhos negros escancarados de pura perplexidade, e tive vontade de sorrir. Se eu não conhecesse bem as mulheres, poderia jurar que ela era realmente pura e inocente como convencia todos a acreditarem.

— Você é sempre folgado assim com todas as garotas, ou é só comigo? — perguntou, abismada.

— Só com você, porque você me intriga.

— E por que exatamente eu o intrigo?

— Não é comum uma garota linda como você não estar correndo atrás de um turista milionário, como todas as outras. Ou então enchendo a cara com um desconhecido qualquer, sabendo que vai terminar a noite na cama dele.

— Eu não julgo quem age assim, cada um com suas escolhas. Só acho perigoso em todos os sentidos. Além disso, o empoderamento de uma mulher consiste na liberdade que ela tem de escolher ser o que quiser, inclusive uma esposa recatada.

Apesar de concordar com seu argumento sobre o empoderamento feminino, não consegui conter o riso pelo termo, tão antiquado e ultrapassado, usado por ela.

— É o que você pretende se tornar? Uma esposa recatada?

— Com toda certeza.

— Se me permite, gostaria de me candidatar ao cargo de marido exemplar.

O que diabos eu estava dizendo? Nos meus vinte e nove anos de vida, jamais precisei ludibriar uma mulher com falsas promessas para conseguir levá-la para a cama, menos ainda uma garota de dezoito anos. A Srta. Esposa Recatada, definitivamente, estava me tirando dos trilhos.

— Não vai rolar. Esse cargo já está ocupado — respondeu.

— Pois saiba que sou especialista em fazer as garotas mudarem de ideia e não há nada que queira mais, nesse momento, que você mude a sua.

— Nem perca seu tempo.

— Não é perda de tempo. Você será minha e já sabe disso.

— Como é prepotente!

— Não é prepotência, é certeza.

Daphne abriu a boca para dizer algo, mas fechou-a novamente, como se mudasse de ideia. O silêncio entre nós não era desconfortável, mas carregado de uma tensão elétrica que me mantinha totalmente ligado a ela.

Ela mordeu o lábio novamente, e uma corrente de desejo varreu meu corpo inteiro, intensificando minha vontade de provar o gosto daquela boca linda.

— Talvez seja melhor eu ir embora — disse Daphne, mas não havia muita convicção em suas palavras.

— Ou talvez possamos ficar aqui mais um pouco, aproveitar essa conversa... quem sabe onde ela pode nos levar?

Seu olhar prendeu-se ao meu mais uma vez, de maneira árdua e profunda. Por um momento, o mundo ao nosso redor desapareceu. A música do clube se transformou em um murmúrio distante, e tudo o que eu conseguia sentir era a presença magnética de Daphne.

Ela estava lutando consigo mesma, entre o desejo de partir e a vontade de ceder ao que estava acontecendo entre nós.

— Você é um problema, sabia? — sussurrou, a voz carregada de uma mistura de frustração e desejo.

— E você adora problemas — retruquei, aproximando-me ainda mais, até que nossos lábios quase se tocassem.

Ela suspirou, fechando os olhos por um breve momento, como se estivesse tentando reunir forças para resistir. Quando abriu os olhos novamente, havia uma decisão ali, um brilho de desafio que me fez desejar ainda mais cada pedaço dela.

— Acredite, não vai nos levar a nada. Eu tenho namorado e o amo muito. Homens como você não têm nenhuma chance comigo. Para falar a verdade, nem sei o que ainda estou fazendo aqui. Vou embora. Com licença.

Ela ficou de pé, no mesmo instante em que a música estrondosa subitamente cessava, o burburinho das conversas em volta substituindo o barulho ensurdecedor. O DJ, com um sorriso malicioso, pegou o microfone e lançou suas palavras sobre todos.

— Senhoras e senhores, está na hora de apimentar a noite com um desafio de dança! — anunciou.

O ar ficou carregado de expectativa enquanto a multidão voltava sua atenção na direção do palco, ansiosa pelo espetáculo prometido. Daphne, com seus olhos arregalados, foi tragada pela onda de entusiasmo que varreu o lugar, e voltou a se sentar rapidamente, mas era tarde, o DJ já tinha fixado sua atenção sobre ela.

— Ei, você aí. A garota de cabelos cacheados e vestido com flores azuis — o DJ continuou falando ao microfone e sorri ao ver o rosto de Daphne empalidecendo, à medida em que a luz forte de um holofote pairava sobre ela, atraindo a atenção da multidão à nossa volta — Você é a minha primeira escolhida da noite, venha até aqui, participe da nossa competição.

— Eu?! — Daphne disparou, ficando cada vez mais pálida — Ah, não, eu não posso. Não gosto de dançar, convide outra pessoa.

— Ah, vamos lá querida — continuou o DJ — Você é a minha escolhida e ninguém dispensa uma honra tão grande. Qual o seu nome?

— É Daphne — disparou Dimitrius.

— Venha até aqui Daphne.

Sob a incitação do DJ, a multidão começou a clamar pelo nome de Daphne, pressionando-a, deixando-a sem escolha que não aceitar o desafio da dança.



CAPÍTULO 13

Os olhos de Daphne mostravam um misto de pânico e resignação, mas a multidão não a deixava recuar, insistindo para que ela aceitasse o desafio que todos ali queriam ter recebido.

À nossa frente, Dimitrius sorria, satisfeito ao vê-la tão nervosa e constrangida, certo de que ela sairia correndo em disparada para fugir. Todos os outros à mesa a observavam com piedade.

A amiga da acompanhante de Andreas era a que mais a incentivava a aceitar, querendo se livrar dela para tentar ficar comigo.

Até que, por fim, com um suspiro profundo, Daphne levantou-se e, contrariando todas as expectativas dos que estavam à mesa, começou a caminhar lentamente em direção ao palco.

Os passos dela pareciam pesar uma tonelada, e eu podia ver claramente o nervosismo estampado em seu rosto. Meu coração apertou ao vê-la tão vulnerável, e antes que pudesse pensar melhor, meus pés já me levavam em sua direção.

— Espere! — gritei, tentando ser ouvido acima da excitação da multidão — Vou com você.

Daphne se virou para mim, surpresa, mas um alívio evidente passou por sua expressão. Subi no palco ao lado dela, e ao segurar sua mão, senti a tensão em seus músculos diminuir um pouco.

O DJ, percebendo a nossa determinação, nos deu um sorriso aprovador e anunciou:

— E temos um par! Senhoras e senhores, vamos dar uma calorosa recepção a Daphne e...?

— Stefanos — completei, apertando suavemente a mão de Daphne.

A música começou a tocar, uma batida sensual e envolvente que parecia fazer o chão vibrar sob nossos pés. Daphne olhou para mim, ainda um pouco hesitante, e eu a puxei para mais perto, envolvendo sua cintura com um braço enquanto a outra mão segurava a dela firmemente.

— Só me siga, Daphne — sussurrei em seu ouvido. — Confie em mim.

A música iniciou, uma melodia latina animada, e começamos a dançar, movendo-nos em sintonia com a batida. No início, os passos dela eram tensos e calculados, mas aos poucos, senti seu corpo relaxar em meus braços.

Conduzi-a com segurança, girando-a suavemente e fazendo-a se sentir confortável. Nossos movimentos eram como uma conversa silenciosa entre nós, onde a confiança se tornava a linguagem principal.

O nervosismo de Daphne começou a dissipar-se como neblina ao sol. Seus olhos se fixaram aos meus, e de repente, parecia que estávamos sozinhos no mundo. A multidão ao nosso redor desapareceu, e tudo o que importava eram os olhos negros que me encaravam e a sensação do corpo dela em sintonia com o meu.

A música acelerou e nós a acompanhamos, nossos corpos movendo-se com uma energia renovada. O cabelo cacheado de Daphne balançava ao ritmo, e seu sorriso, antes hesitante, agora era radiante.

Ela estava se divertindo, completamente imersa na dança, deixando o nervosismo e as inibições para trás. O público aplaudia e gritava, mas para nós, eles não existiam mais.

O clímax da música chegou, e eu a girei uma última vez, segurando-a firmemente contra mim enquanto a batida final ressoava pelo clube. Paramos, ofegantes e sorrindo, nossos rostos próximos, sentindo a respiração um do outro.

O silêncio momentâneo foi quebrado por uma explosão de aplausos e gritos de aprovação. A multidão estava em êxtase, mas tudo o que eu podia ver eram os olhos de Daphne brilhando com uma nova confiança.

Descemos do palco ainda de mãos dadas, sendo saudados por tapinhas nas costas e elogios entusiasmados. Daphne, agora com as bochechas coradas de excitação e um sorriso lindo demais estampado no rosto, virou-se para mim.

— Obrigada. Acho que você me salvou de novo — disse.

— Sempre estarei aqui para você — respondi, sorrindo, sem conseguir desviar meu olhar do dela.

Foi Daphne quem interrompeu nosso contato visual. Primeiro desviou seu olhar para a irmã, que a ovacionava de longe, aplaudindo-a com um sorriso de puro entusiasmo.

Ambas cumprimentaram-se com um breve aceno de cabeça, e então Daphne fixou seu olhar nele, o maldito assassino do meu sobrinho, Michalis Kazantzidis, cuja chegada ao clube eu não havia percebido.

Eles trocaram um olhar demorado e carregado de significados, cumprimentando-se de longe, de maneira tão discreta que passou despercebida a todos, com exceção de mim, que mantinha minha atenção fixa nos dois.

Após encará-la durante um longo momento, daquela maneira intensa, cheia de intimidade, deixando claro que ambos eram muito mais que amigos, Michalis olhou para mim, fitando-me muito rapidamente, embora por tempo suficiente para que o sorriso se desfizesse do seu rosto.

Ele era perspicaz o bastante para compreender que voltei a Mykonos, depois de tanto tempo, para fazer justiça.

— De onde vocês se conhecem?! — indaguei, a corrente de fúria inundando subitamente minhas veias.

Apenas após proferir a pergunta percebi que havia falado com mais aspereza do que pretendia, minhas emoções descontroladas pela presença daquele assassino, pelos claros sinais de que ele e Daphne eram íntimos.

— Quem? De quem está falando? — ela se fez de rogada, e minha raiva se intensificou, queimando como brasas no sangue.

— Como quem? Michalis Kazantzidis!

— Ah, ele é o juiz da cidade. Todos o conhecem — ela deu-me as costas e tentou se afastar, claramente fugindo do assunto. Contudo, fechei

minha mão em torno do seu braço e a puxei de volta, com mais brusquidão do que pretendia.

Os olhos de Daphne correram para minha mão em volta de seu braço e depois para o meu rosto, suas sobrancelhas franzindo.

— Me diga a verdade! — exigi — Eu percebi a forma como vocês se olharam, e não foi a primeira vez! Por acaso você é amante dele?

Uma mescla de irritação e perplexidade tomou conta da expressão no rosto dela.

— É claro que não, tá louco?! — ela tentou puxar o braço da minha mão, contudo, cedendo ao meu descontrole o apertei ainda mais firmemente — Será que dá pra você me soltar?

— Me diga o que existe entre você e esse cara! Você é cúmplice dele?

— Cúmplice?! Não sei do que diabos você está falando! Agora se puder fazer o favor de me soltar, tenho que voltar para a vila. Está tarde.

Com um safanão, ela conseguiu puxar o braço da minha mão e saiu andando em meio à multidão com passos apressados e irritados, aproximando-se da nossa mesa, enquanto eu a seguia.

Eu não estava nem um pouco convencido de que ela não conhecia Michalis intimamente, apenas sabia que fora flagrada trocando olhares comprometedores com ele e tentava fugir do assunto.

— Eu te fiz uma pergunta. O que há entre você e esse cara?! — insisti.

— E eu já respondi. Não há nada. Eu mal o conheço.

— Não seja mentirosa. Eu vi o olhar que vocês trocaram.

— Vai ver você andou bebendo além da conta e está vendo coisas.

— Não insulte a minha inteligência, garota!

— Então pare de encher a porra do meu saco! — e lá estava a velha Daphne de volta, tão delicada quanto uma batida de carro — Irini, eu já estou indo. Você vem ou vai ficar aí com eles? — ela intimou a amiga.

— Pode ir. Vou ficar mais um pouco — respondeu Irini.

— Mas já vai embora tão cedo? — disse Dimitrius — Pensei que estivesse se divertindo, princesa.

— Pra você ver, pensar não é exatamente seu forte — rebateu Daphne e Andreas caiu na gargalhada, enquanto o semblante de Dimitrius obscurecia como o céu precedendo o início de uma tempestade — E não me chame de princesa!

— Eu te levo em casa — ofereci.

Apesar da raiva, por ela insistir em mentir sobre não ser íntima de Michalis, não era um pensamento muito bom imaginá-la sozinha pelas ruas da cidade àquela hora da noite, correndo o risco de encontrar um bando de turistas bêbados pelo caminho.

Com aquele temperamento inflamável, ela certamente provocaria uma briga tão grande que até o homem mais pacífico se veria transformado em um assassino.

— Não precisa. Sei me virar sozinha! — rebateu e Andreas riu ainda mais alto.

— O que é isso, gente? — disse o mais debochado dos meus amigos — Vocês estavam se dando tão bem ali em cima do palco e já estão brigando de novo?

— Não é briga, apenas não preciso de babá — rebateu a endiabrada — Estou indo então, Irini. Nos vemos amanhã. Boa noite.

— Boa noite. Tome cuidado. E se você tiver ganhado a competição de dança, levo o prêmio pra você.

Com isto, Daphne deu mais uma olhada demorada na direção onde sua irmã se divertia com os italianos, girou sobre os calcanhares e partiu rumo à saída.

Pensei seriamente em deixá-la ir sozinha, afinal havia uma sueca linda à mesa ansiosa para tornar minha noite mais divertida e agradável. No entanto, simplesmente não consegui ficar parado e, quando dei por mim, já estava seguindo-a.



CAPÍTULO 14

Enquanto caminhava em direção à saída do clube, senti a presença de Stefanos logo atrás, mas me recusei a virar o pescoço ou trocar qualquer palavra com ele.

Amaldiçoei a mim mesma por não ter estacionado a lambreta mais perto do clube, nos becos onde o luxuoso *Porsche* dele não conseguiria entrar.

Mesmo sem se aproximar, ele me seguiu até o estacionamento. Montei na moto apressadamente e dei a partida, saindo em alta velocidade, tentando desaparecer de sua vista. No entanto, minha pressa foi inútil.

Assim que virei a primeira esquina, os faróis do *Porsche* surgiram atrás de mim. Stefanos estava me perseguindo, com que objetivo, eu nem fazia ideia.

Definitivamente, ele não parecia ser o tipo de cara que forçaria uma garota a fazer algo que ela não quisesse, embora esse "dom" nunca viesse escrito na testa.

Acelerei ainda mais a lambreta, sabendo que não teria nenhuma chance de deixar o potente automóvel para trás. Só serviu para que ele

também acelerasse e se aproximasse, seus faróis potentes iluminando o meu caminho com mais eficácia que o tímido farol da lambreta.

Aquela perseguição fajuta durou até que subi as colinas onde ficava a vila dos Papadopoulos. Quando parei em frente aos portões e desci da moto para abri-los, Stefanos também parou, mas não saiu do carro.

Ele apenas ficou lá, imóvel, com os faróis acesos, iluminando-me. Certamente, esperava que eu entrasse antes de ir embora, a fim de garantir que eu chegasse em casa em segurança.

Apesar de louvável, sua atitude não era genuína. Afinal, ele havia nascido em Mykonos e sabia muito bem que as ruas da nossa cidade não ofereciam nenhum perigo. Estava fazendo aquilo unicamente para tentar me impressionar e, assim, conseguir o que queria de mim. Só que não ia rolar.

Por mais lindo e gentil que ele fosse, por mais que tivesse aquele poder misterioso de me fazer esquecer o mundo ao meu redor quando olhava dentro dos seus olhos incrivelmente azuis, eu jamais desviaria do caminho que havia escolhido, em troca de uma paixão passageira.

Consegui abrir o pesado portão de madeira da vila, o suficiente para passar com a moto, enquanto Stefanos continuava lá parado, me observando.

Ao voltar para perto da lambreta, antes de montar, não consegui resistir à tentação e acabei cedendo ao impulso de levantar o dedo do meio para ele, para que entendesse de uma vez por todas que eu não o queria por perto. Ou pelo menos era nisso que eu tentava acreditar.

Achei que ele daria meia-volta no seu carro de milhões e iria embora, sentindo-se completamente ofendido pelo meu gesto.

No entanto, ao invés disso, ele apagou os faróis, saltou do carro e veio andando em minha direção, seus passos pesados denunciando sua irritação.

Droga!

Mais que depressa, subi na lambreta e tentei entrar na vila. Porém, antes que tivesse tempo de dar a partida, Stefanos me alcançou. Com mãos fortes e ágeis, ele girou a chave na ignição, desligando o motor.

— Que gesto feio para uma garota que pretende se tornar uma esposa recatada! — exclamou — O que seu maravilhoso marido pensaria de uma coisa dessa?

— Não pensaria nada, pois esses gestos não são para ele, mas apenas para caras oferecidos como você!

— Oferecido?! Eu?! — ele parecia extremamente ofendido, porém, sua expressão era teatral — Não sou oferecido, apenas gostei de você.

— Você sempre persegue as garotas de quem gosta?

— Eu não estava te perseguindo, e sim garantindo que chegaria em casa em segurança, sem ser abordada por outro turista bêbado.

— Não pense que consegue me convencer com tais atitudes falsamente cordiais, eu sei quais são as suas intenções.

— E quais são as minhas intenções? — não encontrei as palavras certas para responder aquela pergunta — Você acha que quero te comer? Se acha, está certa! Mas não é só isso. Não é apenas tesão. Tem algo em você que realmente mexe comigo. Se fosse apenas sexo, eu poderia conseguir o que quero agora mesmo.

Sem que nada tivesse me preparado para o tamanho da sua audácia, Stefanos passou um braço em volta do meu corpo e puxou-me de cima da moto, sem dificuldade nenhuma, fazendo com que o veículo caísse de lado, no chão, enquanto colava meu corpo ao seu, impetuosamente, apertando-me forte, pressionando-me nele como se eu fosse um brinquedo facilmente manuseável.

— Me solta! Ficou maluco?! — esbravejei, esmurrando o peito dele, uma onda de medo se espalhando pelo meu organismo, misturado a algo mais que não consegui decifrar.

— Estamos apenas nós dois aqui, no meio dessa escuridão toda. Se eu quisesse apenas te comer, faria isso agora mesmo, sem que ninguém viesse te salvar — com a mão livre, ele segurou meus pulsos atrás das minhas costas, aprisionando-os e cessando o meu ataque — Aliás, ainda não decidi se vou mesmo te deixar escapar, quero muito te foder agora.

Eu tremia entre os braços dele, inundada por um turbilhão de medo, raiva, e aquele calor viciante, desconhecido, que a voz e o toque dele me despertavam.

Sem nenhum aviso prévio, Stefanos inclinou meus ombros para trás e sobrepôs-se sobre mim, como um predador aniquilando sua presa indefesa. Aproximou seu rosto da curva do meu pescoço e deslizou os lábios através da minha pele, de maneira lenta e gentil.

O toque dos seus lábios, algo que parecia tão trivial, desencadeou um turbilhão de sensações avassaladoras que me invadiu com a força de um furacão. Uma onda de calor lascivo tomou conta de mim, começando do

ponto exato onde ele me beijava e se espalhando por todo o meu ser como fogo líquido.

Meu coração disparou, batendo freneticamente contra as grades invisíveis do meu peito. Cada célula, cada nervo do meu corpo parecia ganhar vida própria, vibrando em uma frequência desconhecida, em um ritmo enlouquecido que eu jamais havia experimentado antes.

Quando parei de lutar, Stefano aprofundou suas carícias, escorregando a mão pelas minhas costas, deslizando os lábios até meu colo, beijando-me onde nunca fui beijada, tocando-me como jamais fui tocada.

A suavidade dos seus lábios contrastava com a firmeza de seu aperto, uma dualidade que me deixou ainda mais vulnerável e, ao mesmo tempo, intensamente consciente de cada pequeno movimento.

Era como se eu estivesse caindo, despencando em um abismo de sensações avassaladoras, incapaz de resistir ou sequer querer resistir. Eu estava rendida a ele de uma forma que nunca imaginei ser possível, minha mente um caos de pensamentos e sentimentos conflitantes.

— Você gosta de ser tocada assim, não é? — sussurrou ele, ofegante.

O calor do seu hálito de encontro ao meu colo intensificava as sensações.

— Sim... — murmurei.

Ele escorregou os lábios mais para baixo, e deu uma leve mordida no bico do meu seio, por cima do tecido do vestido, o que me fez arfar, o fogo do desejo se intensificando em meu íntimo.

Eu deveria lutar, protestar contra aquele ultraje, mas ao invés disso fechei os olhos e suspirei, incapaz de qualquer movimento.

Algo dentro de mim suplicava por mais, por sentir o toque da sua mão mais intimamente, por experimentar o contato daquela boca com a minha. Desejava aquele beijo como se minha vida dependesse disso.

No entanto, ao invés de me beijar, Stefanos subitamente me soltou e afastou-se ligeiramente, seu olhar ardente encontrando o meu, quando vi nele um reflexo da minha própria perplexidade e desejo.

— Está tarde. É melhor você entrar. Não sou muito bom em manter o autocontrole — sussurrou, rouco, ofegante, enquanto eu tremia dos pés à cabeça diante do seu olhar ardente.

Sem mais palavras, Stefanos ergueu minha moto do chão e me ajudou a montar. Liguei-a e segui rumo ao interior da propriedade. Mesmo

sem olhar para trás, eu sabia que ele continuava lá parado, observando-me, até que avancei para a ala dos empregados e saí do seu campo de visão.



CAPÍTULO 15

Não consegui dormir muito naquela noite. Na solidão do meu pequeno quarto, os pensamentos sobre o que aconteceu entre mim e Stefanos não saíam da minha cabeça.

A forma como ele me tocou tão ousada e intimamente, a maneira como cedi tão facilmente ao desejo que ainda ardia em mim, tudo isso me perturbava.

Eu ainda podia sentir o calor dos seus lábios na minha pele, o contato do seu corpo forte contra o meu, e ouvir sua voz ofegante me perguntando se eu gostava de ser tocada daquela forma.

Era assustador perceber o quanto eu havia gostado e o quanto ainda queria ser tocada por ele, mesmo sabendo que isso era imperdoável. Afinal, eu era comprometida com outro homem e com meus próprios princípios.

No dia seguinte, enquanto ajudava Irini com a limpeza, quase não vi Stefanos na vila. Ele acordou tarde, certamente após passar a noite nos braços da loira sueca que o encarava fixamente no clube.

Passou praticamente o dia inteiro jogando videogame com Andreas e Dimitrius, os três isolados na sala de jogos, onde as outras empregadas os

serviam bebidas e petiscos a todo momento.

Ao final do meu expediente, me arrumei e deixei a vila, indo em direção ao clube onde encontraria Elias. Marcamos de nos ver mais cedo naquele dia, pois precisávamos conversar.

Um vídeo meu dançando no clube em Little Venice na noite passada foi parar nas redes sociais, e meu namorado estava furioso, cobrando uma explicação.

Eu tinha certeza de que ele me perdoaria, afinal, não havia nada de errado em dançar. O pior foi o que aconteceu depois, mas isso ele nunca saberia.

Minha maior felicidade naquele dia era saber que meus pais não usavam redes sociais.

Quando cheguei ao Scorpios, Elias já estava à minha espera. Foi reconfortante vê-lo pela primeira vez depois de tantos dias.

Elias era mais que meu namorado, era meu melhor amigo desde a infância. Com ele, eu me sentia completamente segura, inundada pela certeza de que nada de ruim me aconteceria.

— O seu pai está melhor? — indaguei, depois que nos cumprimentamos com um abraço afetuoso e nos acomodamos em uma mesa perto da praia.

O lugar estava lotado de turistas, mesmo sendo meio de semana.

— Ele está bem agora. O médico trocou o remédio da pressão por outro mais forte.

— Fico feliz que ele esteja melhor.

Elias me observou em silêncio por um momento, suas sobrancelhas grossas franzidas. Tinha o rosto muito bonito, com o nariz bem desenhado e olhos cor de mel. Sempre foi considerado o garoto mais bonito da escola em Ano Mera.

— Será que dá para você me explicar por que diabos estava dançando salsa com um americano ontem à noite, em cima de um palco? — exigiu, seco e firme.

Repassei mentalmente as palavras que havia elaborado para dizer a ele.

— Não fui ao clube por causa daquele cara, acredite. Estava lá com Irini, procurando Ioanna, quando Dimitrius apareceu e Irini implorou para que ficássemos um pouco. O homem com quem dancei não é americano, ele nasceu aqui e é amigo do Dimitrius.

— Então quer dizer que agora você está andando com esses playboys cheios da grana?

— Eu não estou andando com eles. Como já expliquei, fui lá procurar Ioanna quando eles apareceram. Não aconteceu nada demais. Foi só uma dança boba. Achei que você confiasse em mim.

Elias suspirou pesadamente.

— Eu confio. É só que... — ele esfregou as têmporas com as palmas das mãos — Eu não gosto desse Dimitrius, já vi a forma maliciosa como ele olha pra você. E não gosto dos amigos dele também.

A maneira ardilosa e persistente com que Dimitrius me observava era apenas uma leve amostra das muitas ousadias que aquele cafajeste cometera ao longo dos anos em que trabalhava na vila de seus pais.

No entanto, Elias não precisava saber sobre o assédio que eu sofria.

— Todos eles estavam acompanhados por garotas estrangeiras ontem. O cara só se levantou para dançar comigo porque fui intimada pelo DJ e ele ficou com pena. Mas não quero mais falar disso. Me conta como estão as coisas no trabalho.

Não foi fácil, mas consegui desviar a atenção de Elias do que aconteceu na noite passada e tivemos momentos de tranquilidade, paz e harmonia, como sempre acontecia quando estávamos juntos.

Após jantarmos no Scorpios, caminhamos de mãos dadas na areia da praia, falamos amenidades, sorrimos e fizemos planos para o futuro. Passava das nove da noite quando ele me convidou para assistir a um filme no quartinho onde morava nos fundos do clube em que trabalhava e aceitei.

Chegando lá, fiz pipoca para nós dois e nos acomodamos no sofá de dois lugares diante da televisão ligada. O lugar era um cubículo, menor ainda que o quarto que eu ocupava na vila. Como sempre, estava bastante bagunçado, com panelas sujas na pia e roupas espalhadas sobre os poucos móveis.

De vez em quando, eu ia ali fazer uma faxina, já que Elias parecia não ter talento para organizar sua própria moradia. Talvez fizesse isso no dia seguinte.

Quando o filme terminou, estávamos aconchegados um ao outro no sofá. Foi então que Elias segurou minha nuca e me puxou para um beijo ardente, o primeiro da noite. Ele deslizou a mão pelo meu corpo, apalpando-me por cima do vestido. Apertou minha bunda, acariciou meu

peito por cima do tecido e alisou minha coxa. Quando tentou infiltrar a mão sob a saia rodada, enrijeci e interrompi o beijo.

Nós havíamos combinado que teríamos relações sexuais apenas depois do casamento, pois me casar virgem e pertencer a um único homem durante toda a vida era um sonho que eu tinha, e Elias sabia disso.

Ainda assim, de vez em quando ele tentava ultrapassar os limites, o que era perfeitamente compreensível, afinal, os homens tinham a carne fraca.

— Já chega, Elias. Acho melhor eu ir — murmurei.

— Está muito cedo. Vamos ficar mais um pouco.

Dito isto, ele voltou a me beijar, com ainda mais ansiedade, enfiando a língua na minha boca e apalpando-me com ainda mais intimidade. Ele impulsionou seu corpo contra o meu e, num instante, me vi deitada no sofá, com ele completamente sobre mim.

Quando senti a ereção empurrando o ápice da minha coxa, enquanto a língua dele explorava minha boca e a mão percorria meu corpo, percebi que aquilo estava indo longe demais. Precisávamos parar.

Com esses pensamentos, virei o rosto, interrompendo o beijo. Empurrei-o pelo peito, mas ele não se moveu do lugar, sua boca tentava capturar novamente a minha.

— Já chega, Elias. Estamos indo longe demais. Temos que parar — tentei, mas ele não fez menção de me soltar.

— Não quero parar. Eu quero você. Não consigo mais esperar. Quero que seja minha.

Ele apertou a ereção mais firmemente na minha coxa e uma onda de irritação se apoderou de mim.

— Acontece que eu ainda não estou pronta. Por favor, me solte.

Ele continuou me passando a mão e tentando me beijar, enquanto me espetava com aquela coisa dura dentro da calça.

Puta que pariu!

— Você já é minha, seremos um do outro pelo resto da vida. Não precisamos adiar mais isso — insistiu.

— Mas acontece que eu quero esperar! Agora saia de cima de mim, porra! — dessa vez eu gritei, e finalmente ele me ouviu, levantando-se de supetão.

Caminhou de um lado para o outro do minúsculo cômodo, passando os dedos entre os cabelos, a irritação evidente na expressão do seu olhar,

enquanto eu me sentava, desamassava meu vestido e tentava arrumar meus cabelos emaranhados.

Até que finalmente Elias parou e se virou para mim.

— Me desculpe, acho que perdi a cabeça — disse.

Levantei-me e me aproximei dele, fazendo uso de todo o meu empenho para me agarrar ao meu lado compreensivo e não mandá-lo ir para a puta que pariu.

— Está tudo bem. Essas coisas acontecem — murmurei, reprimindo a raiva — Vamos esquecer isso.

Ele passou os dedos entre os cabelos negros, cacheados, mais uma vez.

— Eu admito que fui longe demais, que passei dos limites, mas continuo querendo ter você antes do casamento. Não vejo por que esperar, se já somos um do outro.

Ele deu um passo na minha direção, fitando-me com aquela luxúria incontrolável nos olhos, e recuei alguns passos.

— Nós somos um do outro, mas é importante para mim esperar. Além disso, falta pouco tempo. Assim que o verão terminar, teremos dinheiro suficiente para alugarmos uma casa. Você mesmo vive dizendo que não tem condições de manter uma casa agora.

Ele suspirou, resignado.

— Está certo. Estou juntando dinheiro para construirmos nosso lar. No final desse verão terei o suficiente para formarmos a nossa família.

— Tá vendo só? Falta pouco para que sejamos um do outro — fui até ele e dei-lhe um beijo casto no rosto, sentindo todos os músculos dele enrijecerem — Preciso ir. Começo cedo no trabalho amanhã.

— Quer que eu te leve até a vila?

— Não precisa. De lambreta chego rapidinho.

— Boa noite.

— Boa noite.

Com isso, deixei o quartinho, atravessei o clube enorme à beira-mar, abarrotado de gente, onde ele trabalhava, peguei a lambreta e fui direto para a vila.



CAPÍTULO 16

Chegando à vila, atravessei a casa escura e silenciosa na ponta dos pés até o alojamento dos funcionários, nos fundos. Só quando me acomodei na cama, saquei o celular para checar as mensagens.

Entre elas, havia uma da Sra. Papadopoulos, avisando que Helene, a cozinheira, precisaria faltar ao trabalho no dia seguinte para acompanhar o marido doente ao hospital, e eu teria que assumir o lugar dela.

Até aí, tudo bem. Eu já havia assumido a cozinha várias vezes antes. O problema era que a família receberia convidados, então eu precisaria preparar algo requintado e em grande quantidade.

Puta que pariu! Se pelo menos eu tivesse visto a mensagem mais cedo, quando minha chefe a enviara no início da noite, teria me antecipado e iniciado os preparativos para um almoço mais elaborado.

Por outro lado, ainda não era tarde. Eu estava mesmo sem sono. Podia adiantar bastante as coisas para que ficasse mais fácil preparar tudo no dia seguinte, afinal, a ajudante de cozinha apenas lavava a louça, o trabalho pesado ficaria todo comigo.

Com esses pensamentos, troquei o vestido florido por um conjunto de moletom confortável, arregacei as mangas, e fui para a cozinha.

Decidi preparar *tzatziki* e *melitzanosalata*[9] para a entrada, *moussaka*[10] e cordeiro assado com batatas para o prato principal e *baklava*[11] com arroz doce para a sobremesa. Deixaria os acompanhamentos para iniciar no dia seguinte, para manter os vegetais frescos.

Comecei tirando o cordeiro do freezer, sentindo o frio gelado contra minha pele enquanto o colocava sobre a bancada para descongelar. Depois, coloquei o feijão verde no fogo.

A cozinha estava silenciosa, exceto pelo ruído distante das ondas do mar batendo nas pedras da costa, misturando-se ao som baixo da música em meu fone de ouvido colocado em uma orelha apenas.

Com movimentos precisos, separei os ingredientes frescos do *tzatziki*, sentindo o aroma refrescante do pepino e do alho que logo tomariam conta do ambiente.

Foi então que ouvi passos sorrateiros, um som quase imperceptível que fez meu coração acelerar instantaneamente. Tirei o fone do ouvido com um movimento brusco, o silêncio repentino amplificou a tensão no ar.

Virei-me lentamente, sentindo cada músculo do meu corpo enrijecer, quando vi uma figura emergindo da sala escura, como se fosse uma sombra materializando-se diante dos meus olhos.

— O que faz acordada a essa hora? — indagou Stefanos, avançando pela cozinha.

Ele estava descalço, usando apenas uma calça folgada de pijama, frouxa em seus quadris. Os cabelos estavam desalinhados, o rosto sonolento, e nunca na minha vida algo ou alguém me pareceu tão sexy e atraente quanto aquele homem.

Seu peito peludo estava em evidência, os braços se revelavam mais musculosos do que pareciam sob as roupas, e o abdômen era marcado por uma trilha de pelos loiros que sumia no cós da calça, onde se podia ver o início de uma camada de pelos mais densa.

Eram os pelos pubianos dele. *Minha nossa!*

Percebi que meus olhos se fixavam naquela parte do seu corpo e me apressei em virar para o outro lado.

— N-nada, só adiantando o almoço de amanhã — gaguejei, embaraçada. — E você, por que não está em algum clube fazendo farras?

— Nem todos os dias eu faço farras.

— A loira sueca deve estar sentindo sua falta — cacete! Por que diabos eu estava falando sobre isso?

— Eu não dormi com ela, se é o que está querendo saber — ele aproximou-se mais um passo, se colocando perto de mim a ponto de o cheiro gostoso do seu perfume alcançar minhas narinas, afetando meu raciocínio, invadindo os meus sentidos — Até gosto de loiras, mas nesse momento meu pau está com fome de comer uma xoxotinha morena.

Parei o movimento da faca sobre o pepino que descascava e virei-me para encará-lo, sentindo-me completamente chocada e abismada com o tamanho do seu descaramento, com o meu queixo caído no chão.

Será que ele era assim tão atrevido com todas as mulheres, ou apenas tinha cismado comigo?

— Por que está me olhando assim? — continuou ele — Seu namorado não fala putarias para você?

— Será que dá pra você levar a sua... devassidão para quem queira ouvi-la? Tenho muito o que fazer aqui — dito isto, virei-me novamente, concentrando-me em descascar os pepinos.

Stefanos foi até a torneira, encheu um copo com água e voltou a se encostar na bancada onde eu trabalhava, perto demais de mim.

— Esse cara que você namora deve ser um santo. Ou então é brocha, para ter deixado você voltar tão cedo de um encontro. No lugar dele, eu estaria te comendo até agora, bem gostoso, te fazendo gozar e gemer pra caralho.

— Você não tem vergonha na cara?! — esbravejei, asperamente, impacientando-me — Vá falar as suas imoralidades para quem esteja interessada em ouvi-las!

Os lábios dele se esticaram em um sorriso tão genuíno que alcançou seu olhar.

— Imoralidades?! Essa palavra ainda existe?!

— Não existe para pessoas como você, que jamais entenderiam o significado dela.

— Não me diga que não gosta de fazer umas “imoralidades” de vez em quando, que não aprecia sentar-se e rebolar num pau grande, grosso e bem duro; que não curte sentir a lambida de uma língua no seu grelinho enquanto dois dedos a penetram na frente e atrás ao mesmo tempo; que não se derrete toda quando está com um pau bem grosso na boca.

Quanto mais ele falava, mais estarrecida eu ficava, não apenas pelo teor obsceno e inapropriado das suas palavras, mas pelo calor lascivo que elas desencadeavam na altura do meu ventre, um calor indesejado, que se espalhava lentamente pelo meu sangue, quase me fazendo perder o ar.

Minha nossa! Que poder desconhecido era esse que aquele homem exercia sobre mim?

— Já chega disso! — determinei, firmemente, interrompendo mais uma vez minha tarefa e virando-me para fitá-lo de frente — Realmente não estou interessada nas suas vulgaridades, além disso, preciso fazer o meu trabalho e você está atrapalhando. Portanto, se puder me dar licença, eu agradeço.

Ele não fez menção de se retirar, ao invés disso olhou para os ingredientes sobre a bancada, como se estivesse vendo-os ali pela primeira vez.

— Por que diabos você está cozinhando a essa hora da noite? — indagou.

— Não que seja da sua conta, mas a Sra. Papadopoulos receberá convidados amanhã e a cozinheira da vila não poderá vir trabalhar. Eu assumirei o lugar dela. Estou adiantando as coisas por aqui, para que não haja correria amanhã.

Ele olhou para o pernil descongelando e para a panela de pressão no fogo.

— O que vai preparar?

— *Tzatziki, melitzanosalata, moussaka* e cordeiro assado, além das sobremesas. Vou deixar tudo encaminhado. Como pode ver, tenho muito trabalho por aqui.

— Garota, hoje é o seu dia de sorte. Eu sou o rei da cozinha grega. Sei preparar todos esses pratos como ninguém.

— Ah, mas disso eu duvido muito.

— Posso saber por quê?

— Você tem cara de quem já nasceu dirigindo um carro de luxo e brincando com videogames que custam mais que meu salário. Jamais perderia tempo aprendendo a cozinhar.

— É aí que você se engana. Sou um ótimo cozinheiro e vou te provar. E nem se atreva a recusar, você precisa de ajuda aqui, não é hora de ser orgulhosa.

— Você não vai ficar na minha cozinha com suas putarias!

— Eu só quero ajudar. Se aceitar minha oferta, prometo me comportar.

— Acho que você desconhece o sentido dessa palavra também.

— Fala sério, Daphne. Você precisa de ajuda. Não seja orgulhosa e me deixe te auxiliar.

Suspirei resignada, ciente de que ele não pararia de insistir enquanto eu não cedesse. Além do mais, eu precisava mesmo de ajuda.

— O que você sabe sobre como preparar *moussaka*? — indaguei.

— Primeiro você corta e frita as berinjelas e batatas. Depois, cozinha a carne moída com cebola, alho, molho de tomate e temperos. Em seguida, faz um molho bechamel com manteiga, farinha e leite. Depois, organiza tudo em camadas em uma assadeira. Está bem assim, ou quer mais detalhes?

— Uau! Você sabe mesmo.

— Como eu disse.

— Está bem, pode me ajudar, mas primeiro terá que vestir uma camisa. Não quero um cabeludo soltando pelos na minha cozinha.

— Como queira, senhorita.



CAPÍTULO 17

Stefanos deixou a cozinha por alguns minutos e voltou usando uma camiseta branca folgada, que, ainda assim, delineava seus músculos bem definidos.

Respirei fundo, tentando me concentrar na tarefa à minha frente e não no homem irresistível ao meu lado. Stefanos se aproximou da bancada e começou a lavar as berinjelas, em silêncio.

— Certo, você cuida das berinjelas, e eu fico com o *tzatziki* — disse, tentando manter um tom de voz firme e profissional.

Enquanto eu ralava os pepinos, senti os olhos dele sobre mim. Cada vez que ele se movia, um calor estranho subia pelo meu âmago.

Ele começou a cortar as berinjelas com uma habilidade que me surpreendeu. Seus movimentos eram precisos, quase graciosos. O som da faca contra a tábua era ritmado, quase hipnótico.

— Você não estava brincando sobre ser um bom cozinheiro — comentei, tentando aliviar a tensão que sentia.

Ele riu.

— Eu disse. Minha mãe me ensinou desde cedo. Cozinha é o coração de uma casa, não é?

— É, eu acho que sim — concordei, misturando o iogurte com o pepino ralado e o alho. — Minha mãe também sempre dizia isso.

Por um momento, o silêncio se instalou, confortável. Sentia-me estranhamente à vontade com ele ali. Enquanto ele organizava as fatias de berinjela para descansar no tempero até amanhã, o cheiro delicioso enchia a cozinha, misturando-se ao aroma do alho e do pepino fresco.

— Você realmente sabe o que está fazendo — disse, não conseguindo esconder a admiração na minha voz.

Stefanos sorriu, de um jeito irresistivelmente malicioso.

— Que bom que finalmente reconhece. Agora, me diga, o que mais precisa ser feito?

— Temos que deixar a *moussaka* encaminhada — respondi — Já que você está tão adiantado, pode começar a cozinhar a carne moída.

Ele assentiu e começou a trabalhar. Observá-lo na cozinha era fascinante. Havia uma confiança em cada movimento, uma precisão que eu raramente via, mesmo nos chefs mais experientes.

E não era só isso, havia algo mais naquele homem, uma sensualidade crua, um charme irresistível no jeito como ele se movia, atraindo-me e enfeitiçando-me de tal maneira que eu não conseguia parar de o observar.

Enquanto ele cozinhava a carne, aproximei-me para pegar alguns temperos no armário ao seu lado. Quando passei, nossos braços se tocaram brevemente, e senti um choque elétrico percorrer meu corpo inteiro. Tentei ignorar, mas meu coração bateu descontroladamente.

O toque acidental, os olhares trocados, pareciam aumentar a tensão entre nós.

— Você está bem? — perguntou ele, com um sorriso provocante, claramente percebendo meu nervosismo.

— Sim, claro — respondi rapidamente, sentindo meu rosto queimar.

— Não parece — ele disse, ainda com aquele sorriso nos lábios. — Está nervosa por algum motivo?

— Não seja ridículo — retruquei, tentando manter a compostura. — Só estou concentrada no trabalho.

Stefanos riu novamente, um som baixo e rouco que fez meu estômago dar voltas.

— Você é divertida, Daphne. Eu gosto disso.

Eu estava prestes a responder algo sarcástico quando senti sua mão no meu ombro, firme e quente. Virei-me rapidamente, quase tropeçando nos meus próprios pés. Ele estava tão perto que podia sentir o calor do seu corpo, o cheiro da sua pele.

— Precisamos de um pouco mais de sal aqui — disse ele, segurando um pequeno pote de sal.

Tentei me afastar, mas a bancada atrás de mim impediu. Ele inclinou-se, nossos rostos quase se tocando. Senti meu coração acelerar, a respiração presa na garganta.

— Eu posso pegar — disse, minha voz soando mais fraca do que eu gostaria.

— Eu sei — ele respondeu suavemente, mas não se afastou.

Nosso olhar se encontrou, e o tempo pareceu parar. Por um momento, a cozinha, os ingredientes, o mundo inteiro desapareceram. Tudo o que existia era ele e eu, e a tensão palpável entre nós.

Até que ele finalmente se afastou, pegando o sal e polvilhando sobre a carne. A sensação do seu toque ainda estava comigo, uma sensação ardente que me queimava por dentro e me fazia querer desesperadamente ser tocada por ele mais uma vez, mais intimamente, o que era uma verdadeira loucura.

Terminamos de preparar a carne e começamos a montar a *moussaka*. Stefanos ajudou a fazer as camadas, nossas mãos se tocando frequentemente, cada minúsculo contato uma faísca que acendia algo profundo dentro de mim.

Finalmente, quando a *moussaka* estava pronta para ser assada no dia seguinte, me virei para ele, exausta e um pouco tonta com sua proximidade. Ele sorriu para mim, aquele sorriso que me desarmava completamente.

— Viu? Juntos conseguimos fazer tudo. — disse ele, seu tom de voz suave e sedutor.

— Sim, conseguimos — respondi, minha voz um pouco mais fraca do que gostaria.

Stefanos deu um passo à frente, suas mãos segurando meus braços, seu olhar fixo no meu.

— Essa noite foi uma das mais agradáveis que tive em muito tempo — disse com a voz rouca e baixa.

— Também gostei — admiti, sentindo meu coração acelerar um pouco mais.

Ele inclinou-se, seu rosto a centímetros do meu. Pude sentir sua respiração quente contra a minha pele, e simplesmente fechei os olhos, entregando-me ao mar de emoções que me consumia, contrariando toda a minha sensatez.

Achei que ele me beijaria, mas o toque dos seus lábios veio para a minha orelha. Mordiscou o lóbulo e desceu pela curva do meu pescoço, a palma da sua mão percorrendo os contornos da minha silhueta por cima do tecido do moletom.

O calor em meu sangue se transformou em brasas, incendiando-me de dentro para fora, algo umedecendo entre minhas pernas, um latejar insistente implorando pela mão dele ali.

Por Deus! O que estava acontecendo comigo? Onde estava meu autocontrole?

— Você é tão cheirosa e macia, Daphne. — sussurrou ele, seus lábios de encontro ao meu pescoço, o calor da sua respiração ofegante causando-me arrepios — Quero te sentar nessa bancada e me perder em você... não compreendo como algo tão errado pode parecer tão certo.

— Stefanos, por favor... — sussurrei, com um fio de voz — Eu sou comprometida, não posso fazer isso.

Me agarrando ao que restava do meu bom senso, fechei os punhos no peito dele e pressionei, fazendo com que se afastasse.



CAPÍTULO 18

Minha consciência pesava toneladas, por eu ter me negado a Elias, o cara que realmente me amava, para depois estar tão a fim de me entregar a um playboy que só queria me levar para a cama.

— Entendo — sussurrou Stefanos, seus olhos azuis a ponto de perfurar os meus, tão intenso era o ardor na sua expressão — Mas não me culpe por tentar. É o que nós dois queremos.

Balancei a cabeça, tentando clarear a mente. A tensão entre nós ainda era palpável, mas eu precisava manter o foco. Virei-me para a bancada, tentando encontrar algo para ocupar minhas mãos trêmulas.

— Não posso fazer isso com o homem com quem vou me casar — afirmei.

— Me desculpe a franqueza, mas você não ama seu namorado de verdade — suas palavras conseguiram me irritar, não apenas pela ousadia, mas porque talvez fossem verdadeiras.

— E o que você entende de amor? Provavelmente nunca levou nenhuma mulher a sério. Vai para a cama com todas e não assume nenhuma.

— Não pense que sabe tudo sobre mim, Daphne, porque você não me conhece nem um pouco.

Virei-me novamente para ele, com meus braços cruzados, como se eles fossem capazes de me proteger da tentação que aquele homem representava.

— Conheço muito bem caras como você, eles vêm à ilha todos os anos durante o verão. Ficam com várias mulheres, às vezes com mais de uma na mesma noite, e no dia seguinte mal se recordam do nome delas. Não tenho nada contra a forma como essas garotas decidiram levar suas vidas, mas não quero ser como elas. Essa é a minha decisão.

— Eu admito que já fiquei com mais de uma mulher na mesma noite, até porque ninguém é de ferro, mas te garanto que Stefanos Nicolaidis se lembra do nome de cada uma delas no dia seguinte, ou pelo menos da maioria — seu tom de voz era brincalhão, e embora tenha me irritado ainda mais, o seu sobrenome foi o que realmente me impactou.

— Nicolaidis? — repeti, mecanicamente — Esse é o seu sobrenome?

— Sim, por que o espanto?

— Você é irmão de Selene Nicolaidis?

A expressão brincalhona deixou o rosto dele como um passe de mágica, e sua fisionomia assumiu um aspecto subitamente sombrio, seu rosto estava sério como eu nunca tinha visto.

— De onde você conhece a minha irmã? — vociferou com os dentes trincados, seus olhos obscurecidos.

Abri a boca para perguntar se ele era tio de Thanos Nicolaidis, o garoto responsável pela morte do meu irmão, mas hesitei. Se ele era irmão de Selene, sem dúvida era tio de Thanos.

Provavelmente, estava na cidade em busca de vingança contra Michalis, sem saber a verdade sobre aquela maldita noite, como ninguém mais sabia. Toda a cidade desconhecia os verdadeiros acontecimentos que marcaram aquela tragédia.

Como Michalis pôde me deixar a sós com esse cara, sem me alertar sobre sua identidade? Questionei-me, abraçando-me para tentar aliviar o frio repentino que se apoderava de mim.

— Eu fiz uma pergunta! De onde você conhece a minha irmã? — exigiu Stefanos, com aspereza.

— De vista, apenas. Em Mykonos, todos se conhecem de algum modo. Você nasceu aqui, deveria entender isso.

— Mentira! Há mais nisso. Você se alterou quando mencionei meu sobrenome. O que você tem contra a minha família? — sua voz soou tão áspera que um arrepio me percorreu a espinha.

— Você está equivocado. Não me alterei, estou apenas exausta. Com licença, preciso descansar.

Tentei sair pela porta, mas Stefanos foi mais rápido. Segurou-me pelo braço e puxou-me com brusquidão, recostando-me na parede e encurralando-me ali, aprisionando-me entre o concreto e seu corpo sólido como uma rocha.

O ardor com que ele me fitava antes havia dado lugar a uma expressão agressiva, furiosa, que me apavorava.

— Nossa conversa ainda não terminou, garota! Você vai me dizer qual a sua ligação com a minha família e com o assassino do meu sobrinho — vociferou, com seus dentes trincados, seu olhar reluzente da mais incontrolável fúria.

Pensei seriamente em gritar por socorro, mas o que ia dizer depois de acordar a casa inteira? Que Stefanos me ajudara com o preparo do almoço e depois quis saber sobre minha ligação com a morte do seu sobrinho?

Obviamente esse assunto levantaria a suspeita de todos sobre o que realmente aconteceu naquela noite. Seria melhor deixar o passado enterrado.

— Eu não tenho ligação nenhuma com essas pessoas — menti, e ele pressionou seu corpo mais firmemente no meu, quase me esmagando contra a parede. Suas mãos voltaram a percorrer minhas curvas, com mais agressividade dessa vez — Me solta, ou vou gritar — ameacei.

— Pode gritar, quero ver você explicando a todos que tem um namorado, mas é amante e cúmplice de Michalis Kazantzidis.

Puta merda! Então era mesmo isso que ele pensava de mim? E eu aqui me derretendo toda por causa dos seus dotes culinários.

— Eu não sei de onde você tirou que sou amante de Michalis, mas isso não é verdade.

— Eu vi a forma como vocês dois se encaram de longe quando se veem. Aquilo é muito íntimo. Você estava lá quando ele tirou a vida do meu sobrinho?

Definitivamente, Stefanos estava no escuro em relação a esse assunto, como todos na cidade, sem saber o que realmente aconteceu quando seu sobrinho e meu irmão perderam a vida.

— Eu não tenho nada com Michalis. Você está mais do que enganado. Agora faça o favor de me soltar! — eu o empurrei, mas ele não se moveu.

— Por que escolheu Michalis para abrir as pernas? Gosta de homens velhos? — continuou — Eu sou onze anos mais velho que você. Posso te mostrar que sei fazer mais gostoso que ele, basta me convidar para ir ao seu quarto — ele fechou uma mão na parte de trás do meu cabelo e segurou meu queixo com a outra, aproximando sua boca da minha, seus olhos obscurecidos fixos nos meus — Vamos, Daphne, me convide para o seu quarto, é isso que você quer.

— Nunca!

— Não tem por que adiar o inevitável, você será minha e eu serei seu. Me convide para conhecer seus aposentos.

Ele puxou minha cabeça para trás e se inclinou um pouco mais, tomando meus lábios com uma urgência absurda, quase agressiva, sua boca se movendo na minha, seus dentes batendo nos meus, em um beijo que incendiou todos os meus sentidos de uma só vez.

Meu coração disparou no peito, e uma mistura de emoções avassaladoras tomou conta de mim, como se um turbilhão estivesse se formando dentro do meu corpo.

Seus lábios eram quentes e firmes contra os meus, e seu beijo era uma mescla de raiva e desejo que me deixou atordoada.

Senti minha pele inteira arder de desejo, enquanto o calor se espalhava por todo o meu corpo, e percebi, com um choque, que estava correspondendo ao beijo, mesmo sem pensar.

Minhas mãos, que antes o empurravam, agora se agarravam aos seus ombros, puxando-o para mais perto. A sensação de seu corpo sólido e quente contra o meu se tornou avassaladoramente excitante, luxuriosa demais.

Podia sentir o batimento acelerado do seu coração, que parecia ecoar o meu próprio. Ele passou os braços ao redor da minha cintura, e a força deles me fez sentir segura de uma forma que eu não conseguia explicar.

Meu cérebro lutava para compreender o que estava acontecendo, mas meu corpo parecia ter assumido o controle, respondendo aos instintos

mais primitivos.

O gosto de Stefanos era uma mistura de sal e algo mais que eu não conseguia identificar, mas que era inebriante. Os movimentos dos seus lábios e língua pareciam incendiar novas chamas dentro de mim, e percebi, com uma pontada de medo, que não queria que ele parasse.

No entanto, eu precisava ser racional, não podia simplesmente me entregar a outro homem, sendo uma mulher comprometida com alguém tão maravilhoso quanto Elias.

Me agarrando a tal pensamento, finalmente consegui reagir e apartei nossas bocas, virando o rosto, ao mesmo tempo em que empurrava Stefanos pelo peito.



CAPÍTULO 19

Quando finalmente nos separamos, Stefanos e eu estávamos igualmente ofegantes. Minha cabeça girava com a intensidade do momento. Nossos olhos se encontraram, e pude ver, na sua expressão, a mesma miríade de surpresa e confusão que tomava conta de mim, algo que não consegui compreender, já que, diferente de mim, ele havia planejado aquilo e sabia exatamente o que estava fazendo. Ainda assim, ele parecia tão chocado quanto eu com a intensidade daquele beijo.

Minha mente estava um caos de emoções conflitantes. Raiva, desejo e confusão se misturavam de uma maneira que eu nunca tinha experimentado antes.

Impulsionada por um ímpeto incontrolável, levantei a mão e desferi uma sonora bofetada no rosto de Stefanos. Apesar de ter colocado toda a minha força no golpe, ele não demonstrou qualquer sinal de abalo.

— Nunca mais toque em mim! — exigi, sem fôlego, tentando recuperar o controle sobre mim mesma.

— Não seja covarde! Você queria isso tanto quanto eu! — rebateu ele, rispidamente.

— Você é louco! — acusei.

— Talvez eu seja — ele respondeu, seu olhar ainda fixo no meu, a respiração pesada — Mas você também não está exatamente em sã consciência agora, não é?

Não pude responder. Meu coração ainda martelava no peito, e minha mente lutava para processar as sensações que o beijo dele tinha despertado em mim.

Eu nunca havia sentido algo tão intenso, tão visceral, e a ideia de que outro homem, que não aquele com quem me casaria, tivesse o poder de me fazer sentir dessa forma, era completamente desconcertante.

— Isso não pode voltar a acontecer — sussurrei, com minha voz trêmula.

Antes que ele tivesse tempo de abrir a boca para dizer mais alguma coisa, dei meia-volta e saí correndo, meu coração martelando ferozmente no peito, aquela miríade de medo e desejo ainda correndo em minhas veias.

Enquanto atravessava o espaço que separava a casa do alojamento dos funcionários, a penumbra e o silêncio da noite pesavam sobre mim. Receosa de que Stefanos pudesse estar me seguindo, apressei o passo até chegar na segurança do meu quarto.

Tranquei a porta e atirei-me na cama. Respirei diversas vezes, profundamente, tentando acalmar meu coração agitado.

Foi então que as palavras de Stefanos, proferidas antes de nos beijarmos, voltaram à minha cabeça, deixando-me alarmada.

Considerando a reação exacerbada que ele teve quando perguntei se era irmão de Selene, era provável que estivesse em Mykonos por causa do que aconteceu a Thanos, e Michalis precisava saber disso.

Com tais pensamentos, peguei o celular e digitei rapidamente uma mensagem para o meu amigo:

Daphne: *"Você está acordado?"*

Michalis demorou a responder. Talvez estivesse dormindo, o que era improvável, já que frequentava a orla quase todas as noites durante a temporada turística.

Enquanto esperava, fechei os olhos, e as lembranças da terrível noite em que meu irmão foi assassinado invadiram minha mente, trazendo consigo uma dor aguda que parecia nunca me abandonar.

Nikolas tinha apenas três anos a mais que eu, e perdeu sua vida de maneira trágica e inesperada. Uma bala roubou-lhe a chance de construir

um futuro, de realizar os tantos sonhos que ele tinha.

Um nó se formava em minha garganta, as lágrimas ameaçavam aflorarem, quando a vibração do celular anunciou a chegada da mensagem de Michalis e peguei o aparelho.

Michalis: "*Estou sim, meu amor. Cheguei há pouco da orla, mas não consigo dormir. E você, por que ainda está acordada a essa hora?"*

Daphne: *"A Sra. Papadopoulos receberá convidados amanhã, e eu estava adiantando o almoço. Por que você não me disse que o homem com quem me viu dançando no clube é tio de Thanos?"*

Michalis: *"Porque achei vocês dois tão lindinhos juntos, e não quis estragar as coisas criando um clima ruim."*

Daphne: *"Ele acha que somos amantes e que sou sua cúmplice."*

Michalis visualizou minha mensagem e demorou um instante para responder.

Michalis: *"Por que ele acha isso?"*

Daphne: *"Percebeu que nos olhamos com afeto, de longe."*

Michalis: *"Se você quiser contar a verdade a ele, pode ir em frente."*

Daphne: *"Eu jamais faria isso. Jamais destruiria sua carreira e os seus sonhos dessa forma."*

Michalis: *"Por você eu abriria mão de tudo, inclusive dos meus sonhos, e você sabe disso. Se você gosta de Stefanos, conte tudo a ele. Não deixe que o passado azede as coisas entre vocês."*

Daphne: *"O que?! Não! Não há nada entre mim e Stefanos. Esse cara é só mais um playboyzinho cheio da grana achando que pode se dar bem comigo."*

Aquela constatação causou-me um gosto amargo na boca. Por um breve instante de insensatez, desejei que Stefanos quisesse mais de mim, do que apenas mais uma transa.

Michalis: *"Você não parecia muito avessa a ele quando estavam dançando, pelo contrário."*

Daphne: *"Esquece esse assunto, meu coração é de Elias e somente dele. Agora me diga, você não acha que Stefanos pode estar na ilha para tentar se vingar de você?"*

Michalis: *"Acho que sim, mas não vou falar a verdade. Talvez eu mereça o que ele tem reservado para mim."*

Daphne: *"Não diga isso. Você não tem culpa do que aconteceu e sabe disso."*

Michalis: *"Você pensa assim porque tem um grande coração, e é por isso que te amo tanto. Mas aos olhos dos outros, e aos meus olhos, sou responsável por aquela tragédia."*

Daphne: *"Não pense mais nisso. Tente descansar um pouco. Vou fazer o mesmo. Boa noite."*

Michalis: *"Boa noite, durma bem".*

Com isso, coloquei o celular no carregador, tomei um banho rápido e me aninhei sob os lençóis da cama. As lembranças de Stefanos, a forma impetuosa como me beijara e me segurara contra a parede, quase fundindo seu corpo ao meu, recusavam-se a deixar minha mente, impedindo que o sono viesse.

As horas passavam e eu não conseguia parar de pensar nele nem por um minuto. Pensava na forma gentil como agiu na cozinha, antes de me falar seu sobrenome, e na agressividade desmedida que demonstrara em seguida.

Era evidente que ele estava consumido pelo ódio, devido à morte do sobrinho, e eu só podia esperar que não dirigisse esse rancor a Michalis, pois meu velho amigo estaria em sérios problemas.

A noite se arrastava e o turbilhão de pensamentos continuava a povoar minha mente, a culpa me espezinhava, pelo fato de eu ter gostado tanto daquele beijo, mas principalmente por não conseguir me arrepender de ter cedido, mesmo sendo comprometida.

Eu me sentia abalada, confusa e vulnerável, por ter traído o cara que vinha sendo meu melhor amigo e namorado desde a adolescência. Elias não merecia o que eu havia feito com ele.

Apesar do remorso, eu não conseguia me arrepender de ter cedido a Stefanos, e isso era o que mais estava acabando comigo.

Eu precisava ficar longe desse homem, não apenas para proteger o segredo de Michalis, mas para me proteger do desejo descontrolado que sentia por ele.

Embora eu não tivesse dormido mais que duas horas durante a noite, o almoço do dia seguinte foi um verdadeiro sucesso. Com a ajuda de Lyra, a auxiliar de cozinha, e de mais duas empregadas, servi a mesa com o requinte exigido pelos Papadopoulos e recebi elogios pela comida que havia preparado. Não me senti encorajada a revelar que tivera ajuda.

A família Papadopoulos não estava recebendo simples convidados, e sim parentes que tinham vindo de longe para passar o verão na ilha e se hospedariam na vila.

Entre eles, estavam um primo da minha chefe — um viúvo de cara amarrada, que conseguia ser lindo mesmo aos quarenta anos —, junto com suas três filhas, e um irmão do meu chefe, com sua esposa e os dois filhos pequenos.

Todos conversavam muito animados à mesa, com exceção de Stefanos, que se mantinha o tempo todo com a fisionomia fechada, lançando-me olhares fulminantes, como se quisesse me incendiar viva.

Ele realmente acreditava que eu era cúmplice e amante de Michalis. Não poderia estar mais enganado.

Após o almoço, organizei tudo na cozinha e me isolei no sossego do meu quarto, a fim de evitar a proximidade de Stefanos.

Eu não o temia pelo que ele pudesse fazer, mas sim pelo descontrole que me invadia quando olhava em seus olhos, ou mesmo ouvia o som da sua voz.

Eu ainda podia sentir o gosto do beijo dele, a sensação das suas mãos fortes me percorrendo e isso era perturbador.



CAPÍTULO 20

Respirei fundo o aroma salgado do mar enquanto meus pés batiam contra o caminho de terra, onde eu me exercitava nas proximidades da vila.

O céu estava tingido com o azul profundo do amanhecer, e as ondas beijavam suavemente a areia, num ritual tão antigo quanto o próprio tempo, que me fazia relembrar minha infância naquele lugar.

Ainda era cedo, e eu já tinha ido visitar minha irmã. Desde a morte de Thanos ela vivia isolada em casa, acometida por uma depressão profunda, por ter perdido o único filho, sendo cuidada por enfermeiras que se revezavam.

O assassinato de Thanos não destruiu apenas a vida dele, mas também a da minha irmã, uma mulher que antes era radiante e cheia de vida. Mas eu faria com que Michalis pagasse por ter tirado tudo de nós.

Desde o dia em que pisei em Mykonos neste verão, eu vinha tentando fazer justiça, porém, sem obter nenhum êxito. Tentei inúmeras vezes denunciar Michalis às autoridades, mas minhas tentativas foram em vão.

Ninguém me ouvia ou aceitava minhas denúncias, pois Michalis possuía imunidade judicial e era protegido pelo seu partido político. Isso tornava impossível que qualquer acusação contra ele prosperasse, não importava o quanto eu tentasse agir dentro da lei.

Minha única opção para que a justiça fosse feita, seria levar Daphne para a cama, gravar nossos momentos íntimos e mostrar essas imagens ao demente do Dimitrius. Assim, Michalis seria exonerado do seu cargo de juiz e finalmente punido pelo seu crime.

Continuei correndo ao longo da orla, com os músculos aquecidos pelo esforço e o sangue quente nas veias, não só pelo exercício. Desde que beijei Daphne na cozinha, há alguns dias, eu não conseguia parar de pensar nela.

A suavidade da sua pele, o sabor adocicado de seu hálito, a maneira como seu corpo hesitara e depois cedera ao meu, tudo me atormentava com uma doçura torturante. Não seria nenhum sacrifício torná-la minha, pelo contrário, seria gostoso demais foder com ela até me cansar.

Não sentiria nenhum remorso em gravar nossas noites de intimidade e mostrá-las a Dimitrius. Apesar de ser gostosa pra caralho, Daphne era uma hipócrita, tentando passar a todos a imagem de uma santinha, quando, na verdade, era amante e cúmplice de um assassino.

Depois da reação dela ao ouvir meu sobrenome, minhas suspeitas se confirmaram: ela realmente estava envolvida na morte de Thanos, junto com Michalis. Expor nossa intimidade para o perturbado do meu amigo seria pouco perto do que ela realmente merecia.

Meu peito se agitou com a ideia, e o ritmo das minhas passadas aumentou involuntariamente. O suor escorria pela minha testa, marcando um caminho até o pescoço e infundindo minha pele com a maresia.

O sol já escalava mais alto, lançando sua teia dourada sobre o mar, transformando-o em um cobertor de centelhas brilhantes. Eu queria mergulhar naquela imensidão azul e deixar que suas águas levassem embora todas as lembranças ruins, inclusive, a morte do meu sobrinho, um menino de apenas vinte anos, que teria toda uma vida pela frente.

Com meus pensamentos tumultuados, interrompi a corrida e voltei para a vila. Como sempre, as portas estavam abertas e fui entrando. O aroma de limão e pinho, partido de produtos de limpeza alcançou-me antes mesmo que eu adentrasse a sala de estar, onde me deparei com uma cena que me fez paralisar.

Daphne estava ajoelhada, esfregando o chão com dedicação, sua figura curvada num trabalho árduo, enquanto Dimitrius se mantinha sentado em um sofá ali perto, observando-a quase sem piscar os olhos. Uma das mãos dele estava espalmada sobre o volume na parte da frente da sua bermuda, revelando que ele sustentava uma ereção.

O cenário diante de mim incendiou meu sangue, fervendo em minhas veias com uma fúria incontrolável que consumia meu ser. Uma voracidade assassina apoderou-se de mim, impelindo-me a desfigurar o rosto de Dimitrius com punhos cerrados até que o último sopro de vida o abandonasse.

No entanto, com muito esforço, consegui me conter e permaneci onde estava.

— Você fica tão gostosa quando está de joelhos — disse Dimitrius, sua voz carregada de insinuações repugnantes — Devia me deixar te mostrar tudo o que dá pra fazer nessa posição. Você ia adorar.

Nem ele e nem Daphne haviam notado minha presença.

— Vai se ferrar, seu pervertido! — rebateu Daphne, firme como sempre — Se nós dois fôssemos os últimos sobreviventes do planeta, com certeza a raça humana ia ser extinta por falta de reprodução.

— Um dia eu vou me cansar dos seus insultos e te levar à força para o meu quarto. Você vai se debater no início, mas depois vai gemer de prazer no meu pau. Pode ter certeza.

A vulgaridade nas palavras dele era um tapa na cara, um insulto ao ar que respirávamos.

O desconforto de Daphne era visível em seu olhar fugidio e na maneira como suas mãos tremiam ligeiramente, apesar de seus esforços para esconder a perturbação.

— Acho que vou deixar essa limpeza para quando a sala não estiver contaminada pela radiação da sua presença — disse ela, levantando-se com pressa, o rosto corado não apenas pelo esforço físico, mas pela situação constrangedora.

Eu deveria intervir, mas algo me deteve. Um conflito interior entre a ira que fervilhava em minhas veias e a consciência de que qualquer ação agora poderia motivar Dimitrius a desistir do nosso acordo.

No entanto, Dimitrius foi ainda mais longe e levantou-se também, rondando Daphne como um predador faminto, impedindo-a de sair da sala.

— Queira ou não, você é minha empregada, se eu digo que quero essa sala limpa agora, você apenas faz o que eu mando — continuou o sem-noção.

Mesmo trêmula, Daphne conseguiu erguer o queixo com obstinação.

— Como você é pateta. Já te disse mais de mil vezes que não sou sua funcionária, e sim da sua mãe. Aliás, se você ainda tem alguma dúvida a esse respeito, podemos perguntar a ela. Mas vou logo avisando que ela não vai ficar nada satisfeita em saber que você está me assediando de novo. O que foi mesmo que ela disse da última vez? — Daphne encenou uma expressão reflexiva — Ah, lembrei: ela disse que vai me levar pessoalmente à delegacia da mulher para denunciar você. O que acha disso?

O rosto de Dimitrius ficou vermelho de raiva. Ele se colocou diante de Daphne, fitando-a de muito perto, com expressão ameaçadora.

— Como você é covarde! Não sabe se defender sozinha? Tem que recorrer à minha mãe?

— Insetos como você precisam ser corrigidos pela mãe.

— Vou te mostrar quem é o inseto quando meu pau estiver todo enfiado em você.

— Eu não tenho que ouvir isso. Com licença.

Quando Daphne tentou se virar para sair, o psicopata segurou-a pelos ombros e a puxou de encontro a si, ameaçando beijá-la à força.

Foi então que senti o sangue ferver mais escaldante nas veias, uma tempestade de emoções clamando por libertação. Meus punhos cerraram-se sem que eu percebesse, e um rugido silencioso ecoou em minha mente, consumindo toda a lógica.

— Solta ela, porra! — bradei, irrompendo na sala com a autoridade de um furacão — Deixe-a em paz, Dimitrius. Mostre algum respeito!

Meu peito subia e descia com respirações pesadas, as batidas do meu coração pareciam um martelo incessante.

Eu via Daphne ali, seus olhos negros capturando a luz do sol que se infiltrava pela janela, fazendo-os brilhar como duas joias preciosas num rosto de pura dignidade, que em nada se parecia com o rosto de uma mulher que mente e engana.

— E quem você pensa que é pra se intrometer em um assunto que não te diz respeito? — indagou Dimitrius, soltando Daphne com uma raiva mal disfarçada.

— Sou o sujeito que costuma quebrar a cara de covardes abusadores como você — respondi.

A perplexidade misturou-se à raiva na expressão de Dimitrius, enquanto ele deslocava seu olhar entre o meu rosto e o de Daphne. Até que por fim sua boca se curvou em um sorriso claramente forçado, com o intuito de não admitir que era mesmo um abusador.

— Que abusador o que, cara? — soltou, com falsa descontração — Eu só estava brincando. Daphne trabalha aqui há anos. Estamos acostumados a brincar um com o outro. Não precisa ser tão dramático.

— Não é drama. Você estava a desrespeitando, porra!

Dimitrius soltou uma risada abafada, como se a seriedade das minhas palavras fosse nada mais que uma brincadeira de criança. Ele inclinou a cabeça para o lado, um sorriso sarcástico distorcia suas feições.

— Stefanos, você está atuando? Isso é algum tipo de performance para impressionar Daphne? Porque nós dois sabemos os planos que você tem reservados para ela.

Daphne e eu nos entreolhamos.

— Como assim? Que planos são esses? — indagou Daphne — Do que vocês estão falando?

— Vá em frente, Dimitrius. Conte a ela — incentivei, nem um pouco temeroso que ele falasse a verdade.

Se de uma coisa eu tinha certeza, era que Dimitrius não desfaria nosso pacto assim tão facilmente, a troco de nada, afinal, recuperar seu orgulho ferido pelo desprezo de uma empregada era mais importante para ele que qualquer outra coisa nessa vida.



CAPÍTULO 21

Dimitrius encarou-me em silêncio durante um longo momento, analisando-me, sondando se eu estava blefando, até perceber que não.

— Contar o que a mim? — exigiu Daphne.

— Não é nada — Dimitrius falou — Só acho que ele quer te levar para a cama como todos os outros homens dessa cidade.

Daphne alternou seu olhar entre meu rosto e o dele, claramente desconfiada, mas não insistiu no assunto.

— Querem saber, eu tenho mais o que fazer. Com licença — dito isto, ela deu meia-volta e se dirigiu para a porta, saindo da sala, enquanto o demente mantinha o olhar fixo na bunda dela dentro do uniforme.

Era mesmo um obcecado.

Quando voltou a me encarar, a fisionomia dele estava contraída de raiva.

— Que porra você pensa que estava fazendo, caralho?! — esbravejou, alterado — Nós temos um acordo, mas isso não inclui você se intrometer nos meus assuntos com Daphne!

Um tremor de puro ódio varreu o meu corpo e mais uma vez precisei me esforçar para conter o impulso de socar a cara daquele psicopata dos infernos. Ele era minha única chance de atingir Michalis, eu não podia desperdiçá-la.

Sendo assim, reprimi a raiva e forcei um sorriso.

— Era teatro, porra! — menti, forçando uma risada — Queria passar uma vibe de herói protetor pra garota. Assim ela vai entrar ainda mais na minha.

Dimitrius me observou em silêncio por um instante, a desconfiança estava evidente no brilho de seus olhos. Embora não estivesse totalmente convencido de que eu estava fingindo um comportamento heroico para impressionar Daphne, ele decidiu entrar no jogo.

— Espero que tenha dado certo. Mulher se impressiona facilmente com essas coisas — disse ele.

— Com certeza deu certo. Ela deve estar toda apaixonadinha agora.

— Não sei não. Essa garota é difícil. Já faz dias que você está aqui e ainda não conseguiu nada com ela.

Droga! Eu precisava dar algo a ele para que sequer cogitasse encerrar nosso acordo.

— É aí que você se engana.

Ele me olhou com mais interesse.

— Como assim? Já conseguiu alguma coisa?

— Ainda não chegamos aos finalmentes, mas nos beijamos outra noite na cozinha. Agora é questão de tempo até ela abrir as pernas para mim.

— Vocês se beijaram, é? — ao contrário do que eu esperava, ele não pareceu muito animado com a novidade.

Era mesmo obcecado por Daphne e isso me fazia temer pela segurança dela.

— Claro. Estou cumprindo minha parte do nosso acordo. Assim que te entregar as imagens dela gemendo no meu cacete, quero a exoneração de Michalis. Espero que você não volte atrás com o que combinamos.

— Eu jamais voltaria. Quero ver essa puta rebolando em um pau igual a uma cadela no cio.

As palavras dele fizeram a raiva aflorar em mim com uma intensidade quase incontrolável, e mais uma vez me forcei a reprimi-la.

— E vai ver. Me dê mais uma semana e resolvo tudo. Agora vou lá jogar charme pra ela.

Dei um tapinha nas costas de Dimitrius e deixei a sala, seguindo pela mesma direção por onde Daphne fora. Por mais que tentasse evitar sentir qualquer emoção em relação àquela garota, não conseguia parar de pensar em como ela provavelmente estava se sentindo mal após o assédio daquele doente mental.

No entanto, minha preocupação com seu bem-estar não era profunda o suficiente para eu desistir de fazer um filme pornô com ela e entregar as imagens ao Dimitrius. Eu estava sedento por justiça e essa era a única forma de obtê-la.

Daphne se recuperaria dessa exposição com o passar do tempo. Talvez até fosse melhor assim, pois a impulsionaria a pedir as contas do trabalho e se libertar de uma vez por todas do assédio de Dimitrius.

A encontrei no jardim, usando um limpador com rede para tirar as sujeiras que boiavam nas águas claras da piscina. Seus cabelos estavam soltos, os cachos generosos balançavam ao sabor do vento, enquanto o sol da manhã banhava sua pele, tornando-a ainda mais luminosa e sedosa.

Caralho! Ela era linda pra cacete, com aquela boca extravagantemente carnuda, os olhos ligeiramente puxadinhos nos cantos, e o corpo cheio de curvas sutilmente ressaltadas pelo uniforme branco.

Devia ter cerca de um metro e sessenta de altura. Sua postura altiva anunciava que era o tipo de mulher que não levava desaforo para casa.

— Você está bem? — indaguei, aproximando-me.

Ela não interrompeu sua tarefa, tampouco desviou seu olhar do que fazia para fitar o meu rosto.

— Não aja como se você se importasse — foi a sua resposta.

— Me importo mais do que você imagina — *"E muito mais do que gostaria"* — Não entendo por que você atura as investidas daquele safado do Dimitrius.

— Porque preciso do emprego.

— Não arranja trabalho em outro lugar?

— Em todos os lugares existem homens como ele. Quando se nasce mulher, não tem como fugir desses folgados.

— Nossa! Você generalizou mesmo as coisas! — exclamei — Nem todos os homens são como Dimitrius.

Por fim, ela parou o que fazia e virou-se para me encarar. Por uma fração de segundo, pude ver o ardor na expressão das suas íris negras como a noite, um ardor que ela se empenhou em disfarçar, mas não antes que eu tenha percebido.

— Claro que não, alguns são mais sutis, fingem que gostam de cozinhar para conseguir o que querem. Dimitrius só é mais direto e sem-noção.

— Você tá se achando muito, garota. Acreditando que todos os homens da face da Terra querem te comer.

Ela franziu as sobrancelhas, a irritação tomou conta da sua fisionomia, o que me fez sorrir sem querer.

— Nem todos. Só aqueles que andam com o Dimitrius.

— Não me compare com esse psicopata.

— Achei que vocês fossem melhores amigos.

— Ser amigo dele não me faz ser como ele — aproximei-me mais um passo dela, e uma lufada de vento agraciou-me com o cheiro inebriante do seu perfume, uma fragrância floral, muito suave, porém deliciosa o suficiente para me fazer querer tomá-la nos braços e sentir aquele cheiro mais de perto — E antes que eu me esqueça, não estava fingindo gostar de cozinhar. Eu realmente gosto e foi um prazer te ajudar. Há muito tempo eu não tinha um momento tão prazeroso.

Um silêncio carregado de tensão tomou conta de nós, envolvendo-nos em uma bolha de expectativa. Nossos olhares estavam presos um no outro, tão intensamente que o mundo ao redor desapareceu, deixando apenas o peso do desejo não realizado.

Eu ansiava por aquela mulher com uma intensidade abrasadora, a espera transformava-se em uma tortura lenta e implacável. Contudo, ela não era como as outras, não se entregava com facilidade.

Foi Daphne quem primeiro rompeu o contato visual, sua postura voltou a assumir aquele aspecto habitualmente endiabrado.

— Pra não te ofender, vou fingir que acredito que você gostou mais de estar trancado em uma cozinha calorenta, do que estar em um clube à beira-mar com duas loiras sentadas no seu colo — disparou ela.

— Não foi essa a parte que mais gostei, embora tenha sido prazeroso também. Você sabe do que estou falando.

— Não, Stefanos, eu não sei.

— Sabe sim. Estou falando do nosso beijo — declarei, avançando um passo em sua direção, diminuindo a distância entre nós.

Ela apertou os lábios, como se estivesse tentando conter a resposta imediata. Seus olhos reluziram com uma mistura de raiva e confusão, mas também algo mais profundo, algo que eu sabia que ela estava lutando para esconder.

— Aquele beijo foi um erro — ela disse finalmente, com os braços cruzados de maneira defensiva. — Não deveria ter acontecido.

— Mas aconteceu. E não foi um erro. Foi o que ambos estávamos esperando.

Daphne balançou a cabeça, como se estivesse tentando se livrar dos pensamentos que minhas palavras evocavam. Seus lábios tremiam ligeiramente, e eu sabia que ela estava tentando encontrar uma resposta que negasse a verdade.

— Você não sabe de nada. Não entende a minha vida, as minhas escolhas. Você acha que sou amante de Michalis. Como pode pensar isso de mim? — suas palavras me fizeram recuar um passo, como se tivesse recebido um soco no estômago.

— Se não é amante, é o que dele?! — indaguei com mais rispidez do que pretendia.

— Isso não é da sua conta!

Suspirei profundamente, reprimindo o furacão de emoções que ameaçava me dominar.

— Eu sei que não. Mas eu sei o que sinto por você. E sei o que vi nos seus olhos naquela noite.

Ela desviou o olhar, mas não se moveu. Estava tão perto que eu podia sentir o calor emanando de seu corpo, e o cheiro do seu perfume preenchendo o ar entre nós.

— Você está vendo coisas que não existem.

— Não, eu não estou e você sabe disso — toquei seu braço, sentindo sua pele arrepiar sob meu toque. — Quero você. E sei que, lá no fundo, você também me quer.

Ela finalmente levantou os olhos para mim, e o conflito interno em sua expressão era claro como o dia. Por um momento, pensei que ela fosse ceder, mas então ela recuou um passo, quebrando o contato.

— O que aconteceu naquela noite, não vai se repetir. Foi um erro.

— Não foi um erro e vai acontecer de novo — insisti, avançando novamente, não permitindo que ela se afastasse — Porque a verdade é que essa atração entre nós é forte demais para ser ignorada. Você sabe disso tanto quanto eu.

Daphne abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Em vez disso, ela olhou para mim com um misto de desejo e medo, e eu soube que estava vencendo a batalha.

— Stefanos... — ela sussurrou, quase como um pedido de socorro.

— Não precisa ter medo — disse, inclinando-me mais perto, meu rosto a milímetros do dela — Eu só quero te fazer feliz. Mesmo que por uma noite.

Nossos lábios estavam tão próximos que eu podia sentir sua respiração quente contra minha pele. O mundo ao nosso redor parecia desvanecer, deixando apenas nós dois, presos em uma bolha de tensão e desejo.

— Você é perigoso, Stefanos — sussurrou ela, seu hálito mentolado acariciando meu rosto.

— Não vou te machucar — prometi — Só quero te amar.

Ela fechou os olhos apertando-os. Quando os abriu a tempestade de emoções estava mais intensa na sua expressão.

— Eu não acredito que você saiba o que é amar. Não de verdade. Você é como Dimitrius, só que mais sutil. Não vou permitir que você me magoe, como ele faz com todas que cedem. Por favor, não chegue perto de mim novamente.

Antes que eu tivesse tempo de contestar suas palavras, Daphne saiu correndo pelo jardim, afastando-se de mim, desaparecendo dentro da casa, enquanto eu continuava lá parado, com meu coração estranhamente agitado, o cheiro do perfume dela ainda preso em minhas narinas, invadindo cada um dos meus sentidos.



CAPÍTULO 22

A semana na vila havia sido excepcionalmente exaustiva, agravada pela chegada de mais parentes dos meus patrões, que escolheram passar suas férias de verão na ilha.

Meu esgotamento não era apenas físico, sentia-me drenada emocionalmente também, e agradeci aos céus quando o fim de semana chegou e pude desfrutar de um merecido dia de folga.

No sábado à tarde, segui para casa, como era habitual. Ioanna não estava lá, mas havia mandado uma mensagem avisando que chegaria no domingo para passar o dia conosco.

Para nossos pais, ela estava sobrecarregada de trabalho por conta da visita de familiares na vila onde atuava. Eu, por outro lado, suspeitava que ela estivesse aproveitando o tempo com os amigos.

No entanto, decidi não me intrometer mais em sua vida. Resolvi esperar que o tempo lhe mostrasse que talvez aquele não fosse o melhor caminho a seguir.

Domingo foi o dia do nosso tradicional almoço em família, realizado no quintal de casa. Elias, que havia conseguido que um colega o

substituísse no trabalho, estava lá também. Ele se dava muito bem com meus pais e irmãos, sendo praticamente mais um membro da nossa família.

Embora estivéssemos todos reunidos em um ambiente de paz e celebração, algo estava diferente naquele dia. Ioanna passava mais tempo em seu celular, trocando mensagens com amigos, do que realmente compartilhando o momento conosco.

Elias se esforçava ao máximo para me agradar, mas meus sentimentos por ele haviam mudado, não poderiam ser os mesmos após o que vivenciei nos braços de Stefanos, cujas palavras ecoavam em minha mente, questionando se eu realmente amava o homem com quem pretendia me casar.

Essa dúvida me aterrorizava. Eu temia que Stefanos estivesse certo, que minha ligação com ele fosse mais intensa, movida por um desejo efêmero, do que o compromisso que eu tinha com meu futuro esposo.

Apesar de todos os receios, ao término do domingo, eu me sentia mais resoluta do que nunca em seguir o caminho que havia escolhido para mim: construir uma família tão simples, harmoniosa e feliz quanto a que eu viera.

Embora não possuíssemos riquezas, tínhamos paz e felicidade, tesouros que nenhum dinheiro poderia comprar. Eram esses valores que eu desejava perpetuar em minha vida e transmitir aos meus filhos.

Na segunda-feira, retornei ao trabalho com energias renovadas, segura do que realmente desejava para a minha vida. Estava decidida a não deixar que nada interferisse nisso, incluindo a atração avassaladora que Stefanos exercia sobre mim.

Com a chegada de mais parentes para se hospedar na vila, e apesar de a Sra. Papadopoulos ter contratado mais uma funcionária para ajudar nas tarefas domésticas, o ritmo estava frenético. Com tanta gente para alimentar e quartos para arrumar, as atividades pareciam não ter fim.

Naquela manhã, Irini e eu começamos a limpeza na área da piscina, que parecia o rescaldo de uma grande festa. Garrafas vazias, copos estilhaçados e inúmeras bitucas de cigarro estavam espalhados por todo o lugar, sem contar a sujeira que flutuava na água da piscina.

Após o almoço, quando acreditávamos que todos os hóspedes tinham ido à praia, iniciamos a arrumação dos quartos. Irini, como de costume, optou por cuidar do quarto de Dimitrius, enquanto eu me dirigia ao quarto ao lado, ocupado pelo primo da minha chefe.

Ao entrar, empurrei o carrinho carregado com produtos de limpeza para um canto do quarto escuro, silencioso e abafado. Caminhei pelo amplo espaço em direção à janela, afastando as pesadas cortinas, permitindo que a luz do sol irrompesse pelas vidraças, banhando o quarto com uma claridade acolhedora.

Ao me virar, percebi que o lugar não estava vazio como esperado, havia alguém esparramado na cama. Ao vê-lo, meu susto foi tão grande que soltei um grito agudo, despertando a pessoa do seu sono.

Era Stefanos. Estava deitado de bruços sobre o colchão, usando apenas uma cueca boxer preta, que revelava cada contorno do seu bumbum protuberante e durinho. Ele se virou preguiçosamente, piscando os olhos repetidas vezes para se acostumar à súbita claridade.

Seu rosto estava ligeiramente inchado devido às horas adormecido, a barba loira parecia um pouco mais espessa. Seu corpo seminu, espalhado entre os lençóis brancos, parecia a figura de um deus grego, com o peito largo, peludo e musculoso, a barriga durinha achatada, e as coxas grossas.

No entanto, o que realmente prendeu a minha atenção, deixando-me paralisada diante da janela, sem conseguir desviar o olhar, foi a protuberância na parte da frente da cueca dele.

Aquilo era uma ereção, gigantesca, volumosa, excitante de tal maneira que subitamente senti o ar se tornando mais pesado e difícil de ser puxado, o calor da lascívia subindo pelo meu âmago.

— Bom dia, gata. Gostando do que vê? — indagou Stefanos, fitando-me com olhos sonolentos.

— E-Eu p-pensei que o q-quarto e-estivesse v-vazio — tropecei nas palavras, sem conseguir me mover do lugar, minhas pernas recusavam-se a obedecer às ordens da minha mente e tirar-me dali.

— Eu troquei de quarto ontem depois da festa. Esse é mais fácil para chegar quando se está bêbado — ele fez uma breve pausa, analisando o meu rosto — Eu estava sonhando com você, por isso estou assim — sem que nada tivesse me preparado para tamanho descaramento, ele enfiou a mão na cueca e puxou o pau, exibindo-o, alisando-o de cima a baixo. Era enorme, com veias protuberantes em toda a sua extensão e estava completamente esticado para cima — É assim que você me deixa, Daphne. Desde que provei o gosto do seu beijo, não consigo parar de pensar em você.

— E você ainda diz que não é como Dimitrius — disparei, chocada e ao mesmo tempo profundamente excitada.

— Talvez eu seja um pouco como ele. Porém, a grande diferença é que a mim você quer — ele continuava esfregando seu pau, sua mão se movia para cima e para baixo. Nada jamais me pareceu tão excitante e pecaminoso quanto aquela imagem — Eu sei que você também pensa em mim, que tenta imaginar como é o meu pau, que já se imaginou sentada nele e rebolando.

Eu ouvia suas putarias, enquanto minha mente me ordenava a sair correndo dali, mas meu corpo não reagia. Continuei paralisada, observando-o se masturbar, enquanto a corrente desenfreada e incontrolável de tesão se apossava de cada minúscula partícula do meu ser, descendo pelo meu ventre, fazendo minha vagina latejar e umedecer.

— Não é verdade — sussurrei, ofegante.

— É sim. Vem aqui — Stefanos convidou, seus olhos fixos em meu rosto, capturando a vermelhidão que se espalhava na minha pele — Senta no meu pau, quero sentir o calor dessa bocetinha gostosa.

Assim que consegui recuperar o controle sobre mim mesma, corri em direção à porta de saída. No entanto, Stefanos foi mais ágil e interceptou-me antes que eu pudesse alcançá-la.

Com um movimento rápido, ele me envolveu pela cintura e me lançou sobre a cama, cobrindo-me completamente com seu corpo volumoso e musculoso, sustentando seu peso nos cotovelos, enquanto meu coração pulsava descontroladamente, ameaçando escapar do peito. Dentro de mim, uma tempestade de medo e desejo se intensificava a cada segundo.

— Me solta, ou vou gritar — ameacei, quase sem fôlego.

— Não grite. Não vou te machucar. Só quero sentir você.

Dito isto, ele inclinou a cabeça e cobriu meus lábios com os seus. Tentei virar o rosto, evitar que me beijasse, mas ele segurou-me pelos cabelos, no alto da cabeça, e conseguiu me imobilizar.

Senti o calor dos seus lábios se movendo nos meus, com posse, com sofreguidão. Tentei manter meus lábios cerrados, mas foi impossível. O desejo visceral, desenfreado, se sobrepôs à razão e quando dei por mim estava correspondendo ao beijo, permitindo que a língua de Stefanos invadisse a minha boca e se esfregasse na minha, intensificando o mar de luxúria que tomava conta do meu ser.



CAPÍTULO 23

Enquanto continuava a me beijar com uma intensidade selvagem que eu nunca havia experimentado antes, Stefanos guiou suavemente um dos meus joelhos, afastando minhas coxas. Com um movimento fluído, a saia do meu uniforme deslizou para cima, embolando na altura dos meus quadris.

Ele abriu ainda mais minhas pernas e posicionou seus quadris entre elas, pressionando seu membro rígido e volumoso contra o centro das minhas coxas. Apenas o tecido delicado da minha calcinha nos separava, criando uma barreira tênue entre sua carne enrijecida e a minha intimidade.

Meu Deus! Estávamos à beira de consumar o ato, e o pior era que eu não queria parar. Ansiava ir até o fim, sentir Stefanos completamente dentro de mim, com uma urgência que me consumia por inteiro.

Cedendo às intensas sensações libidinosas que me envolviam, transformando-me em uma massa de emoções e sensações, suspirei contra os lábios de Stefanos enquanto abria ainda mais as pernas, permitindo que ele intensificasse a fricção entre seu membro e o tecido da minha calcinha.

A maneira como o contorno de seu membro pressionava e fazia o tecido deslizar sobre minha carne lambuzada era deliciosa demais, quase enlouquecedora.

Sem interromper o beijo, Stefanos recuou apenas o suficiente para deslizar sua mão entre nossos corpos. Ele soltou um gemido rouco contra minha boca quando um de seus dedos encontrou o caminho sob a minha calcinha, acariciando minha boceta, tirando-me completamente o juízo.

— Caralho... como você está molhadinha — sussurrou, para em seguida abandonar os meus lábios e descer a boca pelo meu corpo, mordiscando minha pele por cima do tecido do meu uniforme.

Os dentes de Stefanos pressionaram suavemente o bico do meu seio por cima da roupa, desencadeando uma onda de excitação que me varreu por inteiro e se acomodou ardente em meu ventre. Involuntariamente, soltei um gemido alto.

Stefanos prosseguiu com sua excursão arrebatadora pelo meu corpo. Antes que eu pudesse registrar completamente a ação, ele tirou minha calcinha pelas pernas e ergueu-se para admirar minha intimidade, exposta diante de seus olhos.

Era a primeira vez que um homem me via nua, e naquela posição tão reveladora. Era transgressivo e provocante, mas, apesar disso, eu me deleitava com o modo faminto como ele contemplava aquela parte do meu corpo.

Sem me acanhar, abri ainda mais as pernas, permitindo que seu olhar intensificasse o desejo voraz que eu sentia por ele.

— Caralho... como você é linda... toda peludinha e molhada... — grunhiu.

Foi então que um vago vestígio de sensatez voltou a mim e me dei conta do absurdo que estava cometendo.

Minha nossa! Eu era uma mulher comprometida, e aquele homem era apenas um playboyzinho querendo sexo. O que diabos eu estava fazendo?

— Precisamos parar — murmurei, ofegante.

— Sem chance — foi a resposta dele.

Desnorteada, tentei me levantar da cama, mas Stefanos rapidamente inclinou-se e depositou uma mordida suave no interior da minha coxa antes de cobrir minha intimidade com sua boca.

Senti sua língua deslizar entre meus lábios vaginais, explorando minha umidade com movimentos gentis que acariciavam minha carne sensível. Nesse momento, cada pensamento foi subjugado pela intensidade do desejo que tomou conta de mim.

Tudo o que consegui fazer foi arquear as costas na cama e soltar um gemido incontido, agarrarrar-me ao lençol macio enquanto o calor da luxúria se espalhava pelo meu ser.

Stefanos continuou me chupando, sua língua movendo-se com habilidade sobre meu sexo, lambendo e sugando minha pele úmida de forma tão deliciosa que quase me levava à loucura.

Ele então concentrou a ponta da língua no meu clitóris, adotando um ritmo frenético, irresistivelmente prazeroso. Instintivamente, projetei meus quadris para a frente, buscando intensificar aquele contato arrebatador, até que todos os músculos do meu corpo tensionaram. As sensações foram se acumulando intensamente no meu ventre, meu corpo inteiro clamando por um ápice de libertação.

Foi então que Stefanos fechou os lábios naquele ponto extremamente sensível do meu corpo e o sugou delicadamente, fazendo-me mergulhar em um êxtase profundo. Meu corpo reagiu com convulsões involuntárias sobre a cama, enquanto meus gemidos ressoavam alto pelo quarto.

Ainda trêmula, senti quando ele reposicionou seu corpo sobre o meu e me beijou profundamente nos lábios.

— Você não imagina o quanto esperei por esse momento — sussurrou ele, esfregando a cabeça do seu pau na minha fenda melada, ameaçando me penetrar.

Naquele momento, o pânico tomou conta de mim. Pensamentos tumultuados invadiram minha mente, atingindo-me como um turbilhão implacável. Apesar de já estar profundamente envolvida com Stefanos, percebi que ele sequer sabia que eu ainda era virgem.

Além disso, ele mal me conhecia, estava convencido de que eu era amante de Michalis, que oscilava entre ele e Elias, e mesmo assim, desejava ter relações comigo.

Constatei também que, para ele, eu era apenas um passatempo, um momento efêmero, um objeto de desejo, e eu estaria arriscando meu futuro se continuasse com aquilo.

Quando Stefanos se levantou para buscar um preservativo na gaveta, um lampejo de lucidez me atingiu. Aproveitei esse breve instante de clareza para me levantar e fugir dali, deixando para trás o calor da tentação.

— Não posso fazer isso — falei, ajeitando minha saia de volta no lugar, meu coração acelerado.

Sem esperar uma resposta de Stefanos, virei-me de costas para ele e saí correndo, deixando o quarto antes que ele pudesse me convencer a ficar, o que não seria difícil, dada a intensidade dos meus sentimentos por ele.

Eu havia perdido completamente o autocontrole, a razão, o pudor e até a vergonha por causa dele.

Já no corredor, percebi que havia esquecido minha calcinha no quarto. Porém, nem morta voltaria para buscá-la. Atravessei a vila com passos rápidos, reduzindo a corrida apenas ao cruzar com alguém pelo caminho.

Meu coração batia descontroladamente, quase saltando do peito, até que finalmente cheguei ao refúgio do meu pequeno quarto. Trancando a porta por dentro, deitei-me na cama, enrolando-me em posição fetal, enquanto tentava acalmar os batimentos e os pensamentos tumultuados.

Conforme meu coração e minha respiração se acalmavam, uma esmagadora sensação de culpa começou a invadir meu peito. Sentia-me culpada por ter sucumbido à tentação e traído Elias, o homem mais íntegro que já conheci, colocando em risco todo o nosso futuro planejado.

Por outro lado, talvez ainda houvesse tempo de reparar as coisas. Talvez Elias pudesse me perdoar, ou talvez eu nem precisasse contar-lhe o que havia acontecido. Restava saber se conseguiria seguir em nosso relacionamento carregando esse segredo.

Esses pensamentos conflitantes martelavam em minha mente enquanto a tarde se esvaía. Não me senti capaz de deixar meu quarto pelo resto do dia. Enviei uma mensagem para a Sra. Papadopoulos, informando que não estava me sentindo bem e que precisaria permanecer no quarto por um tempo. Ela, compreensiva como sempre, respondeu que eu poderia descansar até me sentir recuperada.

Era a noite de folga de Elias e, como sempre, nos encontraríamos no Scorpios no final da tarde. Faltava pouco para o horário do nosso encontro quando ele telefonou avisando que não poderia ir hoje, já que seu pai havia passado mal novamente e precisara acompanhá-lo ao hospital.

Me senti o último dos seres humanos ao ficar feliz que um idoso estivesse passando mal, pois não estava nem um pouco preparada para encarar meu namorado depois de ter feito o que fiz com Stefanos. Aliás, eu não sabia se algum dia conseguiria olhar para Elias novamente.



CAPÍTULO 24

Na hora do jantar, caminhei até a cozinha com passos apressados, preparando um sanduíche de forma automática, como se meus movimentos fossem impulsionados pelo desejo de escapar das minhas próprias lembranças.

Voltei para o refúgio do meu quarto, onde o isolamento parecia ser minha única companhia. Liguei a tevê, tentando me perder em uma série qualquer, buscando desesperadamente uma distração que me fizesse esquecer do peso das minhas ações. No entanto, a batida suave na porta quebrou o frágil silêncio, trazendo de volta a realidade que eu estava tentando evitar.

— Quem é? — perguntei, sem muito interesse.

— Sou eu, Stefanos.

Ouvi a voz dele e dei um salto da cama, com meu coração disparando no peito. *O que diabos ele fazia aqui?*

— Por favor, vá embora — pedi, falando baixo, temendo ser ouvida pelos outros empregados.

Desprovido da mesma imponência do restante da vila, o alojamento dos funcionários era um cubículo, com paredes finas, através das quais se podia ouvir até quando alguém roncava dormindo.

Se alguém ouvisse a voz de Stefanos ali, batendo na porta do meu quarto, saberia o que fizemos e eu morreria de tanta vergonha.

— Você esqueceu algo no meu quarto. Vim devolver — disse ele, com a voz nem um pouco baixa.

Puta merda! Ele estava falando da minha calcinha! Se dissesse isso em voz alta, minha reputação estaria na lama, junto com a minha dignidade.

Puta que pariu!

— Não quer a sua...

Antes que ele tivesse tempo de completar a frase, abri a porta e o puxei para dentro do quarto, apressada, olhando para os dois lados do corredor para verificar se alguém o tinha visto. Felizmente, não havia ninguém por perto.

Virei-me para Stefanos, e meu coração acelerou ao deparar-me com sua figura alta e imponente, destoando da simplicidade do aposento. Não conseguia decidir se ele ficava mais gostoso usando apenas uma cueca boxer ou vestido daquela forma despreocupada, com uma bermuda estampada e uma camisa azul de mangas curtas, parcialmente desabotoada.

De qualquer maneira, ele exalava uma beleza hipnótica e uma sensualidade que me fazia perder o fôlego. Era quase impossível desviar o olhar.

— O que faz aqui? Ficou maluco? — sussurrei, tentando manter o tom baixo para que os outros funcionários não ouvissem através das paredes finas.

Stefanos avançou pelo pequeno aposento com uma postura que beirava o domínio, seus olhos percorriam cada canto do lugar. A maneira meticulosa com que observava o espaço me deixou inquieta. A sensação que tive, foi de que estava procurando algo.

— Vim saber se você está bem — respondeu ele, fixando seus olhos azuis nos meus com uma intensidade que me deixou paralisada. — Ouvi dizer que não saiu do quarto a tarde toda e fiquei preocupado. Você tá legal?

— Foi só uma dor de cabeça. Mas já passou — respondi, tentando parecer convincente, embora o tremor na minha voz denunciasse minha vulnerabilidade.

Stefanos me analisou em silêncio. Seus olhos percorriam cada detalhe do meu rosto, como se procurasse por algo que eu mesma não tinha certeza se existia. A lembrança do que aconteceu entre nós, há poucas horas no quarto dele, fez o rubor tomar conta da minha pele.

— Foi por causa do que fizemos? — ele perguntou, com uma seriedade que me desarmou — Eu a prejudiquei de alguma forma?

Meus braços, de repente, não sabiam onde descansar, e eu os cruzei de forma defensiva em frente ao peito.

— Não tem nada a ver. Você não me forçou a nada. Eu também quis aquilo — disse, tentando manter o controle.

Um sorriso discreto surgiu no canto dos lábios dele, e seus olhos azuis brilharam com um toque de alívio.

— Fico aliviado em saber. Quando me disseram que você não estava bem, achei que fosse por minha causa — ele fez uma breve pausa, como se ponderasse sobre suas próximas palavras. — Sei que posso ser impulsivo às vezes, principalmente quando se trata de você, mas a última coisa que eu queria era assustá-la ou magoá-la.

— Não estou assustada, nem magoada. Sou adulta, e sei muito bem assumir as consequências dos meus atos. Agora que está tudo esclarecido, você já pode ir. Preciso dormir — falei, tentando encerrar a conversa.

Stefanos desviou o olhar para a televisão, onde a série estava pausada, e depois voltou a me encarar. Seus olhos, ainda fixos em mim, pareciam buscar algo mais, como se esta conversa estivesse longe de ser concluída.

— Você esqueceu isso em meu quarto. Achei que ia querer de volta.

Stefanos enfiou a mão no bolso da bermuda. Pensei que puxaria minha calcinha de lá, mas era apenas o meu brinco, e instintivamente levei a mão à orelha, constatando que a bijuteria não estava em seu lugar.

— E a minha calcinha, você não trouxe? — indaguei, por impulso.

O canto da boca dele se repuxou em um sorriso mais do que safado.

— Não. Vou ficar com ela, para guardar o seu cheiro.

— Não posso dá-la a você. Roupas íntimas são muito caras — falei, mais para disfarçar meu envaidecimento do que por fazer questão de ter a calcinha de volta.

— Comprarei calcinhas novas para você, mas aquela é minha.

— Não precisa comprar nada pra mim — recusei, orgulhosa — Eu tenho um bom salário aqui.

Stefanos deu um passo à frente, se colocando muito perto de mim, sem que eu tivesse para onde correr dentro dos limites das paredes do minúsculo aposento.

Foi então que o cheiro do perfume dele me alcançou, invadindo os meus sentidos, deixando-me hipnotizada, inebriada de tanta paixão.

Seu rosto era lindo como se tivesse sido esculpido à mão; seu corpo completamente másculo, todo proporcional; seus movimentos eram charmosos e precisos; seus olhos tinham um tom de azul tão intenso que pareciam duas piscinas cristalinas.

Era impossível olhar para aquele homem e não sentir a paixão visceral tomando conta de tudo, dirimindo até o último vestígio da minha sensatez.

— Posso? — indagou ele, gesticulando para a minha orelha com o brinco na mão.

E como eu poderia dizer não se cada minúscula partícula do meu ser implorava pela proximidade dele?

— Claro — sussurrei, hipnotizada.

Ele então se aproximou um pouco mais e colocou o brinco na minha orelha, gentilmente. Senti o resvalar suave dos seus dedos na pele do meu pescoço e o calor da lascívia subiu pelo âmago, tão intenso que apenas fechei os olhos e me permiti experimentar a melhor sensação que já tive na vida, que era o toque proibido daquele homem.

Ele terminou de colocar a rosca na parte de trás do brinco, mas não afastou sua mão de mim. Ao invés disso, espalmou-a na lateral da minha face, acariciando-me mais profundamente, intensificando a corrente de desejo e luxúria que tomava conta do meu organismo.

Quando abri os olhos, deparei-me com suas piscinas azuis fitando diretamente meu rosto, de maneira tão intensa, tão árdua, que meu coração disparou freneticamente no peito, minha respiração tornou-se irregular.

Meu lábio inferior tremeu, seu olhar acompanhou o movimento. Então, apenas entreabri os lábios, em um gesto de pura rendição, de entrega, de renúncia a todos os meus princípios, ao meu futuro, e à voz da razão.

Nenhuma palavra foi necessária para que soubéssemos o que aconteceria em seguida. Stefanos simplesmente inclinou o pescoço e apossou-se da minha boca em um beijo selvagem, profundo. Sua língua me invadiu ao mesmo tempo em que seu braço me segurava com força,

apertando meu corpo no seu com uma firmeza bruta. A dureza dos seus músculos esmagava meus seios, a rudeza da ereção empurrava o meu ventre enquanto sua outra mão vagava pelas minhas curvas, me acariciando por cima da camisola fina, deixando um rastro de brasas por onde passava.

Meu corpo inteiro tremia, dominado pelo mais absoluto desejo. Meu coração martelava como um louco no peito, o calor da lascívia pulsava em minhas veias, fazendo minha intimidade latejar, minha lubrificação encharcar o fundo da minha calcinha, enquanto Stefanos devorava minha boca e alisava meu corpo inteiro com sua mão, que parecia de aço.

Eu já não tinha nenhuma dúvida do quanto queria ser dele, mesmo que por apenas uma noite, um momento passageiro. Eu queria tanto que estava disposta a abrir mão de tudo em que acreditava e tudo o que construí ao longo da vida. Eu o queria, mais que tudo, e nada mais me importava. O amanhã se resolveria depois.

No entanto, ao invés de deitar-me na cama e me despir, como eu tanto ensejava, Stefanos subitamente interrompeu o beijo e afastou-se um passo. Fechou os olhos e os apertou, demonstrando uma aflição que não compreendi. Era como se ele lutasse consigo mesmo, contra as emoções que o arrebatavam.

— Eu... eu tenho um compromisso agora... — sussurrou ele, ofegante, hesitante, enquanto eu permanecia petrificada onde estava, o desejo correndo como fogo nas veias.

Ele abriu os olhos, fixando-os em meu rosto e pude ver o conflito interno que travava, sem que eu compreendesse sua hesitação.

Agindo unicamente por instinto, me dobrando à paixão que me embriagava, dei um passo à frente, eliminando a distância que ele impunha entre nós. Toquei seu peito forte por cima da camiseta, percorrendo os dedos pelos contornos bem definidos dos seus músculos, ansiando por sentir o contato deles diretamente.

— Não vá... fique... — sussurrei, certa do que eu queria.

Stefanos permaneceu imóvel como uma pedra, seu olhar atormentado fixo em meu rosto, até que, contrariando tudo o eu esperava, ele se afastou.

— Hoje não. Nós nos vemos outro dia — disto isto, ele deu-me as costas e simplesmente saiu, com a pressa de alguém que estava indo tirar o pai da forca.

Permaneci imóvel, congelada onde estava, durante um longo momento, a confusão tomando conta de mim. O que havia acabado de acontecer ali? Eu não conseguia compreender.

Eu realmente estivera disposta a abrir mão do meu futuro ao lado de Elias, e da vida que almejava construir, em troca de um único momento com Stefanos, e mesmo assim ele tinha me rejeitado?

À medida que as constatações iam se formando em minha mente, um frio congelante tomava conta de mim, me fazendo estremecer, e sentei-me na borda da cama, abraçada ao meu próprio corpo, a confusão ainda formada em meus pensamentos.

Talvez o compromisso que Stefanos tinha fosse de suma importância, talvez a irmã dele não estivesse bem, ou talvez ele apenas tivesse um encontro marcado com alguma garota mais interessante do que eu.

Minha única certeza, era de que tinha sido melhor assim, pois eu ainda teria a oportunidade de voltar ao meu juízo perfeito e reparar um erro que quase cometi, o maior erro da minha vida.

Eu ainda teria a chance de voltar para os braços de Elias, e me tornar a esposa de um homem que me respeitava, acima de tudo.



CAPÍTULO 25

Não consegui dormir bem naquela noite, com o peito apertado e a mente tumultuada por pensamentos perturbadores.

Na manhã seguinte, logo que iniciei o trabalho, descobri o motivo da pressa de Stefanos em deixar meu quarto na noite passada, após um beijo tão intoxicante. Ele e seus amigos, incluindo Dimitrius, haviam organizado uma festa na piscina que, segundo outros empregados, começara na noite anterior e prosseguia ao longo do dia.

Optei por não me aproximar o suficiente para vê-los, mas pelas risadas e conversas que ecoavam, era evidente a presença de muitas garotas, com todos claramente embriagados e se divertindo muito. Pedi à minha chefe para permanecer na cozinha aquele dia, para evitar ter que servi-los.

Em um momento, enquanto atravessava o jardim levando o lixo para descartar, avistei Stefanos de relance, extremamente próximo a uma garota na piscina. A linguagem corporal deles deixava claro que algo mais íntimo ocorria entre os dois.

Um nó doloroso se formou em meu estômago, acompanhado de uma vontade imensa de chorar, por ter a certeza de que ele me descartara por

outra mulher. Porém, talvez tenha sido melhor assim, pois isso me impediu de desperdiçar minha vida por causa de um homem que claramente não me merecia.

A festa na piscina se estendeu por quase todo o dia. Não percebi o momento que todos se dispersaram, nem com quem cada um partiu.

No dia seguinte, permaneci novamente na cozinha, ajudando Helene a preparar os pratos. Não avistei Stefanos em nenhum momento, nem mesmo durante as refeições, e supus que ele ainda estivesse no quarto, possivelmente acompanhado de uma ou mais garotas.

Ainda sentia o peso na consciência pelo que ocorreu entre nós, por ter me deixado levar pela tentação. A sensação de ter traído Elias era uma carga pesada em meu coração.

Ao cair da tarde, decidi que era hora de visitar Elias no trabalho. Não tinha intenção de revelar o que havia acontecido entre mim e Stefanos, afinal, ele não precisava saber desses detalhes.

Planejava me redimir com meu namorado, oferecendo-lhe mais atenção e carinho. Minha primeira ação seria fazer uma limpeza caprichada no pequeno quarto onde ele morava, nos fundos do clube onde trabalhava.

Com esse pensamento, pedi à Sra. Papadopoulos para me liberar um pouco mais cedo e parti em minha lambreta em direção à orla.

Ao chegar ao clube, a movimentação era intensa. Turistas se espalhavam pelas mesas e cadeiras de praia, rindo e conversando animadamente, enquanto os garçons se apressavam para atender os pedidos.

Procurei por Elias entre os outros funcionários, mas não o encontrei. Ele nunca faltava ao trabalho. Algo havia acontecido e eu só esperava que não fosse com o pai dele de novo.

Aproximei-me de Niko, um dos garçons, amigo de Elias, que passava apressado, com o rosto parcialmente coberto de suor e os olhos ligeiramente cansados. Toquei levemente em seu braço para chamar sua atenção.

— Você viu o Elias? — perguntei, tentando manter a voz casual, mas notando que minha própria ansiedade estava transparecendo.

Niko parou por um instante, os olhos arregalados. Ele hesitou, desviando o olhar para a bandeja que carregava, como se estivesse pesando as palavras que viria a dizer.

— Ele… Ele está no quarto dele — respondeu finalmente, com uma voz tão baixa que mal pude ouvir sobre o barulho ao redor.

O desconforto era evidente em seu semblante, o que só aumentou minha apreensão.

— Tudo bem, obrigada — murmurei.

Comecei a caminhar em direção aos fundos do clube, onde ficava o pequeno quarto de Elias. Meus passos pareciam mais pesados que o normal. A distância, que normalmente seria curta, agora parecia se estender interminavelmente.

Quando finalmente cheguei à porta do aposento, percebi que estava destrancada, e ouvi uma risada abafada escapando do interior. Por um breve segundo, hesitei. Um turbilhão de pensamentos passava pela minha mente.

Por fim, girei a maçaneta e empurrei a porta devagar. A cena que se desenrolou diante de mim fez o chão desaparecer sob meus pés.

Elias estava na cama com uma mulher que não era de Mykonos, provavelmente uma turista. Os lençóis estavam desarrumados ao redor de seus corpos entrelaçados, nus, envolvidos em uma intimidade que não deixava dúvida para o que acontecia entre eles.

Meu peito se apertou, como se um punho invisível tivesse agarrado meu coração e começado a espremer. Raiva, indignação e uma dor profunda se misturavam dentro de mim, criando uma tempestade de emoções que ameaçava me sufocar.

A vontade de chorar era esmagadora, mas a dor parecia ser muito intensa para que as lágrimas escapassem.

— Daphne… — a voz de Elias, repleta de surpresa, me fez levantar o olhar para ele. Ele se afastou da mulher ao perceber minha presença, saindo da cama com um lençol enrolado em volta dos quadris — Eu posso explicar… — começou a dizer, mas sua voz parecia distante, abafada pelo rugido ensurdecedor dos meus próprios pensamentos.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — consegui falar, com um fio trêmulo de voz.

— Nunca aconteceu antes! — ele se apressou em dizer — Foi só essa vez. Eu juro.

Olhei dentro dos seus olhos e soube que ele estava mentindo. Lembrei-me das suas duas últimas noites de folga, quando supostamente seu pai passara mal, justamente nas ocasiões em que poderíamos nos encontrar, e tive certeza de que Elias não foi levá-lo ao hospital como dizia. Ele estava com outra mulher, pois jamais foi fiel a mim.

— Mentiroso! — cuspi a palavra, enquanto o ódio me percorria.

— E essa aí quem é? — falou a garota, que continuava nua, estendida na cama, com forte sotaque italiano — Convide-a para participar da festa.

Elias a ignorou.

— Daphne, por favor, me escute. Eu amo você. Não jogue fora o que temos por causa de um deslize bobo.

— Um deslize bobo?! — repeti, meus dentes trincados, as lágrimas ameaçando desabar.

— Sim. Isso nunca aconteceu antes. Foi só hoje.

Ele continuou falando, mentindo, mas não esperei para ouvir sua explicação. A dor e a raiva que fervilhavam dentro de mim não permitiriam que eu ficasse ali por mais um segundo sequer.

Então, girei nos calcanhares e saí do quarto, minha mente um caos e meu corpo todo trêmulo. Meus passos pareciam mais pesados, mas me forcei a continuar, recusando-me a olhar para trás.

Desci as escadas do clube, as risadas e conversas ao redor soando como um eco distante. Quando finalmente saí, o ar daquele fim de tarde tocou meu rosto, mas não trouxe alívio algum para o tumulto que se desenrolava dentro de mim.

Minha lambreta estava ali, onde a havia deixado, porém, não me atrevi a pilotá-la no estado em que me encontrava.

Com passos inseguros, comecei a caminhar pela praia. As ondas quebravam suavemente na areia, mas o som antes calmante agora era apenas um ruído de fundo para a decepção que pulsava em meu peito.

Continuei andando, sem rumo, passando por praias movimentadas, onde os turistas se reuniam, até que alcancei uma praia mais deserta e tranquila.

Meus pés afundaram na areia fofa, e ali, finalmente, deixei meu corpo cair. Sentei-me, puxando os joelhos contra o peito, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

A raiva ainda ardia em meu peito, mas agora, misturava-se com uma tristeza esmagadora. *Como Elias pôde fazer isso? Como pude me enganar tanto? Tudo o que tivemos, não significou nada para ele? E quanto a mim, era melhor que ele? Como ele estaria se sentindo se fosse eu a ser flagrada nos braços de Stefanos?*

A verdade era que a vidinha de paz, sossego, humildade e lealdade que almejávamos construir juntos não passava de uma ilusão. Esses tipos de

princípios não existiam, a não ser na minha imaginação.

A brisa da tarde soprou suave, mas não trazia conforto. Eu estava sozinha, perdida em meio às minhas próprias emoções. Tudo o que eu queria naquele momento era desaparecer, me afastar de tudo.

Ali, na solidão daquela praia deserta, eu me permiti chorar, deixei que toda a dor e a raiva encontrassem seu caminho para fora, mesmo sabendo que o alívio, se é que viria, ainda estava muito longe.

Eu não chorava apenas pela traição do homem que dizia me amar, mas por tudo o que nós dois nunca viveríamos.



CAPÍTULO 26

— Porra, cara! Eu ainda não acredito que você teve a chance de foder aquela vadia e deixou ela escapar! — exclamou Dimitrius, pelo que me parecia a milésima vez, desde que me viu no quarto de Daphne, através da sua câmera escondida.

Estávamos acomodados a uma mesa, sob a sombra de um pergolado na área da piscina da vila, tomando suco de laranja, depois de dois dias seguidos de festa, com muitas bebidas e mulheres.

Eu ainda não havia conseguido compreender o que de fato me fez sair do quarto de Daphne há duas noites, quando tive a chance de levá-la para a cama e cumprir minha parte do acordo que fizera com o psicopata do meu amigo.

Vinha tentando me convencer de que travei por causa da câmera escondida, porque não queria aquele maluco olhando para as minhas partes íntimas enquanto eu trepava. No entanto, havia algo mais. Talvez um súbito ataque de moralismo, ou de empatia por Daphne.

Só que essa empatia precisava desaparecer. Eu tinha que ir adiante com o nosso plano, ou Michalis jamais seria punido pela morte do meu

sobrinho. E precisava ser rápido, acabar logo com essa história, pois meus negócios nos Estados Unidos precisavam de mim.

Eu nunca havia me distanciado de tudo durante tanto tempo. E embora continuasse comandando meus negócios à distância, precisava voltar ao trabalho o quanto antes.

— Vai se foder, palhaço! — exclamei — Meu pau nem ia subir sabendo que você estava olhando para a minha bunda.

— Até parece que eu ia perder tempo olhando pra sua bunda branca enquanto Daphne estivesse de pernas abertas.

Tentei imaginar quantas vezes ele tinha observado Daphne durante os momentos de intimidade dela, e balancei a cabeça para afastar o pensamento.

— Agora que sei onde sua câmera está posicionada, vai ser mais fácil. Vou fodê-la de maneira que você veja mais a ela do que a mim.

Dimitrius ingeriu um grande gole do seu suco, enquanto seus olhos me fuzilavam com uma expressão sombria por trás da borda do copo.

— Irini me disse que viu Daphne saindo correndo do seu quarto toda descabelada e amassada — o tom de voz dele era de acusação.

Eu não ia contar àquele doente mental o que fiz com Daphne em meu quarto. Já que não gravei, ele não precisava saber. Até porque, o ato em si não foi completamente consumado.

— Eu tentei dar uns amassos nela, mas a danada foi mais rápida e escapou — me limitei a dizer — Mas da próxima vez ela não escapa.

— Acho melhor você se apressar. Se ela decidir dar o cabaço pro namoradinho, não vai sobrar nenhum tesão pra você.

Suas palavras me irritaram.

— Óbvio que vou me apressar, não porque você quer, mas porque preciso acabar logo com essa história e voltar para a minha vida.

— Não precisa fingir que não se importa em cumprir sua parte do nosso acordo. Você tem muito mais a ganhar nessa história do que eu.

Relembrei o estado em que minha irmã se encontrava, por causa da perda do filho, um garoto tão jovem, com toda uma vida pela frente, e soltei um suspiro profundo, de pura resignação.

Eu precisava fazer aquilo, precisava levar Daphne para a cama e filmar esse momento, pois era a única forma de obter justiça. Não podia me dar ao luxo de ter pena, ou mesmo me importar com ela, até porque ser

vista trepando pelo demente do Dimitrius não seria nada do que ela não pudesse se recuperar depois.

— Eu sei. Vou levá-la para a cama ainda essa semana. Pode ficar tranquilo — afirmei, determinado.

— Nesse caso, é melhor você correr. Fiquei sabendo que ela pediu à minha mãe para sair mais cedo, e me disseram que foi vista entrando no clube onde o namorado trabalha. Vá atrás dela antes que tenha tempo de dar a boceta pra ele.

Minha irritação era crescente, como sempre acontecia quando Dimitrius falava sobre Daphne. Não era apenas o tom vulgar das palavras dele que me consternava, mas a intensidade do ódio que ele nutria por Daphne, pelo simples fato de ser rejeitado por ela.

Se existisse qualquer outra forma de atingir Michalis, que não através daquele demente, eu já o teria mandado ir para o inferno.

— Qual o nome do clube onde ele trabalha? — indaguei.

Dimitrius me falou o nome e explicou a localização do clube onde o namorado de Daphne trabalhava. Quando peguei o carro e me dirigi em direção à orla, fiquei espantado com a intensidade da raiva que borbulhava em minhas veias, pela simples possibilidade de ela realmente estar se entregando a outro homem, depois do que aconteceu entre nós.

Enquanto dirigia, mentalizei mais uma vez o gosto dela na minha boca, relembrei seu corpo trêmulo de desejo enquanto estava em meus braços e todo o meu corpo reagiu aos pensamentos, o desejo escaldante acordando dentro de mim.

Eu levaria aquela garota para a cama e a foderia até me cansar, não apenas por causa do meu acordo com Dimitrius, mas porque sentia um tesão indomável por ela. Eu a desejava com mais intensidade do que me lembrava já ter desejado outra mulher e pensar que ela podia estar nos braços de outro homem agora, estava me tirando dos trilhos.

Pisei mais fundo no acelerador e em poucos minutos estacionei próximo ao clube onde o namorado de Daphne trabalhava. Assim que alcancei a entrada principal, vi a lambreta dela parada em frente, e senti um gosto amargo na boca.

Merda! Ela estava mesmo lá! Talvez trepando com ele. Maldição!

Avancei pelo clube abarrotado de turistas, que se divertiam animadamente. Era muito parecido com tantos outros clubes de praia que havia em Mykonos. Percorri os olhos em volta, à procura do tal namorado,

mas não vi ninguém servindo as mesas com a descrição que Dimitrius havia me dado.

Cacete! Eles estavam mesmo juntos! Por que isso me deixava tão furioso?

Aproximei-me de um dos garçons, e perguntei:

— Estou procurando Daphne Galanis. Você a viu por aqui?

— Ela saiu faz pouco tempo. O senhor gostaria de beber alguma coisa? — foi a resposta dele.

— Não. Preciso falar com ela. Vi que a lambreta dela está aí em frente.

O cara, baixinho e franzino, olhou para ambos os lados, como se checasse se alguém nos ouvia e assumiu um tom de confidencialidade quando voltou a falar.

— Acho que ela teve algum problema com o namorado, um dos garçons, pois saiu daqui quase correndo, parecendo muito transtornada.

— E pra onde ela foi?

— Saiu andando pela praia, praquele lado.

O agradeci pela informação e segui pela direção que ele indicara, caminhando pela areia fofa da praia. A noite começava a cair, mas ainda assim havia muitos banhistas por ali, descansando nas espreguiçadeiras, saboreando *drinks* coloridos.

A sensação que eu tinha, era de que todo mundo ia àquela ilha em busca não apenas de diversão e descanso, mas também de sexo casual, pois por onde quer que eu passasse, havia uma garota se oferecendo descaradamente, como se a troca de olhares, e todo o ritual inicial entre um casal fosse algo altamente ultrapassado e a moda agora consistisse em ir direto ao ponto, sem nenhuma enrolação.

Isso facilitava muito a vida de homens que apreciavam uma boa sacanagem sem compromisso, como eu e todos os meus amigos.



CAPÍTULO 27

Caminhei durante um longo tempo, percorrendo os olhos em volta, à procura de Daphne. Até que finalmente a avistei, sentada na areia, em uma praia mais deserta e sossegada.

Senti uma pressão estranha no peito ao perceber que ela estava chorando, e não parecia nada bem.

Aquele garçom maldito havia feito algo com ela e algum instinto assassino aflorava dentro de mim, ordenando-me a voltar lá e quebrar a maldita cara dele.

Aproximei-me com cautela e sentei-me na areia ao lado dela. Daphne não disse nada, apenas lançou-me um olhar rápido e voltou a fitar o mar à sua frente, embora parecesse não o enxergar de verdade.

— Você está bem? — Minha voz soou mais suave do que eu esperava.

Ela continuou olhando para o horizonte, sem responder de imediato. Podia ver o brilho das lágrimas em suas bochechas, refletindo as últimas luzes do entardecer.

Um silêncio pesado se instalou entre nós, enquanto eu lutava para entender o que realmente estava acontecendo com ela.

Eu estava ali por motivos diferentes, mas naquele momento, a preocupação tomou conta de mim de uma forma que eu não conseguia explicar.

Finalmente, ela soltou um suspiro longo e carregado, como se estivesse tentando se livrar de um peso que a sufocava.

— Por que você se importa? — sua voz saiu baixa, quase um sussurro.

Eu não tinha uma resposta pronta. *O que eu poderia dizer? Que eu não deveria me importar? Que estar ao lado dela era parte de um plano sórdido que nem eu mesmo conseguia mais justificar?*

A verdade era que, quanto mais tempo passava, mais difícil ficava separar meus objetivos de quem eu era quando estava com ela.

— Eu me importo — respondi, depois de um momento, percebendo o quão verdadeiras essas palavras eram, mesmo que eu não quisesse admitir isso a mim mesmo.

Ela riu, uma risada curta e amarga, como se não acreditasse.

— Não seja mentiroso. Vocês homens são todos iguais. Não se importam com nada, nem com ninguém, a não ser com o próprio prazer e com a devassidão. Isso é tudo o que importa para vocês.

— Daphne... O que aconteceu?

Ela não respondeu de imediato, apenas continuou olhando para o horizonte, o rosto ainda marcado pelas lágrimas. A sensação de impotência me atingiu como um golpe, e eu me vi querendo desesperadamente ajudá-la, mesmo sabendo que não deveria me importar tanto assim.

— O que você faz aqui, Stefanos? — indagou, depois do longo silêncio.

— Eu estava te procurando.

Ela virou o rosto para me encarar, havia dor na sua expressão e isso me dilacerou profundamente.

— E por que estava me procurando? Cansou das farras na piscina? Ou será que todas aquelas mulheres se cansaram de você?

— Eu não fui para a cama com nenhuma delas, se é o que está pensando.

Ela deu outro riso amargo, voltando a fitar o mar infinito.

— Claro que não. Você é um santo!

— Não seja sarcástica comigo! — esbravejei, mais rispidamente do que pretendia — Eu não teria porque mentir, não tenho nenhum compromisso sério com você. Não fui para a cama com nenhuma daquelas mulheres e esta é a verdade.

— E por que não foi? Eu vi como estava íntimo de uma delas!

— Porque não é nenhuma delas que quero. É você.

Daphne permaneceu em silêncio por um momento, depois me encarou novamente, seus olhos negros rasos de lágrimas.

— E por que você me quer? — sua pergunta foi direta e incisiva, passando a impressão de que ela sabia sobre meus planos com Dimitrius — Eu não sou ninguém. Sou só a filha de um pescador que não foi para a faculdade. Não sou nada além de uma garota boba que acredita em mentiras. Elias... ele...

Ela parou, como se as palavras fossem difíceis demais para pronunciar.

— Ele te machucou? — Perguntei, com a raiva crescendo dentro de mim, mal contendo o impulso de me levantar e voltar para o clube para confrontar aquele desgraçado.

Ela balançou a cabeça, deixando escapar um suspiro pesado.

— Não fisicamente. Mas... ele traiu minha confiança. E isso dói mais do que qualquer coisa física que ele pudesse ter feito. Eu o peguei com outra mulher. No quarto dele, sem nem tentar esconder.

A dor na voz dela me atingiu como uma faca. Eu sabia que essa era a abertura que Dimitrius queria, a oportunidade perfeita para eu seguir com o plano, mas naquele momento, tudo o que eu conseguia sentir era a angústia dela.

— Eu sinto muito, Daphne — murmurei, sabendo que essas palavras eram patéticas diante do que ela estava passando, mas era o que eu tinha naquele momento.

Ela desviou o olhar, limpando as lágrimas com a manga da blusa.

— Você não precisa dizer isso. Não precisa se sentir responsável por mim.

— Mas eu me sinto — confessei, mais para mim mesmo do que para ela. — Você não merece passar por isso. Ninguém merece.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, antes de falar novamente.

— E por que você se importa, Stefanos? Por que me quer tanto? Nós mal nos conhecemos.

— Talvez porque, em você, eu veja algo... — hesitei, procurando as palavras certas — Algo que me faz querer ser melhor. E eu não quero que você se perca.

Ela me olhou de novo, e dessa vez seus olhos pareciam menos tempestuosos.

— E o que você sabe sobre mim para pensar isso?

— Eu sei o suficiente — respondi — O suficiente para saber que você é mais do que simplesmente a filha de um pescador. Que você tem uma força que talvez nem saiba que tem.

Ela suspirou novamente, mas dessa vez foi um suspiro mais leve, quase de alívio.

— Talvez você esteja certo. Talvez eu seja mais forte do que penso — murmurou, como se estivesse tentando convencer a si mesma.

— Eu sei que você é — falei, e dessa vez, a convicção na minha voz era real.

Por um momento, ficamos em silêncio novamente, ouvindo o som das ondas quebrando na praia, e pela primeira vez, desde que eu havia chegado ali, o silêncio entre nós não parecia tão opressivo.

— Nós tínhamos feito tantos planos... — Daphne sussurrou e uma onda de satisfação me varreu, por ela estar se abrindo comigo — Éramos namorados desde a adolescência, sempre quisemos a mesma vida, uma vida simples, com trabalho honesto, sem luxo nenhum. Hoje percebo que era tudo ilusão.

— Talvez ele realmente queira a vida que você quer. Acontece que nós homens somos uns bostas que não conseguem manter o pau dentro das calças.

Ela olhou-me depressa, o vago vestígio de um sorriso ameaçava se formar no canto da sua boca.

— Ele mentiu tanto pra mim... disse que o pai estava doente. Deixou de vir ficar comigo para trepar com uma turista que logo irá embora.

— Ele queria uma aventura. Não significa que não ame você.

— Acho que nunca mais vou confiar em ninguém.

— Não confie mesmo. O ser humano é a pior das espécies que há no planeta — ela fitou-me em silêncio durante um momento, e me perguntei se não havia falado mais do que deveria — Mas ficar aqui remoendo as

mágoas não vai resolver nada. Quer esquecer sua decepção, pelo menos por algumas horas? Vamos encher a cara. Acredite, você vai apagar a existência desse cara da sua cabeça.

— Está cogitando me deixar bêbada para se aproveitar de mim, Stefanos Nicolaidis?

O tom com que ela fez aquela pergunta era de pura casualidade, porém, não estava muito longe da realidade. Não que eu pretendesse deixá-la vulnerável a ponto de não ver o que fazia, eu só queria animá-la um pouco, para que o inevitável acontecesse.

— Eu jamais faria isso. Só quero te ajudar a esquecer o que houve e o álcool é um excelente remédio nessas horas.

Ela lançou um olhar rápido na direção de um bar mais afastado, abarrotado de turistas que se sacudiam ao som da música agitada.

— Nem morta vou frequentar um lugar como esse.

— Não precisamos. Conheço um lugar mais calmo. Você vai adorar — ela hesitou, e insisti — Vamos lá. Você está precisando beber um pouco. Além disso, não precisa mais se privar de um pouco de farra, já que não vai mais se casar com aquele imbecil.

Ela revirou os olhos.

— Claro. Agora posso soltar a franga — disparou, com um sarcasmo ácido.

— Eu não disse isso. Mas você pode se divertir. Venha. Vou te levar em um lugar incrível.

Antes que ela tivesse tempo de formular mais algum argumento para recusar meu convite, segurei-a pelo pulso, fiz com que se levantasse do chão e saí puxando-a pelas areias em direção ao estacionamento onde deixara meu carro.



CAPÍTULO 28

Deixei Daphne no carro e fui a um bar próximo comprar bebidas. Como não sabia do que ela gostaria, comprei garrafas de diferentes drinks, incluindo uísque, vodca e licores.

De volta ao carro, peguei a estrada em direção à costa norte da ilha, uma parte mais isolada de Mykonos, onde havia poucas construções, e era conhecida por sua natureza intocada e falta de infraestrutura turística.

Enquanto dirigia pela estrada sinuosa que serpenteava a costa, eu podia sentir o cheiro salgado do mar invadindo o carro pela janela aberta, misturando-se com o aroma doce do perfume de Daphne ao meu lado.

Ela estava quieta, olhando para fora, absorvendo a paisagem que passava rapidamente, mas eu podia ver que estava mais calma, o que me trouxe uma agradável sensação de paz.

Enquanto o carro avançava, minha mente vagava entre o presente e as lembranças da minha infância. Esse caminho me era bastante familiar, as curvas, as pedras, as palmeiras inclinadas pela brisa do mar traziam de volta memórias há muito guardadas.

Quando criança, eu costumava vir para cá com meu avô, sempre que as coisas ficavam difíceis em casa. Era nosso refúgio secreto, longe do barulho do mundo, um lugar onde eu podia ser apenas um garoto, livre das expectativas e responsabilidades que meu pai depositava em mim.

Quando adolescente, eu costumava trazer muitas garotas aqui.

Conforme nos aproximávamos da Praia de Fokos[12], a estrada tornava-se cada vez mais estreita e sinuosa, com trechos de terra batida que sacudiam o carro a cada curva. A noite já havia caído sobre nós quando finalmente chegamos ao nosso destino, envoltos pela sensação de calmaria que apenas aquele lugar poderia oferecer.

Como esperado, a praia estava completamente deserta, apenas com as luzes de alguns postes distantes quebrando a negra penumbra.

— Você já veio aqui antes? — indaguei, estacionando próximo às areias brancas.

— Acho que todos os moradores de Mykonos já vieram aqui — respondeu Daphne, ingerindo mais um gole do Martini que vinha degustando ao longo do percurso — É a única parte da ilha onde não temos que lidar com turistas. Eu costumava vir com meus irmãos, quando crianças.

— Eu vinha com meu avô, quando era moleque também — ela não precisava saber sobre as dezenas de garotas que eu havia trazido para comer aqui — Foi uma pena não termos nos esbarrado por aqui.

— Provavelmente nos esbarramos e não nos recordamos.

— Provavelmente — concordei e saltei, fazendo a volta no carro para abrir a porta para ela.

Peguei uma toalha de praia, junto com as bebidas, e segui Daphne até a beira-mar, onde as ondas suaves acariciavam a areia fofa. Estendi a toalha no chão, criando um refúgio simples, mas acolhedor, e nos acomodamos ali.

O frescor da brisa marinha batendo em meu rosto, livre da fumaça dos cigarros dos turistas e dos sons abafados das músicas e conversas dos clubes, trouxe uma sensação de liberdade que há muito eu havia esquecido, perdido nos anos longe da vida na ilha.

— Magnífico, não é? — comentei, servindo-me de uma dose de uísque, sentindo-me genuinamente fascinado pela beleza simples daquele lugar.

— Sim. Espero que o turismo nunca chegue aqui. Assim, essa beleza sempre continuará intocada.

— Lamento ter que dizer isso, mas ele chegará aqui algum dia e tudo isso será substituído por mais clubes barulhentos e hotéis de luxo desfrutados por uma minoria. Infelizmente, vivemos no capitalismo e ele destrói.

— Espero que não aconteça até que eu tenha visto meus filhos crescerem, correndo livremente por aqui.

Nesse momento, um silêncio pesado recaiu sobre nós, e Daphne bebeu mais um gole do Martini, enquanto eu ingeria meu uísque.

— Obrigada por me trazer a este lugar — ela disse, quebrando o silêncio — Acho que era exatamente disso que eu precisava.

Eu assenti, sentindo um peso sair dos meus ombros. Saber que, pelo menos agora, eu tinha conseguido afastar a dor dela, me deu uma sensação de alívio que eu não esperava.

— Está se sentindo melhor agora? — indaguei.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei se algum dia vou voltar a me sentir melhor — sussurrou — A sensação que eu tenho é de que meu mundo desmoronou. Acho que nunca me senti tão perdida e sem rumo, sem saber o que fazer da minha vida, entende?

— Entendo perfeitamente. Você havia traçado um plano de vida e o estava seguindo cegamente — escolhi cautelosamente as palavras, antes de continuar falando — Por outro lado, talvez tenha sido melhor assim. Você descobriu que Elias jamais te faria feliz, antes que fosse tarde demais. Agora você está livre para fazer o que quiser da sua vida, para buscar a verdadeira felicidade em outras opções.

Uma veia latejou em minha têmpora quando me ocorreu que agora ela estaria livre para correr para os braços de Michalis, seu possível amante secreto, e assumir a relação com ele perante a sociedade, já que não precisava mais desempenhar o papel da garota puritana que se casaria virgem com outro filho de pescador.

— O pior, é que não sei nem por onde começar — Daphne continuou — Eu nunca imaginei como seria minha vida sem que fosse a esposa de Elias.

— Posso te dar algumas dicas. Já pensou em fazer uma faculdade, ou talvez se mudar para os Estados Unidos? Ou quem sabe os dois?

Daphne me deu um sorriso tão lindo que pareceu iluminar minha alma torturada pelo desejo de justiça.

— Não consigo nem me imaginar vivendo em lugar tão frenético como os Estados Unidos.

— Existem lugares por lá que são tão calmos quanto esse. Você só tem que procurar.

Enquanto ela se mostrava cada vez mais solta e leve, continuamos conversando sobre as possibilidades que tinha de construir um futuro diferente.

Falamos também sobre nossa infância naquele lugar, e tantos outros assuntos aleatórios, ao mesmo tempo em que degustávamos das nossas bebidas, apreciando o cenário e a companhia um do outro.

O friozinho da noite começava a se instalar, mas o álcool ajudava a aquecer, tanto o corpo quanto o espírito.

Já tínhamos bebido bastante, quando coloquei uma playlist no meu celular, deixando a música suave preencher o espaço entre as conversas esparsas. Eram canções antigas, que eu gostava de ouvir quando estava sozinho, e que agora pareciam perfeitas para o momento.

— Essa música... — Daphne comentou, fechando os olhos e balançando a cabeça levemente ao ritmo. — Ela me lembra as noites de verão na minha infância, quando minha mãe e eu ficávamos na varanda ouvindo o rádio até tarde. É reconfortante.

Eu sorri.

— Eu sempre achei que música boa tem o poder de nos levar de volta no tempo. De repente, você está vivendo aquele momento outra vez, mesmo que só por um instante.

Ela abriu os olhos e me olhou de um jeito que eu não tinha visto antes. Era como se, pela primeira vez, ela estivesse realmente presente, deixando para trás as barreiras que a cercavam desde o momento em que a conheci.

— Acho que você está certo — ela concordou, e então, sem aviso, se levantou e estendeu a mão para mim. — Venha, vamos dançar. Não consigo ouvir essa música sem me mexer.

A surpresa me pegou desprevenido, mas eu não ia perder aquela oportunidade. Segurei sua mão e me levantei, rindo da leveza que a situação trazia.

Estar ali, no meio do nada, dançando com Daphne sob as estrelas, era algo que eu não tinha planejado, mas estava mais do que disposto a aproveitar.

Começamos meio desajeitados, rindo do jeito como nossos pés se moviam na areia irregular, mas logo encontramos um ritmo. A proximidade dela, o jeito como seus olhos brilhavam, me fez perceber o quanto ela havia mudado em poucas horas.

A Daphne que agora dançava comigo era muito diferente da mulher angustiada que eu tinha encontrado mais cedo, o que certamente se devia ao efeito do álcool em seu organismo.

Ela usava um vestido de algodão florido e comportado, com a saia rodada e a gola alta. Ainda assim, conseguia ser linda demais, com os densos cabelos cacheados sacudindo ao sabor do vento, os lábios carnudos curvados em um sorriso, os olhos negros cintilando à luz dos postes distantes.

Seus movimentos eram cheios de uma energia nova, como se ela estivesse finalmente se permitindo viver o momento sem pensar no passado ou no futuro. E isso, de alguma forma, começou a me afetar também.

A tensão que eu carregava no peito desde que visitei minha irmã, naquela manhã, parecia se dissolver no ar, substituída por uma leveza que eu não sabia que precisava.

— Você é mesmo bom nisso, Stefanos — Daphne comentou, me encarando com aquele sorriso que agora parecia constante — Não estava improvisando na noite em que me salvou de um vexame no clube, durante o concurso de dança.

— Tenho minhas habilidades ocultas — brinquei, girando-a de maneira exagerada, o que a fez rir ainda mais.

Quando a música agitada encerrou, uma melodia lenta e romântica tomou seu lugar. Foi então que passei um braço em volta da cintura de Daphne, pegando-a desprevenida, e a puxei para junto de mim, colando seu corpo delicado no meu, apertando-a com firmeza.

— O que está fazendo? — indagou ela, com um sussurro, embora não fizesse menção de se desvencilhar do meu aperto.

— Dançando com você — respondi, no mesmo tom — E talvez algo mais.

Enquanto nos movíamos languidamente sobre a areia, com nossos corpos colados de cima a baixo, nossos olhos se encontraram e o mundo à

minha volta pareceu se perder na intensidade do seu olhar.

Puta que pariu! Como ela era linda! Como eu a queria! Queria tanto que não consegui controlar a ereção que se formou, potente e dolorida.



CAPÍTULO 29

Ficamos assim por um tempo, apenas nos encarando e nos movendo ao ritmo da música lenta, esquecendo de tudo ao redor.

A sensação da pele dela tão próxima à minha, o jeito como ela se encaixava perfeitamente em meus braços, me afetavam de uma maneira que eu não conseguia compreender.

Senti o coração dela bater rápido contra o meu peito, e por um instante me perguntei se ela também podia sentir o meu, martelando com a mesma intensidade. Havia algo acontecendo ali, algo que ia além do simples desejo carnal.

Era como se, de alguma forma, suas barreiras estivessem caindo, uma por uma.

— Eu quero você... — sussurrei, como se as palavras viessem do fundo da minha alma.

— Stefanos... — ela começou, mas eu a silenciei, cobrindo sua boca carnuda com a minha.

O beijo começou de forma quase abrupta, como uma tempestade que chega sem aviso, intensa e arrebatadora. Eu pressionei meus lábios

contra os de Daphne com uma força impetuosa, como se estivesse faminto por aquele momento, por aquela conexão.

Meus lábios se moveram com uma urgência selvagem, os movimentos carregados de uma necessidade quase desesperada, como se estivesse tentando me fundir a ela, tomando-a por completo.

O gosto dela, uma mistura doce do Martini que ainda pairava em sua língua, incendiou meus sentidos, e aprofundei o beijo, explorando cada canto de sua boca com uma paixão feroz, que se intensificava à medida em que ela correspondia, a princípio hesitante, mas logo demonstrando a mesma fome crua que me invadia.

Meu coração batia descompassado, ecoando a intensidade do desejo que fervia em minhas veias. O calor do corpo dela, pressionado contra o meu, alimentava ainda mais a chama do desejo que me consumia. Eu a queria, mais do que já quisera qualquer coisa na vida.

Minhas mãos, ávidas desceram pelo seu corpo, explorando suas curvas perfeitas por cima do vestido, traçando cada contorno com dedos que pareciam estar famintos por sua pele.

Deslizei uma das mãos pela cintura fina, sentindo a textura suave do tecido, e depois subi, seguindo a linha do vestido até encontrar a curva dos seios. Meus dedos apertaram levemente um mamilo, arrancando um gemido suave dela, o que apenas me incentivou a continuar.

Meus dedos percorriam cada centímetro que podiam alcançar, como se quisessem memorizar seu corpo através do toque. Eu estava perdido naquela mulher, em seu gosto, em sua suavidade, no calor de sua pele, o tesão se tornando mais intenso, mais urgente.

O desejo era uma fera selvagem dentro de mim, incontrolável, e eu sabia que, se ela não me parasse, eu a tomaria ali mesmo, ainda que ela talvez não estivesse sóbria o bastante para discernir se era o que realmente queria.

Mas Daphne não me parou. Ela me segurou com a mesma força, com o mesmo desespero, como se estivesse tão faminta quanto eu.

Seus dedos se entrelaçaram no meu cabelo, puxando-me para mais perto, aprofundando ainda mais o beijo, como se quisesse se perder em mim, como se quisesse que eu a salvasse do abismo de dor e confusão em que estava mergulhada.

Então, sem que nenhum autocontrole me restasse, levei a mão ao zíper na parte de trás do vestido dela e o desci lentamente, até embaixo.

Depois, deslizei as alças da peça simples de algodão pelos seus ombros e afastei-me alguns centímetros, apenas o suficiente para ver o vestido caindo aos pés dela.

Daphne estava sem sutiã, vestindo somente uma calcinha branca de renda. Tinha os seios fartos e durinhos, com bicos marrons. A cintura era fina, a barriga lisinha, e os quadris perfeitamente arredondados.

Seu corpo estava levemente trêmulo, mas não era de frio, e nenhuma visão jamais me pareceu tão embriagante e tentadora quanto vê-la ali, tão vulnerável, tão entregue, tão inequivocamente minha.

— Você está bem? — indaguei, com um sussurro.

Daphne fez que sim com a cabeça, ao mesmo tempo em que cobria os seios com os braços.

— Não se cubra. Quero te ver — segurei seus braços e os afastei do caminho — Você é ainda mais linda do que imaginei.

Dito isto, voltei para junto dela, passando um braço em volta da sua cintura, tomando sua boca com a minha, o fogo da luxúria se intensificando em minhas veias à medida em que minha mão deslizava sobre sua pele tentadoramente macia, e meus lábios escorregavam através da curva do seu pescoço, lambendo cada centímetro dela.

Caralho! Como ela era macia, cheirosa, deliciosa de uma forma que eu poderia facilmente me viciar.

Segurando-a firmemente pela cintura, e abocanhei um dos seios, sugando com a força da lascívia que corria dentro de mim, ao mesmo tempo em que infiltrava os dedos na sua calcinha e tocava sua carne lisinha e molhada.

Puta merda! Ela estava toda babada, com muita vontade de mim e isso me enlouquecia.

Fixei meus dedos sobre seu clitóris enrijecido e o massageei em círculos suaves, melando-o com sua lubrificação, ao mesmo tempo em que passava a língua no mamilo durinho, fazendo com que Daphne choramingasse, suas mãos fechadas em meus ombros, suas unhas crescidas afundando em minha pele, evidenciando seu descontrole.

Quando percebi que não conseguiria esperar nem mais um minuto para estar dentro dela, ergui-a do chão e a carreguei nos braços, deitando-a sobre a toalha de praia estendida na areia.

Com movimentos apressados, livrei-me de todas as minhas roupas e peguei um preservativo na carteira guardada no bolso da bermuda,

deixando-o ao lado.

Então, deitei-me sobre Daphne, apoiando o peso do meu corpo nos cotovelos. Beijei-a com veneração e desci minha boca pela sua incomparável maciez, me deleitando com seu gosto e o seu cheiro.

Ergui o corpo e tirei sua calcinha pelos pés, observando o brilho da sua lubrificação entre seus lábios vaginais.

— Tem certeza de que quer isso? — indaguei, com minha voz entrecortada pela respiração ofegante.

Daphne fez que sim com a cabeça, embora seu corpo continuasse levemente trêmulo, como se ela estivesse bastante nervosa.

Eu teria parado para pensar sobre aquilo, mas pensar era uma habilidade que eu já não tinha mais, o desejo animalesco, incontrolável, tomava conta de tudo, sobrepujando a minha capacidade de raciocinar.

Então, afastei suas pernas com as palmas das mãos e inclinei-me sobre ela, levando minha boca até a boceta carnuda e peluda, passando minha língua na fenda lambuzada, me deleitando com o gosto cítrico que ela tinha, com seu cheiro de fêmea excitada, o cheiro da perdição.

Daphne gemia e se contorcia inteira sobre a tolha, enquanto eu lambia e chupava seu sexo, passando a língua do cuzinho até o clitóris, refazendo o percurso repetidas vezes. Infiltrei a ponta da língua na vagina lambuzada, fodendo-a raso e macio, e ela gemeu mais alto, ensandecida.

Como se minha fome por aquela mulher não encontrasse limites, mordi o lábio carnudo da sua boceta e o chupei com força. Depois, levei a língua para o grelinho enrijecido e passei a movimentá-la freneticamente sobre aquele ponto sensível, sentindo-o inchar ainda mais, enquanto Daphne se perdia em gemidos de prazer.

Ela estava quase gozando quando parei, pois queria aquele orgasmo no meu pau. Eu havia esperado demais por isto. Estiquei a mão até o preservativo e o coloquei. Quando voltei a deitar-me sobre Daphne, seus tremores recomeçaram.

— Você está bem mesmo? — indaguei, me segurando para não me enterrar todo nela logo de uma vez.

— Tem algo que preciso te contar — ela parecia hesitante.

Desprovido de autocontrole, segurei meu pau pela base e esfreguei a cabeça na entrada da sua vagina encharcada, necessitando de um esforço sobre-humano para me manter fora dela.

— Diga — rosnei.

— Eu nunca... quer dizer, eu ainda sou virgem.

Demorei um longo momento para digerir aquela informação. Quando o fiz, simplesmente congelei no lugar. O desejo fervoroso e incontrolável ainda estava lá, porém foi amainado por um turbilhão de pensamentos intrusivos que bombardeou minha mente, deixando-me atordoado.

Como assim ela ainda era virgem? E seu caso de amor com Michalis? Havia sido apenas fruto da minha imaginação? Eu estava mesmo prestes a desvirtuá-la por causa de uma aposta?

Sentindo-me quase em choque, rolei para um lado. Daphne fez o mesmo, ficando de frente para mim, seu rosto lindo, avermelhado pela excitação, rente ao meu.

— Não quero que pare — sussurrou ela — Eu quero você.

— Daphne... — eu não sabia o que dizer, minha mente girava.

— Não importa que mal nos conhecemos, não importa que você não queira nada sério comigo. Ficarmos juntos, aqui e agora, não é um ultimato para que você faça parte da minha vida. Eu quero que você seja o meu primeiro. Apenas isso.

Eu a observei em silêncio durante um longo momento, enquanto buscava algum vestígio de decência dentro de mim, que me impulsionasse a me afastar, a deixá-la em paz, a permitir que se guardasse para alguém que a amasse, ou que pelo menos não fosse um filho da puta que apostara com outro canalha que conseguiria levá-la para a cama.

No entanto, eu não era tão forte, e não tinha tanta decência. Quanto mais ordenava a mim mesmo que me afastasse, mais o desejo primitivo dentro de mim suplicava que ficasse, que a fizesse minha e saciasse essa fome ensandecida que eu sentia por ela.

Não havia como voltar atrás. Eu a faria minha, e nada mudaria isso.

— Tem certeza? — indaguei, com um sussurro, segurando seu lindo rosto com a palma da minha mão.

— Sim, eu tenho.

— Prometo que serei cuidadoso.

Sem mais palavras, a puxei pela nuca, para cima de mim, e voltei a beijá-la, com a mesma fome descomedida de antes, porém com mais gentileza e cuidado, como se tocasse uma peça delicada, rara e valiosa.

Minha língua explorava cada canto da sua boca, meus dedos seguravam seus cabelos cacheados. Seu corpo delicioso, completamente nu,

se firmou sobre o meu, e a lascívia se intensificou como brasas em minhas veias quando experimentei o contato da sua pele macia diretamente com a minha, os seios fartos e duros empurrando meu peito.

Desprovido de qualquer vestígio de juízo e sanidade, nos girei sobre a toalha, colocando-me por cima de Daphne. Ergui-me o suficiente para fitar seu rosto lindo, segurei meu cacete pela base e o encaixei na sua entrada lambuzada, empurrando devagar, entrando centímetro por centímetro no seu canal intocado.

Caralho! Como ela era apertada! Eu queria entrar nela todo de uma vez, queria fodê-la com força e brutalidade, mas precisava me controlar para não a machucar.

Minha carne enrijecida encontrou sua barreira e a atravessou lentamente. Daphne piscou repetidas vezes, seus dedos fechados em meus ombros, sua fisionomia revelava uma sombra de dor, o que me imobilizou.

— Você está bem? — indaguei, a fim de me certificar de que não a estava machucando além do que pudesse aguentar.

— Sim. Eu estou.



CAPÍTULO 30

Eu queria ser um cavalheiro e esperar até que o corpo de Daphne se ajustasse à súbita invasão, mas eu não era. Não naquele momento, em que o desejo selvagem tomava conta de mim, controlando todas as minhas ações, despindo-me de qualquer resquício de sensatez.

Então, continuei penetrando-a, até que meu pau estivesse todo dentro do seu canal. Movido por um anseio quase animalesco, puxei os quadris e entrei nela novamente, desta vez sem muita delicadeza.

Me retirei e entrei mais uma vez, invadindo-a, as paredes molhadas e macias do seu canal, acolhendo minha rigidez, apertando-a tão deliciosamente que por pouco não me levaram à loucura.

Dei início a uma sequência impiedosa de movimentos bruscos, entrando e saindo de Daphne, metendo forte e fundo, o som da minha pélvis se chocando contra a dela ecoando pela praia deserta, misturando-se ao som das ondas do mar.

Eu não desviava meu olhar do seu rosto. Aos poucos percebi a tensão se esvair dos seus traços, dando lugar a uma hipnotizante expressão de prazer. Sua boca carnuda se abriu, seus olhos semicerraram, ao mesmo

tempo em que suas mãos delicadas apertavam meus ombros, seus gemidos descontrolados ecoaram altos, deixando-me ainda mais alucinado de tanta vontade dela.

Sem interromper o ritmo frenético com que a penetrava, inclinei-me e suguei seus lábios, com uma fome irracional. Depois, desci a boca pela curva do pescoço, mordendo e lambendo sua pele deliciosa, até que abocanhei um dos seios e mamei o mamilo com uma ferocidade selvagem, apertando-o entre os dentes, o que fez com que Daphne se descontrolasse ainda mais, suas costas arqueando, seus gemidos ficando mais altos.

Movido por uma ânsia primitiva que parecia jamais ter fim, pendurei uma das pernas dela em meu braço, deixando-a ainda mais arreganhada para mim e a fodi mais forte, alcançando-a muito fundo, me acabando de tanto prazer com a forma como seu canal lambuzado e macio apertava meu pau, com o jeito descontrolado como ela gemia.

Foi então que vi suas pupilas se dilatando, à medida que os músculos do seu corpo enrijeciam, proporcionando-me um espetáculo fascinante.

— Stefanos... Stefanos... Stefanos... — Daphne repetia meu nome com tom de súplica, enquanto o gozo ameaçava estilhaçá-la.

— Eu sei, bebê — rosnei — Goza no meu pau... deixa essa xoxotinha gostosa se acabar de prazer na vara do seu macho.

Dei mais algumas estocadas bem fundas e brutas, e foi suficiente para que ela alcançasse o êxtase, gozando alucinadamente sob mim, gemendo alto, e convulsionando, enquanto meus olhos atentos capturavam cada minúsculo movimento, quase com veneração.

Daphne começava a se acalmar, quando decidi parar de me segurar e permiti que o gozo viesse, intenso demais, meu pau soltando espasmos dentro dela, um gemido incontido fugindo da minha garganta.

Meu coração batia acelerado quando a calmaria me tomou. Sem me retirar de Daphne, nos virei de lado sobre a toalha e contemplei seu rosto lindo, suado, com a pele avermelhada pelo êxtase e a sombra de um sorriso, de pura satisfação, formada em seus lábios carnudos.

Eu não conseguia desviar meus olhos dos dela, sentindo-me completamente enfeitiçado por aquela mulher.

— Então é assim — sussurrou ela, quase para si mesma.

Ajeitei uma mecha de cabelo atrás da sua orelha, carinhosamente, meu olhar preso ao seu rosto, que estava ao mesmo tempo radiante e

completamente relaxado.

— Sim, é assim. O que achou?

Daphne sorriu mais amplamente, revelando a fileira de dentes brancos e perfeitos.

— Acho que não tenho palavras para descrever tudo o que estou sentindo agora.

— Não precisa de palavras. O seu olhar, o seu corpo, eles me dizem tudo.

Daphne ficou subitamente séria, uma ruga se formando na sua testa.

— É assim com todas as mulheres que você fica?

— Não — eu nem precisava pensar para chegar àquela resposta — Você é diferente de todas que já conheci — ela voltou a sorrir — Eu a desejei no instante em que a vi pela primeira vez, e isso nunca tem fim. Quanto mais eu olho pra você, quanto mais sinto o seu toque, o seu cheiro, o seu calor, mais quero me perder em você.

— Eu sinto o mesmo... Pode se perder em mim, Stefanos. Esta noite sou inteiramente sua.

Suas palavras, sua total entrega, reacenderam uma nova corrente de luxúria que me golpeou e arrebatou, impedindo-me de recuperar o autocontrole, e a sensatez.

Seguindo aos meus instintos mais primitivos, segurei-a pela nuca e a puxei para mim, capturando sua boca em um beijo quase desesperado, lascívia pura correndo em minhas veias, enquanto minha língua explorava sua boca.

Sem interromper o beijo, puxei uma das pernas dela para cima dos meus quadris e voltei a mover meu pau dentro do seu canal apertado, ainda mais lambuzado, como se me retirar de dentro dela já não fosse uma opção.

Eu me movia dentro de Daphne com languidez, entrando e saindo devagar, abrindo-a cada vez mais para mim, ao mesmo tempo em que a beijava com esse anseio desesperado que nunca tinha fim, o tesão me consumindo, correndo como fogo em minhas veias, impedindo-me de parar.

Meu pau estava completamente duro novamente, quando nos girei sobre a toalha, colocando Daphne em cima de mim, montada no meu cacete, com uma perna de cada lado.

— Rebola no meu pau... — ordenei, e ela obedeceu.

Guiei seu corpo para que se erguesse, e apoiei suas mãos em meu peito, deixando-a na posição certa, e ela começou a rebolar sobre mim, um

tanto sem jeito, sem experiência, mas ainda assim gostoso demais.

Os líquidos do seu gozo se espalhavam sobre minha pélvis, lambuzando meus pelos pubianos e os seus, à medida em que ela girava os quadris lentamente, numa dança deliciosa, que se tornava uma verdadeira perdição quando unida ao som dos seus gemidos.

Sem conseguir controlar a fome e a sede que sentia por aquela mulher, sentei-me, nivelando meu rosto com o seu. Segurei firmemente na parte de trás dos seus cabelos e capturei sua boca com a minha, beijando-a com loucura, enquanto minhas mãos vagavam pelas suas costas, explorando cada centímetro da sua pele, percorrendo o vão entre suas nádegas.

À medida que o tesão ia se intensificando, meus movimentos se tornavam mais brutos. Segurei firmemente em sua nádega e fiz com que ela se movimentasse mais depressa sobre mim, enterrando meu pau bem fundo no seu buraquinho gostoso, batendo sua pélvis na minha, me perdendo completamente nela.

Contudo, logo isso se tornou insuficiente, eu queria me enterrar mais completamente nela, queria comê-la de quatro. Então, segurei dos dois lados da sua cintura e fiz com que se levantasse.

— Quero te pegar de quatro — anunciei.

Foi só quando Daphne se levantou que percebi o problema. O preservativo não estava mais no lugar. O látex havia cedido, provavelmente porque foi forçado após estar cheio, e agora estava embolado na base do meu pau, coberto de porra.

— Caralho! — esbravejei.

— O que houve? — Daphne quis saber.

— O preservativo estourou.

A tensão foi tomando conta do seu semblante, à medida em que ela pensava nas consequências que aquele acidente poderia trazer.

— Ai, que merda! — disparou, os olhos negros arregalados.

Levantei-me e me coloquei diante dela, o tesão ainda queimando como fogo em meu corpo.

— Relaxa, não tenho nenhuma doença — tentei acalmá-la.

— Mas tem espermatozoides. Não quero ficar grávida.

— Não vai acontecer. Seria muita sacanagem do destino engravidar na sua primeira transa.

— Talvez o destino não vá muito com a minha cara.

— Não pense nisso. Não vai acontecer. Venha aqui. Ainda quero te pegar de quatro.

Dito isto, passei o braço em volta da sua cintura e a puxei para junto de mim, roubando sua boca com a minha, me acabando com seu gosto delicioso, me perdendo na maciez e no calor da sua pele nua em contato direto com a minha.

Sem separar nossas bocas, peguei-a no colo e deitei-a novamente sobre a toalha, virando-a de bruços e puxando seus quadris para cima, a fim de comê-la por trás.

— Espere, você precisa colocar outro preservativo — protestou Daphne.

— Quero sentir você sem a barreira do preservativo — informei — Já que gozei dentro de você uma vez, não tem problema gozar de novo. O que tiver que acontecer, já aconteceu.

Daphne virou-se de frente, sentando-se na toalha.

— Não sei se devemos fazer isso. Há o risco de uma gravidez. É melhor pararmos por aqui.

— Parar?! — repeti — Só um guincho me tiraria de cima de você agora, Daphne! — falei, e fui projetando meu corpo sobre o dela, aproximando nossas bocas devagar, ciente de que ela logo cederia, pois sentia por mim a mesma fome insaciável que eu tinha por ela, isso estava claro em cada gesto e cada olhar seu — Você é minha esta noite e nada poderá mudar isto.

Com essas palavras, dei o bote final, capturando sua boca, fazendo com que ela se deitasse sob mim enquanto a beijava com loucura e sofreguidão. Ela hesitou de início, mas, como esperado, logo cedeu, passando os braços em volta do meu pescoço e puxando-me para ela.

Guiado pela mais avassaladora luxúria, novamente a virei de bruços e puxei seus quadris para cima, fazendo com que arreganhasse mais as pernas. Ao ver aquela bunda grande, dura e gostosa, empinada na minha direção, não consegui resistir e enfiei meu rosto entre as suas nádegas, lambendo o cuzinho, tentando abrir passagem com a minha língua, enquanto Daphne se contorcia toda e choramingava, sua vagina pingando de gozo e de mais tesão.

Deslizei a boca do anelzinho para a boceta e a chupei com uma ânsia absurda, me deleitando com o sabor dos nossos gozos, misturado ao gosto de sangue e da sua excitação.

A fodi com a língua, enquanto ela gemia dengosa, dei tapas na sua bunda linda e lambi o grelinho enrijecido, até que ela estivesse prestes a explodir novamente.

Então, fiquei de joelhos atrás dela, segurei firmemente seus quadris e a penetrei, entrando forte e bruto, sua vagina melada e quente engolindo meu cacete até o talo, apertando gostoso, latejando em volta da minha rigidez, o que quase me levou à insanidade.

A noite esfriava lentamente, mas eu mal sentia. Estava imerso em um turbilhão de prazer e desejo, absorvido pelo privilégio de ter essa mulher em meus braços.



CAPÍTULO 31

Estava sozinha, deitada sobre a toalha de praia forrada na areia quando despertei. Meu corpo estava envolto pela camisa de Stefanos, que era grande o bastante para me cobrir quase por inteiro.

Ainda era cedo, o sol nascia timidamente no horizonte. Olhei para todos os lados checando se não havia alguém por perto, espionando, mas não tinha ninguém. Apenas os nativos da ilha frequentavam aquela praia, e não faziam isso durante a temporada de verão, optando por estarem nos clubes, em meio aos animados turistas.

Assim que me sentei, senti a fisgada na cabeça, causada pela ressaca, por ter bebido quase uma garrafa inteira de Martini durante a noite. Senti uma dor incômoda também entre as pernas, causada pelo sexo recente. Só que essa dor me fez sorrir, de puro contentamento.

Olhei para a frente e enxerguei Stefanos ao longe, tomando banho nas águas tranquilas do mar, cujas ondas haviam dado lugar a uma extensa piscina natural, que aparecia com a maré baixa.

A luz suave do amanhecer refletia sobre o mar, criando um espetáculo hipnotizante que parecia brincar com meus sentidos. O céu se

tingia de tons rosados e dourados, enquanto o sol, ainda tímido, lançava seus primeiros raios sobre a superfície espelhada da água.

A beleza máscula, e o magnetismo irresistível que Stefanos irradiava, atraíam-me como um ímã. Com sua elegante imponência, ele parecia fazer parte da paisagem. Seu corpo forte e esculpido cortava a água com facilidade, como se fosse parte do mar, um deus emergido das profundezas.

Suas braçadas pareciam tão naturais, tão cheias de vigor, que meu coração disparava só de observá-lo. A cada movimento, seus músculos se contraíam sob a pele bronzeada, destacando seu charme natural de uma forma que me deixava quase sem fôlego.

Eu queria culpar o álcool pelo que aconteceu entre nós na noite passada, queria justificar minha entrega me apegando à possibilidade de estar bêbada demais para ver o que fazia. Contudo, não havia nenhuma verdade nisso.

Eu quis me entregar a Stefanos, quis que ele fosse o primeiro homem da minha vida e, no fundo do meu coração, guardava a certeza de que jamais me arrependeria por tal decisão.

Mesmo ciente de que fomos um do outro por apenas uma noite, eu faria tudo de novo.

Hipnotizada com a imagem daquele homem, com a forma como os raios do sol deixavam seus cabelos ainda mais dourados, como proporcionavam um tom luminoso à sua pele, levantei-me, livrei-me da camiseta que me cobria e caminhei em direção à água, completamente nua, desprovida de qualquer inibição.

Ao perceber minha aproximação, Stefanos ficou imóvel, seus olhos azuis varrendo meu corpo inteiro, examinando cada detalhe da minha nudez. A intensidade do desejo na sua expressão me fez sentir a mais cobiçada e desejada das mulheres.

Fiquei ainda mais desinibida diante do seu olhar, enquanto continuava caminhando em direção à água, apreciando a areia fria sob meus pés e a brisa suave do mar acariciando minha pele.

Estar diante de Stefanos, despida de tudo, inclusive das barreiras que sempre construí ao redor de mim mesma, parecia a coisa mais natural do mundo.

Quando finalmente entrei na água, sentindo o toque fresco contra minha pele quente, ele me olhou com uma intensidade que quase me fez

parar. Mas continuei avançando, até estar ao alcance de suas mãos, que prontamente se estenderam para mim.

— Como você está se sentindo? — indagou Stefanos, parecendo genuinamente interessado.

— Acho que nunca me senti melhor — e era verdade.

Seus lábios se curvaram em um largo sorriso, enquanto ele me puxava para mais perto, seu olhar fixo no meu.

— Vai ficar ainda melhor quando tomar seu café da manhã. Liguei para uma confeitaria e pedi que trouxessem comida. Aposto que está com fome.

Fiquei subitamente tensa, com a possibilidade de ser vista por alguém da cidade com ele, e com evidências de que passamos a noite juntos, como a mancha do sangue da minha virtude na toalha, e o fato de eu não ter voltado para a vila na noite passada.

— Vou me esconder no carro. Não quero falatórios com o meu nome por aí — anunciei.

— Calma, relaxa. Vamos ficar na água. Eles não vão nos reconhecer daqui.

— Não posso demorar. Preciso trabalhar.

— O que acha de tirar folga e ficarmos aqui o dia inteiro hoje? Posso pedir comida suficiente para um piquenique.

Meus lábios se curvaram em um sorriso completamente involuntário, diante da ideia tentadora demais. Porém, eu precisava voltar para a realidade, ao trabalho e à conversa difícil que teria com Elias. Além disso, precisava fazer um teste de gravidez.

— Não posso. Tenho mesmo que trabalhar — foi a minha resposta.

Stefanos me puxou para mais perto, envolvendo-me em seus braços molhados, e por um momento ficamos ali abraçados, apenas respirando juntos, sentindo a presença um do outro.

A água estava na altura da nossa cintura, e nada jamais me pareceu mais delicioso que sentir o calor do corpo dele, completamente nu, em contato direto com o meu, sem a barreira das roupas.

Com um gesto tão natural quanto observar o pôr do sol da varanda de casa, Stefanos afundou o nariz nos meus cabelos, no alto da minha cabeça, fuçando meus cachos indomáveis, enquanto suas mãos exploravam suavemente meu corpo, e as minhas percorriam os contornos dos seus músculos bem-definidos.

— Não consigo manter minhas mãos longe de você — sussurrou ele, ofegante.

— Nem eu.

Ele espalmou uma mão nas minhas costas e me apertou mais forte contra seu corpo sólido. Meus mamilos pressionavam a dureza do seu peito, roçando deliciosamente em seus pelos curtos, enquanto minhas mãos vagavam pelas suas costas, deslizando para o bumbum durinho, apertando toda aquela carne deliciosa, o desejo selvagem se intensificando, se alastrando como fogo em minhas veias.

Stefanos escorregou a boca pela lateral da minha face, plantando uma trilha de beijos, até que capturou minha boca e moveu seus lábios nos meus, fazendo pressão, beijando-me com uma selvageria deliciosa.

Foi então que ouvimos assovios partindo da praia e virei-me rapidamente de costas, evitando que alguém visse meu rosto e me reconhecesse. O que iam dizer de mim?

Eram os entregadores. Stefanos deu instruções para que deixassem a comida sobre a toalha de praia, e os dispensou.

— Precisamos ir embora daqui antes que mais alguém apareça — anunciei, receosa, virando-me de frente para ele.

— Ninguém vai aparecer. Ninguém vem aqui quando há turistas na ilha. Eles só vieram para trazer nossa comida.

Stefanos ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, carinhosamente, e segurou dos dois lados da minha face, puxando-me para si, se apossando da minha boca com um beijo urgente, quase desesperado.

Senti o calor da lascívia correndo pelo meu sangue e me rendi por completo, passando os braços em volta do pescoço dele, permitindo que sua língua gostosa explorasse minha boca.

Sem interromper o beijo, Stefanos ergueu-me do chão, fazendo com que eu montasse em seu corpo, minhas pernas em volta da sua cintura, meu torso colado ao seu. Então, submergiu até o pescoço, comigo pendurada nele.

Com mãos habilidosas, ele me fez sentar no seu pau, encaixando a glande robusta no lugar certo e me penetrou, movendo-se deliciosamente dentro de mim, sob a água morna e salgada, enquanto nossos corpos se mantinham colados de cima a baixo e nossas bocas se devoravam.

Minhas pernas estavam trêmulas de tantos orgasmos quando, algum tempo depois, saímos da água. O sol já brilhava plenamente no céu, e vesti

minhas roupas para o caso de aparecer alguém por ali.

Stefanos e eu tomamos o farto café da manhã, trazido da cidade, sentados sobre a toalha de praia, envoltos em uma atmosfera gostosa de paz e tranquilidade, além daquela tensão puramente sexual que parecia jamais desvanecer.

Nossas conversas eram soltas e naturais, como se nós nos conhecêssemos há muito mais tempo. Ele tinha muita facilidade em me fazer sorrir, de modo que, ao seu lado, eu mal via o tempo passando, e apreciava cada instante de nós dois.

No entanto, quando entramos no carro e partimos de volta para a cidade, a realidade me atingiu com a força de um furacão que me arrastava sem controle. Eu não me arrependia do que aconteceu entre mim e Stefanos, jamais me arrependeria. Porém, não permitiria que aquilo acontecesse novamente.

O que eu sentia por aquele homem era intenso demais, ultrapassava os limites de um simples desejo carnal. O medo de me apaixonar e sofrer profundamente quando ele retornasse para os Estados Unidos me assombrava.

A decisão certa a ser tomada agora, seria impor distância entre nós e focar em dar um rumo à minha vida. Precisava conversar com Elias, colocar um fim definitivo no nosso relacionamento, e precisava pensar sobre o que faria depois.

Tinha que manter meus pés bem firmes no chão. Não me apegar a ilusões passageiras nem a diversões. Precisava pensar em um futuro concreto e possível. Talvez cursar uma faculdade, como Stefanos havia sugerido, fosse uma opção.

Havia uma faculdade pública em Mykonos, talvez eu pudesse ingressar em um dos cursos e, quem sabe, construir uma carreira.

— Pode me deixar aqui — falei, assim que avistamos o perímetro urbano de Mykonos.

— Aqui está muito longe de tudo. Eu te levo até a vila.

— Não. Me deixe aqui, por favor — Stefanos continuou dirigindo em direção à rua que levava à cidade — Estou falando sério! Me deixe aqui! — dessa vez fui mais firme e, por fim, ele parou no acostamento.

— Qual o seu problema? — seu tom de voz era ríspido — O que tem de mais em você ser vista com outro homem se não vai mais se casar com aquele garçom?!

Eu sabia que ele estava apenas tentando me proteger de caminhar sob o sol escaldante até a vila. Ainda assim, seu tom de voz, a forma como menosprezava o fim de um relacionamento que mantive durante toda a minha vida, conseguiram despertar a minha irritação, de modo que precisei respirar fundo várias vezes para manter a calma, antes de começar a falar.

— Stefanos, o que aconteceu entre nós foi incrível, uma das melhores experiências que já tive na vida, mas foi só isso.

— Do que diabos você está falando?!

— Não vai acontecer de novo. Não sou o tipo de garota que vive sonhando acordada em encontrar um príncipe encantado entre os homens que vêm à ilha durante o verão. Eu tenho meus pés no chão. Sei qual é o meu lugar e a forma como quero trilhar meu caminho na vida.

— Não me diga que pretende arranjar outro caipira para se casar! — seu menosprezo pelos princípios nos quais eu acreditava, acentuaram a minha irritação.

— O que eu farei da minha vida não é da sua conta. Só estou te dizendo o que não farei, que é ficar com você novamente.

— E por que não?

— Porque não quero me magoar.

A expressão nos olhos dele mudou, revelando um desejo tão ardente que meu coração deu piruetas no peito.

— Eu jamais te magoaria. Só quero ficar com você — ele estendeu a mão, tentando tocar minha face. Antes que conseguisse, abri a porta do carro e saltei, correndo apressadamente para longe dele.



CAPÍTULO 32

Cheguei à vila suada e ofegante por causa do sol forte. Felizmente minha chefe era uma pessoa extremamente compreensiva e não ficou chateada por causa do meu atraso, tampouco quis saber onde eu havia passado a noite.

Na privacidade do meu quarto, no alojamento dos funcionários, engoli um analgésico para a dor de cabeça, tomei um banho rápido, e vesti o uniforme de trabalho. Ao checar meu celular, pela primeira vez desde a noite passada, me deparei com inúmeras ligações perdidas e mensagens de Elias.

Embora ele não merecesse nenhuma palavra minha, eu também não era nenhuma santa nessa história, e respondi avisando que iria até o clube à noite, para conversarmos.

Mais uma vez contando com a generosidade da Sra. Papadopoulos, pedi para trabalhar na cozinha, durante aqueles dias, a fim de evitar me deparar com Stefanos a todo momento.

A cozinha da vila estava sempre cheia de empregadas, sendo o lugar menos frequentado pelos moradores e visitantes. Era o refúgio ideal para

evitar me encontrar a todo momento com o homem com quem eu havia passado a noite.

Como previsto, não o vi nenhuma vez durante todo o dia, o que me trouxe uma inesperada sensação de saudade, que prontamente me esforcei para reprimir. No final da tarde, após o encerramento do expediente de trabalho, me arrumei um pouco e deixei a vila, seguindo a pé em direção à orla.

Havia caminhado cerca de duzentos metros pela estrada de pedras, em declive, quando o luxuoso carro de Stefanos parou ao meu lado. Por mais que eu não quisesse sentir nada, por mais que me esforçasse para me manter indiferente àquele homem, meu coração deu saltos e piruetas no peito com a simples proximidade dele, as borboletas levantaram voo em meu estômago.

— Quer carona, gata? — indagou ele, baixando o vidro da janela do carona.

Não parei de caminhar, e ele passou a me acompanhar com o carro em baixa velocidade.

— Não. Eu gosto de caminhar — foi a minha resposta.

— Não é seguro para uma garota andar sozinha por aí, com tantos turistas bêbados na ilha.

— Eu sei me cuidar.

— Não seja inconsequente. Entra aí. Me deixe te levar.

— Eu já disse que não.

Ele permaneceu em silêncio por um momento. Apenas o ruído suave do carro preenchia o vasto espaço vazio enquanto descíamos pela colina sinuosa, as rodas do veículo deslizando lentamente sobre o chão de pedras brancas, levantando uma fina camada de poeira que se misturava com o aroma salgado do mar.

Pensei que ele tivesse desistido e fosse embora, mas em vez disso, ele parou o carro abruptamente e saltou, contornando-o pela frente até se aproximar de mim.

Meu coração acelerou quando nossos olhares se cruzaram de perto. Seus olhos azuis, hipnóticos, roubaram-me o fôlego, e a intensidade da sua expressão me envolveu em um transe inescapável, como se eu estivesse presa em seu olhar, incapaz de desviar. O mundo ao nosso redor desapareceu, deixando apenas o magnetismo entre nós.

— Por que está fugindo de mim? Não confia em si mesma quando estou por perto? — como era pretensioso!

Cruzei os braços, como se eles fossem capazes de me proteger daquele homem, da paixão voraz que eu sentia por ele.

— Não estou fugindo — neguei — Apenas estou cuidando da minha vida. Você deveria fazer o mesmo.

— Você passou o dia inteiro trancada na cozinha, para me evitar.

— Fiquei na cozinha porque preciso trabalhar. Nem todos têm o privilégio de poder ir para a praia curtir a vida, quando bem quiser.

A sombra de um sorriso se formou no canto da boca dele.

— Saiba que eu trabalho duramente também, todos os dias.

— Mas não agora. Não enquanto está de férias. Ou será que não está em Mykonos simplesmente para tirar férias?

Ele ficou subitamente sério, sua expressão assumiu um aspecto extremamente sombrio.

— Você sabe que não estou de férias. Sabe exatamente por que estou aqui — seu tom de voz era tenebroso — Mas não quero falar sobre isso agora, quero falar sobre nós dois — Stefanos avançou um passo em minha direção e fechou suas mãos em meus ombros desnudos sob as alças finas do vestido. O toque de sua pele enviou uma corrente de eletricidade que varreu-me de cima a baixo, despertando o calor da luxúria, meu coração batendo ainda mais descompassado — Quero falar sobre o que aconteceu ontem. Não foi apenas um desejo efêmero, não foi somente uma transa casual. O que sentimos um pelo outro é intenso demais para ser ignorado, para que nos afastemos.

Suas mãos deslizaram com uma suavidade provocante pelos meus braços, fazendo meu corpo estremecer com o calor ardente que percorria cada célula do meu ser.

Quando sua mão pousou na lateral do meu rosto, senti o toque como uma chama delicada, e nossos olhos se encontraram, intensos, carregados de desejo.

Meus lábios se entreabriram, submissos ao momento, enquanto meu coração lutava contra a razão, sabendo que se entregar àquela paixão visceral era um erro.

Mas, naquele instante, tudo o que eu queria era o gosto dos seus lábios sobre os meus, mesmo que isso significasse perder-me completamente.

Stefanos inclinou-se, aproximando seus lábios dos meus, e por um instante, o mundo pareceu desaparecer. Mas antes que pudéssemos nos beijar, o ronco de um motor quebrou o encanto, nos forçando a recuar.

Olhamos na direção do som e vimos Elias se aproximando rapidamente, pilotando minha lambreta, esquecida em frente ao clube onde ele trabalha.

Perfeito! Agora, o espetáculo estava completo.

Meu ex-namorado adúltero parou bruscamente ao nosso lado, saltando da moto sem sequer se preocupar em desligá-la. A lambreta tombou, abandonada, enquanto ele avançava com passos firmes em nossa direção, os punhos cerrados ao lado do corpo e os olhos castanhos queimando com uma fúria incontida.

— O que diabos está acontecendo aqui?! — vociferou ele, a ponto de soltar fogo pelas narinas — O que você está fazendo com esse playboyzinho de merda?!

Stefanos deu um passo na direção dele.

— Playboyzinho de merda é o teu cu! — rosnou — E é bom ir baixando o tom de voz. Você não tem mais nenhum direito sobre Daphne, não depois de ter levado outra mulher pro seu quarto, seu saco de bosta!

Elias desviou seu olhar raivoso para mim.

— Por que contou pra ele?! O que você tem com esse cara?! — inquiriu.

— O que ela tem comigo é algo que nunca terá com você — Stefanos interveio, antes que eu tivesse tempo de responder — Você deve ser um retardado por trair uma garota que dedicou a vida inteira a você.

— E o que ela tem contigo?! — Elias se alterou.

Ele deu um passo na direção de Stefanos e temi que o pior acontecesse. Então, me enfiei entre os dois.

— Já chega! — falei, firmemente — Elias, nós precisamos conversar.

— É o que tenho tentado fazer desde ontem, mas você não atende o telefone. Agora acho que sei o porquê.

Ignorando a acusação, me voltei para Stefanos.

— Por favor, vá embora.

Stefanos alternou seu olhar entre mim e Elias.

— Esse cara tá alterado. Não é seguro para você ficar sozinha com ele. Eu fico aqui.

— Ela é minha namorada, não sua! — gritou Elias.

— Não é mais, seu palhaço. Ela agora é minha mulher. Eu a tornei uma mulher de verdade, algo que você nunca fez.

O rosto de Elias se tingiu de um vermelho furioso, a ira queimava em seus olhos enquanto as palavras lhe escapavam, sufocadas pela raiva. Stefanos nunca deveria ter mencionado que eu me entreguei a ele.

Puta merda!

Percebendo que aquela discussão poderia explodir a qualquer momento, segurei firme o braço de Elias e o puxei em direção à lambreta. Levantei-a rapidamente e subi, sem perder tempo, perguntando se ele viria comigo.

Sem hesitar, Elias se acomodou na garupa, e eu arranquei com a moto pela estrada íngreme, deixando para trás o caos enquanto nos dirigíamos à orla, o vento frio tentando acalmar o calor das nossas emoções.

Permanecemos em silêncio durante todo o trajeto, imersos em nossos pensamentos. Seguimos em direção a uma praia serena, onde apenas um clube modesto se erguia, e poucas pessoas transitavam por ali.

Enquanto caminhávamos sobre a areia morna, com o som suave das ondas acariciando a costa, Elias finalmente quebrou o silêncio, dizendo:

— Então você dormiu com esse cara.

Eu não pretendia contar a ele sobre o que aconteceu entre mim e Stefanos, para não o magoar, como ele me magoara. Entretanto, depois das palavras de Stefanos, não havia mais como esconder a verdade.

— Sim, eu dormi — confessei.

Elias parou de andar e virou-se de frente para mim, encarando-me com sua expressão carregada de dor.

— E por que fez isso? Foi para se vingar? — indagou.

— Embora você merecesse uma vingança, não sou tão infantil a ponto de ir para a cama como um homem por um motivo tão trivial.

— Porra, Daphne. Nós estamos juntos há tantos anos, praticamente nossas vidas inteiras, e você sempre se negou a mim. No entanto, se entrega a um cara que acabou de conhecer. Eu não consigo entender. Onde foi que eu errei?

— Mesmo que eu não te deva nenhuma satisfação depois do que você fez, posso te dizer que foi melhor assim, pois ficou claro que não nos amamos tanto quanto imaginávamos. Foi um erro acreditar que podíamos

dedicar nossas vidas um ao outro. O que aconteceu, nos impediu de cometer um erro ainda maior.

Elias observou-me em silêncio durante um momento, sua fisionomia carregada de angústia.

— Não acho que foi um erro acreditarmos no nosso futuro. Eu amo você e não tenho nenhuma dúvida disso. Ainda quero construir uma vida ao seu lado. Estou disposto a perdoar o que você fez, para que possamos ficar juntos.

Balancei a cabeça, procurando as palavras certas.

— Não, Elias. O que existiu entre nós acaba aqui — anunciei.

— Isso é por causa daquela italiana? Ela não significa nada pra mim. Foi apenas sexo. Eu a usei para saciar o tesão que sinto por você. Não teria acontecido se você não tivesse se negado a mim.

— Você está dizendo que a culpa foi minha?

— Claro que não, meu amor. Eu estou dizendo que você é a única mulher que quero de verdade. Não vamos jogar nosso futuro fora por causa de bobagens. Ainda podemos ser felizes juntos.

— Mesmo que não tivéssemos conhecido essas pessoas, nós não seríamos felizes juntos.

Continuamos aquela conversa durante as horas que se seguiram. Definitivamente, foi uma das conversas mais difíceis da minha vida, afinal, Elias e eu estávamos juntos há muito tempo.

Foram mais de três anos dividindo nossos dias, fazendo parte da realidade e do cotidiano um do outro. Não seria fácil para nenhum de nós dois reestabelecermos uma nova rotina e seguirmos em frente sem o outro.

No entanto, era necessário que parássemos por ali, pois o fato de termos estado com outra pessoa significava que jamais seríamos felizes juntos.



CAPÍTULO 33

Era início de noite quando voltei para a vila pilotando minha lambreta. Sentia-me inundada por uma angustiante sensação de nostalgia, por ter encerrado de maneira tão abrupta e inesperada aquela etapa da minha vida, por estar tão perdida em relação ao meu futuro.

Atravessei toda a residência, sem encontrar ninguém pelo caminho, e me isolei no aconchego do meu pequeno quarto. Estava deitada na cama, perdida em meus pensamentos, quando houve uma batida discreta na porta e meu coração disparou.

Contudo, não foi a voz de Stefanos que partiu do outro lado, como esperei, e sim a de Irini.

— Daphne, você está aí? — indagou ela.

— Sim. Só um momento — levantei-me e abri a porta, permitindo que ela entrasse.

— Eu vi você passando pela área da piscina. Você tá legal?

Fiz que não com a cabeça e finalmente deixei que as lágrimas reprimidas rolassem pelo meu rosto.

— Não muito — murmurei, e Irini me abraçou, acolhendo-me carinhosamente.

Chorei no ombro dela durante um tempo interminável. Quando estava mais calma, contei-lhe tudo o que havia acontecido, desde que flagrei Elias com outra mulher, passando pela noite de paixão nos braços de Stefanos, até o rompimento do namoro.

— Por Deus! Você precisa fazer um teste de gravidez! — exclamou Irini, após me ouvir atentamente.

Estávamos sentadas na minha cama, de frente uma para a outra.

— Eu sei. Stefanos disse que seria muita falta de sorte engravidar logo na primeira transa. Mas sei que pode acontecer.

— É melhor esperar alguns dias, para ter certeza. Uma semana é suficiente. Eu conheço um laboratório discreto. Eles vão fazer um exame de sangue.

Fitei-a desconfiada.

— E como você sabe de tudo isso?

Irini hesitou, desviando o olhar, mas logo voltou a me fitar.

— Eu já fiquei grávida uma vez.

— Do Dimitrius?

— Sim.

— E onde está seu bebê?

O rosto dela se contraiu, uma angústia dolorosa de se ver tomando conta do seu semblante.

— Dimitrius me convenceu a fazer um aborto — meu queixo caiu de pura perplexidade e indignação — Um homem na posição dele não seria pai do filho de uma empregada.

Um turbilhão de indagações invadiu minha mente, ao passo em que a raiva pipocava em minhas veias.

Por que Irini continuava com Dimitrius mesmo ciente de que ele não a amava o suficiente para deixar o filho deles viver? Que amor doentio era esse que ela sentia por ele, que a tornava cega e desprovida de qualquer amor-próprio?

Apesar dos pensamentos, optei por não dizer nada, para não ficar parecendo que a estava julgando. Por outro lado, a situação dela me dava ainda mais certeza de que eu havia tomado a decisão certa ao determinar que nada mais aconteceria entre mim e Stefanos.

Se eu continuasse nos braços daquele homem, acabaria como Irini: apaixonada e desprezada, apenas por ser pobre. Se eu estivesse grávida, ele provavelmente tentaria me convencer a abortar, algo que jamais consideraria. Tudo o que me restava era rezar para que essa gravidez não fosse real.

Com o coração pesado pela dor da minha amiga, a envolvi em um abraço apertado, e juntas choramos pela infelicidade de amarmos os homens errados.

Nos dias que se seguiram, meu plano de evitar me deparar com Stefanos pela casa a todo momento estava dando certo. Passei a trabalhar integralmente no isolamento da cozinha, me limitando a circular entre ela e o alojamento dos funcionários.

Mais duas sobrinhas da minha chefe tinham vindo passar o verão na vila, o que acrescentava mais correria à rotina dos empregados, já que ambas eram exigentes e muito mandonas.

Gostavam de trazer as amigas para passar o dia, às vezes à noite, e faziam questão de serem servidas por mais de uma empregada ao mesmo tempo, de modo que precisávamos largar tudo para atendê-las.

Entre os funcionários, corria a fofoca de que uma delas, Alexia, havia sido namorada de Stefanos no passado, quando ambos moravam em Mykonos, e que o relacionamento havia esfriado quando ele se mudara para os Estados Unidos. Agora, com os dois sob o mesmo teto, especulava-se sobre uma possível reconciliação.

Diziam que Stefanos tinha sido o grande amor da vida dela, e, por mais que eu tentasse afastar esses pensamentos, uma angústia desesperadora se apoderava de mim toda vez que os imaginava juntos, seja nas festas à beira da piscina ou, mais tarde, nos recônditos do quarto dele.

Se o rompimento entre eles ocorreu apenas porque ele havia partido, nada mais parecia impedir que reatassem agora, e essa possibilidade era devastadora demais para suportar.

Embora eu me esforçasse para expulsar esse homem dos meus pensamentos, todas as noites sua imagem invadia minha mente antes de eu adormecer. E ao despertar, ele era sempre o primeiro a ocupar meus pensamentos.

Sentia falta do cheiro inebriante que emanava dele, do calor reconfortante dos seus braços, do sabor irresistível da sua boca.

Eu sentia tanta saudade dele, do que aconteceu entre nós, que às vezes se tornava quase impossível controlar o impulso de sair pela vila no meio da noite e ir bater na porta do seu quarto. A possibilidade de ele estar com Alexia, era o que me impedia de fazer isso.

No fim de semana, voltei para casa, buscando o conforto da minha família. Como Elias ainda não havia mencionado o fim do nosso relacionamento aos meus pais, decidi adiar essa difícil conversa. Apenas disse que ele estava ocupado com o trabalho no clube, justificando assim sua ausência na nossa habitual reunião familiar.

Já era quase meio-dia de domingo quando Ioanna apareceu, acompanhada de uma amiga. Ela estava visivelmente diferente. Havia clareado os cabelos com luzes, vestia roupas mais extravagantes e usava uma quantidade excessiva de maquiagem.

Além da mudança no visual, seu comportamento também havia se alterado, estava ainda mais distante de nós, desconectada da família, e passava a maior parte do tempo trocando mensagens no celular ou conversando com sua amiga.

Durante a semana, eu havia telefonado para a chefe dela e descobri que,como suspeitava, Ioanna já não trabalhava mais lá. Ela pedira demissão na época em que conhecera o grupo de italianos e, segundo me contou a chefe ao telefone, estava hospedada em um hotel da cidade, pago por um deles, que, conforme Ioanna, era seu namorado.

Escolhi não revelar essa verdade aos nossos pais, evitando preocupá-los. Contudo, depois do almoço no quintal de casa, chamei Ioanna para uma conversa particular, na privacidade do quarto que dividíamos.

— Será que você ficou maluca? Como pode largar seu emprego? Não está fácil arranjar trabalho em Mykonos, e vai piorar quando o verão acabar — questionei.

— Eu não preciso mais trabalhar, minha irmã — ela parecia exultante ao falar — Carlo, meu namorado, vai continuar me sustentando até eu completar dezoito anos, depois, vai me levar para a Itália para morar com ele.

Por Deus! Como ela podia ser tão ingênua?

— É sério que você acredita mesmo que ele vai fazer isso?

— Ele vai me levar. Não tem nenhum motivo pra mentir.

— O motivo dele é conseguir passar as férias de verão com uma garota incrível como você. Só que quando as férias terminarem, ele vai

voltar pra vida dele e nem se lembrará mais de você. Nos meus dezoito anos de vida, vi esse episódio se repetir tantas vezes, com tantas garotas, que até perdi a conta.

— Acontece que Carlo é diferente. Ele gosta de mim de verdade.

— Mesmo que ele goste, homens como ele não assumem garotas como nós. Ele vai acabar te magoando. Se te engravidar, pedirá para você fazer um aborto.

Ioanna revirou os olhos, externando seu desprezo pelas minhas palavras.

— Que coisa chata, Daphne. Só porque nenhum cara rico quis você não significa que todos sejam iguais.

— Esses caras não nos querem de verdade. Pra eles, somos apenas um passatempo.

Ela pegou o celular para responder uma mensagem, sorrindo para a tela como uma boba, e me impacientei, arrancando o aparelho da sua mão.

— Porra! Devolve meu celular! — vociferou Ioanna, fuzilando-me com olhos furiosos.

— Não até você me ouvir!

— Acontece que não estou interessada nessa sua conversa! Por que você não cuida da sua vida?

Ela tentou tirar o celular da minha mão e levantei-me, escondendo o aparelho no bolso do meu jeans.

— Será que você não percebe que está estragando a sua vida? — tentei, e os olhos dela reluziram de fúria.

— Acontece que talvez eu queira estragar a minha vida! — gritou, fora de si — Qualquer coisa é melhor que viver nesse fim de mundo, correndo o risco de ser julgada, condenada, e expulsa de casa, como nossos pais fizeram com o Nikolas e você apoiou! Vocês o mataram!

Eu mal reconhecia a minha irmã. Definitivamente, o convívio com as pessoas com quem estava andando a havia mudado.

— Não fale assim, Ioanna — pedi — O que aconteceu com Nikolas não foi culpa de ninguém.

— Foi de todos vocês. Agora me devolve a porra do meu celular, ou vou fazer um escândalo!

Sem opção, devolvi o aparelho a ela.

— Eu só quero o seu bem — falei.

— Então apenas aceite que eu estou feliz.

Dito isto, ela deu meia-volta e saiu do quarto. Quando deixei o interior da casa, voltando para a reunião da família, no quintal, descobri que Ioanna tinha ido embora.



CAPÍTULO 34

De volta ao trabalho na segunda-feira, busquei refúgio na cozinha, evitando sair de lá. Como já esperava, havia sinais evidentes na área da piscina de que uma grande festa tinha acontecido na noite anterior. Garrafas vazias, copos e bitucas de cigarros estavam espalhados por todos os lados.

Mas isso não era surpresa alguma. Dimitrius, Stefanos, seus amigos, e agora também Alexia e sua irmã, costumavam dar festas na piscina com frequência, até mesmo durante a semana. Para eles, era apenas mais um dia seguindo o ritmo usual de suas vidas.

Naquela manhã, enquanto recolhia as garrafas e arrumava a bagunça deixada pela festa, não conseguia afastar a imagem de Stefanos nos braços de Alexia. Era uma tortura silenciosa imaginar suas mãos, que eu tanto desejava, tocando outra pessoa.

Stefanos não era o tipo de homem que uma garota conseguiria esquecer facilmente. Eu não tinha dúvidas de que Alexia e ele ficavam juntos nessas festas e, posteriormente, na intimidade de um quarto.

A ideia de vê-lo com ela, de cruzar com eles nos corredores da casa, me corroía por dentro. Queria acreditar que isso não me afetava, mas a

verdade era que o pensamento de Stefanos com outra mulher me destruía.

O que eu sentia por ele não era apenas um desejo carnal, mas sim uma paixão voraz, irracional, que me consumia de dentro para fora. Eu não queria sentir isso, não queria ser tão vulnerável a ele. Mas quanto mais tentava afastar esses sentimentos, mais eles me dominavam.

Eu queria ser forte, queria ignorar essa atração perigosa, mas a verdade era que Stefanos era meu ponto fraco. A simples ideia de vê-lo com outra me devastava, mas o que me assustava ainda mais era a possibilidade de me render completamente a ele mais uma vez, de não ser capaz de resistir se ele me quisesse novamente.

E, no fundo, havia uma parte de mim que desejava exatamente isso. Que ele me quisesse com a mesma intensidade que eu o desejava. Que ele visse em mim algo mais do que uma simples transa casual, uma empregada. Mas eu sabia que isso era apenas uma ilusão, um desejo ingênuo que não podia ser alimentado.

Na noite de terça-feira, eu estava em meu quarto no alojamento dos funcionários quando fui abruptamente acordada pelo toque insistente do meu celular. Era Elias. Não era a primeira vez que ele me telefonava desde o nosso término, mas nunca havia feito isso tão tarde, às onze da noite.

— Oi, Elias. Aconteceu alguma coisa? — indaguei, ainda sonolenta, preocupada devido ao horário.

— Infelizmente aconteceu. Estou de folga hoje e saí com alguns amigos. Não queria ter que dizer isso, mas estou em um clube que sua irmã costuma frequentar, e ela está metida em uma confusão aqui. Acho melhor você vir buscá-la — processei suas palavras e pulei da cama com um sobressalto, completamente acordada.

— O que aconteceu com Ioanna? Ela está machucada? — indaguei, aflita.

— Está sim. O cara com quem ela estava a agrediu. Não é grave, mas ficou bastante feio.

Por Deus! De todas as coisas que imaginei que poderiam acontecer com Ioanna, andando com aquela gente, o que Elias acabara de dizer era a mais terrível.

— Estou indo — com isto, encerrei a ligação.

Tirei a camisola e vesti a primeira roupa que minhas mãos alcançaram no armário: calça jeans e casaco de moletom. Prendi o cabelo apressadamente em um rabo de cavalo, e apenas quando levei a mão à bolsa

para pegar as chaves da lambreta lembrei-me de que havia deixado-a na oficina para fazer revisão, ainda naquela manhã.

Se pelo menos Elias tivesse um carro, ou uma moto, eu pediria que viesse me buscar. Contudo, o único meio de transporte do qual ele dispunha era uma bicicleta antiga. Eu teria que acordar alguém da casa para pedir ajuda.

Droga!

Considerando que seria difícil conseguir um táxi àquela hora, saí do aposento determinada a bater na porta do quarto da Sra. Papadopoulos e pedir que ela me levasse até a orla.

No entanto, assim que saí do alojamento, o som de vozes vindo da direção da piscina me fez parar. Agradeci a Deus por haver alguém acordado na vila àquela hora, a quem eu poderia pedir que me levasse, sem a necessidade de ir incomodar a minha chefe.

Caminhei até a área da piscina, e lá estavam todos eles: Stefanos, Dimitrius, Andreas, Alexia, e mais duas garotas que não reconheci. Se encontravam acomodados em torno de uma mesa sob um pergolado, bebendo cervejas, jogando conversa fora.

Como era de se esperar, Alexia e Stefanos estavam muito próximos, sentados ao lado um do outro, seus corpos quase se tocando, o sorriso no rosto revelando o quanto apreciavam a companhia um do outro.

Vê-los juntos pela primeira vez foi como receber um golpe súbito e devastador no peito. A visão de Stefanos ao lado dela, rindo e compartilhando gestos íntimos, provocou uma onda de angústia que me sufocava.

Sentir que ele poderia estar apaixonado por outra, enquanto meu coração clamava por sua atenção, era uma tortura silenciosa e devastadora.

Ao mesmo tempo, ver seu rosto de perto, depois de tantos dias em que só o via de relance, fez algo se agitar dentro de mim, como se uma onda de calor subisse rapidamente pelo meu corpo, fazendo meu coração bater descontrolado.

Era como se o simples fato de estar na presença dele reacendesse todas as chamas que eu tentava, em vão, apagar.

Naquele instante, percebi com dolorosa clareza que, mesmo que o tempo passasse e os anos se acumulassem, a paixão visceral que eu sentia por Stefanos jamais seria apagada. Era uma certeza crua e implacável, que me fazia sentir vulnerável como jamais estive na vida.

Ele era como um ímã, e eu, uma presa indefesa, atraída por sua força irresistível. Cada detalhe seu, a maneira como seus olhos brilhavam à luz suave da noite, o jeito despreocupado com que segurava a garrafa de cerveja, a risada que escapava de seus lábios, tudo contribuía para a tempestade de emoções que se revolvia dentro de mim. Emoções que eu precisava reprimir a todo custo.

— Stefanos, posso falar com você? — perguntei.

Os outros entreolharam-se com malícia, enquanto Alexia descia o olhar pelo meu corpo, examinando-me de cima a embaixo, com sua expressão endurecida.

Stefanos levantou-se apressadamente e veio ao meu encontro. Seus olhos azuis fixos em meu rosto, capturaram a agonia que me assolava, à medida em que uma ruga de preocupação se formava em sua testa.

— Aconteceu alguma coisa? Você está bem? — indagou ele.

— Aconteceu alguma coisa com a minha irmã na orla. Preciso ir até lá, mas minha moto está no conserto. Você poderia me levar?

— Claro. Venha comigo. Vou pegar as chaves do carro.

Com a clara intenção de me manter afastada dos outros na piscina, Stefanos envolveu minha mão na sua, guiando-me para o interior da casa. O calor da sua pele intensificava a paixão entre nós, despertando uma avalanche de desejo que apenas não superava a crescente preocupação com Ioanna.

Esperei no corredor enquanto Stefanos pegava as chaves do carro em seu quarto, e logo em seguida partimos em direção à orla.

O trajeto até o clube se tornou uma tortura silenciosa. O som dos pneus na estrada parecia amplificar o caos e a paixão que reinavam dentro de mim. Os quilômetros percorridos apertavam mais o nó em meu peito.

Ao meu lado, Stefanos dirigia com uma determinação fria, mas o jeito como seus olhos me observavam, quase de maneira imperceptível, revelava uma preocupação que ia além do simples dever de me ajudar.

— O que aconteceu com sua irmã? — indagou ele, depois do longo silêncio.

— Não entendi bem. Elias disse que ela foi agredida.

As mãos dele apertaram o volante com tamanha força que os nós dos seus dedos embranqueceram.

— Elias? Você ainda tá saindo com esse cara? Achei que tinham terminado.

— Nós terminamos. Ele apenas ligou para me avisar sobre Ioanna. Nós não nos tornamos inimigos porque terminamos o namoro. Pelo contrário, sempre seremos amigos, mas não quero falar sobre isso agora.

— Eu sei. Desculpe por perguntar.

— Tudo bem.



CAPÍTULO 35

Chegamos à entrada do clube, e meu coração pulou uma batida ao ver Ioanna. Ela estava do lado de fora, tropeçando nas próprias pernas, com o rosto machucado e uma expressão de fúria que eu nunca tinha visto antes.

O segurança do clube, um homem corpulento e de rosto severo, estava segurando-a pelos braços, praticamente a expulsando do local.

— Ioanna! — gritei, saltando do carro e correndo até ela, mas antes que pudesse chegar, o segurança a empurrou com força para fora, fazendo-a cambalear.

— Tire essa bêbada daqui antes que eu chame a polícia — ele rosnou, olhando para mim com desprezo.

— Não fale assim com ela! — gritei de volta, invadida por um misto de raiva e desespero ao ver minha irmã naquele estado. — Ela é minha irmã!

— E daí? — ele respondeu, cruzando os braços — O clube não é lugar para esse tipo de comportamento. Se não quer problemas, é melhor levar ela embora agora.

Eu estava prestes a retrucar, quando Stefanos deixou o carro largado no meio da rua e se aproximou, colocando-se entre mim e o segurança.

— Nós vamos levá-la para casa, mas você não precisa ser grosso. Ela já passou por coisas suficientes essa noite — disse Stefanos. Sua voz soou firme e controlada, mas carregada de uma ameaça silenciosa.

Ioanna, que até então estava em silêncio, se soltou das minhas mãos e virou-se para mim com olhos faiscantes.

— Por que você está aqui, Daphne? Veio ver o espetáculo? — sua voz estava carregada de rancor, suas palavras cortando fundo em mim.

— Ioanna, o que aconteceu? Quem fez isso com você? — perguntei, a voz falhando enquanto tentava não chorar ao ver o fio de sangue escorrendo do seu nariz, e o hematoma se formando em seu olho.

— Isso não foi nada. Foi só uma briga de namorados. Logo tudo vai passar — ela respondeu, com a língua embolada pela embriaguez.

Eu fitei-a atônita.

— Uma briga de namorados?! — repeti, verdadeiramente perplexa — Esse cara te agrediu. Isso não foi uma briga de namorados!

— E não foi mesmo — o segurança interveio, sua voz carregada de um misto de desprezo e rispidez — O turista se cansou dela e arranjou outra garota com quem se divertir, só que ela não quis aceitar ser trocada e foi até a mesa dele fazer barraco. Achei bem-feito que apanhou!

— Cala essa boca! — Stefanos ordenou — Você já fez o bastante. Agora saia daqui!

— Só sairei quando essas duas estiverem bem longe do clube.

— Vamos, Ioanna. Vou te levar pra casa — tentei segurar minha irmã pelo braço, mas ela o puxou de supetão, fuzilando-me com ódio mortal. Seu cabelo desgrenhado, as roupas rasgadas, faziam com que parecesse uma moradora de rua.

— Eu não vou a lugar nenhum com você! — gritou.

— Você vai sim. Até porque não tem escolha. Se ficar aqui, vai acabar sendo presa.

— Aposto que você está se divertindo com isso tudo, não é?! Finalmente, Ioanna, a irmã promíscua, cai na lama, e você está aqui para ver de perto. Aposto que está louca pra dizer: “eu avisei”, pra provar que estava certa.

— Isso não é verdade! Eu nunca quis que algo assim acontecesse com você! — respondi, desesperada, tentando alcançá-la de novo, mas ela

se afastou.

— Nunca? Nunca, Daphne? Você sempre quis ser a boazinha, a certinha, aquela que todos admiram, a preferida dos nossos pais. Aposto que está adorando me ver assim, tão patética!

— Eu só quero te ajudar — implorei.

— Eu não preciso da sua ajuda! Eu não preciso de nada de você! — Ioanna gritou, o som da sua voz ecoou na minha cabeça como um trovão.

— Por favor, vamos para casa, podemos falar sobre isso lá — tentei argumentar, minha voz quase um sussurro.

Stefanos, que havia permanecido em silêncio até então, colocou a mão em meu ombro, um gesto que me transmitiu uma sensação de segurança, como se ele estivesse me dizendo sem palavras que não importava o que acontecesse, ele estaria ao meu lado.

A presença dele era um conforto palpável, algo em que eu podia me apoiar enquanto via minha irmã naquela situação lastimável.

— Ioanna, nós não estamos aqui para te julgar — ele disse, sua voz carregada de firmeza — Vamos para casa. Esse não é o lugar para resolver as coisas.

Ioanna olhou para ele e, por um momento, a fúria em seus olhos se dissolveu, substituída por algo mais vulnerável, quase desesperado.

— E esse aí, quem é? Por acaso deixou de ser a santa e está dando para ele? — disparou ela, com sarcasmo.

— Já chega disso, garota! — Stefanos vociferou — Deixa de ser irresponsável e ingrata! Sua irmã saiu da cama, depois de um dia cansativo de trabalho, e se despencou até aqui pra te ajudar, evitar que você acabe sendo presa, ou ainda mais espancada, e é assim que você a trata?! Onde está o seu bom senso?

— Acontece que eu não... — Ioanna tentou falar, mas Stefanos a interrompeu.

— Foda-se que você não tenha pedido ajuda! Pra sua sorte, alguém teve o bom senso de fazer isso. Agora você vai pra casa e o assunto está encerrado!

Ignorando os protestos da minha irmã, Stefanos fechou sua mão forte em volta do braço dela e escoltou-a até o carro, enfiando-a pela porta de trás, trancando-a lá dentro, enquanto eu me acomodava no assento da frente.

Em seguida, Stefanos sentou-se ao volante.

— E então, para onde vamos? — indagou ele — Querem ir para a delegacia dar queixa de agressão?

— De jeito nenhum! — disparou Ioanna — Não vou dar queixa daquele desgraçado. O que vou fazer é acabar com a raça dele!

— Ioanna, você precisa denunciá-lo, ele te agrediu — tentei.

— Estão dizendo isso porque não viram o estado em que ele ficou.

— Não importa o estado dele. Você é uma garota. Ele não podia ter revidado. Você precisa dar queixa — insistiu Stefanos.

— Não vou dar queixa. Não vou passar por mais essa humilhação, de chegar na delegacia nesse estado e ver todos zombando da minha cara. Se não vão me deixar aqui, me levem para casa.

Stefanos olhou para mim, buscando resposta e apenas dei de ombros. Então, ele ligou o carro e deu partida, seguindo na direção de Ano Mera, conduzindo-nos pelas ruas movimentadas de turistas.

O silêncio que reinava no carro era denso, como se as palavras não ditas pesassem entre nós. Ioanna se limitava a resmungar de vez em quando, o corpo recostado de maneira desleixada no banco traseiro, enquanto eu mantinha meus olhos fixos na estrada à frente, tentando não me deixar levar pela onda de emoções conflitantes que me dominava.

A presença de Stefanos ao meu lado era um conforto, mas também uma fonte de nervosismo. Não sabia como expressar a gratidão que sentia por ele estar ao meu lado naquele momento tão difícil. Aliás, se não fosse por ele, eu jamais teria conseguido tirar Ioanna daquela situação.

— Você está bem? — ele perguntou de repente, sua voz baixa, como se não quisesse interromper o silêncio que havia se instalado entre nós.

A preocupação genuína que transparecia em suas palavras fez com que eu sentisse um calor no peito, uma sensação reconfortante de que não estava sozinha.

— Sim... Estou. Só... só estou um pouco cansada — respondi, tentando manter minha voz estável, mas era difícil ignorar o tremor sutil que a emoção trazia.

Ele assentiu, seus olhos fixos na estrada, mas a maneira como sua mão tocou brevemente a minha, pousada em meu colo, disse mais do que qualquer palavra. Era um gesto simples, mas carregado de significados. Uma promessa silenciosa de que ele estava ali para o que eu precisasse.

— O que há entre vocês, hein? Por acaso estão trepando? — disparou Ioanna.

— Cale-se, Ioanna. Você já arranjou confusão demais para um único dia — retruquei.

— Ah, então é verdade. A santa Daphne decidiu aproveitar a vida. Aposto que o Elias não sabe disso.

Ela continuou com suas provocações, ao longo do percurso, mas parei de responder.

Ao chegarmos à casa em Ano Mera, a escuridão do local parecia ainda mais opressiva devido ao peso da tensão que reinava no carro.

Stefanos estacionou ao lado da modesta entrada e, antes de descer, respirei fundo, tentando acalmar os nervos. O simples pensamento de Stefanos, um homem tão sofisticado e acostumado ao luxo, ver nossa casa tão simples me deixou inquieta.

— Já estamos em casa, Ioanna — murmurei, percebendo que minha irmã estava quase adormecida no banco de trás.

Peguei as chaves de dentro da bolsa com as mãos trêmulas, saí do carro e caminhei até a porta de entrada. A fechadura, que sempre fora teimosa, parecia ainda mais difícil de manusear naquela noite.

Ou talvez fosse apenas minha ansiedade exacerbada.

Após alguns segundos que pareceram eternos, a tranca finalmente cedeu e a porta se abriu com um leve rangido.

— Vamos entrar — sussurrei, lançando um olhar para Stefanos, que estava ao lado de Ioanna, ajudando-a a sair do carro.

Enquanto ele segurava minha irmã pelo braço para mantê-la em pé, eu abri mais a porta, tentando fazer o mínimo de barulho possível. A última coisa que queria era acordar meus pais e meus irmãos. Se isso acontecesse, Ioanna estaria ainda mais encrencada.

Entramos na casa sorrateiramente. As paredes pareciam apertar-se ao nosso redor, como se o espaço estivesse de repente pequeno demais para nós três. A luz fraca do meu celular mal iluminava o ambiente, mas era suficiente para guiar nossos passos até o quarto que Ioanna e eu dividíamos.

— Ioanna, faz silêncio, por favor — implorei, colocando o dedo nos lábios e olhando para ela com seriedade.

Ela apenas resmungou algo incompreensível, seus olhos semiabertos mostrando que estava à beira do sono.

Stefanos, sem dizer uma palavra, a carregou com delicadeza para dentro do quarto. A maneira como ele a segurava com tanto cuidado, quase como se ela fosse feita de vidro, encheu meu coração de calor.

Havia algo profundamente reconfortante em vê-lo cuidar dela, como se naquele momento ele estivesse cuidando de mim também.

No quarto, aproximei-me da cama e, com um gesto suave, puxei os lençóis para que Ioanna pudesse deitar-se. Ela estava tão exausta que mal reagiu quando a ajudei a se acomodar, tirando suas sandálias e os brincos. Puxei os cobertores até seus ombros, ajeitando-os ao redor dela, como fazia quando éramos crianças.

— Por favor, durma e não saia de casa mais hoje — sussurrei, minha voz repleta de preocupação e cansaço.

— Você não vai ficar? — indagou ela, com um murmúrio sonolento.

— Não posso. A vila está abarrotada de hóspedes, preciso estar lá para ajudar nas tarefas. Quando todos acordarem, diga aos nossos pais que sofreu uma queda no trabalho, para justificar os machucados. Diga que passará alguns dias de atestado. Depois procuraremos outro emprego para você.

Ela murmurou algo inaudível, já meio adormecida, mas o que quer que tenha dito se perdeu no ar. Eu me sentei ao lado dela, passando a mão pelo seu cabelo desgrenhado, tentando transmitir o máximo de conforto que podia.

Não sairia dali até ter certeza de que ela estava dormindo profundamente, e que não tentaria escapar novamente.

Os minutos passaram e, finalmente, Ioanna começou a respirar de forma mais ritmada, sinal de que o sono a havia vencido. Fiquei ali, sentada, por mais um tempo, ouvindo sua respiração se acalmar, sentindo o peso de uma noite que parecia interminável.

Quando me levantei, Stefanos ainda estava à porta, me observando com um olhar que eu não conseguia decifrar completamente. Um misto de preocupação, talvez de admiração. A presença dele ali, em meio à simplicidade da minha casa, era quase surreal.

— Vamos — disse, baixo para não fazer barulho.

Saímos do quarto e fechei a porta suavemente, tentando não causar nenhum ruído que pudesse acordar o resto da casa. Caminhamos até a porta da frente, e antes de sair, olhei para Stefanos, sem saber ao certo o que dizer.

— Obrigada por tudo — murmurei.

Ele apenas assentiu, um sorriso leve curvando seus lábios, como se dissesse que eu não precisava agradecer. Mas eu sabia que precisava. Se

não fosse por ele, eu jamais teria conseguido lidar com Ioanna sozinha.

Fechei a porta atrás de nós e, juntos, caminhamos até o carro. O peso da noite ainda pairava sobre meus ombros, mas ao mesmo tempo, sentia um alívio por Ioanna estar segura em casa.



CAPÍTULO 36

A noite estava quente e abafada quando saímos da casa de Daphne. O peso de tudo o que havia acontecido ainda parecia repousar sobre os ombros dela, mas, ao mesmo tempo, uma expressão de alívio tímida emergia no brilho do seu olhar.

Olhei para ela ao meu lado, e meu coração se aqueceu um pouco mais. A maneira como ela cuidava de sua irmã, mesmo diante de toda a dor e confusão, me tocou profundamente. Havia uma força naquela garota que me impressionava, uma resiliência que eu não via em muitas pessoas.

Eu a observava, sem conseguir desviar o olhar, enquanto ela trancava a porta da casa, tentando disfarçar o cansaço que claramente a dominava.

A escuridão ao nosso redor parecia amplificar os pequenos sons da noite, o farfalhar das folhas ao vento, o distante barulho de uma moto passando pela rua principal. Mas tudo o que eu conseguia focar era nela, no leve tremor de suas mãos, no suspiro que ela deixou escapar quando finalmente se virou para mim.

Já se passavam dias desde a última vez em que a vi de perto, pois ela se escondia no trabalho na cozinha, claramente para me evitar. No entanto, não houve uma única noite em que consegui afastá-la dos meus pensamentos, por mais que me esforçasse. Agora, estando ao seu lado, percebia que senti sua falta mais do que imaginei ser possível.

Quando entramos no carro, o silêncio entre nós era espesso, quase palpável. Eu queria dizer algo, qualquer coisa que pudesse quebrar aquela tensão, mas as palavras pareciam fugir de mim.

Em vez disso, dei partida no carro, deixando que o som do motor preenchesse o vazio. A estrada à nossa frente se desenrolava na escuridão, as luzes da vila ao longe servindo como nosso único guia.

— Você está bem? — perguntei, preocupado com o quanto Daphne estava silenciosa.

Ela virou-se para mim, seus olhos cansados fitando-me com ternura.

— Estou mais aliviada agora que sei que Ioanna está segura em casa. Obrigada por me ajudar. Eu não teria conseguido sem você.

— Ioanna tem muita sorte em ter uma irmã como você. Ela estaria encrencada, se estivesse sozinha.

— Ela nem sempre foi assim. Só está atravessando uma fase difícil. Não está sabendo lidar com a perda do nosso irmão.

— Você perdeu um irmão? — indaguei, surpreso com aquela informação e, subitamente, a expressão no rosto de Daphne mudou. Seus olhos negros se arregalaram, fuzilando-me fixamente com um misto de espanto e algo mais que não consegui compreender — Como aconteceu? — insisti e ela desviou seu olhar para a estrada, piscando diversas vezes, como se estivesse em choque.

— Ele... ele foi assaltado e... assassinado — murmurou ela, sem me encarar.

— Em Mykonos?

— Não. Em Atenas.

— Sinto muito.

Lembrei-me do assassinato do meu sobrinho, do assassino que permaneceu impune, e senti a familiar corrente de cólera subir pelo meu pescoço. No entanto, sacudi a cabeça, afastando esse pensamento.

Não queria me prender às minhas dores agora, não com Daphne ao meu lado depois de tantos dias de sua ausência. Por mais inacreditável que

pudesse parecer, naquele momento, ela era tudo o que importava. Todo o resto se tornava pequeno e insignificante diante da sua presença.

O carro avançava lentamente pelas ruas estreitas da vila, os faróis iluminando as casas simples e as árvores que ladeavam o caminho.

— Eu senti sua falta, Daphne — confessei, a voz rouca, quase um sussurro.

As palavras saíram antes que eu pudesse controlá-las, mas não me arrependi. Era a verdade, e naquele momento, eu precisava que ela soubesse.

Ela virou o rosto para mim, surpresa evidente em seus olhos.

— Eu... Eu também senti sua falta — respondeu, sua voz hesitante, mas sincera.

— Então por que tem se esforçado tanto para me evitar, se escondendo naquela cozinha cheia de gente?

Ela hesitou, mordendo seu lábio inferior.

— Porque tenho medo de você me machucar — sussurrou.

— E como eu poderia machucar uma pessoa que é tão importante para mim?

— Ficando com outra mulher na minha frente, como aquele italiano acabou de fazer com a minha irmã.

Eu a encarei surpreso, embora não pudesse culpá-la por pensar assim. Nunca lhe revelei o quanto meu corpo ansiava pelo dela, dia e noite, como nunca ansiou por nenhuma outra mulher.

Nunca a procurei para confessar que ela dominava meus pensamentos a cada instante, que a desejava com uma intensidade que jamais senti por outra, que nenhuma outra mulher me atraía, pois tudo em mim clamava por ela, e somente por ela.

Meu coração batia descompassado no peito, com a intensidade das emoções que borbulhavam dentro de mim, por todas as palavras não proferidas entre mim e Daphne, por tudo o que queria dizer a ela, mas não conseguia, pois não podia simplesmente ignorar a existência de Michalis, e de todas as outras merdas que havia entre nós.

— Eu jamais ficaria com outra mulher na sua frente — foi tudo o que consegui dizer.

— Eu sei que você fica com aquelas garotas que frequentam as festas na piscina. Não precisa tentar mentir pra mim.

— Não estou mentindo. Não fiquei com nenhuma outra mulher depois daquela noite na praia. E não ficava muito antes disso.

Daphne soltou uma risada amarga.

— Fala sério! Todos os funcionários estão comentando sobre você ter reatado o namoro com Alexia.

Foi a minha vez de sorrir, só que de verdade, pelo fato de os empregados estarem fofocando sobre a minha vida, mesmo com tanto trabalho para fazer, e mesmo sem saberem o que realmente estava acontecendo.

— Eu não reatei meu namoro com Alexia. Aliás, eu nem sei se o que aconteceu entre mim e ela foi de fato um namoro. Nós éramos apenas dois adolescentes com aparelho nos dentes quando ficamos juntos.

— Então vocês não estão juntos de novo?

— Claro que não. Somos apenas amigos. Os empregados deviam parar de fofocar sobre a vida alheia.

— Seria o mesmo que esperar as galinhas criarem dentes.

Não consegui me conter e ri daquela comparação, de modo que Daphne gargalhou junto comigo. Fui inundado por uma intensa onda de satisfação ao perceber que ela estava mais relaxada e tranquila, e que eu tinha alguma participação nisso.

Continuamos conversando amenidades durante todo o restante do percurso. Ao chegarmos à vila, estacionei o carro na garagem e acompanhei Daphne em direção ao alojamento dos funcionários, nos fundos.

Ao atravessarmos a extensa área da piscina, palco de muitas festas e farras, mas agora completamente deserta, Daphne parou de andar e se virou de frente para mim.

— Bem, acho que posso continuar sozinha daqui — disse, cruzando os braços, como se tentasse proteger-se de mim — Mais uma vez agradeço o que fez. Eu não teria conseguido salvar Ioanna sem você.

Percebi que, se a deixasse se afastar agora, poderia passar mais vários dias sem vê-la, e a simples ideia me pareceu insuportavelmente desoladora. Eu a queria para mim, e nada mais tinha a menor importância.

Me recusava a deixá-la partir assim tão facilmente. Foi então que olhei para a mesa próxima à piscina, onde a garrafa de vodca que meus amigos e eu havíamos deixado mais cedo ainda estava pela metade. A ideia surgiu em minha mente como uma faísca, e um sorriso travesso se formou em meus lábios.

— Espere um pouco. Ainda está cedo. Vamos aproveitar essa noite — disse, segurando suavemente seu braço antes que ela pudesse dar mais um passo.

— Stefanos, eu não sei — sussurrou, hesitante.

— Você trabalha demais nessa casa. Precisa relaxar um pouco. Vamos fazer um jogo antes de você ir.

Ela me olhou desconfiada, mas curiosa.

— Que tipo de jogo?

— "Eu nunca" — respondi, já pegando a garrafa de vodca. — Você conhece as regras, certo?

Os olhos dela se estreitaram, mas não de maneira séria. Era como se estivesse tentando decifrar minhas intenções.

— Sei sim — respondeu, finalmente descruzando os braços. — Mas e se aparecer alguém aqui e nos flagrar?

— Não estamos fazendo nada errado. Venha, sente-se. Ou tem medo de revelar seus segredos?

A sombra de um sorriso se formou no canto da boca carnuda dela, e eu soube que tinha conseguido convencê-la.

— Vai falar a verdade quando chegar a sua vez, Stefanos? — indagou, com malícia.

— Claro que sim. A verdade é o ponto chave desse jogo.

— Nesse caso, eu topo.

Levei a garrafa e dois copos até uma pequena mesa próxima, virando as cadeiras para que ficássemos de frente um para o outro. Enchi os copos, o líquido claro refletindo as luzes suaves que vinham da piscina.

— Eu começo — disse, me acomodando na cadeira e olhando-a diretamente. — Eu nunca... pesquei com o meu pai.

Daphne riu, balançando a cabeça.

— Tão previsível, Stefanos — ela manteve o olhar fixo em mim, pegando o copo e tomando um pequeno gole — Sim, já pesquei muito com o meu pai.

Eu sorri, satisfeito, e fiz um gesto para que ela continuasse.

— Ok, minha vez — disse, com um brilho malicioso nos olhos. — Eu nunca... transei com três mulheres ao mesmo tempo.

Eu ri, um riso genuíno. Ela estava jogando duro, mas eu estava preparado para isso. Peguei meu copo e dei um gole, sentindo o calor da

vodca descer pela garganta, enquanto os olhos negros de Daphne se arregalavam de incredulidade.

— O que posso dizer? Às vezes, é divertido fazer sexo grupal.

— E como você deu conta das três?

Sorri, genuinamente encantado com a inocência dela.

— Tenho muito fogo no sangue, além do mais, elas ficaram entre si também — os olhos dela se ampliaram um pouco mais, e meu sorriso cresceu.

— Sua vez, Stefanos. Impressione-me — disse ela.



CAPÍTULO 37

Pensei por um momento, ponderando o que poderia deixar Daphne desconfortável, mas de uma maneira que ainda fosse divertida.

— Eu nunca... tive um crush em um amigo ou amiga de infância.

Ela corou levemente, mas não hesitou em pegar o copo e beber. Minha curiosidade estava agora atiçada.

— Então... — comecei a provocar, mas ela me cortou antes que eu pudesse perguntar mais.

— Não vou entrar em detalhes — sua risada era leve, mas havia uma vulnerabilidade ali que me fez querer saber mais, mas respeitei seu limite.

O jogo continuou, as rodadas revelando um pouco mais sobre nós dois. As confissões variavam de histórias embaraçosas a desejos ocultos, cada uma delas aumentando a tensão entre nós.

Em um momento, Daphne parou, segurando o copo entre as mãos enquanto me observava com um olhar que eu não conseguia decifrar completamente.

— Eu nunca... pensei em você antes de dormir — disse ela, sua voz mais baixa, quase um sussurro.

Por um instante, fiquei sem palavras. Não esperava que ela fosse tão direta, e a admissão, mesmo que em forma de uma brincadeira, me pegou de surpresa. Senti meu coração acelerar, a intensidade daquele momento preencheu o espaço entre nós.

Lentamente, levei o copo aos lábios e tomei um gole, sem desviar o olhar dela. O sorriso que ela me deu em resposta foi suave, quase tímido, mas carregado de uma promessa implícita, algo que estava esperando para ser explorado.

— Minha vez — anunciei — Eu nunca me masturbei pensando no cara que tirou minha virgindade.

Subitamente, Daphne ficou séria, a vermelhidão se espalhou por sua face, seus olhos fuzilaram-me com embaraço. Um sorriso se formou em meus lábios, à medida em que o fogo do desejo crescia em minhas veias, pela certeza de que ela já tinha feito aquilo pensando em mim.

A ereção se formou, dura e potente, quando a imagem dela se masturbando se projetou na minha cabeça.

— Já chega dessa brincadeira — esbravejou ela, levantando-se — Estou cansada. Preciso dormir.

Daphne tentou afastar-se, mas fui mais rápido e fechei a mão em volta do seu pulso, puxando-a para mim. Antes que ela tivesse tempo de protestar, segurei-a pela cintura e a ergui, fazendo com que se sentasse na borda da mesa. Então, colei meu corpo ao dela, de cima a baixo, acomodando meus quadris entre suas pernas abertas.

Foi nesse instante que a expressão em rosto mudou, o constrangimento deu lugar a um brilho de luxúria, tão lindo e hipnótico, que jamais se apagaria da minha memória.

— Não seja covarde, responda à pergunta — minha voz era quase um rosnado, o tesão descomedido foi se intensificando com o calor gostoso do corpo dela no meu — Você se masturba pensando em mim, Daphne?

Ela encarou-me em silêncio durante um momento. Então, pegou o copo pelo meio de vodca e deu um gole, o sorriso em meus lábios se ampliou.

— Sim. Já me toquei pensando em você. Satisfeito?

Me ocorreu que Dimitrius assistiu àquilo através da câmera que colocara no quarto dela, e apertei os olhos, reprimindo o pensamento.

— E como foi? — indaguei.

— Foi como você já sabe.

— Eu não sei. Preciso de detalhes — o rosto lindo dela ficou ainda mais vermelho, como se relembrasse aquele momento tão íntimo, e o meu tesão cresceu alarmantemente.

— Era tarde da noite. Eu estava sem sono. Estava deitada na cama, usando minha camisola.

— Como é sua camisola? — eu a interrompi, me deleitando com a imagem que ela colocava na minha cabeça.

— É branca, longa, com rendas. Levantei a saia até a cintura, afastei a calcinha para um lado e toquei meu clitóris com os dedos, massageando-o suavemente, em círculos, enquanto segurava meu seio com a outra mão e imaginava que eram suas mãos e seus dedos me tocando.

— Porra, Daphne... — rosnei.

Desprovido de qualquer senso de racionalidade, segurei a cabeça dela entre minhas mãos e aproximei meu rosto do seu.

O mundo ao redor desapareceu no momento em que meus lábios se apossaram dos dela. Havia urgência, uma necessidade quase desesperada, como se estivéssemos tentando recuperar o tempo perdido, cada segundo que ficamos longe um do outro.

O toque de sua boca era suave, mas ao mesmo tempo repleto de uma intensidade quase insuportável.

Daphne suspirou contra meus lábios, e eu senti o calor daquele som se espalhar por todo o meu corpo, como uma corrente elétrica. Minhas mãos deslizaram pela curva do seu pescoço, desceram pelas suas costas e se infiltraram sob o tecido grosso da sua blusa de moletom, explorando cada centímetro da pele macia, sentindo o calor que emanava dela. Eu precisava de mais, precisava senti-la mais perto, mais intensamente.

Então, segurei na barra do seu casaco e o arranquei do seu corpo, descobrindo, extasiado, que ela não usava sutiã. Os bicos intumescidos dos seus seios fartos roçaram deliciosamente em meu peito, intensificando a lascívia crua que me consumia.

O ritmo do beijo aumentou, nossas bocas se moviam em um compasso que parecia desafiar qualquer lógica, guiadas apenas pela fome que sentíamos um pelo outro.

Era como se todo o desejo reprimido, todas as palavras não ditas e sentimentos escondidos estivessem explodindo naquele momento, tornando

nossos toques, nossos suspiros, mais significativos do que jamais poderia imaginar.

Daphne passou os braços em volta do meu pescoço e enroscou os dedos na parte de trás dos meus cabelos, puxando-me mais para ela, aceitando minha fome, correspondendo a ela com uma intensidade deliciosa, enquanto uma de minhas mãos explorava suas costas, se infiltrando no cós da sua calça, e a outra se espalmava sobre o peito durinho, apertando-o.

O jeito como ela reagia ao meu toque, como seus lábios encontravam os meus com tanta sede, me enlouquecia de um jeito que eu nunca havia experimentado. Eu estava perdido nela, em seu gosto, no cheiro da sua pele, no som abafado de sua respiração entrecortada.

Minha mão deslizou por sua cintura, encontrando o caminho até sua coxa, levantando-a lentamente, e pressionei minha ereção na sua intimidade oculta pelas roupas, como uma dança primal que ambos sabíamos de cor.

Ela arqueou o corpo contra mim, encorajando meu toque, e eu me perdi ainda mais nela, esquecendo o mundo ao nosso redor, esquecendo o tempo.

Foi apenas quando minha boca deixou a sua, deslizando pela curva do seu pescoço, que Daphne pareceu se dar conta do quanto estávamos expostos, ali, na área da piscina. Ela segurou nas laterais do meu rosto e me puxou, fazendo com que eu a encarasse.

— Não podemos fazer isso aqui — ela umedeceu os lábios, hesitando, antes de continuar falando — Vamos pro meu quarto. Quero que passe a noite comigo.

Meu coração deu um salto, a paixão incendiava meu peito diante da sua total entrega. Por outro lado, lembrei-me de que aquela seria a ocasião perfeita para que Dimitrius nos visse juntos através da sua câmera, e a minha parte do acordo estivesse cumprida, forçando-o a providenciar a exoneração de Michalis.

Daphne continuava me encarando em silêncio, à espera de uma resposta, enquanto minha mente girava, atordoada pela enxurrada de pensamentos.

Só havia algo nessa vida que eu queria mais do que fazer justiça pela morte do meu sobrinho, e esse algo estava bem ali diante dos meus olhos. Era Daphne. Por ela eu seria capaz de abrir mão de tudo, inclusive de ter a cabeça de Michalis, ou pelo menos de ter dessa forma.

Nesse instante, decidi que não a exporia a Dimitrius, não cumpriria a minha parte desse maldito acordo, simplesmente porque seria incapaz de expor Daphne àquele psicopata. Ele que fosse para o inferno com a sua obsessão.

Quanto ao meu desejo por justiça, eu daria um jeito de pegar Michalis de outra forma.

— Não quero ir pro seu quarto — anunciei, buscando um pretexto — Não gosto da ideia dos funcionários ouvindo meus gemidos através das paredes finas e fofocando sobre isso depois — Daphne sorriu, como se fosse capaz de adivinhar o que eu acabara de fazer — Vamos para o meu quarto. Lá é mais discreto. Só que antes...

Sem mais palavras, flexionei os joelhos para ficar da altura dela, segurei um dos seus seios por baixo e o enfiei na boca, mamando com uma fome insuperável, enquanto Daphne lançava a cabeça para trás e gemia gostoso, seus dedos delicados se fechavam em meu cabelo, puxando-me com descontrole.

Uma de minhas mãos se espalmou no alto de suas costas, empurrando-a mais para mim, enquanto a outra se infiltrava no cós elástico da sua calça, alisando suas nádegas firmes, explorando o espaço entre elas, ao mesmo tempo em que passava a boca para o outro peito e chupava o mamilo enrijecido.

Quanto mais eu a tocava e beijava, mais a minha fome por ela crescia.

Daphne passou as pernas em volta dos meus quadris e projetou o corpo para a frente, apertando seu sexo na minha ereção, demonstrando o quanto precisava de mim dentro dela.

Quis pegá-la ali mesmo, arrancar suas roupas e me perder nela. No entanto, sabia que havia o risco de sermos flagrados a qualquer momento. Então, segurei-a nos braços, cobri seus seios desnudos com seu casaco e carreguei-a até a privacidade do meu quarto.



CAPÍTULO 38

Eu podia sentir as batidas aceleradas do coração de Stefanos enquanto ele me carregava em seus braços, atravessando a vila em direção ao seu quarto. Seus batimentos pulsavam em sintonia com os meus, ambos descompassados pela tensão crescente entre nós.

O percurso da piscina até o quarto dele passou como um borrão; não me importava com o risco de sermos vistos, pois tudo em mim estava tomado pelas sensações que ele despertava. O desejo que sentia por Stefanos era tão intenso que fazia o mundo à nossa volta desaparecer.

Com uma destreza surpreendente, Stefanos conseguiu destrancar a porta sem me colocar no chão, e logo estávamos no interior do luxuoso aposento. Ele me carregou até a cama, deitando-me com uma delicadeza que contrastava com a urgência evidente em seus gestos.

Suas mãos, ávidas e firmes, começaram a despir-me, deslizando pela minha calça e calcinha até me deixar completamente nua. Então, ele se ergueu, seus olhos me devorando com uma intensidade que me fez perder o fôlego. Enquanto se despia, o desejo refletido em seu olhar era tão ardente que me deixava sem fôlego.

Caralho! Como era bom ser observada por ele, de forma tão íntima, tão fogosa. Nenhuma inibição existia em mim, pelo contrário, eu me sentia a mais desejada das mulheres quando ele me olhava assim.

Dominada pelo fogo da luxúria, sentei-me diante dele e o ajudei a tirar a última peça de roupa. Projetei meu corpo de encontro ao dele, beijando-o com ganância, abraçando-o pelo pescoço, meus instintos me comandando, nossos corpos se colando, pele com pele, suas mãos fortes explorando minha nudez, deixando um rastro de fogo por onde passavam.

Enquanto nossas línguas se entrelaçavam, naquela dança excitante e deliciosa, continuei empurrando o corpo dele com o meu, até que Stefanos estivesse deitado, comigo por cima dele.

Deixei sua boca e deslizei meus lábios pela sua pele cheirosa, e ligeiramente salgada, minha língua provava cada centímetro da sua solidez, percorrendo os contornos dos seus músculos bem delineados. O fogo da luxúria orquestrava minhas ações.

Passei a língua em torno dos mamilos dele e continuei descendo a boca pelo seu corpo musculoso, lambendo e mordendo, me acabando de tanto tesão, enquanto suas mãos fortes apalpavam minhas curvas.

— O que está fazendo? — Stefanos rosnou, quando minha boca atravessou seu abdômen achatado, por onde descia uma rala camada de pelos loiros.

— O que você está vendo — sussurrei.

Segurei o pau dele pela base e dei uma boa olhada de perto. Era realmente muito grande e grosso, com veias protuberantes em volta. A cabeça rosada, estava toda babada.

Relembrando os vídeos que assisti na internet, levei a boca até a cabeça e passei a língua em volta, me lambuzando com o seu líquido viscoso.

Caralho! Era mais gostoso do que parecia!

Passei a língua novamente em volta, lambendo tudo e o encaixei entre os lábios, descendo a cabeça, engolindo-o até o fundo. Puxei a cabeça e o engoli novamente, repetidas vezes, em um ritmo cada vez mais acelerado.

— Porra... — Stefanos grunhiu. Ele encheu sua mão com meus cabelos, segurando-os atrás da minha cabeça, observando-me mamando o seu pau, com sua boca entreaberta, os olhos faiscando de tesão — Onde você aprendeu a fazer isso?

— Na internet.

Retirei-o da boca e desci minha língua por toda a sua extensão, lambendo da glande até a base. Stefanos soltou um grunhido rouco quando passei a língua nas suas bolas limpas e depiladas, repetidas vezes.

Voltei a colocar o pau dele na boca, engolindo-o com ganância, enquanto ele continuava segurando meus cabelos, empurrando minha cabeça para baixo, penetrando-me cada vez mais fundo.

— Já chega. Quero foder essa bocetinha gostosa — disto isto, ele puxou-me para cima e se apossou da minha boca, chupando minha língua com sofreguidão.

Então, levantou-se, foi até uma gaveta e colocou um preservativo. Quando voltou, não subiu na cama, apenas permaneceu de pé ao lado, e puxou-me para si, virando-me de bruços e erguendo meus quadris, fazendo com que eu ficasse de quatro, com as pernas bem abertas, minha bunda empinada em sua direção.

Com um gemido, ele inclinou-se atrás de mim e chupou meu sexo deliciosamente, passando a língua no clitóris, com movimentos circulares e macios, deslizando-a para a entrada da minha vagina e me fodendo raso e gostoso.

Levou novamente sua boca para o meu feixe de nervos e o segurou entre os lábios, chupando gostosamente, enquanto eu me acabava com aquele prazer tão luxurioso. Meus gemidos descontrolados ecoavam altos pelo quarto.

Quando se deu por satisfeito, Stefanos levantou-se, encaixou seu pau na entrada lambuzada da minha vagina e me penetrou com um golpe bruto e certeiro, alcançando-me tão fundo, tão duro, que tive a impressão de que me partiria ao meio. Sua carne enrijecida foi me dilacerando, me invadindo, de maneira tão enlouquecedora que abri ainda mais as pernas e empinei a bunda, pedindo silenciosamente por mais.

Ele puxou o pau e meteu novamente, com a mesma brutalidade, dando início àquela sequência deliciosa e estocadas bruscas e fundas. Sua pélvis se chocava contra a minha bunda, me sacudindo tanto que precisei segurar-me no colchão para não ser arremessada até o outro lado da cama.

Stefanos continuou me fodendo naquela posição deliciosa, forte, bruto, acelerado. Deu uma palmada estalada na polpa da minha bunda, provocando um ardor quente, que me deixou ainda mais perdida de tesão,

enquanto me ordenava a pedir pelo seu pau e eu pedi, completamente dominada pelo prazer lascivo que aquilo me proporcionava.

— Gosta de levar uma vara, não é cadelinha? — rosnou Stefanos, inclinando-se sobre mim e agarrando meus seios, esfregando os mamilos entre os dedos, enviando uma violenta corrente de excitação, que me varreu por inteiro e se instalou na altura do meu ventre, onde todas as sensações começavam a se concentrar.

— Sim... eu gosto... da o seu pau inteiro para mim... — as palavras saltavam da minha garganta, desconexas e sem controle, enquanto ele continuava empurrando aquela carne dura e macia dentro do meu canal.

Stefanos desacelerou o ritmo das suas estocadas, penetrando-me mais lentamente, enquanto lambuzava dois dedos com o líquido da minha lubrificação e os introduziu em meu ânus, empurrando vagarosamente.

Quando tentei me esquivar da invasão inesperada, segurou firmemente de um lado do meu quadril, impedindo-me de sair do lugar.

— Quietinha — sussurrou, com um tom autoritário — Não precisa ter medo. Não vou meter o meu pau aqui hoje, só os dedos — ele sibilou, empurrando os dedos mais fundo no meu orifício menor — Caralho... como você é apertadinha... preciso te abrir aqui atrás até caber o meu pau.

Ele continuou movendo seus dedos ali atrás, ao passo em que retomava o ritmo frenético dos seus quadris, entrando e saindo de mim com uma brutalidade deliciosa, que arrancava-me a razão, a sensatez e a racionalidade.

Aos poucos, aquela penetração dupla foi intensificando as ondas de prazer que me percorriam, até que os músculos do meu corpo enrijeceram, anunciando a proximidade do êxtase.

Foi então que Stefanos retirou-se de mim, virou-me de frente e subiu na cama, cobrindo-me com seu corpo, seus olhos escurecidos de luxúria fixos nos meus, sua boca linda entreaberta. Pendurou minhas pernas em seus braços e voltou a me penetrar, com a mesma brutalidade gostosa.

— Quero ver seu rosto enquanto você estiver gozando no meu pau — sussurrou ele.

Sem desviar seus olhos dos meus, acelerou novamente os movimentos dos seus quadris, entrando e saindo cada vez mais freneticamente, até que explodi, gozando e gritando, seu olhar capturando cada expressão do meu rosto.

Quando o êxtase começou a me abandonar, Stefanos retirou seu pau da minha vagina, arrancou o preservativo e montou sobre meu corpo, uma perna de cada lado. Ele segurou seu membro duro e lambuzado, masturbando-o, e o aproximou do meu rosto.

— Abra a boca, vou encher essa boquinha gostosa de porra — ordenou, e obedeci.

Espalmei as mãos nas suas coxas peludas e abri a boca, esticando a língua para fora, ansiosa por sentir o gosto do seu prazer, como se tivesse me tornado uma pessoa que já não reconhecia, mas que nunca mais queria deixar de ser.

Stefanos fez mais alguns movimentos da sua mão em volta do seu pau e, com um grunhido animalesco esporrou. Os jatos de esperma jorravam na minha boca e no meu rosto, proporcionando-me uma onda de prazer que jamais imaginei ser possível.

Stefanos e eu fizemos um verdadeiro filme pornô naquela noite. Nossos corpos estavam sempre famintos um pelo outro, o desejo voraz nos consumia, impedindo-nos de parar. Já passava da meia-noite quando a exaustão nos tomou e adormecemos abraçados, nus, suados.



CAPÍTULO 39

O despertador deveria ter me acordado antes que a casa inteira despertasse, mas, para meu horror, abri os olhos apenas às dez da manhã. A aflição se apoderou de mim com a possibilidade de ser demitida pela Sra. Papadopoulos.

Embora fosse uma patroa compreensiva, duvidava que pudesse ignorar um atraso tão grande, sem qualquer explicação prévia.

No entanto, a ansiedade realmente tomou conta de mim quando me dei conta de que precisaria deixar o quarto de Stefanos àquela hora, arriscando-me a ser vista enquanto todos na casa já circulavam acordados.

Puta merda!

Ao meu lado, Stefanos ainda dormia, e nenhuma visão jamais me pareceu tão hipnótica quanto seu rosto completamente relaxado, os olhos fechados revelando os cílios espessos, seu corpo sarado quase completamente nu, com apenas um lençol embolado sobre seu sexo, ocultando-o.

Caralho! Ele era gostoso demais! Tinha o corpo todo proporcional, como se tivesse sido esculpido à mão por um artista caprichoso. Seus

ombros eram largos, o peitoral musculoso, a barriga durinha e achatada, as coxas grossas e peludas.

Nada jamais me deixou tão atraída e enfeitiçada quanto aquele homem. Minha vontade era de pular em cima dele e recomeçar tudo o que fizemos ao longo da noite. Contudo, eu precisava trabalhar.

Mesmo sem ter dormido muito durante a noite, e correndo o risco de ser demitida, precisava retomar meus afazeres na cozinha. Mas, pelo menos, trabalharia feliz, afinal tive uma das melhores noites da minha vida nos braços daquele homem, e não estava falando somente do sexo.

Havia uma conexão mais profunda entre mim e Stefanos, algo que ia além do desejo carnal. Era uma paixão visceral, intensa demais, que me fazia querer estar com ele o tempo todo.

Esse sentimento já não me assustava como antes. Não por ter alguma certeza de que teríamos um futuro juntos, o futuro era incerto. Mas porque estava disposta a viver essa paixão enquanto pudesse, e pertencer a Stefanos por quanto tempo ele me quisesse. O resto já não parecia ter muita relevância, diante de tudo o que eu sentia.

Tentei sair da cama, mas no instante em que me movi Stefanos despertou e, preguiçosamente, jogou uma perna e um braço sobre mim, aprisionando-me de encontro ao seu corpo.

— Onde pensa que vai? — sussurrou ele, sua voz ligeiramente enrouquecida pelas horas de sono.

— Preciso trabalhar. O despertador não me acordou. Já são dez horas. Acho que serei demitida.

Ele puxou-me mais para junto de si, e o contato da sua pele nua de encontro à minha foi o bastante para que o calor da lascívia se alastrasse pelo meu sangue, fazendo minha vagina latejar.

— Eu desliguei seu despertador. Não quero que trabalhe hoje. Vai passar o dia inteiro comigo — anunciou ele e fitei-o perplexa.

— Ficou doido? Eu preciso desse emprego — novamente, tentei me levantar, mas ele me segurou com mais firmeza.

— Você não precisa desse trabalho. Vou te arranjar coisa melhor longe do psicopata do Dimitrius.

Quanto mais ele falava, mais estarrecida eu ficava.

— Você não tem o direito de decidir minha vida por mim — protestei.

— Tenho sim. Você agora é minha, e vou fazer o que é melhor para você, começando por te tirar dessa casa. Agora chega de conversa. Tenho uma coisa aqui para você.

Dito isto, Stefanos livrou-se do lençol, revelando o pau completamente duro e puxou-me para um beijo tão ardente que me fez esquecer qualquer pensamento de protesto e entregar-me à perdição.

Passei praticamente o dia inteiro confinada no quarto com Stefanos, tendo que me esgueirar rapidamente para o banheiro cada vez que a auxiliar da cozinha aparecia para trazer nossas refeições, sempre que ele fazia uma nova solicitação.

A pedido meu, Stefanos ligou para minha chefe, inventando uma história sobre sua irmã precisar urgentemente de uma lavadeira e que ele havia me contratado para o serviço, assegurando que pagaria por minha ausência na vila naquele dia.

Ele insistiu que encontraria um emprego melhor para mim, mas eu estava decidida a não deixar a vila até ter certeza sobre a natureza desse emprego e se eu realmente teria as habilidades necessárias para assumi-lo.

Já era meio da tarde quando liguei para Irini, implorando que ela me ajudasse a escapar do quarto de Stefanos sem ser notada por mais ninguém da vila. Sempre prestativa, minha amiga me informou o momento exato em que o caminho estava livre. Saí do quarto e da vila sem cruzar com uma alma sequer.

Movida pela curiosidade e desejando saber mais sobre o que acontecia entre mim e Stefanos, Irini convenceu a Sra. Papadopoulos a permitir que saísse mais cedo do trabalho. Juntas, pegamos uma carona com o jardineiro, que se dirigia ao centro da cidade em busca de fertilizantes.

Após ele nos deixar no centro comercial de Mykonos, contei a Irini sobre mim e Stefanos, obviamente omitindo os detalhes mais íntimos. Foi nesse momento que ela me recordou do incidente com o preservativo que havia se rompido na praia.

Tantas emoções haviam se sucedido que eu havia esquecido completamente daquele ocorrido. Segundo Irini, já havia passado tempo suficiente para que um exame de sangue pudesse detectar uma possível gravidez.

Ela se prontificou a me acompanhar até a clínica, onde coletaram meu sangue. O resultado seria entregue dali a algumas horas e, quando

deixei o local, um nó estava formado em minha garganta, a tensão crescendo dentro de mim.

E se o exame desse positivo? Não conseguia nem imaginar o que faria. O medo me consumia. Só me restava rezar para que o resultado fosse negativo.

Peguei minha moto na oficina e voltei para a vila acompanhada de Irini, determinada a ocupar minha mente com o trabalho, na tentativa de afastar o medo e os pensamentos que me atormentavam.

Trabalhar, mesmo que por algumas horas, seria melhor do que ficar parada, à mercê da ansiedade que crescia à medida que o momento de buscar o resultado do exame de gravidez se aproximava.

Refugiei-me na cozinha, mergulhando em tarefas rotineiras na esperança de que a ocupação me trouxesse algum alívio. Vi Stefanos apenas de relance naquela tarde, à distância, enquanto ele se reunia com seus amigos à beira da piscina, cervejas em mãos e risos soltos no ar, como se o mundo além daquelas conversas despreocupadas não existisse.

Bastou uma rápida troca de olhares entre nós para que meu coração disparasse como um louco no peito. A paixão evidente, dava-nos a certeza de que quando a noite caísse, estaríamos juntos novamente.

Ao final do expediente, montei na minha lambreta e fui direto para o centro da cidade buscar o resultado do exame de sangue.

O sol já se punha quando entrei na clínica. O consultório estava quase vazio, apenas uma recepcionista digitava em seu computador. Meu coração batia forte no peito, a cada passo que dava em direção à bancada onde me entregariam o resultado.

A enfermeira me chamou pelo nome e me entregou um envelope branco. Minhas mãos tremiam tanto que quase deixei-o cair no chão.

Sentei-me em uma das cadeiras da sala de espera e abri o envelope com cuidado. Meus olhos percorreram a folha, buscando a palavra que mudaria minha vida para sempre: positivo.

A confirmação estava ali, preta no branco, e um nó se formou na minha garganta. Eu estava grávida. A notícia me atingiu como um raio, paralisando meus pensamentos. A alegria que sentia há pouco tempo se transformou em uma mistura de medo, incerteza e aflição.

Stefanos. A imagem dele surgiu em minha mente com força. *Como eu contaria para ele? E se ele não quisesse ter um filho comigo? E se*

pensasse que eu tinha engravidado de propósito, para prendê-lo? A ideia me causava um nojo imenso. Eu nunca faria isso com ele.

Mas a realidade era outra. Eu estava grávida e essa criança era fruto da paixão descabida, descontrolada, e visceral que eu sentia por esse homem. *E se eu decidisse ter esse filho, como seria minha vida? Como meus pais reagiriam?*

A imagem da minha mãe, tão conservadora, me julgando e me reprovando, me causava um aperto no peito. E meu pai, tão intransigente, como ele encararia a situação? Provavelmente me expulsaria de casa, como expulsara Nikolas e, ainda assim, a ideia de desapontá-los me deixava arrasada.

Deixei a clínica em estado de choque. Peguei a moto e saí pilotando pelas ruas sem rumo, com os pensamentos se atropelando em minha cabeça. A noite já havia caído e as luzes da cidade brilhavam intensamente, mas nada disso parecia real para mim. Eu me sentia perdida, sozinha e com medo.

Não consegui voltar à vila dos Papadopoulos. A ideia de contar a Stefanos sobre a gravidez me paralisava, e a perspectiva de olhar para ele enquanto escondia essa verdade era insuportável. Então, fui direto para casa.

Assim que meus pais me viram, perceberam que algo estava errado. Sem ter outra escolha, inventei que havia acabado de saber que Ioanna tinha sofrido um acidente no trabalho e que eu estava lá para cuidar dela. A mentira desviou a atenção deles do que realmente estava acontecendo, me proporcionando um pouco de tempo para me preparar para a verdade que teria que enfrentar. Mas, no fundo, eu não sabia se algum dia estaria realmente pronta para ter essa conversa com eles. Só de pensar na decepção que sentiria em seus olhos, meu coração se apertava.



CAPÍTULO 40

No meu pequeno quarto, encontrei Ioanna praticamente recuperada dos hematomas no rosto, mas ainda emburrada, chateada comigo. Isso, no entanto, foi um alívio, pois me permitiu deitar-me na cama e ficar quieta, enquanto uma enxurrada de pensamentos tumultuava minha mente.

Tornar-me mãe solteira era algo que nunca havia imaginado para mim. Eu esperava isso de Ioanna, de Irini, e de tantas outras garotas que conhecia, mas jamais pensei que pudesse acontecer comigo.

Talvez eu estivesse pagando pela minha própria língua, por julgamentos precipitados que fiz, mesmo sem perceber.

Por outro lado, apesar de todas as circunstâncias, dos problemas que essa gravidez traria e do sofrimento que carregar um filho sem ser casada me causaria, eu estava decidida a trazer meu filho ao mundo e cuidar bem dele. O mais importante eu já tinha: saúde e disposição para trabalhar.

Mesmo que Stefanos não quisesse assumir a paternidade, como eu temia que não quisesse; mesmo que meus pais me expulsassem de casa, como eu imaginava que fariam, ainda assim eu queria o meu filho e lutaria por ele enquanto vivesse.

Eu me tornaria a melhor mãe que uma criança poderia ter, mesmo enfrentando todas as dificuldades que viriam.

Passei praticamente a noite inteira sem dormir, aflita, com os pensamentos insistindo em me atormentar.

Na manhã seguinte, fui para a vila no horário de sempre. Estava determinada a contar a Stefanos sobre a gravidez, não esperando que ele assumisse qualquer responsabilidade, mas porque ele era o pai e tinha o direito de saber.

Como esperado, com exceção dos empregados, todos ainda estavam dormindo. Confiei apenas em Irini, contando a ela sobre a gravidez e pedindo que guardasse segredo até que eu pudesse conversar com Stefanos pessoalmente.

Foi perto do horário do almoço que descobri que ele já estava acordado. Perguntei a uma empregada e soube que se encontrava na sala de jogos, reunido com os amigos.

Eu queria ter o número do celular dele, para enviar uma mensagem pedindo que viesse falar comigo em particular, mas eu não tinha, então, precisei entrar na sala onde Dimitrius se reunia com os amigos para jogar videogame.

Entrei com passos hesitantes, envergonhada por ter que chamar Stefanos novamente na frente de todos. Minha respiração estava ofegante, os nervos à flor da pele, enquanto eu empurrava a porta e dava os primeiros passos no recinto.

Sons de risadas ecoavam no ambiente, e de imediato percebi que algo estava errado, profundamente errado. Eles estavam todos ali: Stefanos, Dimitrius, Alexia, a irmã dela, Andreas, e mais alguns amigos de Dimitrius. Todos reunidos diante de uma grande tela. E todos riam, com exceção de Stefanos, que parecia bastante tenso.

Meus olhos percorreram o grupo, e então se fixaram na tela. O choque me atingiu como um soco no estômago, tirando o ar dos meus pulmões. Eu vi a mim mesma, nua, fazendo sexo com Stefanos, as imagens capturadas em um momento que deveria ser de intimidade e confiança.

As imagens foram captadas na noite em que estive em seu quarto, por uma câmera estrategicamente posicionada que abarcava toda a extensão da cama, registrando cada momento do que lá vivenciamos.

O mundo ao meu redor começou a girar. As risadas, que antes pareciam distantes, agora martelavam meus ouvidos, zombando de mim, da

minha vulnerabilidade, da minha confiança quebrada.

Stefanos, ao perceber minha presença, ficou ainda mais tenso. Seu rosto empalideceu, seus olhos ficaram arregalados de pavor. Ele levantou-se rapidamente e correu em minha direção. A aflição estava evidente em cada movimento.

— Daphne, eu juro, eu não sabia que tinha uma câmera! Eu não sabia! — ele se aproximou, e tudo em mim gritou para que se afastasse.

Levantei minha mão, em um gesto desesperado para mantê-lo longe.

— Não toque em mim! — minha voz tremia, tanto de raiva quanto de pura dor.

Eu sentia como se o chão estivesse desmoronando sob meus pés, a sala parecia se comprimir ao meu redor. Os rostos dos amigos de Dimitrius estavam distorcidos, em uma mistura de escárnio e prazer sádico.

Tudo que eu conseguia ouvir eram as risadas, aquelas risadas odiosas, rindo de mim, do fato de eu não ter percebido que estava sendo gravada enquanto transava.

— Daphne, por favor, me ouça. Eu não sabia que tinha uma câmera no meu quarto. Dimitrius a colocou lá para nos afastar. Por favor, acredite em mim — continuou Stefanos. Sua voz parecia muito distante, enquanto minha mente girava, se perguntando por que ele fizera aquilo comigo, porque estava me expondo tão cruelmente aos seus amigos.

Dimitrius levantou-se do sofá com um sorriso cruel estampado no rosto, um brilho perverso em seus olhos. Veio ao meu encontro com passos lentos, como se tentasse prolongar aquele momento, se deleitando com a minha humilhação.

— Então a Santa Daphne nunca existiu, como eu já imaginava. Você gosta mesmo é de levar uma vara — a voz dele era venenosa, suas palavras soavam como facadas em meu peito.

— Cala essa boca, Dimitrius! — Stefanos se alterou, e os demais levantaram-se dos sofás, se aproximando de nós para assistirem à cena — Fala para ela que eu não sabia que a câmera estava lá! Fala que foi você quem fez isso! Fala logo, porra!

Dimitrius alternou seu olhar entre mim e Stefanos, antes de começar a falar.

— Na verdade, Stefanos e eu fizemos uma aposta. Você andava por aí dando uma de santa, dizendo que se casaria virgem, mas eu nunca acreditei nessa conversa fiada, então o desafiei a provar que eu estava certo,

levando você para a cama e gravando tudo. Em troca, vou providenciar a exoneração de Michalis, um preço baixo para provar que você nunca foi tão virtuosa quanto tentava demonstrar e que gosta mesmo é de levar uma gozada na cara — ele caiu na gargalhada e todos o acompanharam, com exceção de Stefanos.

— Que coisa feia, garota — Disse Alexia, enquanto comia batatas fritas de um pacote, agindo com a naturalidade de quem assistia a um comercial de xampu, e não a uma pessoa sendo cruelmente humilhada e destruída — E eu não estou falando de sexo, foder é gostoso demais, principalmente com Stefanos. Mas de sair por aí fingindo puritanismo. Isso está tão fora de moda.

Ignorando as palavras dela, olhei para Stefanos com minha mente em choque, esperando que ele negasse aquela aposta, mas tudo o que ele fez foi desviar seu olhar para o chão, confirmando que o que Dimitrius dizia era verdade, ele havia se aproximado de mim por causa de uma maldita aposta, com o intuito de se vingar de Michalis pela morte do seu sobrinho.

Durante todo aquele tempo, todas as vezes em que veio falar comigo, no jardim da vila, na praia, no clube, tudo não passava de teatro. Ele jamais esteve interessado em mim realmente, queria apenas me usar, gravando nossa intimidade para o maldito psicopata do seu amigo, em troca de alcançar seus objetivos.

A dor que se infiltrava em meu peito nesse momento era insuportável. Tentei controlar as lágrimas, mas elas começaram a desabar dos meus olhos sem nenhum controle. *Como pude ter sido estúpida a ponto de cair em uma armadilha tão sádica? Como pude me deixar envolver por alguém tão vil?*

Olhei novamente para Stefanos, meus olhos imploravam por uma explicação que fizesse sentido, que me tirasse daquele pesadelo.

— Daphne, não foi assim — Stefanos começou — No início, houve mesmo uma aposta, mas eu não cumpri minha parte do acordo. O combinado foi que eu ficasse com você no seu quarto, no alojamento dos funcionários, porque há uma câmera lá. Mas eu não fiz isso. Eu não tinha conhecimento da câmera no meu quarto quando passamos a noite juntos. Dimitrius a instalou lá sem o meu conhecimento. Por favor, acredite em mim.

Ele deu um passo na minha direção, tentando tocar meu braço, mas o puxei de supetão.

— Fique longe de mim! — gritei, fora de mim.

— Por favor, acredite em mim. Eu desisti do acordo quando te conheci melhor. Eu nunca quis que isso acontecesse. Eu não sabia que Dimitrius tinha colocado a câmera, eu juro! — Nada do que ele dizia parecia penetrar a neblina de dor que me envolvia. Pelo contrário, quanto mais ele falava, mais a dor em meu peito se intensificava. Stefanos se virou para Dimitrius, parecendo desesperado — Diga a ela que eu não sabia sobre a câmera no meu quarto. Fala a verdade, seu filho da puta! — gritou e um sorriso debochado se formou no canto da boca do filho da minha chefe.

— Mas é claro que você sabia. Foi ideia sua colocar a câmera no seu quarto — declarou Dimitrius.

A revelação atingiu-me como uma tempestade, e a onda de choque que já se apoderava de mim intensificou-se de forma devastadora, fazendo meu estômago revirar violentamente, quase me forçando a vomitar ali mesmo.

Lancei um último olhar para o rosto de Stefanos, e uma corrente furiosa de ódio invadiu cada fibra do meu ser. Ódio dele, por ser tão vil, e ódio de mim mesma, por ter sido ingênua a ponto de acreditar que ele realmente queria algo comigo, por ter confiado e me entregado tão cegamente.

Eu precisava sair dali. Precisava de ar, precisava fugir daquele lugar onde todos os olhares estavam cravados em mim, onde todos os risos ecoavam, zombando da minha dor.

Saí da sala correndo, sem olhar para trás, sem ouvir os gritos de Stefanos tentando me alcançar. A única coisa que eu sabia era que eu nunca me sentira tão humilhada, tão traída em toda a minha vida.

Saí daquela sala como um raio, o coração martelando no peito, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto como uma chuva incessante. Cada passo que eu dava parecia um esforço monumental, como se minhas pernas tivessem se tornado de chumbo.

Tudo que eu queria era fugir, me afastar o máximo possível daquele lugar, daquela gente ruim, que ria da minha dor, da minha humilhação.

Atravessei os corredores da vila quase sem ver por onde ia, com os meus pensamentos consumidos pelo horror do que acabara de acontecer. A dor da traição, o ódio de mim mesma por ter sido tão estúpida, tão ingênua, tudo se misturava em um redemoinho de emoções que me deixava à beira do colapso.

Eu já estava no jardim quando Stefanos me alcançou e tomou-me o caminho, fazendo com que o ódio dentro de mim se intensificasse a ponto de fazer meu sangue ferver.

— Daphne, por favor, me ouça. Não aconteceu como ele disse. Acredite em mim — insistiu ele.

— Então não é verdade? Vocês não apostaram que você conseguiria dormir comigo?

Stefanos desviou seu olhar para o chão, e me senti ainda mais estúpida por ter acreditado, por uma fração de segundo, que Dimitrius poderia estar mentindo.

— Houve uma aposta, mas eu desisti dela. Eu não sabia que estávamos sendo filmados em meu quarto.

— Vai pro inferno, porra! — vociferei, com os dentes trincados e desviei dele, me dirigindo rumo ao portão de saída, enquanto ele continuava me seguindo de perto.

Minha mente estava tão focada na dor que eu quase não percebia o que estava ao meu redor. Eu precisava chegar ao portão, precisava sair daquela casa cheia de gente ruim.

Para aquelas pessoas, eu não era nem mesmo um ser humano.

— Onde você está indo? Você está muito nervosa, não pode sair sozinha nesse estado. Se quer ir pra casa, eu te levo.

— Me deixe em paz! — berrei, fora de mim.

Não conseguia olhar para ele, não conseguia ouvir mais nada do que ele tinha a dizer. Tudo o que eu conseguia era repassar mentalmente as imagens de nós dois na cama dele, sendo exibidas naquela sala, enquanto todos riam.

Continuei andando em direção à saída, com passos trôpegos, mas determinados.

— Daphne, por favor, me escute! — a voz de Stefanos estava embargada, quase desesperada. — Eu desisti da aposta, eu juro! Quando percebi o que você realmente significava para mim, desisti de tudo aquilo. Eu não sabia da câmera, Daphne. Eu não sabia! Você me convidou para ir até seu quarto e eu recusei, lembra? A única câmera da qual eu tinha conhecimento estava lá, por isso te levei para o meu quarto.

Parei e virei-me lentamente para ele, os olhos ainda cheios de lágrimas, mas agora também cheios de uma fúria que eu nunca soubera que possuía.

— Então você sabia que tem uma câmera no quarto onde durmo e mesmo assim não me alertou? Por que acha que devo acreditar em uma palavra que sai da sua boca, depois de uma coisa dessa? — minha voz saiu trêmula — Você me usou! Brincou com meus sentimentos, me fez de idiota!

Ele me olhava com um desespero que eu jamais havia visto antes, seus olhos eram suplicantes.

— Não foi assim, eu juro por tudo que é mais sagrado. Eu desisti da aposta, mas... — ele hesitou, as palavras falharam enquanto tentava encontrar uma explicação que pudesse desfazer o estrago — Dimitrius percebeu que eu não iria adiante com o nosso plano e decidiu colocar a câmera no quarto onde eu estava instalado, sem o meu conhecimento.

Eu o olhava, mas era como se não conseguisse realmente vê-lo. A dor era tão grande que me cegava, abafando qualquer coisa que ele pudesse dizer. Minhas mãos tremiam, o gosto amargo da bile subia pela minha garganta.

— Não importa mais, Stefanos. Nada do que você diga agora pode mudar o que eu vi, o que eu senti. Apenas saia de meu caminho, seu desgraçado — retomei meu percurso, rumo à saída, e ele continuou vindo atrás de mim.

— Daphne, por favor, você não pode sair assim! Você está nervosa, não pode dirigir sua lambreta desse jeito.

— Não me importo!

Ele tentou me deter segurando-me pelo braço. Com um movimento brusco, me desvencilhei do seu toque e continuei em direção à minha lambreta, estacionada do lado de fora da casa.

Stefanos continuou me seguindo, e me virei para ele uma última vez, com os olhos ardendo de raiva e dor.

— Não chegue perto de mim de novo! Nunca mais!

Subi na lambreta, minhas mãos tremendo tanto que mal consegui segurar o guidão. Com um movimento brusco, liguei o motor e acelerei, sem olhar para trás. As lágrimas turvavam minha visão, mas eu não me importava.

Tudo que eu queria era fugir daquela casa, daquele homem, daquele pesadelo. Fugi sem rumo, com o coração em pedaços, mas determinada a nunca mais voltar.



CAPÍTULO 41

Pilotei a lambreta durante longas horas, praticamente sem ver nada à minha frente. A dor mais lancinante que já senti na vida dilacerava-me por dentro, ameaçando me sufocar.

Eu ainda podia ouvir os sons dos risos na sala de jogos, as cenas de sexo entre mim e Stefanos sendo exibidas em uma tela, para quem quisesse ver, como seu eu não fosse nada, como se eu fosse um pedaço de carne indigno de respeito.

Minha mente insistia em repassar cada momento que passei com Stefanos desde a noite em que o vi pela primeira vez, no clube de praia. Relembrei suas palavras naquela noite; a forma como tentou se aproximar de mim no dia seguinte, no jardim da vila; quando me ajudou com o concurso de dança; quando me encontrou na praia; quando disse que sentia algo por mim, além de um desejo efêmero.

Cada gesto e palavra partidos daquele homem tinham sido falsos, um teatro armado por ele e Dimitrius para me ludibriar e alcançar seus objetivos.

Eu podia enxergar claramente os dois conversando pelos cantos, sorrindo de mim, da minha imensa estupidez. Podia mentalizar Dimitrius instruindo Stefanos sobre o que me dizer, sobre como agir.

Esse foi o motivo pelo qual Stefanos deixou seu luxuoso apartamento à beira-mar e se hospedou na vila de Dimitrius, para ficar mais próximo a mim e me ludibriar com seu charme.

Quanto mais eu pensava em tudo, mais as lágrimas escorriam abundantes pelo meu rosto. Eu chorava tanto que meu corpo sacudia sobre a lambreta. Não queria que meus pais me vissem nesse estado, não queria ter que contar a eles o que aconteceu.

Então, parei em uma área remota a meio caminho de Ano Mera, desci da moto e sentei-me sob a sombra de uma parreira.

Perdi a noção de quanto tempo permaneci ali, imersa em pensamentos, chorando desesperadamente. O sol mostrava que passava de meio-dia quando subi novamente na moto e retomei meu caminho até em casa.

Percebi que havia algo errado quando encontrei meus pais e Ioanna reunidos na pequena sala de estar, enquanto as crianças certamente ainda estavam na escola.

A dureza na fisionomia dos meus pais era tangível, assim como o risinho de deboche formado no canto da boca de Ioanna.

Ao centro da sala, havia uma mala, e tive quase certeza de que continha as minhas coisas.

— Aconteceu alguma coisa? — indaguei, avançando pelo pequeno recinto, meu peito ainda carregado de angústia, minha mente anestesiada pela dor.

Meu pai foi o primeiro a se levantar do sofá. Ele puxou um pedaço de papel do bolso da sua calça, e aproximou-se de mim.

— Pode me dizer o que significa isso? — ele gesticulou para o papel em sua mão e gelei dos pés à cabeça ao constatar que se tratava do meu teste de gravidez.

Puta merda!

Meus olhos correram diretamente para Ioanna, e quando vi o sorriso dela se alargar, tive certeza de que ela encontrara o teste que esqueci descuidadamente em nosso quarto e entregara a eles.

Puta que pariu!

Respirei fundo, antes de confessar:

— É o que o senhor está vendo. Eu estou grávida.

Os olhos do meu pai se arregalaram de um misto de espanto e fúria, a ruga em sua testa se aprofundou.

— É de Elias?

Sem conseguir mais encará-lo, desviei o olhar para os meus pés e fiz que não com a cabeça.

Foi então que recebi o golpe, inesperado e violento, um tapa em meu rosto que me deixou zonza, quase a ponto de não conseguir me sustentar de pé.

Levei a mão ao rosto, como se tentasse amainar a dor lancinante, e nesse instante, por alguma razão, lembrei-me de Nikolas, meu irmão mais velho, da ocasião em que meu pai o expulsara de casa, agredindo-o da mesma forma que me agredia agora, após descobrir que ele era homossexual e mantinha um relacionamento com Michalis.

Durante aqueles breves segundos, eu compreendi o que meu irmão sentiu na ocasião, e uma angústia desoladora tomou conta de mim, por não ter dado mais apoio a ele.

— Pegue suas coisas e saia já desta casa! — meu pai gritou, acenando para a mala com gestos agressivos.

Minha mãe e Ioanna levantaram-se e se aproximaram de nós.

— Quem é a promíscua da família agora, sua hipócrita? — debochou Ioanna.

— Eu nunca esperava isso de você. Logo de você — acusou minha mãe, seu olhar decepcionado me ferindo mais que suas palavras — Achei que fosse uma garota de respeito, mas pelo visto estava enganada.

— Eu sinto muito — murmurei, sem conseguir os encarar.

— Não queremos seus sentimentos, sua puta de merda! — meu pai gritou — Queremos que saia desta casa agora mesmo e nunca mais volte. Você não faz mais parte dessa família!

Vasculhei minha mente em busca de qualquer coisa que pudesse dizer em minha defesa, algo que, talvez, os fizesse reconsiderar. Mas, no fundo, eu sabia que nada do que dissesse mudaria suas decisões.

Além disso, meus pensamentos estavam turvos; a única coisa que conseguia fazer era sentir. Sentir a dor, a angústia, um desespero tão profundo que parecia corroer meus ossos.

Movendo-me como se estivesse em piloto automático, peguei a mala e deixei a casa. Coloquei-a na frente da lambreta e comecei a pilotar

lentamente, perdida, sem rumo, vazia.

A sensação era de que minha vida havia terminado, que não restava mais nada para mim neste mundo. E, de certa forma, era verdade. Eu não tinha mais nada. Nem família, nem casa, nem emprego.

Continuei pilotando sem rumo pelos recônditos da ilha, o vento morno cortando meu rosto enquanto meus pensamentos se perdiam em um abismo de desespero.

Quando dei por mim, estava parando em frente a um penhasco, cuja queda inevitável me levaria à morte certa.

Deixei a moto de lado, os dedos trêmulos ao soltar o guidão, e avancei em direção à beira, determinada a pôr um fim à dor esmagadora que consumia cada pedaço de mim. Não havia mais nada para mim neste mundo, apenas um vazio que se expandia, sufocando toda e qualquer esperança.

Aproximei-me mais, meus olhos fixos nas ondas furiosas que se chocavam contra as rochas lá embaixo, como se o mar estivesse clamando por mim.

Seria uma queda longa, interminável, antes que meu corpo se espatifasse nas pedras encobertas pela espuma branca. A ideia de desaparecer naquele turbilhão de águas me parecia quase uma libertação.

Mais um passo, e tudo estaria acabado. Cada célula do meu ser gritava para que eu desse aquele último passo, para que eu finalmente calasse essa angústia que me despedaçava por dentro. O medo, que outrora me seguraria, agora era uma sombra distante, incapaz de me deter.

Eu estava prestes a vencer essa última resistência, a me lançar naquele vazio, quando algo dentro de mim me puxou de volta à realidade com a força de um grito silencioso.

A lembrança da vida que crescia dentro de mim explodiu em minha mente, interrompendo o ciclo de desespero.

Dei um passo trêmulo para trás. Minhas mãos, como que movidas por instinto, cobriram minha barriga, protegendo o pequeno ser que ainda tinha uma chance.

Senti um tremor percorrer meu corpo enquanto minhas mãos permaneciam sobre a barriga. Um impulso natural de proteção, como se meu próprio corpo estivesse me dizendo que eu não estava sozinha, que havia mais em jogo do que apenas minha dor e desespero.

O bebê dentro de mim… era inocente, uma vida que não merecia ser sacrificada pelas consequências dos atos de outros.

Percebendo que não poderia fazer aquilo, afastei-me alguns metros do precipício e sentei-me sobre a areia avermelhada, sem saber que rumo dar à minha vida dali em diante.

Foi então que a raiva começou a se sobrepor a todas as outras emoções dentro de mim, queimando lentamente, uma chama que antes era apenas um brilho, mas que agora se avolumava em minhas entranhas, alimentada pela lembrança dolorosa da minha humilhação.

Stefanos e Dimitrius. Seus rostos apareceram na minha mente como fantasmas. Dimitrius rindo, zombando, Stefanos mentindo para tentar continuar me enganando, como se eu fosse a mais estúpida de todas as criaturas.

A dor transformou-se em ódio, um ódio que me consumia, que queimava com a intensidade de mil incêndios. Eles haviam me tirado tudo, mas não iriam tirar meu filho. Não iriam destruir a única coisa pura que ainda restava em minha vida.

Aquele ódio se transformou em uma nova razão para viver, uma força que me fez querer continuar respirando. Não seria o fim, mas o começo. Eu iria viver, não por mim, mas por aquele pequeno ser que agora dependia de mim.

E, sim, eu também viveria para me vingar. Iria fazer com que Stefanos e Dimitrius pagassem por tudo o que fizeram. O mesmo destino que planejaram para mim, eu devolveria a eles, em dobro. Faria com que pagassem caro!



CAPÍTULO 42

Com essa decisão, senti uma estranha calma me invadir, como se a certeza de minha vingança fosse um bálsamo para a dor que me dilacerava. Respirei fundo, sentindo o ar encher meus pulmões, e me levantei do chão, deixando o precipício para trás.

Enquanto me aproximava da lambreta, enfiei a mão no bolso do uniforme e peguei o celular. Minhas mãos ainda tremiam levemente, e disquei o número de Michalis. Ele atendeu após alguns toques.

— *Olá, minha querida* — sua voz soou gentil como sempre.

— Michalis... eu preciso da sua ajuda — balbuciei, empurrando as palavras com dificuldade através da minha garganta seca.

— *O que aconteceu? Você está bem?*

— Eu… eu não estou bem. Preciso de ajuda… posso ir até sua casa? — minha voz falhou, traindo a força que eu tentava transmitir.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha, e por um momento, temi que Michalis pudesse recusar, que ele não quisesse se envolver. Mas então, ouvi sua resposta, suave, mas firme.

— *Claro, meu amor. Pode vir, estou aqui para você. Onde você está agora?*

— Estou perto de Agios Sostis. Vou pegar a estrada principal agora.

— *Quer que eu vá te buscar?*

— Não precisa. Estou de moto.

— *Pilote com cuidado, estarei esperando por você.*

Desliguei o telefone, sentindo um pequeno alívio, uma minúscula faísca de conforto em saber que, pelo menos, não estava completamente sozinha. Michalis sempre foi uma pessoa boa, alguém que Nikolas amava, e agora ele era a única pessoa com quem eu poderia contar.

Girei a chave da lambreta e o motor rugiu. Minha mente estava clara agora, focada. Não mais em desespero, mas em determinação. Segui em direção à vila luxuosa de Michalis, sabendo que ali, pelo menos por algum tempo, encontraria um refúgio seguro onde poderia curar minhas feridas e planejar minha vingança.

Quando finalmente avistei a grande vila de Michalis, rodeada de oliveiras e com vista para o mar, senti uma estranha mistura de medo e alívio. Medo do que ainda estava por vir, mas alívio por saber que, pelo menos por ora, havia encontrado um porto seguro.

Estacionei a lambreta e, com passos pesados, caminhei até a porta. Antes de bater, respirei fundo, tentando controlar as emoções que ainda borbulhavam dentro de mim.

Quando a porta se abriu, Michalis estava lá, seus olhos carregados de preocupação. Sem dizer uma palavra, ele me puxou para um abraço, e ali, naquele instante, me permiti desmoronar mais uma vez, sabendo que, mesmo no meio de tanta dor, eu ainda tinha forças para lutar.

— O que fizeram com você, meu bebê? — ele sussurrou no meu ouvido, apertando-me contra seu corpo — Seja lá o que tenha sido, você está segura agora.

— Tá doendo tanto — sussurrei e ele puxou-me para dentro, praticamente me carregando até o sofá da sala, onde nos acomodamos.

Nas horas que se seguiram, contei tudo a Michalis. Sobre a gravidez, a aposta entre Stefanos e Dimitrius, a humilhação na sala de jogos, a expulsão de casa, a traição de Elias. Ao final da minha narrativa, Michalis acolheu-me carinhosamente em um abraço e chorei em seu ombro, até que me senti completamente vazia, como se nenhuma lágrima restasse.

— Eu lamento tanto, minha criança — sussurrou ele — Eu devia ter imaginado que Dimitrius aprontaria algo assim. Ele sempre foi obcecado por você e não aceitou ser rejeitado.

— Vou acabar com eles. Os dois! Quero vê-los no chão, na lama e preciso que você me ajude.

— Eu concordo que Dimitrius merece uma boa lição, mas Stefanos não disse que havia desistido do acordo e não sabia sobre a câmera no quarto dele?

— Ele está mentindo. E mesmo que não esteja, isso não o redime de sua culpa. Ele se aproximou de mim com a intenção de me levar para a cama e mostrar tudo àquele outro escroto. Nada pode redimi-lo de sua culpa.

— E o pior é que foi tudo por minha causa. Porque ele queria se vingar de mim — Michalis disse, com ar de tristeza.

— A culpa não foi sua, mas apenas deles dois. Mesmo assim, eu imploro, ajude-me a destruí-los. Você é o único com quem posso contar agora.

Michalis soltou um suspiro pesado, e observou o meu rosto durante um momento de silêncio, como se ponderasse meu pedido.

— Não vai ser fácil atingi-los, pois ambos são homens muito poderosos. Dimitrius é parente da presidente e será sempre protegido por ela. Quanto a Stefanos, é um poderoso homem de negócios, dono de um império milionário nos Estados Unidos.

— Mas tem que ter uma forma e você sabe qual, pois é tão poderoso quanto eles.

Michalis olhou em volta da sala enorme e luxuosa, como se checasse se alguém nos ouvia. Quando voltou a falar, estava cochichando:

— Só tem um jeito.

— E qual é?

— A família Papadopoulos, como muitas outras famílias poderosas, não é exatamente o que parece. Frequentemente eles subornam autoridades locais para obter licenças de construção e evitar inspeções de segurança em seus negócios. Existe um grande esquema de corrupção envolvendo o filho do prefeito e os Papadopoulos, onde grandes somas de dinheiro são pagas para garantir contratos lucrativos e concessões de terras na ilha. Além disso, eles escondem grande parte de sua riqueza em contas offshore, evitando o

pagamento de impostos na Grécia, e manipulam os livros contábeis de seus negócios para subestimar os lucros e minimizar a carga tributária.

— Mas que filhos da puta!

— Sim, eles são. Assim como muitas outras famílias milionárias.

— Vamos denunciá-los e usar tudo isso para ver a queda de Dimitrius.

— Não é tão fácil assim. A presidente é prima do Sr. Papadopoulos, e vai providenciar para que nenhuma dessas acusações recaia sobre eles. Mas podemos negociar com ela.

— Como?

— Em primeiro lugar, nós precisamos de provas, que podem ser encontradas na vila, em algum cofre, ou no escritório. Apresentamos essas provas à presidente e, em troca de não as entregarmos à imprensa, pedimos a cabeça de Stefanos e Dimitrius.

— Ela concordaria com isso?

— Acho que sim. Além de presidente, ela também é mulher, vai se solidarizar com você quando dissermos o que aqueles dois fizeram. Porém, o principal motivo será para proteger o resto da família de um escândalo, o que consequentemente protegerá a ela mesma no fim das contas.

— E como ela pode nos dar a cabeça deles?

— Jogando a culpa de todo esse esquema de corrupção sobre eles e não interferindo quando eles forem punidos pela lei. Isso vai render alguns anos de prisão aos dois.

— Ótimo! É isso que eles merecem! Vamos fazer!

— Mas antes precisamos das provas. Você terá que voltar à vila para buscá-las.

— De jeito nenhum! Não posso voltar lá. Não posso olhar para eles de novo.

— Tem alguém de confiança na casa que possa fazer essa busca para você?

— Sim, Irini.

— Podemos confiar nela?

Me perguntei se Irini seria capaz de fazer algo para prejudicar Dimitrius, mesmo sendo apaixonada por ele, e cheguei à conclusão de que talvez não. No entanto, eu precisava convencê-la, pois voltar àquela casa estava fora de cogitação.

— Eu dou um jeito de convencê-la — anunciei.

— Ótimo. Isso pode dar certo.

Hesitei, antes de formular a pergunta seguinte.

— Posso ficar na sua casa? Não tenho mais para onde ir — minha voz tremeu ao pronunciar as últimas palavras.

Michalis encarou-me com seus olhos carregados de compaixão. Então, estreitou-me em um braço afetuoso.

— É claro que pode, meu amor. Você pode morar comigo por quanto tempo quiser. Aliás, vai ser um prazer ter você por perto. Tenho me sentido tão sozinho desde que... — ele se interrompeu, mas eu sabia que estava se referindo à morte do meu irmão, o grande amor da sua vida.

Nikolas começou um relacionamento afetivo com Michalis quando tinha dezoito anos. Esse amor teve que ser mantido em segredo, pois Michalis, um membro proeminente do partido político mais conservador da Grécia, almejava a presidência e contava com o apoio incondicional de seu partido. Revelar sua homossexualidade seria impensável para sua carreira política.

Eu era a única que sabia da verdade, a confidente exclusiva de meu irmão e a única testemunha do amor profundo e sincero que ele compartilhava com Michalis. Durante anos, me mantive como sua aliada e amiga solitária nessa jornada oculta.

Tudo mudou quando nossos pais descobriram a verdade e expulsaram Nikolas de casa, por não aceitarem sua orientação sexual. A partir daquele momento, ele foi morar com Michalis, em Atenas, longe dos olhares curiosos de Mykonos, onde ninguém suspeitava de seu relacionamento.

Contudo, nós três nunca nos afastamos de fato, pois mesmo morando em outra cidade, Michalis continuava atuando como juiz em Mykonos, portanto, ambos vinham à ilha com frequência, sempre em viagens separadas, para que ninguém soubesse que estavam juntos.

— Obrigada por ficar do meu lado — murmurei.

— E como eu não poderia ficar? No passado você foi o meu anjo da guarda. Agora é minha vez de me tornar o seu — ele nos desvencilhou do abraço, fitando-me diretamente no rosto — Agora você precisa se acalmar. Lembre-se de que tem uma vida crescendo dentro de você. Vou mandar as empregadas arrumarem suas coisas em um dos quartos de hóspedes e prepararem algo para você comer. Aposto que ainda não almoçou.

— Não sinto fome.

— Mas precisa se alimentar, pelo bebê. Venha, vamos ver o que tem na cozinha.

Michalis segurou-me pela mão e conduziu-me através dos amplos cômodos da vila, onde me senti segura e acolhida, apesar de todo o turbilhão que ainda jazia em meu interior.



CAPÍTULO 43

Dois meses depois

Do alto da sacada do meu quarto na vila, eu observava a movimentação de pessoas no amplo jardim, organizando tudo para o grande jantar que Michalis e eu organizamos esta noite, para anunciar nosso noivado à sociedade de Mykonos.

O cenário abaixo era de uma elegância estonteante. As mesas redondas já estavam dispostas em fileiras harmônicas, cada uma coberta por toalhas de linho branco, impecavelmente passadas.

No centro de cada mesa, arranjos florais exuberantes capturavam a atenção: orquídeas, lírios e rosas em tons suaves de rosa e branco, entremeados com folhagens verdes e toques de dourado, criando um contraste sutil e refinado.

Os membros da equipe organizadora que contratamos, moviam-se eficientemente por todos os lugares, ajustando todos os detalhes, desde as bebidas e comidas que seriam servidas, até a prataria.

Ao fundo, próximo à fonte de mármore que dominava o centro do jardim, uma equipe de músicos testava seus instrumentos. O som suave do violino se misturava ao murmúrio da água que caía em cascata na fonte, compondo uma trilha sonora delicada e envolvente para o evento.

Seria o maior evento já realizado em Mykonos nos últimos tempos, contando com a presença de pessoas da alta roda social, políticos ilustres, e membros da imprensa nacional.

No entanto, a única coisa que realmente importava para mim era o que aconteceria naquela noite. Não seria apenas um jantar elegante, uma celebração comum. Mas sim o palco perfeito para a vingança que Michalis e eu havíamos arquitetado nos últimos dois meses.

Tudo tinha sido meticulosamente planejado para culminar ali, naquele exato momento, diante de todos que importavam.

Dimitrius e Stefanos estavam entre os convidados, não porque os quiséssemos por perto, mas porque tudo aquilo estava sendo preparado para eles, para que fossem presos naquela noite, diante das suas famílias, dos amigos, dos influentes, e principalmente, da imprensa.

O que eu queria não era apenas justiça, mas a humilhação completa, um espetáculo de vergonha pública que marcaria os nomes deles para sempre. Eu queria que seus rostos fossem estampados em todos os jornais, que suas reputações fossem arruinadas para sempre. E naquela noite, eu teria exatamente isso.

Não foi fácil para mim e Michalis chegarmos até aqui. Após convencermos Irini a encontrar provas contra os Papadopoulos, e trazê-las para nós, Michalis acolheu-a em sua vila, dando a ela o cargo de sua assistente pessoal e, desde então, ela morava conosco, em Atenas, onde estávamos residindo durante aqueles dois últimos meses.

O passo seguinte, e também o mais difícil, foi levar essas provas para a presidente da Grécia. Não foi fácil conseguirmos nos encontrar com uma mulher tão ocupada, mas finalmente obtemos êxito.

Como esperávamos, ela se revoltou com o que aqueles dois cafajestes fizeram comigo e cedeu à chantagem de Michalis sem muitas imposições, concordando em colocar a culpa dos atos ilícitos dos Papadopoulos exclusivamente em Dimitrius e envolver Stefanos em tudo, embora ele não tivesse participado de nada daquilo.

Concordou também em não interferir quando ambos fossem presos e condenados por tais crimes, o que garantir-lhes-ia muitos anos de cadeia,

um preço justo a pagar pelo que fizeram a mim.

Com o suporte da presidente, e junto à sua assessora, Michalis e eu tivemos acesso a pessoas poderosas, entre políticos e homens da lei, com as quais conspiramos para que a noite de hoje acontecesse.

Stefanos e Dimitrius acreditavam que tinham sido convidados para meu noivado com Michalis, mas seriam surpreendidos pela Polícia Helênica da Grécia, que os prenderia por corrupção e sonegação de impostos.

Eles eram tão arrogantes que confirmaram suas presenças no jantar, convencidos de que eu havia perdoado suas ações. Stefanos, certo de que ficaria impune, aceitou o convite de Michalis e viria dos Estados Unidos especialmente para esse evento.

A única verdade naquela noite era o noivado que estávamos prestes a celebrar: Michalis e eu realmente nos casaríamos. Ele decidiu me pedir em casamento não só para que meu filho não nascesse sem pai, mas também para me tornar uma mulher poderosa e respeitável diante daqueles que me humilharam.

Além disso, já que não tinha filhos, ele desejava que nosso bebê, sobrinho de seu grande amor, um dia herdasse tudo o que ele possuía.

Embora Michalis fosse homossexual e nosso casamento não envolvesse intimidade, seríamos um casal em todos os outros aspectos, construindo nossa própria família, uma das mais influentes da Grécia.

Enquanto eu observava os preparativos lá embaixo, no jardim, um frio percorreu minha espinha. Um misto de ansiedade e satisfação me consumia. Eu tinha contado cada segundo, cada minuto desses dois meses.

Reviver o que Dimitrius e Stefanos haviam feito comigo alimentara minha raiva e meu desejo de vingança durante todo esse tempo, tornando cada dia mais insuportável, mas também mais próximo desse momento.

Eu revia cada detalhe daquela maldita manhã na minha mente: as imagens íntimas na tela do monitor, as risadas de deboche, as palavras cruéis, a arrogância com que eles acreditaram que sairiam impunes. Cada vez que eu pensava no que fizeram, sentia meu ódio ferver no peito.

Não havia sido fácil voltar a Mykonos depois daqueles meses, rever os lugares em que cresci, onde um dia acreditei que poderia ser feliz. Tínhamos chegado no dia anterior, e a parte mais difícil estava sendo controlar o desejo de ir ver meus pais e irmãos.

Apesar de tê-los perdoado pelo que fizeram comigo e com Nikolas, eu não os queria mais na minha vida. A pessoa na qual eu tinha me transformado não dispunha de espaço em seu coração para eles.

Havia uma inquietação dentro de mim que me abalava profundamente, por ter que reencontrar Stefanos depois de dois meses sem vê-lo, apenas alimentando meu ódio por ele.

Não sabia como reagiria quando nossos olhares se cruzassem. Minha única certeza era que nada me traria mais paz do que vê-lo arruinado.

Eu queria ver o choque em seus olhos quando a polícia o algemasse, o desespero de perceber que o seu mundo, o mundo que ele controlava com tanto zelo, estava desmoronando.

Era isso que eu esperava, o que me mantinha acordada durante as madrugadas, planejando cada movimento, cada palavra.

Eu sentia o ódio pulsar em cada célula do meu corpo. Dimitrius e Stefanos não poderiam simplesmente pagar pelos seus crimes em silêncio. Não. Eles precisavam cair em público, sob o olhar atento de todos.

Respirei fundo, tentando acalmar o nervosismo crescente e voltei para o interior do aposento. A *personal stylist* responsável pela minha produção daquela noite já havia enviado uma arara com vários vestidos para que eu escolhesse o que gostaria de usar.

Estava dedilhando os modelos elegantes e sofisticados, quando houve uma leve batida na porta e logo em seguida ouvi a voz da governanta partindo do outro lado.

— Senhora, tem um homem lá embaixo pedindo para vê-la — anunciou ela.

— Quem é? — indaguei, nem um pouco interessada em receber visitas que não estava esperando.

— Se chama Stefanos Nicolaidis e disse que é urgente.

Digeri as palavras dela e paralisei, meu coração deu um solavanco no peito. Apenas para me certificar de que tinha ouvido direito, abri a porta e olhei para a mulher.

— O que você disse? — indaguei.

— Stefanos Nicolaidis, ele está no portão, disse que precisa falar com a senhora.

O choque inicial rapidamente deu lugar ao ódio fervoroso que eu vinha alimentando dentro de mim durante as últimas semanas. A fúria que

se alastrou pelas minhas veias era tão intensa que parecia me consumir e incendiar ao mesmo tempo.

Como ele se atrevia a vir me procurar, achando que poderia falar comigo, como se nada tivesse acontecido?!

— Diga aos seguranças que não o deixem entrar até o horário do jantar — falei. A calma em minha voz destoava do temporal que acontecia em meu interior — Esse homem não é bem-vindo nesta casa. Dispense-o todas as vezes em que ele aparecer. Ele entrará aqui apenas durante o jantar de noivado, esta noite.

— Sim senhora. Com licença — disto isto, a mulher deu-me as costas e se afastou, seguindo pelo corredor.

Fechei a porta e deitei-me na cama com o ódio borbulhando nas veias. Meus olhos se fixaram no teto, sem que eu o enxergasse realmente, as lembranças do passado recente voltaram à minha mente na forma de um turbilhão torturante.

Pude visualizar claramente o momento em que entrei naquela sala de jogos, as risadas, as imagens na tela, as ofensas. Lembrei-me também dos momentos com Stefanos, de todas as vezes em que ele se aproximou, tentando me seduzir, com a intenção de me usar para seus planos sórdidos.

Revivi mentalmente a noite que passamos na praia, e precisei de um esforço absurdo para controlar as lágrimas de agonia, por ter entregado meu corpo e meu coração para alguém como ele.

Eu havia perdido a noção de quanto tempo estava deitada na cama, imóvel, perdida em devaneios, quando subitamente a porta do quarto se abriu e o homem, alto, forte, e loiro invadiu o aposento, sorrateiro como uma sombra, causando-me tamanho susto que precisei cobrir a boca para sufocar o grito que ameaçava escapar.

Era Stefanos. *Como diabos ele tinha conseguido entrar na vila?*

— Saia agora mesmo, ou chamarei a polícia! — ameacei, saltando da cama com um pulo.

Stefanos estava ofegante, com um fio de sangue escorrendo pelo canto da boca, as roupas amassadas e os cabelos desordenados. Por mais que eu quisesse me manter indiferente, bastou um olhar para ele e todo o meu interior se agitou, o coração disparou no peito, os nervos ficaram em um frenesi descontrolado.

Ele parecia ainda mais lindo do que eu me lembrava, os olhos azuis cristalinos, o rosto impecável, como se tivesse sido esculpido à mão, e o

corpo másculo e imponente, dentro de uma calça jeans folgada e uma camisa branca de mangas curtas.

Por Deus! Como eu queria que o que aconteceu entre nós tivesse sido verdadeiro. Mas infelizmente não era.

— Caramba! Aqueles seus seguranças parecem ter sido treinados pelo Jackie Chan. Deu o maior trabalhão conseguir passar por eles! — foi o que Stefanos disse, limpando o sangue da sua boca com a manga da camisa.

— O que você faz aqui?! Saiba que meu noivo está em casa. Basta um grito meu e ele te tira daqui a pontapés!

— Então não grite — ele deu alguns passos na minha direção, enquanto eu recuava outros — Não estou aqui para te fazer mal, eu jamais te prejudicaria. Só quero conversar.

— Não estou interessada na sua conversa!

— Mas vai me ouvir assim mesmo! — vociferou, rispidamente — Não temos muito tempo, daqui a pouco os seguranças vão acordar e virão atrás de mim.

Meus olhos se arregalaram de pura perplexidade.

— O que você fez com os seguranças?!

— Nada demais — ele deu mais um passo na minha direção, e a cama atrás de mim me impediu de recuar — Caramba! Como você está linda! Você não tem ideia do tormento que atravessei durante todo esse tempo, sem saber como você estava. Eu te procurei em todos os lugares. Fui até a casa dos seus pais, eles me disseram que tinham te expulsado. Não houve um só dia em que eu não tenha tentado te encontrar, em que não tenha perdido o sono me perguntando o que tinha acontecido com você.

Havia tormento em seu olhar, mas eu sabia que não passava de encenação. Ele era um mestre na arte de fingir, tão convincente que me fez abandonar o sonho de me casar virgem e pertencer a um único homem por toda a vida, tudo em troca de uma aventura com ele.

— Não quero saber dessa conversa! — berrei — Tudo o que sai da sua boca é falsidade e mentira. Não sou mais a tonta de quem você zombou.

— Eu nunca zombei de você. Por favor, acredite em mim.

Relembrei o momento em que o flagrei na sala de jogos, assistindo àquele vídeo junto com seus amigos, enquanto todos sorriam, e o ódio correu solto pelas minhas veias, incendiando-me como fogo em gasolina.

— Saia da minha frente agora mesmo, seu canalha! Ou não responderei por mim! — gritei.

— Não vou sair! — ele berrou de volta — Você vai me ouvir, queira ou não queira. E não me force a te amarrar e te amordaçar nessa cama, porque é exatamente o que vou fazer se continuar se recusando a me escutar.

Não falei mais nada, temendo que ele cumprisse a ameaça, afinal, Michalis não estava em casa e, considerando que Stefanos tinha colocado os seguranças para dormir, só restávamos eu, as empregadas, e a equipe que organizava o jantar, na vila. Eu não queria ter que chamá-los e armar um escândalo antes da hora.

Diante do meu silêncio, Stefanos se aproximou ainda mais de mim, fitando-me com olhos suplicantes.

— Eu não sabia que havia uma câmera no meu quarto quando a levei para lá naquela noite — disse ele, sua voz mais baixa e calma — Dimitrius a colocou lá porque sabia que eu não cumpriria a minha parte do nosso acordo, que era ficar com você no alojamento dos funcionários.

— Você já disse isso — retruquei, asperamente.

— E por que você não acredita em mim?

— Porque não é assim tão simples. Mesmo que não soubesse sobre a câmera, você se aproximou de mim por causa dessa maldita aposta, me iludindo e enganando, fingindo que estava interessado em mim!

— Mas eu estava interessado em você. Sempre estive.

— Mentira! Você arquitetou cada passo desde o início, pensou em cada palavra a ser dita para me convencer, para me seduzir e ludibriar — eu falava entredentes, o ódio correndo nas veias — Além disso, você sabia o tempo todo que aquele demente havia instalado uma câmera escondida em meu quarto e mesmo assim não me alertou. E, a cereja do bolo, foi você ver todos eles rindo de mim enquanto assistiam aquele maldito vídeo, e mesmo assim não fez nada!

Quando me calei, um silêncio sepulcral, carregado de tensão, instalou-se no quarto, ao passo em que a angústia se aprofundava na fisionomia de Stefanos. Sem que nada tivesse me preparado para isto, ele simplesmente caiu de joelhos diante de mim, seu semblante marcado pelos traços do desespero.

— Me perdoa — ele falou e estremeci dos pés à cabeça, com a intensidade do turbilhão de emoções que me invadiu, paixão, raiva, dúvida, confusão, tudo se conflitando em meu peito — Eu sei que fui um merda. Eu jamais deveria ter aceitado a aposta daquele psicopata. E por mais que não

tenha ido até o fim, estou aqui suplicando pelo seu perdão, por ter aceitado, por ter me aproximado de você com intenções tão vis — à medida em que eu digeria as palavras dele, o turbilhão de emoções se intensificava em meu íntimo. A paixão ardente, visceral, ameaçava tomar conta de mim, com tamanha intensidade que senti as lágrimas marejando meus olhos, meu lábio inferior tremendo. Então, cruzei os braços, como se um gesto tão trivial fosse capaz de me proteger daquele homem, de todos os sentimentos que eu ainda guardava por ele, mas que não podia sentir. Eu não podia me permitir cair na armadilha de perdoá-lo — A verdade é que meus sentimentos por você mudaram assim que te conheci. Eu me apaixonei por você Daphne, mesmo sem planejar, ou mesmo perceber. Eu te amo, como jamais imaginei ser capaz de amar uma mulher e preciso, desesperadamente, que você me perdoe.

Por uma fração de segundo, estive tão perto de ceder que pude me ver ajoelhando diante dele, segurando seu rosto entre minhas mãos e beijando sua boca, saciando essa saudade que insistia em me consumir, nas raras ocasiões em que eu me distraía do ódio.

No entanto, eu não podia ceder e correr o risco de ser magoada novamente.

— É tarde demais. Eu estou grávida de Michalis — disparei, por impulso, fazendo uso do subterfúgio para proteger meu coração daquela paixão descabida — É por isso que vamos nos casar. Seremos uma família agora.



CAPÍTULO 44

Pouco a pouco vi o semblante de Stefanos mudar, seu rosto empalidecer, o desespero se intensificar, mesclando-se a uma expressão de surpresa. Ele parecia tão abalado que teve dificuldade de se levantar do chão, suas pernas estavam ligeiramente cambaleantes, enquanto eu me apegava a todo o meu autocontrole para não me atirar em seus braços e confessar que estava mentindo, que estava mesmo grávida, mas aquele filho era dele, fruto da paixão desenfreada que ainda ardia como brasas em meu peito.

— É verdade? — Stefanos indagou, parecendo ligeiramente desnorteado.

— Sim, é verdade — falei, sem conseguir encará-lo diretamente — Estou de poucas semanas. Aconteceu depois que nos mudamos para Atenas.

— Eu sempre soube que existia alguma coisa entre você e esse cara.

— Não existia até você e Dimitrius fazerem o que fizeram. Eu não preciso te lembrar de que era virgem quando ficamos juntos.

— Esse filho poderia ser meu.

Foi a minha vez de empalidecer, porém, logo me recompus.

— Mas não é, e sim de Michalis — forcei minha voz a soar mais firme do que eu me sentia — Como pode ver, mesmo que eu te perdoasse, não aconteceria mais nada entre nós, pois estou esperando o filho de outro homem. Um homem que seria incapaz de me magoar.

— Um homem que foi capaz de enfiar uma bala na cabeça do meu sobrinho, um menino que tinha toda uma vida pela frente.

— Não foi assim que aconteceu. Você não sabe da história toda.

Com mais um passo, Stefanos eliminou a distância que nos separava, seus olhos azuis fuzilando-me com fúria, suas mãos de aço se fechando em volta dos meus braços, sua postura ameaçadora intimidando-me.

— Então como aconteceu?! Me conta a história toda! Me dê algum motivo para não querer enfiar uma bala na cabeça do cara que matou meu sobrinho, destruiu a vida da minha irmã e agora está tirando de mim a única mulher que já amei!

— Um dia você vai saber a verdade, mas não através de mim. E Michalis não me tirou de você, foram suas atitudes que fizeram isso.

— Eu já disse que não fiz nada!

— Você quase me destruiu!

— Eu já pedi perdão!

— Mas eu não perdoei!

O aperto das mãos dele em meus braços se tornou mais firme, mais possessivo, e numa fração de segundos me vi pressionada contra a parede, seu corpo forte apertando o meu, me esmagando.

A respiração de Stefanos era pesada, os olhos brilhavam de uma maneira que me fez sentir um calafrio percorrer a espinha. Meu corpo estava preso entre a parede fria e o calor que emanava dele, uma força inescapável que me deixava sem ar.

— Me solta! — exigi.

Em resposta, ele capturou meus lábios com os seus, beijando-me com uma impetuosidade tão selvagem que todo o meu corpo tremeu. Tentei impedi-lo, o impulso inicial foi empurrá-lo, afastá-lo de mim, mas meus braços não obedeceram.

Stefanos pressionou seus lábios nos meus como se dependesse disso para viver. Por mais que eu tentasse não sucumbir à paixão voraz que explodia em meu peito, a saudade que eu sentia dele era arrebatadora demais, o desejo mais fervoroso do que eu pudesse controlar.

Nem mesmo todo o ódio que existia em mim seria capaz de suplantar tais sentimentos e, aos poucos, senti meu corpo ceder, as defesas desmoronarem.

Minhas mãos, que inicialmente estavam espalmadas contra o peito dele, subitamente agarraram sua camisa com força, puxando-o para mais perto, como se isso fosse possível. A sensação dos músculos sólidos sob meus dedos me fez perder qualquer resquício de racionalidade que ainda me restava.

Quando dei por mim, estava correspondendo ao beijo, mesmo sem perceber, e foi como se uma explosão ocorresse dentro de mim. A paixão e a saudade transbordaram, se sobrepondo a tudo mais, como se nada mais importasse além do sabor da boca daquele homem, da sensação do calor do seu corpo no meu.

Nossas línguas se encontraram, dançando em um ritmo desesperado, enquanto suas mãos se moviam para me segurar pela cintura, me puxando contra seu corpo, me pressionando mais contra a parede.

Seu toque e suas carícias eram carregados de uma necessidade urgente, primitiva. A barba dele roçava minha pele, provocando uma mistura de dor e prazer que só aumentava meu desejo.

Eu podia sentir o calor do corpo de Stefanos se infiltrando no meu, queimando todas as minhas resistências. O beijo era profundo, desesperado, como se ele estivesse tentando transmitir tudo o que não conseguia dizer com palavras.

Nossas respirações estavam pesadas, os corações batendo em sincronia, tão próximos que quase pareciam um só. Minhas mãos exploravam o corpo dele, passando por seus ombros largos, descendo por suas costas, sentindo cada músculo tenso sob o tecido da camisa.

Stefanos me pressionou mais contra a parede, o corpo dele dominava o meu de uma maneira que me fez gemer baixinho contra sua boca. Eu não conseguia pensar em mais nada, apenas no desejo avassalador que tomava conta de mim, no quanto eu precisava dele, naquele instante, mais do que qualquer outra coisa.

Finalmente, quando ele se afastou, seus lábios ainda a centímetros dos meus, nós dois estávamos ofegantes, as respirações descompassadas.

Olhei para ele, ainda tentando processar tudo o que havia acontecido, mas a única coisa que eu conseguia sentir era a necessidade desesperada de estar perto dele, de ter seus braços ao redor do meu corpo.

— Isso não deveria ter acontecido — murmurei, ainda sem forças para me afastar completamente.

Stefanos mantinha seus olhos ardentes de paixão fixos nos meus, meu mundo inteiro se perdeu na intensidade daquele olhar. Foi nesse instante que percebi o quanto o amava, desesperadamente, embora esse sentimento não fosse suficiente para me fazer esquecer o que ele fizera.

— Mas aconteceu — ele sussurrou, o calor do seu hálito mentolado acariciando minha face — E não importa o quanto você tente negar, nós dois sabemos o que sentimos um pelo outro.

Eu queria gritar que ele estava errado, que aquilo era um erro, que tudo o que tínhamos era uma mentira. Mas as palavras morreram na minha garganta, e tudo o que consegui fazer foi olhar para ele, perdida, desejando que o mundo fosse diferente, que nós fôssemos diferentes.

— Eu te amo e sei que você me ama também — ele sussurrou, quase inaudível — Larga esse cara, venha embora comigo. Eu assumo o seu filho como se fosse meu, darei todo o meu amor a ele.

Senti um aperto angustiante no peito, por privá-lo de saber que era o pai do filho que eu esperava. Por outro lado, não podia permitir que um momento de desejo efêmero me fizesse esquecer tudo o que passei por causa daquele homem.

— Stefanos... eu não posso — sussurrei.

Tentei me afastar, mas ele espalmou as mãos na parede, dos dois lados do meu corpo, aprisionando-me entre seus braços.

— Você sabe que pode, sabe que não será feliz com ele, enquanto pensa em mim. Nós nos amamos, Daphne, isso está claro como água. Não permita que uma bobagem do passado nos impeça de sermos felizes juntos.

— Uma bobagem?! — repeti, sentindo a fúria, já tão familiar, se alastrar pelas minhas veias — Pode ter sido uma bobagem para você, mas não foi para mim!

— Eu sei, me desculpe... acho que não soube me expressar... esse é o efeito que você tem sobre mim... Quando estou perto de você, já não consigo raciocinar, mas apenas sentir...

O som brusco da porta do quarto se abrindo interrompeu sua fala, e no instante seguinte Michalis estava entrando no quarto, aflito, sobressaltado, segurando um taco de golfe, pronto para usá-lo, em Stefanos, eu presumia.

No entanto, ao nos ver juntos, com nossos corpos colados e contra a parede, ele se conteve, parando perto da porta, e abaixando o taco, seu olhar aturdido alternando entre o meu rosto e o de Stefanos.

— Eu não queria interromper — disse, gentil como sempre.

— Mas interrompeu — rebateu Stefanos, afastando-se de mim sem nenhuma pressa.

O ódio que surgiu na expressão do olhar dele, quando se fixou no rosto de Michalis, era quase assustador.

— Os seguranças me disseram que a vila foi invadida — Michalis olhou diretamente para mim — Você está bem?

— Mas é claro que ela está bem! — Stefanos respondeu por mim — Eu jamais a machucaria.

Michalis continuou olhando para mim.

— Você quer que eu saia? — perguntou Michalis, e me apressei em acalmar os ânimos do meu corpo, recuperando o controle sobre minhas emoções e correndo para perto do meu noivo.

A pergunta dele tinha sido bastante descabida. *E se Stefanos percebesse que nós não estávamos juntos de verdade?*

— Claro que não, meu amor — falei — Stefanos invadiu mesmo a casa, mas já está de saída.

Deliberadamente, passei um braço em volta da cintura de Michalis, satisfeita ao ver o olhar furioso de Stefanos acompanhando o gesto.

— É, eu estava — Stefanos sussurrou, parecendo ligeiramente distraído. Ele aproximou-se alguns passos de nós, examinou atentamente meu rosto e o de Michalis, como se nos analisasse e, naquele instante, tive quase certeza de que ele sabia que não existia nada entre mim e meu suposto noivo, pelo menos nada que me levasse a ficar grávida — Mas essa história ainda não acabou. Com licença.

Dito isto, Stefanos deixou o aposento, seus passos pesados ressoando pelo corredor, até se tornarem inaudíveis.

Quando tive certeza de que ele não estava mais olhando, praticamente desmoronei, sentando-me na cama com o corpo trêmulo, as pernas moles a ponto de não conseguirem me manter de pé.

O calor da paixão ainda estava ali, enraizado em meu íntimo, deixando-me vulnerável e frágil como eu não gostaria de me sentir.

— O que aconteceu aqui? — indagou Michalis, sentando-se ao meu lado.

— Pra te falar a verdade, nem eu sei. Ele entrou aqui de repente, e quando dei por mim estava... — não consegui continuar, e Michalis completou minha frase:

— Se agarrando com ele.

— Sim... ele me beijou e... eu não sei o que aconteceu.

— Você o ama, é isso — Michalis afirmou, com muita calma e segurança.

— Claro que não! Que absurdo! Esse cara quase me destruiu! — eu não conseguia convencer nem a mim mesma.

— Acontece que nós não escolhemos a quem amar, e vocês são loucos um pelo outro. Vi isso na forma como estavam se encarando.

Subitamente percebi o quanto Michalis poderia estar se sentindo constrangido, por ter flagrado sua noiva se agarrando com outro homem.

— Eu não queria que você tivesse visto isso. Me desculpe.

— Não precisa se desculpar, meu amor. Se você decidir ficar com Stefanos, não vou interferir. Pelo contrário, te darei todo o meu apoio.

Ficar com Stefanos, definitivamente, era um erro que eu jamais cometeria novamente.

— Deus me livre. Desse homem só quero distância! — disparei — Vamos seguir com o plano. Ele e Dimitrius serão presos esta noite.

— Tem certeza?

— Absoluta. Só tem um problema. Acho que talvez Stefanos não venha a esse jantar.

— Por que acha isso?

— Porque eu disse que estava esperando um filho seu.

— Tomara que ele não venha mesmo. Se de uma coisa tenho certeza, é que você vai se arrepender depois, se mandar o homem que você ama para a cadeia.

— Mesmo que eu me arrependa, quero vê-lo sendo preso e humilhado, e nada poderá mudar isso.

— Se é isto que realmente quer, saiba que estarei o tempo todo ao seu lado.

Eu o fitei com meu coração repleto de gratidão. Mesmo que eu vivesse cem anos, jamais seria capaz de agradecer o suficiente a Michalis por tudo o que vinha fazendo por mim.

— Obrigada por tudo — murmurei.

— De nada, meu bem.

Com isto, nós nos abraçamos, em um contato repleto de carinho e afeto.



CAPÍTULO 45

Mesmo com o fim do verão e a chegada do outono, Mykonos continuava quente como o inferno. Entrei na casa da minha irmã e fui imediatamente envolvido por um ambiente insuportavelmente abafado.

Ainda na sala de estar, caminhei até o ar-condicionado e tentei ligá-lo, mas o maldito trambolho não dava sinal de vida. O calor intenso, combinado com o ar parado, apenas alimentava a raiva que já fervilhava em mim desde que vi Daphne, algumas horas atrás.

Ela não era mais a mesma Daphne que eu conhecia. Havia deixado de ser aquela garota simples por quem me apaixonei, tornando-se uma mulher elegante e sofisticada.

Apesar de ainda preferir sua versão original — sem maquiagem, com os cachos naturais em vez dos fios alisados, e as roupas despretensiosas —, senti meu coração acelerar de novo ao vê-la hoje.

Toda a paixão, a saudade, e o remorso que eu vinha enterrando nos últimos dois meses, desde que ela flagrou Dimitrius exibindo nossas imagens íntimas na sala de jogos, explodiram em meu peito como um turbilhão avassalador.

Durante aqueles dois meses não houve um só dia em que eu não tenha pensado naquela mulher, em tudo o que aconteceu entre nós, no que sentia por ela. Sempre guardei em meu peito a esperança de que ela um dia me perdoaria, por ter aceitado aquela maldita aposta.

Apesar de não ter ido até o fim com o plano, eu admitia minha culpa por ter me aproximado dela com intenções maliciosas, por não ter contado a ela que aquele demente havia escondido uma câmera em seu quarto.

Eu devia ter sido sincero, devia ter falado sobre a câmera e a aposta. Esses tinham sido os únicos erros que cometi, portanto, sempre guardei a certeza de que ela me perdoaria e ficaria tudo bem entre nós, afinal, ela também me amava, assim como eu a ela.

A esperança de reconquistar seu coração foi o que me motivou a aceitar o convite para esse maldito noivado, e abandonar meus negócios nos Estados Unidos para vir até aqui.

No entanto, agora que ela esperava o filho de outro homem, não existia mais a possibilidade de ficarmos juntos, afinal, não seria certo tirar um filho do seu pai e vice-versa.

Todas as minhas esperanças de reconquistá-la estavam se esvaindo do meu peito como água saindo de um cano quebrado. Michalis havia tirado de mim o que restava da minha família, e agora tirava também a mulher que eu amava.

Maldito!

Apertei o botão do ar-condicionado com mais força e nada aconteceu, o trambolho não funcionava. Com minhas emoções descontroladas, atirei o controle longe, espatifando-o na parede, o barulho dos estilhaços se misturaram ao som abrupto do palavrão que escapava da minha boca, enquanto uma mistura de raiva e desespero me inundava.

Foi então que minha irmã surgiu de outro cômodo, seu olhar preocupado alternava entre mim e o controle do ar espatifado no chão.

Minha irmã era uma das pessoas mais fortes que eu conhecia. Quando um trágico acidente nos tirou nossos pais, ela tinha dezessete anos, enquanto eu tinha dez. Mesmo sendo tão jovem, ela assumiu os negócios da família, sem jamais deixá-los fracassar, ao mesmo tempo em que terminava de me criar.

O sonho dela era se tornar mãe, mesmo que não tivesse encontrado o homem certo para ser seu marido, ou pai do seu filho. Depois de muitas

tentativas, conseguiu engravidar através de uma inseminação artificial e amou seu filho até o último dia de vida dele.

Quando Michalis o assassinou, isso quase a destruiu. No entanto, depois de oito meses da morte de Thanos, ela começava a se reerguer, finalmente se libertando da depressão que vinha a assolando desde então.

— O que está acontecendo aqui? — indagou ela, aproximando-se de mim.

— Essa merda não funciona! Não suporto esse calor dos infernos!

Ela percebeu meu estado de nervos, e a preocupação na sua expressão se intensificou.

— Fique calmo. Essa central de ar está em manutenção, a da outra sala está melhor. Vamos para lá.

Eu a segui através dos amplos cômodos da vila onde nascemos e crescemos e nos acomodamos na sala decorada com tevê e estofados brancos. Ela pediu que uma empregada nos servisse suco de melão gelado, antes de perguntar:

— O que aconteceu? Por que você está tão nervoso?

— Foi um erro ter vindo para esse noivado. Daphne está grávida daquele maldito assassino. Ela nunca mais será minha de novo, não porque não me ame, eu sei que ela ama, mais a mim do que a ele, mas porque não seria certo tirar o filho de um pai.

— Caramba, meu irmão! Que situação!

— O pior, é que esse filho poderia ser meu. Mas o destino é bizarro, ao invés de engravidar de mim, ela engravidou de um maldito homicida do caralho!

Helene hesitou antes de continuar falando, como se escolhesse as palavras.

— Stefanos, eu sei que esse assunto é delicado para você, mas já está na hora de libertar seu coração de todo esse ódio por Michalis. Eu admito que o que ele fez não tem perdão, ele tirou tudo de mim — ela fez uma pausa, apertando os olhos e respirando fundo para tentar conter as lágrimas que sempre ameaçavam desabar dos seus olhos quando falava sobre o filho morto — Mas esse ódio todo não é saudável pra você e nem vai trazer Thanos de volta.

— Esse ódio é o combustível que me ajuda a continuar lutando por justiça. Pode não ser hoje, nem amanhã, mas algum dia darei um jeito de fazê-lo pagar.

— Infelizmente não tem jeito. Ele nunca será preso. Meu filho invadiu a casa dele armado, determinado a matá-lo. Nenhum juiz o condenaria por se defender. Mesmo que não fosse protegido pelo seu partido político e nem tivesse foro privilegiado, ele não seria preso.

A corrente de ódio, já tão familiar, se alastrou pelo meu sangue, quente e mortal como um incêndio feroz.

— Thanos não teria invadido a casa dele, se ele não tivesse deixado o garoto preso — vociferei, com os dentes trincados.

— Ele livrou meu filho da cadeia muitas vezes. Em algum momento ia se cansar disso.

— Você não devia defender esse cara! Ele tirou seu filho de você!

— Não estou defendendo. Apenas estou sendo sensata.

— Acontece que não tenho a mesma sensatez. Vou continuar lutando por justiça. Só descansarei quando Michalis for punido pelo que fez. Com licença — dito isto, deixei a sala e subi para o meu quarto.

Peguei a mala no closet, joguei-a aberta sobre a cama e comecei a colocar as roupas com gestos automáticos, meu coração estava pesado com a decisão que eu estava prestes a tomar. Eu voltaria para os Estados Unidos. O que mais me restava em Mykonos?

O único motivo que me trouxe de volta para a ilha era a esperança de uma reconciliação com Daphne, mas essa esperança se desfez no momento em que descobri que ela esperava um filho de outro homem.

A dor de saber que o filho dela não era meu era quase insuportável, mas havia algo maior em jogo. Por mais que cada fibra do meu ser clamasse por vingança contra Michalis, eu não podia permitir que uma criança inocente pagasse o preço.

Não suportaria que esse bebê crescesse sem o pai, se transformando em alguém tão perdido e amargurado quanto Thanos, que, privado de uma figura paterna, seguiu um caminho de destruição até sua trágica morte.

Meu amor por Daphne era profundo e verdadeiro, mas não bastava para seguir adiante com isso. Se eu ficasse, estragaria não apenas a minha vida, mas a dela e a do filho que ela carregava.

Mesmo que Michalis pagasse pelo assassinato de Thanos — e ele pagaria, mais cedo ou mais tarde — ainda assim, ele seria o pai do filho da única mulher que eu amei. E, por mais que me doesse admitir, essa criança tinha o direito de crescer ao lado do seu pai, não importando quem ele fosse.

Terminei de arrumar a mala, mas algo dentro de mim me impedia de simplesmente sair pela porta. Eu sabia que, se fosse embora agora, dificilmente veria Daphne novamente. Tentei me forçar a agir com a razão, a ouvir a voz que repetia incansavelmente que o certo seria voltar para os Estados Unidos, deixar essa história para trás e seguir em frente.

Mas, por mais que minha mente desse as ordens, meu corpo se recusava a obedecer. Fiquei imóvel, preso entre o que eu deveria fazer e o que realmente desejava.

As horas se arrastaram. A luz do dia foi substituída pelo manto da noite, e eu continuei ali, trancado no quarto, travando uma batalha interna. A cada minuto que passava, eu me convencia mais de que precisava partir e nunca mais olhar para trás. Esquecer Daphne. Esquecer tudo.

No entanto, quando me dei conta, já estava em frente ao espelho, ajustando o terno com precisão. Algo havia mudado. Havia um novo propósito queimando dentro de mim. Eu iria ao jantar de noivado para o qual fui convidado.

E não apenas para ser mais um entre os convidados, reconquistaria Daphne, e a traria de volta para mim. A verdade era que viver sem ela não era uma opção. Era uma tortura que eu não estava disposto a suportar.

Sim, ela estava carregando o filho de Michalis, mas isso não importava mais. Eu seria o homem ao lado dela. Eu criaria aquela criança como se fosse minha, daria a ela tudo o que precisasse, como se o sangue dela fosse o meu.

Formaria uma família com Daphne, uma família nossa, e nada nem ninguém impediria isso. Ela seria completamente minha, de corpo e alma, e o resto que se fodesse.

Eu queria Daphne mais que qualquer coisa neste mundo, e não havia força capaz de me fazer desistir dela agora.

Daphne Galanis

CAPÍTULO 46

A área do jardim onde as mesas foram dispostas para o jantar, já estava abarrotada de gente. As figuras mais ilustres de toda a Grécia estavam presentes, entre empresários milionários, políticos, artistas renomados, e membros da imprensa.

Fiquei impressionada com a diferença no tratamento vindo das pessoas ricas que moravam em Mykonos. As mesmas que antes me olhavam de cima, com empáfia, pelo fato de eu ser a filha de um simples pecador, agora me direcionavam sorrisos e elogios, como se as roupas caras e a posição social valessem mais que a pessoa em si.

Ao lado de Michalis, eu recebia os convidados com um sorriso polido e elegante, como me fora ensinado desde que assumira a posição de noiva de um homem tão influente.

O ambiente estava impecável, decorado com refinamento, o barulho constante de copos de cristal brindando ao som de risadas animadas preenchia o ar.

Era quase possível esquecer o verdadeiro propósito daquela noite, mas minha mente, por mais que tentasse se concentrar nas formalidades,

estava a mil.

Os convidados desfilavam à nossa frente, cumprimentando Michalis e lançando olhares curiosos e admirados na minha direção. Eu sorria, mas minha atenção era parcial, minha mente estava focada no que aconteceria.

E então, Dimitrius chegou.

De repente, o mundo ao meu redor pareceu desacelerar. Dimitrius entrou, com seus pais a tiracolo, ostentando a mesma expressão arrogante que o tornava tão detestável.

O terno feito sob medida destacava sua figura, e o sorriso cínico que esboçou ao me ver me causou uma náusea imediata. Foi impossível conter a avalanche de emoções que me atingiu naquele momento.

Era a primeira vez que o via desde que ele quase me destruiu. A raiva queimava dentro de mim como um fogo incontrolável. Lembrei-me de cada palavra cruel, das risadas dele e dos seus amigos, proferidas naquela sala de jogos, diante das imagens da minha intimidade com Stefanos.

A humilhação ainda estava cravada na minha pele, como cicatrizes invisíveis que nunca desapareceriam completamente.

Me chocava profundamente que ele realmente estivesse ali, como se nada tivesse acontecido, como se realmente acreditasse que eu havia relevado suas ações inescrupulosas a ponto de convidá-lo para a minha festa de noivado.

Desta vez, a arrogância dele seria também a sua ruína, pois foi essa arrogância que fez com que ele viesse até aqui, ser preso na frente de pessoas tão respeitáveis. Depois desta noite, o nome dele jamais sairia da lama.

— Minha nossa! Como você está diferente — disse a Sra. Papadopoulos, ao cumprimentar a mim e a Michalis — Está linda.

Nem ela e nem seu marido faziam ideia de que seu querido e mimado filho seria preso essa noite. Eu queria ter a capacidade de sentir pena deles, mas não sentia nada, até porque eles também eram responsáveis por todas as falcatruas das quais Dimitrius seria acusado.

Eram pessoas tão inescrupulosas quanto o próprio filho, que enriqueciam por meio da sonegação de impostos.

— Obrigada, Sra. Papadopoulos. E obrigada por terem vindo — falei, encenando o meu papel de anfitriã despretensiosa.

— Está mesmo muito diferente. E está ainda mais linda. Com todo respeito — disse o psicopata do Dimitrius.

Sua voz fez meu sangue ferver, enquanto a indignação e o ódio cresciam. Eu queria gritar, queria quebrar aquela máscara de superioridade que ele usava com tanta facilidade. Mas me contive.

— Daphne fica linda com todos os estilos — disse Michalis, passando um braço em volta dos meus ombros, para que o psicopata soubesse que eu já não estava mais sozinha, como quando ele fez aquilo comigo — Acho que sou um homem de muita sorte — completou o meu noivo.

— Com certeza. Daphne não é apenas linda, mas dona de um excelente caráter.

Aquela rasgação de seda perdurou até que mais convidados chegaram e os Papadopoulos se dirigiram à mesa destinada para eles, localizada ao centro do jardim, onde estava mais iluminado e todos poderiam apreciar o espetáculo quando a polícia chegasse e algemasse Dimitrius.

Fazia parte do acordo que Michalis tinha feito com a presidente da Grécia, que a polícia os prendesse especificamente durante aquele jantar.

Stefanos e Dimitrius seriam presos naquela noite. Diante de todos. Na frente das mesmas pessoas que os veneravam, que os adulavam como se eles fossem deuses intocáveis.

Eu queria ver seus rostos quando a polícia os levasse, queria ver a vergonha descer sobre eles como uma nuvem de tempestade. Queria que todos rissem deles, assim como riram de mim.

No entanto, eu temia que Stefanos não aparecesse. Algo dentro de mim, uma parte que eu odiava reconhecer, esperava que ele não viesse. Havia uma guerra silenciosa acontecendo em meu peito.

Parte de mim ansiava por sua captura, queria vê-lo destruído assim como Dimitrius. Mas a outra parte... a parte tola e apaixonada que ainda nutria sentimentos por ele, torcia para que ele não aparecesse, para que se salvasse daquela humilhação.

O medo e o desejo se misturavam em um redemoinho que me deixava paralisada. A traição dele havia sido a mais dolorosa, mas meu coração, tolo, ainda o amava.

A verdade era que meus pensamentos estavam caóticos. Michalis ao meu lado não notava o turbilhão que me consumia por dentro. Eu continuava sorrindo, cumprimentando os convidados, mas minha mente estava longe, focada em cada detalhe que viria a seguir.

Faltava pouco tempo para que o jantar fosse servido. As mesas já estavam praticamente todas ocupadas pelos convidados que eram encaminhados aos seus devidos lugares, quando finalmente Stefanos chegou, acompanhado de sua irmã, de braços dados com ela.

Um turbilhão de emoções intensas e controversas se apoderou de mim no instante em que o vi. Olhei dentro dos seus olhos azuis-claros e meu coração se agitou e se apertou ao mesmo tempo.

Uma parte de mim gritava, ordenando que eu o mandasse embora, para que não fosse preso. Contudo, a outra parte, não conseguia esquecer o que ele fizera e queria que ele fosse humilhado junto com Dimitrius.

— Espero não termos chegado atrasados — disse Stefanos, assim que Michalis e eu nos aproximamos para recebê-los, com a mesma formalidade com que recebemos os demais.

Nenhuma imagem jamais me pareceu tão linda quanto a daquele homem. Ele estava usando smoking preto, com as lapelas do paletó e a gravata borboleta em cetim.

Seus cabelos lambuzados de gel estavam penteados para trás, sem nenhum fio fora do lugar. Sua barba estava bem aparada e seu corpo grande e forte se destacava dentro do traje formal.

Enquanto falava, ele mantinha seus olhos, azuis como duas joias raras, fixos em meu rosto, de maneira tão intensa que eu não conseguia desviar o olhar, como se tivesse mergulhado em um transe profundo, do qual não conseguia escapar.

— Não se atrasaram. O jantar ainda não foi servido — disse Michalis, com sua gentileza habitual — Sejam bem-vindos à nossa residência, sintam-se como se estivessem em casa.

— Obrigada — agradeceu a irmã de Stefanos — E obrigada pelo convite.

Eu mal podia imaginar o quanto podia estar sendo difícil para ela se colocar frente a frente com o homem que acreditava ter tirado a vida de seu filho. Ainda assim, era evidente que, de alguma forma, a mãe de Thanos não nutria por Michalis o mesmo ódio devastador que consumia Stefanos, apesar da tragédia que destruiu sua família.

Agora que eu carregava meu filho no ventre e o amava mais que tudo na vida, tinha uma vaga ideia do quão devastadora era a dor daquela mulher.

— Não sei se vocês já foram apresentados formalmente, mas essa é minha irmã Helene. Helene, esses são Michalis e Daphne — disse Stefanos, sem parar de me fitar.

Mesmo sob o poder hipnótico do olhar profundo daquele homem, percebi que Helene descia o olhar pelo meu corpo, examinando-me de cima a baixo, estudando atentamente o meu rosto.

Nós nos conhecíamos de vista, como todos em Mykonos, mas nunca tínhamos nos falado.

— É um prazer conhecer vocês — disse ela, com um leve sorriso.

— O prazer é todo meu — Michalis falou, a emoção explícita no tom de sua voz — É uma honra recebê-la na nossa casa.

— O prazer é nosso — acrescentei, tentando manter a voz estável, enquanto os olhos de Stefanos pareciam perfurar minha alma.

— Você está linda, Daphne — disparou Stefanos e, mecanicamente, passei o braço em torno do de Michalis, satisfeita ao perceber que seu olhar registrava o gesto.

— Obrigada — respondi — Michalis tem esse dom de sempre adivinhar o que gosto de vestir e comprar as roupas certas, não é meu amor?

— Claro. Você merece tudo o que há de melhor — respondeu meu noivo, me ajudando com a provocação.

— Nossa! Como vocês são fofos! — o tom de voz de Stefanos era de sarcasmo, o que conseguiu me deixar irritada.

— Não somos fofos, apenas estamos apaixonados e nos respeitamos — rebati — Pena que o conceito de amor e respeito não ficou para todos os seres humanos.

— Assim como o conceito de perdão também não ficou para todos. E olha que está na Bíblia. Imagina se não estivesse — ele disparou de volta.

— Acontece que o perdão é para quem se arrepende, e não para quem pretende fazer novamente — minha irritação era crescente.

— Essa é uma ideia difícil de se agarrar, considerando que não se tem uma bola de cristal para realmente saber o que a pessoa pretende fazer no futuro.

Eu estava abrindo a boca para continuar com a discussão, quando Michalis nos interrompeu:

— Fico feliz que tenha conseguido vir, Stefanos — Michalis lançou um breve olhar para mim, como se tentasse medir minha reação. — Tenho certeza de que essa noite será memorável para todos nós.

O tom educado de Michalis disfarçava bem a tensão que ele também sentia.

— Eu não perderia isso por nada. Afinal, uma ocasião tão especial merece ser testemunhada.

— Certamente — respondi — Será uma noite inesquecível para muitos.

Michalis pigarreou e engoli em seco, sentindo o peso da minha própria frase afundando meu estômago.

— A mesa de vocês é aquela ali ao centro — indicou Michalis e Helene praticamente precisou puxar Stefanos pela manga do paletó, para que a seguisse através do jardim.

Enquanto ambos se aproximavam de sua mesa, mantive meu olhar fixo na figura altiva e imponente de Stefanos, que parecia desfilar, ao invés de caminhar, em meio aos convidados, tão charmosos eram seus gestos mais simples, até que eles estivessem devidamente acomodados.

Percebi que eles passaram bem próximos à mesa de Dimitrius e mesmo assim Stefanos não o cumprimentou, o que deixou claro que a amizade deles havia acabado.

Michalis e eu nos acomodamos à mesa principal, a qual dividíamos com o prefeito e alguns políticos do partido do meu noivo. Então, o jantar seguiu, com os garçons passando de um lado a outro, servindo os pratos principais com uma elegância meticulosa.

As conversas ao redor das mesas eram leves, risos ecoavam pelo jardim, mas minha atenção estava dividida. O tempo parecia passar devagar, como se a noite se alongasse só para torturar minha ansiedade.

Michalis, sempre o anfitrião perfeito, mantinha-se sorridente e atencioso com todos, mas eu via, nos olhos dele, a mesma tensão que corria dentro de mim. Ele queria que aquilo acabasse logo.



CAPÍTULO 47

A ansiedade crescia dentro de mim à medida que a noite se arrastava lentamente, como se o tempo ameaçasse parar. *Que horas a polícia chegaria? E se Dimitrius decidisse ir embora?*

A verdade, era que o acordo que Michalis e eu fizemos com as autoridades não incluía horários, portanto, a polícia poderia aparecer a qualquer momento.

Meu nervosismo era tão grande que os enjoos que passei a sentir devido à gravidez se intensificaram, causando-me um mal-estar insuportável. Depois que o jantar foi servido, o cheiro da comida me fez piorar ainda mais, de tal maneira que precisei pedir licença aos convidados e ir até meu quarto engolir um comprimido para enjoo.

Eu não notei o momento exato em que Stefanos começou a me seguir pela vila, mas quando entrei no aposento, senti sua presença logo atrás. Sua proximidade inesperada fez meu coração acelerar, despertando uma mistura de surpresa e uma inquietante tensão que se instalou em meu peito.

— O que você faz aqui? — indaguei, evitando olhar diretamente para ele.

— Vim ver o que você tem. Você não me parece muito bem.

— São apenas enjoos típicos da gravidez. Nada que um comprimido não resolva.

Entrei no banheiro, em busca da medicação, e Stefanos veio junto. Fiquei alarmada quando ele trancou a porta por dentro.

— O que está fazendo? — indaguei.

— Preciso falar com você.

— Não temos nada para conversar.

Virei-me para o pequeno armário na parede, peguei o comprimido e o engoli com um pouco da água da torneira.

— Queira ou não, você vai ter que me ouvir — impôs Stefanos.

— Você é muito folgado.

— Sou mesmo. Mas sou também o homem que você ama! — rosnou.

— Você não poderia estar mais enganado. O homem que eu amo se chama Michalis.

Com mãos fortes e bruscas, Stefanos segurou-me pelos ombros e me virou de frente para ele. Quando meu olhar se firmou no brilho dos seus olhos, o mundo à minha volta desapareceu, e me perdi no ardor profundo da sua expressão.

— Não tente enganar a si mesma — esbravejou Stefanos, seus olhos fixos nos meus, seu corpo a míseros centímetros de distância, fazendo com que o calor do desejo subisse pelo meu âmago, mesmo que eu tentasse reprimi-lo — Você não ama esse cara, eu posso sentir. É a mim que você ama, assim como eu a você. E sente a minha falta, da mesma forma que sinto a sua.

— Não sei de onde você tirou isso — tentei me afastar, ele tomou-me o caminho.

— Da forma como você me beijou esta manhã, com paixão, com sofreguidão. Apenas uma mulher apaixonada perde o controle da maneira que você perdeu.

— Não é verdade.

— É sim! Você não ama Michalis. Está planejando se casar com ele somente porque está grávida, e porque é tão cabeça-dura que não consegue esquecer o que aconteceu no passado!

— O que vocês fizeram no passado não é algo que se possa esquecer. Aquilo quase me destruiu!

— Eu sei, e sinto muito. Sinto de verdade por não ter evitado que acontecesse. Não há um só dia em que eu não deseje poder voltar no tempo e agir diferente. Mas não tem como desfazer o que houve.

— Exatamente. Nada pode mudar o que senti!

— Não podemos mudar o passado, mas podemos evitar que mais erros sejam cometidos — ele fez uma pausa para recuperar o fôlego, quando voltou a falar, sua voz estava mais calma — Você não precisa se casar com Michalis somente porque está grávida, ou porque está magoada. Ouça o que seu coração está dizendo. Você me ama, eu te amo. Vamos sair daqui agora mesmo. Venha embora comigo. Vou assumir esse filho como se fosse meu. Darei todo o amor de um pai a ele, mesmo que não carregue meu sangue.

Digeri as palavras dele e meu coração se esfarelou em um milhão de pedaços.

Por Deus! Como eu queria ser capaz de simplesmente esquecer o passado, confessar que ele estava certo sobre o quanto eu o amava, revelar que esse filho era dele, e não de Michalis.

Por mais que tudo em mim gritasse, ordenando-me a me atirar nos braços daquele homem e esquecer todo o resto, eu não podia simplesmente ignorar a voz da razão e entregar meu coração para que ele o magoasse tão cruelmente mais uma vez.

— Não — sussurrei — Michalis é o homem da minha vida, o único que merece o meu amor, o pai que meu filho merece ter. É a ele que dedicarei o resto da minha vida. Agora saia da minha frente.

— Não vou sair.

Tentei passar por ele, mas, nesse instante, ele me agarrou com uma impetuosidade que fez meu corpo colidir com o seu, e, antes que eu pudesse protestar, sua boca encontrou a minha.

O beijo veio com uma intensidade quase selvagem, suas mãos seguraram firmemente minha cintura, me puxando contra seu corpo forte.

Por um breve instante, lutei contra o desejo que ardia dentro de mim, tentando me convencer de que resistir era a escolha certa, que ceder a Stefanos seria trair tudo o que eu vinha tentando construir com Michalis. Mas meu corpo não cooperava com a minha mente.

O calor que subia da pele dele se infiltrava em mim, e, aos poucos, senti o muro de resistência se desfazendo. O toque de suas mãos, a pressão dos seus lábios sobre os meus, acendia uma chama que eu tentava, em vão, apagar.

Quando percebi, já estava correspondendo ao beijo com uma voracidade que me assustava. Minhas mãos subiram pelos braços dele até o pescoço, como se estivessem agindo por conta própria, e antes que eu pudesse impedir, me vi sendo erguida do chão e sentada sobre o mármore frio da pia do banheiro.

Stefanos aninhou-me ao seu corpo forte, seus quadris se encaixando no espaço entre minhas pernas, e me beijou com ainda mais paixão, suas mãos explorando meu corpo por cima das roupas, provocando sensações que me deixavam completamente em chamas.

Ele sabia como me tocar, como despertar cada fibra do meu ser, e eu, ainda que quisesse resistir, já não tinha forças para lutar contra o desejo avassalador. Eu estava presa naquele momento, naquela paixão arrebatadora, e tudo o que queria era que aquilo continuasse, que aquela loucura não acabasse.

Queria que Stefanos arrancasse minhas roupas, beijasse meu corpo inteiro e se enterrasse em mim, queria senti-lo o mais intimamente que um ser humano podia sentir o outro. Eu o queria, como jamais quis algo na vida, e estava pronta para me entregar a esse querer.

No entanto, subitamente, Stefanos parou, desfazendo o contato de nossas bocas.

Ainda sentada na pia, respirei ofegante, com os lábios entreabertos, os olhos enevoados pelo desejo. Eu queria continuar, precisava continuar. Mas ele se afastou, e o vazio que deixou me atingiu com a força de um golpe.

— Eu quero você... — sussurrei, com indesejável tom de súplica.

Stefanos me olhou com uma expressão que misturava desejo e determinação.

— Não, Daphne — ele disse, firme. — Não vou voltar a tocar em você enquanto não deixar Michalis e vir comigo para os Estados Unidos. Nós dois, juntos, como deveria ser. Você, eu, e esse filho. Eu não te quero por um momento efêmero, quero você na minha vida pelo resto dos meus dias. É isso, ou nada.

Fiquei paralisada por um momento, confusa e desconcertada, com meu coração martelando no peito.

O desejo dentro de mim, a confusão, a raiva... tudo se misturava em um turbilhão incessante. A verdade era que eu o queria demais, mas era tarde para nós dois. Eu não podia entregar-lhe meu coração novamente.

Desci da pia e aproximei-me mais de Stefanos. Antes que pudesse controlar o impulso, minha mão se ergueu e desferi uma bofetada no rosto dele. O som do impacto ecoou pelo banheiro, e ele não reagiu, apenas me encarou em silêncio.

Meu peito arfava, a adrenalina corria pelas minhas veias, misturando-se ao desejo avassalador.

— Eu nunca vou deixar Michalis — falei, com a voz embargada — Ele sabe me amar, como você não soube!

— Nesse caso, você acaba de me perder.

Suas palavras tiveram um impacto profundo e inesperado dentro de mim. Visualizei mentalmente meus dias sem ele e um desespero sufocante começou a se formar em meu peito, mesclando-se a todas as outras emoções.

De repente, eu já não sabia o que fazer, como agir, tudo o que eu conseguia era sentir, e sentia que poderia morrer com a possibilidade de nunca mais voltar a vê-lo, o homem que eu amava, embora não quisesse amar.

As emoções conflitavam-se em meu íntimo como um temporal incontrolável. Eu estava prestes a pular no pescoço dele e aceitar sua proposta de ir embora para os Estados Unidos.

Contudo, antes que tivesse tempo de mover um só músculo, percebi que a música lá embaixo havia cessado. O som do jantar no jardim, antes envolto em risos e notas melodiosas, havia se transformado em um murmúrio denso. Vozes alteradas se sobrepunham ao ar noturno, a confusão tomava o lugar da celebração.

Eu desviei o olhar de Stefanos, sentindo meu coração se apertar de novo, mas desta vez por uma razão diferente. A polícia havia chegado. Stefanos e Dimitrius seriam presos, e nada mais poderia ser feito para mudar essa realidade.

— O que está acontecendo? — Stefanos indagou, e permaneci em silêncio.

Ele abriu a porta do banheiro e o segui de perto, quando caminhou até a sacada, de onde podíamos avistar a movimentação lá embaixo.

No jardim iluminado por luzes suaves e decorado com flores exuberantes, o clima antes festivo havia se transformado em uma cena de tensão absoluta.

Os convidados, que antes riam e brindavam em meio a conversas animadas, agora estavam em um silêncio ensurdecedor, seus olhares vidrados na confusão que se desenrolava no centro da festa.

A Polícia Helênica da Grécia havia chegado, meia dúzia de homens cujos uniformes escuros contrastavam nitidamente com o ambiente elegante. A tensão no ar era quase tangível, como se o espaço ao redor se comprimisse com a presença deles.

A figura desprezível de Dimitrius estava ali, cercado por dois policiais, que lhe davam voz de prisão. A máscara de arrogância e controle que ele sempre exibira estava desmoronando diante de todos.

Seus pais estavam ao lado dele, os rostos pálidos, uma mistura de choque e desespero nítida em suas expressões. Eles tentavam argumentar, a mãe de Dimitrius, com os olhos marejados, implorava:

— Vocês estão cometendo um grande erro! — dizia ela, a voz embargada de pânico. — Meu filho é inocente, ele é um homem respeitável! Vocês não podem fazer isso, por favor!

O pai de Dimitrius, mais controlado, tentava um tom de autoridade, mas havia uma tremedeira sutil em sua voz.

— Eu exijo que parem imediatamente! Vocês não sabem quem somos! Esta prisão é absurda, é um ultraje contra a nossa família. Isso não vai ficar assim!

Os policiais, porém, não se deixaram intimidar. Um deles, alto e robusto, mantinha a voz firme e impessoal, como se já estivesse acostumado a lidar com esse tipo de resistência.

— Sr. Papadopoulos, você está sendo preso por crimes de fraude financeira e corrupção. Temos um mandado de prisão. Se tentar resistir, será acusado de obstrução à justiça.

Ao redor, os olhares dos convidados se tornavam cada vez mais chocados, as expressões incrédulas se multiplicavam. Ninguém esperava que a noite de celebração virasse um escândalo. Era como se a fachada perfeita da elite ali reunida estivesse se desintegrando diante dos seus próprios olhos.



CAPÍTULO 48

Eu observava tudo ali de cima, da sacada, sentindo um prazer quase perverso crescer em mim. Dimitrius finalmente estava recebendo o que merecia. A humilhação estampada em seu rosto enquanto era algemado diante de todos, exposto, impotente, me dava uma satisfação que eu jamais esperaria sentir tão intensamente.

Uma espécie de justiça poética, lenta e dolorosa. O orgulho dele, a confiança desmedida, tudo estava sendo destruído diante de seus pares.

O olhar de Dimitrius, antes altivo, agora era o de um homem encurralado. Ele olhava em volta, buscando uma saída, mas não havia mais escapatória. Uma parte de mim queria rir, outra parte queria gritar que ele merecia cada segundo daquela desgraça.

Enquanto eu absorvia a cena, um dos policiais se aproximou de Michalis, que observava tudo com uma seriedade absurda.

— E quanto a Stefanos Nicolaidis? Onde ele está? — indagou o homem da lei.

Meu corpo inteiro congelou ao ouvir o nome de Stefanos sair da boca do policial. Senti o olhar dele ao meu lado se endurecer, seus músculos

tensos, enquanto ele dava alguns passos para trás, refugiando-se na penumbra do quarto.

— Você armou tudo isso — acusou ele, uma mistura de choque e ira se manifestando na expressão do seu olhar — Você não nos convidou para a sua festa de noivado, mas para que fôssemos presos diante de todos.

— Sim, eu armei — confessei, com frieza — Você será preso esta noite, Stefanos. Você e aquele rato de esgoto passarão muitos anos na prisão.

Ele balançou a cabeça, fitando-me com choque, com uma incredulidade absoluta, como se custasse-lhe acreditar.

— Eu não cometi crime algum, e você sabe disso — murmurou.

— Não importa. Michalis e eu providenciamos para que vocês dois sejam presos pelos crimes da família de Dimitrius — ele balançou a cabeça novamente, ainda em choque — Como pode ver, vocês não deviam ter feito o que fizeram comigo.

Nesse instante, a voz do policial soou alta e abrupta novamente, perguntando por Stefanos, sem que ninguém respondesse. Olhei para baixo, e novamente para o rosto de Stefanos. Bastava uma palavra minha, alertando os homens lá embaixo, e eles entrariam em meu quarto em questão de segundos.

Ainda abri a boca para avisá-los sobre onde Stefanos estava, mas uma força muito maior que eu, muito mais avassaladora do que eu pudesse compreender, impediu-me de falar.

— Isso não vai ficar assim — Stefanos rosnou, seus olhos brilhando de fúria.

Então, ele deu-me as costas e partiu em disparada, correndo apressadamente para fora do aposento, dando a entender que fugiria pelos fundos da vila, o que, embora fosse difícil admitir, me trouxe mais alívio que contrariedade.

Respirei fundo diversas vezes, tentando aceitar o fato de que havia acabado de permitir que Stefanos fugisse do destino que Michalis e eu havíamos reservado para ele, e deixei o quarto, descendo para o térreo.

A onda de prazer que me inundou quando avancei pelo jardim, foi a mais intensa que já experimentei na vida. Não havia preço que pudesse pagar a imagem de Dimitrius algemado e humilhado, diante do olhar de tantas pessoas poderosas.

Provavelmente, nesse momento, ele estava tendo uma vaga ideia do que senti quando exibiu as imagens da minha intimidade com Stefanos aos seus amigos.

— Isso é armação sua! — acusou Dimitrius, assim que surgi no seu campo de visão.

Coloquei-me ao lado de Michalis e encenei uma inocência que estava longe de existir.

— O que está acontecendo aqui? — indaguei, entrando no papel.

— Desculpe interromper sua festa — disse um dos policiais, também desempenhando o papel para o qual havia sido subornado — Temos um mandado de prisão para esse senhor, e outro para Stefanos Nicolaidis. Sabe onde posso encontrá-lo?

— Stefanos? — repeti — Não sei. Não o vejo há horas. Talvez tenha ido embora. Pergunte à irmã dele.

Nesse instante, Dimitrius se soltou dos policiais e deu um passo na minha direção, abruptamente, seu rosto pálido, como se ainda não acreditasse no que estava acontecendo.

— Isso é armação dela! — Dimitrius vociferou, tentando se livrar dos policiais que agora o cercavam — Não podem me prender! Sou inocente!

Um dos policiais se afastou para falar com a irmã de Stefanos, e dei um passo na direção de Dimitrius, me deleitando com a vitória conquistada, com a justiça sendo feita.

— Nossa, Dimitrius, mas logo você, um criminoso?! Quem poderia imaginar? — debochei.

— Ele não fez nada. Isso aqui é um equívoco, e vamos provar — disse a Sra. Papadopoulos, aflita e desesperada.

Tentei sentir alguma empatia por ela, afinal sempre me tratou muito bem em sua casa. No entanto, não consegui sentir nada. Ela era uma criminosa, ver o filho sendo preso era um preço baixo a ser pago pelos seus erros.

Dimitrius continuava a se debater enquanto os policiais o seguravam, suas súplicas e tentativas de escapar eram inúteis. Suas palavras, carregadas de desespero, ecoavam no jardim, mas não surtiriam efeito.

Eu observava a arrogância e o poder que ele ostentara por tanto tempo se esvaindo com cada segundo que passava. Aquele que me

humilhara, agora estava reduzido a nada. O prazer de vê-lo naquela situação era incomparável. O gosto da vitória era intenso, quase palpável.

Eu nunca soube que a justiça poderia ser tão doce.

Voltei para junto de Michalis, sentindo sua presença sólida ao meu lado. Ele manteve o semblante calmo, como sempre, desempenhando o papel de noivo correto e digno, e me lançou um olhar cúmplice, silenciosamente apoiando a cena que orquestramos juntos, enquanto Dimitrius continuava a gritar.

— Desculpe pela confusão, Sr. e Sra. Papadopoulos — disse o oficial mais alto, virando-se para os pais de Dimitrius. — Mas o mandado está emitido e os crimes investigados. Agora precisamos levar seu filho para a delegacia.

— Isso é um ultraje! — gritou o Sr. Papadopoulos, o rosto avermelhado pela vergonha e fúria — Vocês não sabem quem somos! Essa mulher armou tudo isso! — Ele apontou para mim, sua voz vibrando de ódio.

Eu mantive a máscara de inocência, o rosto sereno, embora por dentro estivesse em êxtase. Era quase impossível esconder o sorriso que ameaçava surgir. Michalis apertou levemente minha mão, nos relembrando do autocontrole que precisávamos manter.

— Não sei do que estão falando — murmurei, com tom frio — Lamento muito que estejam passando por isso.

A Sra. Papadopoulos começou a chorar, suas mãos trêmulas seguravam o braço do filho, implorando para que ele fosse solto, mas os policiais eram inflexíveis.

Nenhuma quantidade de lágrimas ou súplicas mudaria o fato de que Dimitrius estava sendo levado como um criminoso, sob os olhares de todos os seus amigos e aliados.

— Nós vamos tirar você dessa, meu filho — disse ela, com a voz embargada, mas fraca, quase resignada.

Os policiais começaram a arrastar Dimitrius para fora do jardim, suas mãos algemadas atrás das costas, o corpo se contorcendo em uma tentativa inútil de resistir.

Seus gritos se transformaram em murmúrios desesperados, e, por um momento, tudo ao redor pareceu se silenciar.

Foi quando ouvi, novamente, a voz do policial mais próximo.

— Ainda precisamos falar com Stefanos Nicolaidis. Ele foi visto por aqui, e há um mandado para ele também.

Meu corpo congelou, e olhei rapidamente para o policial. O nome de Stefanos soava como uma faca cortando o ar. Instintivamente, olhei para a porta aberta da sacada do meu quarto, onde Stefanos estivera há poucos minutos.

Senti um bolo no estômago quando os policiais entraram na residência para procurar por ele. Contudo, voltaram alguns minutos depois, anunciando que ele não estava em lugar algum.

Ao ouvi-los, uma onda de alívio varreu o meu ser. E eu odiava a mim mesma por sentir isso. Odiava o quanto aquilo revelava sobre os meus sentimentos mais profundos, algo que eu tentava a todo custo reprimir.

— Sentimos muito pela confusão, Srta. — disse um dos policiais, voltando sua atenção para mim e Michalis. — Fomos informados de que Stefanos Nicolaidis estava por aqui, mas parece que ele já partiu. Pedimos desculpas pela interrupção no jantar.

Michalis agradeceu em meu nome, sempre com aquela postura impecável e controlada. Eu apenas acenei, tentando manter a compostura, enquanto por dentro minha mente fervilhava de contradições.

Enquanto Dimitrius era finalmente levado para fora, seus gritos agora abafados e sua figura se afastava sob a luz suave do jardim, senti o prazer retornar. O desejo de justiça, de vê-lo humilhado e destruído, consumia minha mente novamente. Ele estava pagando por tudo o que fizera.

Eu apertei a mão de Michalis, meus olhos fixos na cena de Dimitrius sendo empurrado para dentro do carro da polícia, algemado, vencido.

Havia uma satisfação profunda dentro de mim, uma sensação de que, finalmente, algo estava no lugar certo.

— Isso não acabou, Daphne! — Dimitrius gritou uma última vez antes de desaparecer de vista, e sua voz me fez sorrir internamente.

No entanto, apesar do prazer de vê-lo partir em desgraça, uma parte de mim continuava perturbada pela ausência de Stefanos. Eu sabia que ele fugira, e sabia que o alívio que senti ao vê-lo escapar não deveria existir.

E, no entanto, lá estava.

Essa noite jamais sairia da minha mente, nem a confusão de sentimentos que ela deixou em seu rastro.



CAPÍTULO 49

Duas semanas depois

Eu corria pela praia deserta da costa de Mykonos, sentindo a areia fria sob os pés e o vento salgado que vinha do mar me golpeando o rosto. O suor escorria pelas minhas têmporas, misturando-se ao gosto metálico do ódio que existia dentro de mim desde a noite daquele maldito jantar de noivado.

Minhas pernas queimavam, devido aos músculos esticados ao limite, mas eu não parava. Não podia parar. Era como se o movimento, o esforço físico, fosse a única coisa que me impedisse de explodir por dentro, de ceder completamente à fúria que pulsava em meu peito.

Daphne. O nome dela queimava em minha mente como um veneno. Eu pensei tantas vezes em procurá-la. Confrontá-la. Jogá-la contra a parede, obrigá-la a encarar o homem que acusou injustamente.

Como ela pôde fazer isso comigo?

Meu peito apertou, e aumentei o ritmo, o barulho das ondas quebrando no litoral ecoavam como um martelo em minha cabeça. Lembrar dela era como um punhal girando em uma ferida que nunca cicatrizava.

Por causa daquela cretina, eu estava ali, foragido da polícia, escondido como um rato na propriedade de um amigo, na ilha onde nasci, enquanto meus negócios estavam praticamente abandonados nos Estados Unidos.

Já tinham se passado duas semanas desde que caí na armadilha que ela e aquele assassino do caralho armaram, tentando me jogar na cadeia, assim como jogaram Dimitrius. Todo esse tempo tinha se passado, e as acusações falsas ainda pesavam sobre mim.

A armação deles tinha sido tão bem-feita que, por mais que se empenhassem, meus advogados ainda não tinham conseguido provar minha inocência e a polícia continuava me procurando.

Só que eles me procuravam nos Estados Unidos, presumindo que eu havia me refugiado lá, como a maioria certamente faria, em uma situação como essa. Porém, enquanto eles procurassem na América, eu estaria seguro em Mykonos, escondido nesse fim de mundo.

Se eu não tivesse fugido a tempo...

Minhas mãos se fecharam em punhos, os nós dos dedos brancos. O ritmo da minha corrida era frenético agora, os pulmões queimavam, e meu corpo exigia descanso, mas eu não podia. Não até essa energia corrosiva sair de dentro de mim. Não até esse ódio perder força.

A fúria que residia em meu peito era tão devastadora que diversas vezes pensei em invadir a vila daqueles dois desgraçados e acabar com a raça deles. Fazê-los pagar pela armação, por me privarem da minha liberdade.

Eu queria vê-los sofrer. Queria vê-los pagar por tudo. Queria vê-los em ruínas, assim como eu estava agora.

E ainda assim, apesar de todo o ódio, no fundo do meu ser, um desejo mesquinho e incontrolável me corroía tanto quanto a raiva. Eu queria ver Daphne de novo. Sentir a pele dela. Tocar seus lábios.

Eu odiava a mim mesmo, por não conseguir esquecer essa maldita mulher. Se ela me queria fora da sua vida, havia conseguido. Depois que minha inocência fosse provada, eu voltaria para o meu lar e nunca mais pisaria em Mykonos. Minha irmã teria que ir até mim se quisesse me ver.

O som suave de motor de um carro se aproximando me fez subitamente cessar a corrida. Olhei na direção do casebre onde estava refugiado e avistei um *Tesla* branco parando em frente. Imediatamente escondi-me atrás de algumas pedras, certo de que a polícia havia me encontrado.

Com meu coração acelerado, devido à adrenalina, e minha mente trabalhando depressa, medi mentalmente a distância entre o local onde me encontrava, e o barco que havia deixado preparado para uma fuga rápida, caso fosse necessário.

No entanto, quando a porta do *Tesla* se abriu, não foi um policial que saiu de lá, e sim Irini, antiga empregada na vila dos Papadopoulos, amiga de Daphne.

Ela saltou e se aproximou da porta da frente, batendo e chamando pelo meu nome. *Como diabos ela sabia onde eu estava?*

Continuei observando-a do meu esconderijo, esperando para ver se havia mais alguém no carro, mas aparentemente era apenas ela. *O que ela queria? Seria outra armação daquela desgraçada?*

Enquanto eu hesitava, debatendo internamente se deveria revelar minha presença ou permanecer oculto nas pedras, Irini persistia à porta. Sua voz ecoava cada vez mais alta e impaciente, perfurando o silêncio com chamados insistentes.

A curiosidade sobre o que poderia tê-la trazido até mim naquela hora incerta acabou sendo o impulso decisivo. Respirei fundo, movido por um misto de ansiedade e expectativa, e abandonei meu refúgio, pronto para enfrentar o que quer que fosse necessário.

— O que faz aqui? — indaguei, aproximando-me de onde Irini estava.

Era uma garota baixinha, com cabelos negros escorridos e olhos castanhos.

— Olá para você também — foi a resposta dela.

— Não estou interessado em cumprimentos — ao passar perto do *Tesla*, olhei para dentro e constatei, com alívio, que a garota estava realmente sozinha — Principalmente partidos de pessoas que andam com Daphne.

— Não vim aqui pra brigar, só quero conversar.

Subi os degraus da varanda e coloquei-me diante dela, suas feições delicadas demonstravam intimidação com a minha proximidade.

Ela estava mesmo certa em ter medo de mim.

— É um carro bastante caro para uma garota que trabalhava como empregada doméstica até um dia desses — comentei, minha mente tentando decifrar o significado da presença dela aqui, tentando detectar alguma cilada.

— Não sou mais empregada doméstica. Sou assistente pessoal de Michalis, agora.

Ouvir aquele nome desencadeou uma fervorosa onda de ira em meu organismo, o que me fez estremecer.

— Foi ele que te mandou aqui? Com que objetivo? — vociferei.

— Ele não me mandou. Nem sabe que vim até aqui.

— E como você soube onde eu estava?

— Todos na cidade sabem que você está escondido aqui — aquela informação me pegou completamente de surpresa.

— Se sabem, por que sua maldita amiga ainda não mandou a polícia vir me prender?

— Porque Daphne não quer realmente que você seja preso. Se ela quisesse, você nem teria conseguido fugir do jantar.

Ouvir o nome daquela maldita, causou-me uma miríade de moções contraditórias. Raiva e saudade se alastrando pelo meu íntimo na mesma medida.

— Não quero ouvir o nome dessa mulher — dito isto, abri a porta e entrei na casa simples.

Irini veio atrás de mim.

— Mas vai ter que ouvir, pois foi exatamente para falar sobre ela que vim até aqui — disse ela.

— Foi ela que te mandou?

— Não. Ela também não sabe que vim. Aliás, vai me matar se descobrir.

Caminhei até a geladeira e peguei uma garrafinha de água, enquanto Irini percorria os olhos em volta, examinando o ambiente.

— O que aconteceu de tão importante com sua amiga que te fez dirigir até esse fim de mundo? Por acaso ela já foi atropelada por um caminhão, como acontece nos meus sonhos?

— Não. Ela vai se casar amanhã.

Por mais que eu tenha tentado não sentir nada, aquelas palavras funcionaram como um violento soco no meu estômago. Tudo dentro de

mim se agitou, enquanto eu lutava para conter as emoções.

— Não quero saber — rosnei, a raiva explícita no meu tom de voz.

Eu odiava Daphne com todo o meu coração. Contudo, ainda havia uma parte de mim que a amava loucamente.

— Mas vai querer saber depois do que tenho pra te dizer.

— E o que tem a me dizer?

— Ela não ama Michalis, está se casando só porque está grávida e quer que o bebê tenha um pai.

— Isso não é novidade. Eu já sei que ela não ama aquele assassino.

— Então por que vai deixá-la se casar com ele e estragar a vida dela?

— E você ainda pergunta?! Por causa dessa mulher me tornei um foragido da justiça. Meus negócios estão abandonados enquanto moro nessa espelunca! Não tô nem aí com quem ela vai se casar!

— Mas vocês também fizeram por merecer!

— Se veio falar sobre esse assunto, pode ir embora. Eu já pedi desculpas à sua amiga. Se ela não aceitou, não é problema meu.

— Não vim falar sobre isso. Vim dizer que você precisa impedir Daphne de cometer essa loucura. Michalis é um cara incrível, mas ela não o ama. Eles nem mesmo são amantes.

— Como assim?

— Não conta pra ninguém que te disse isso, mas Michalis é gay. Ele era amante do irmão de Daphne.

— Tão gay que a engravidou.

Irini hesitou, antes de continuar falando.

— Ele não a engravidou, foi você. O filho que ela está esperando é seu. Da noite em que vocês dormiram na praia. Ela nunca dormiu com Michalis. Eles são apenas amigos.

Subitamente, congelei. O mundo pareceu parar ao meu redor. O som das ondas quebrando na praia se distanciou ainda mais, o vento que soprava através da porta aberta, antes com força, agora parecia um leve sussurro.

Eu estava flutuando em um vazio profundo, mergulhado nas palavras de Irini, que ecoavam em minha mente como se fossem as únicas coisas no universo.

"Foi você. O filho que ela está esperando é seu."

Minha garganta se fechou, tornando impossível respirar por um momento. O ar, antes tão abundante, tornou-se rarefeito, difícil de alcançar.

Minha visão começou a borrar, enquanto eu tentava processar o significado daquilo.

Meu filho.

Como se minhas pernas já não fossem capazes de me manter de pé, sentei-me em uma cadeira, com minha mente girando com os pensamentos, as doces lembranças da noite que passei com Daphne, na praia, voltando, trazendo-me a certeza de que o filho que ela esperava podia ser realmente meu.

— Você... tem certeza? — consegui murmurar, minha voz estava rouca e falha, como se eu tivesse acabado de ser atingido por um golpe devastador.

— Tenho. Ela está esperando um filho seu.

As emoções dentro de mim se chocavam com força, como ondas violentas batendo contra rochedos. Raiva, incredulidade, e algo mais profundo... algo que eu não queria admitir: um desejo primitivo de proteger. Um instinto que nasceu no instante em que Irini pronunciou aquelas palavras.

— Por que ela escondeu isso de mim? — perguntei, a raiva se sobrepondo a tudo mais em meu íntimo — Por que preferiu se casar com aquele desgraçado a me procurar?

— Porque ela está magoada!

— Ela fez isso por vingança?

— Claro que não. Não essa parte — Irini soltou um suspiro pesado, como se fosse difícil falar — Depois que Daphne viu todos vocês rindo daquelas imagens na sala de jogos, ela perdeu tudo. Foi expulsa de casa, estava desempregada e sozinha. Ela chegou a pensar em... — Irini se deteve, sua voz falhando.

Vi a angústia estampada na fisionomia dela e me levantei, aproximando-me alguns passos.

— Ela chegou a pensar em que? — indaguei, embora no fundo já soubesse a resposta.

— Ela esteve prestes a tirar a própria vida naquele dia. Só desistiu por causa do bebê. Vocês tiraram tudo dela, Stefanos. A família, a dignidade, e o futuro que, desde criança, ela planejava ter. Mesmo que você tenha desistido da aposta que fez com Dimitrius, ainda é responsável pelo que aconteceu.

As palavras dela me atingiram com a ferocidade de uma punhalada no estômago. Como assim Daphne pensou em se matar?! Por Deus! O que Dimitrius e eu fizemos a ela foi mais grave do que eu seria capaz de presumir!

— Eu sinto muito — murmurei, quase para mim mesmo, a mais devastadora angústia inundando meu peito.

— Os anos que Dimitrius passará na prisão, é pouco perto do que ele merece, mas você pelo menos não foi até o fim com o plano e é por isso que acho que merece uma segunda chance, não por você, mas por Daphne. Porque ela te ama mais que tudo, e está sofrendo com a sua ausência, embora não consiga admitir.

— Eu também a amo, assim como odeio na mesma medida. Durante esses dias planejei várias vezes procurá-la, nem que fosse para quebrar o pescoço dela, mas se eu der um passo fora deste lugar a polícia vai me localizar e prender.

Irini soltou outro suspiro pesado.

— Pois é. Eu já aconselhei Daphne a retirar as queixas contra você, mas ela é teimosa como uma mula.

— Sim, ela é.

— Mas tem que ter um jeito. Arranje uma forma de ir até ela. Você não pode permitir que esse casamento aconteça. Daphne não será feliz com Michalis.

— De uma coisa você pode ter certeza, é que ela não vai se casar com esse cara — afirmei, com veemência.

E era verdade. Mesmo que eu precisasse mobilizar meio mundo, impediria que esse casamento se realizasse, não apenas porque ainda amava aquela desgraçada, mas porque ela estava carregando meu filho.

Meu filho. As palavras se repetiram na minha cabeça, como um eco incessante.

Eu daria um jeito de trazê-los para o meu lado. Meu filho não seria criado por aquele assassino, e sim por mim.

Mesmo que as coisas entre mim e a mãe dele não dessem mais certo, eu ainda seria o seu pai e o manteria ao meu lado, seguro e protegido, enquanto vivêssemos.



CAPÍTULO 50

Diante do espelho imponente que dominava a parede do quarto, meu corpo inteiro tremia. Não era apenas pela beleza do vestido de noiva, que moldava minhas curvas com uma perfeição quase irreal. Aquele vestido, por mais deslumbrante que fosse, não conseguia disfarçar o turbilhão que se agitava dentro de mim.

Em poucas horas, eu caminharia em direção ao altar montado no jardim da vila. Em poucas horas, me tornaria a esposa de Michalis, um dos homens mais influentes da Grécia, meu melhor amigo, e o grande amor do meu irmão falecido. Um casamento que, aos olhos de todos, parecia ser a escolha perfeita.

Eu estava fazendo o certo, repetia para mim mesma, tentando sufocar a voz inquieta dentro de mim. Estava dando ao meu filho a oportunidade de ter um pai presente, um homem bondoso e dedicado. Mas, apesar da certeza racional, meu corpo traía o conflito interno.

Minhas mãos, frias e úmidas, apertavam o tecido com força, enquanto um peso crescente se instalava no fundo do meu estômago, como

se algo dentro de mim soubesse que o caminho à frente não seria o certo a ser seguido.

— Respira, você precisa se acalmar — disse Ioanna, levantando-se da cama e se aproximando de mim — Toda essa suadeira vai estragar a maquiagem.

Fazia alguns dias que minha irmã viera me procurar, se desculpando por ter mostrado meu teste de gravidez aos nossos pais. Eu ainda a amava com todo o meu coração, e obviamente a perdoara.

No entanto, nossa relação nunca mais seria a mesma. Algo entre nós havia mudado, pela confiança quebrada. Quanto aos meus pais, talvez com o tempo me aceitariam de volta em suas vidas. Só que seria um longo tempo.

Olhei para mim mesma no espelho, como se tentasse encontrar uma versão minha que estivesse tranquila, em paz. Mas não havia nada. O reflexo à minha frente só mostrava todas as dúvidas que borbulhavam no meu peito.

Por mais que amasse Michalis, quase como um irmão, agora que estávamos prestes a nos casar, eu já não tinha tanta certeza quanto antes de que havia tomado a decisão certa, aceitando seu pedido de casamento.

Minha única certeza era que, retirar as queixas contra Stefanos e dizer a ele que esperava um filho seu, não seria uma opção.

— Ela está certa, Daph — disse Irini, que estava sentada numa poltrona perto da janela, brincando com a barra do vestido que usava — Você precisa se acalmar. Já que decidiu mesmo cometer a loucura de se casar com um homem que não ama, e que nem mesmo é hétero, vá em frente.

— Não é loucura — rebateu Ioanna — Michalis é um homem bom, e além disso é rico. Vai dar uma vida boa pro filho da Daphne.

— Acontece que dinheiro não é tudo — retrucou Irini.

— Por favor, parem vocês duas — intervi, tentando manter a voz estável, enquanto passava as mãos pelas laterais do meu vestido, sentindo o tecido frio sob meus dedos — Eu já estou confusa demais. Não preciso de vocês duas dando pitaco nas minhas decisões.

— Se está confusa, ainda dá tempo de desistir — disse Irini.

Ioanna, ao meu lado, suspirou profundamente e pegou uma escova, ajeitando um dos cachos rebeldes do meu cabelo.

— Não tem nada que desistir. Dez em cada dez mulheres nessa cidade queriam estar no seu lugar agora, se casando com um dos homens mais importantes da Grécia — comentou Ioanna, enquanto trabalhava nos meus cabelos — Você tem que pensar no seu filho agora. Em dar uma vida boa a ele.

— É verdade. Preciso pensar no meu filho agora — concordei, repousando as mãos sobre meu ventre, onde uma pequena protuberância começava a se formar.

Irini balançou a cabeça, contrariada, mas antes que pudesse dizer algo, a porta do quarto se abriu com um leve ranger, e Eleni, a governanta da vila, entrou. Ela carregava uma bandeja com alguns copos de água e uma jarra de suco de laranja, claramente tentando melhorar o clima tenso.

— Senhoritas, eu trouxe algo para acalmar os nervos — anunciou Eleni com uma polidez que era inerente a ela.

— Como estão as coisas lá embaixo? — indaguei, sem conseguir esconder a ansiedade — Os convidados já começaram a chegar?

— Sim. Já tem bastante gente. O padre também já chegou. O Sr. Kazantzidis está recebendo a todos, junto com os padrinhos.

Os convidados já estavam chegando. O padre já estava aqui. Minha nossa! Esse casamento ia mesmo acontecer!

Um bolo se formava em meu estômago enquanto Eleni servia os copos de suco de laranja. Meus dedos ainda estavam gelados, mas o sabor cítrico do suco, mesmo que suave, parecia trazer uma sensação de aterramento àquela montanha-russa emocional.

— Daphne, você é a noiva mais linda que já vi — disse Ioanna, me observando atentamente.

Antes que eu pudesse responder, um som distante chamou minha atenção. Um som que, de início, quase não registrei. Era algo rítmico, constante. Parecia... hélices. Irini e Ioanna também pararam de falar, e nos entreolhamos, intrigadas.

— Isso é um helicóptero? — Irini perguntou, franzindo a testa.

— Deve ser mais algum convidado chegando — comentou Ioanna, servindo-se de um copo de suco enquanto tentava parecer despreocupada, mas havia algo na maneira como ela olhava para a janela que mostrava sua apreensão.

Eu respirei fundo, tentando me convencer de que era exatamente isso. Mais convidados, já que o som das hélices ficou mais alto, indicando

que o helicóptero estava aterrissando bem perto, no heliponto da vila. Nada fora do comum.

Ainda assim, um nó começou a se formar no meu estômago. Alguma coisa não parecia certa, mas antes que eu pudesse processar, a porta do quarto foi abruptamente arrombada.

O estrondo fez todas nós saltarmos. O copo que estava na minha mão caiu no chão e se partiu em mil pedaços, mas eu mal registrei isso. Quatro homens armados, vestidos de preto da cabeça aos pés, invadiram o quarto, com seus rostos cobertos por balaclavas.

A visão deles era aterrorizante, e o tempo pareceu parar.

— O que... o que está acontecendo? — gaguejei, dando um passo para trás, instintivamente, mas meu corpo estava rígido, incapaz de se mover como eu queria.

O pânico subiu pela minha garganta, como uma onda avassaladora.

— Nós não viemos fazer mal. Apenas vamos levar a noiva! — gritou um dos homens, sua voz abafada pela máscara.

— Por favor, não fique assustada. Não vamos machucá-la. — disse outro, sua voz também abafada pelo tecido preto, e tive a sensação de que conhecia aquela voz, mas podia ser fruto do terror que me invadia.

— Não! Saiam daqui! — gritou Ioanna, avançando em direção a um dos homens, mas ele a empurrou de volta com tanta força que ela caiu de costas na cama.

Irini estava paralisada, os olhos arregalados, enquanto Eleni gritava por ajuda. Eu podia ouvir os passos rápidos lá fora, como se outros convidados tivessem notado a confusão, mas não havia tempo para nada.

Dois dos homens avançaram em minha direção, seus olhares determinados. Eu tentei correr, tentei fugir, mas antes que pudesse alcançar a porta, um deles agarrou meu braço com força, imobilizando-me.

— Me solta! — gritei, o desespero me consumindo.

— Por favor, fique calma. Não vamos machucá-la — disse o homem que me segurava, sua voz igual a de Stefanos. Eu estava tão apavorada que começava a alucinar — Respire fundo. Você está grávida. Precisa se acalmar pelo bem do bebê.

— O que vocês vão fazer comigo?! — gritei.

— Nada demais. Vamos apenas levá-la.

— O quê?!

Com uma rapidez urgente, o homem me arrastou para fora do quarto, meus pés tropeçando enquanto lutava, tentando me desvencilhar de suas mãos, mas era inútil. Ele era forte, muito mais do que eu. Tudo estava acontecendo rápido demais.

— Não lute, isso pode fazer mal ao bebê — disse o raptor, com sua voz assustadoramente familiar.

— Então me solte! Não quero ir com vocês! O que vão fazer comigo?!

— Eu já disse que nada. Será que dá pra você colaborar?

— Colaborar com meu próprio sequestro?! Acho que você está querendo demais! Socorro! Por favor, alguém me ajude! — gritei, mas em vão.

O sujeito continuou me arrastando para fora da vila, seus amigos trancando as outras garotas dentro do quarto, e vindo atrás de nós, todos empunhando suas armas.

Enquanto passávamos pelo corredor, vi mais homens armados, rendendo os poucos convidados que já estavam ali, tornando-os impotentes, seus rostos estampando o mais profundo pânico.

Havia pessoas também no jardim, olhando confusas, sem entender o que estava acontecendo. Entre eles, vi Michalis. Ele estava no centro do jardim, conversando com alguns dos convidados, mas a tranquilidade durou pouco.

Outros homens, também armados, surgiram do nada e o imobilizaram, junto com os convidados que chegavam.

— Michalis! — gritei, a voz rasgando minha garganta.

Ele virou o rosto em minha direção, os olhos arregalados ao me ver sendo levada. Por um segundo, nossos olhares se cruzaram, e a expressão de horror em seu rosto foi suficiente para que eu entendesse: ele também estava sendo vítima, assim como eu.

Ele tentou avançar, tentou lutar, mas os homens o seguraram com brutalidade. Meu coração se apertou de um jeito indescritível. Era como se o chão estivesse sendo arrancado debaixo dos meus pés.

Fui arrastada pelo jardim, passando pelos convidados que começavam a correr e gritar. As pessoas se espalhavam, tentando se esconder, mas não havia para onde fugir.

As hélices do helicóptero soavam cada vez mais alto, tão próximas que eu podia sentir o vento causado pela força delas, batendo contra o meu

rosto e desalinhando o véu que eu nem lembrava mais de estar usando.

— Por favor, não! Por favor! — implorei, minha voz falhando.

Quando finalmente chegamos ao helicóptero, o homem que me arrastava empurrou-me para dentro, fazendo-me sentar no compartimento de trás e se acomodando ao meu lado. O cheiro de combustível e metal tomou conta do ar.

O sequestrador fechou a porta com um estrondo metálico e deu a ordem ao piloto de que nos tirasse dali o mais depressa possível.

Enquanto o helicóptero começava a subir, olhei pela janela e vi Michalis no chão, imobilizado pela mira das armas dos bandidos que permaneceram na vila. A impotência me esmagava.

Eu não sabia para onde estavam me levando, o que queriam comigo. Não sabia o que fariam com Michalis e os convidados. Só sabia que minha vida, naquele momento, havia sido arrancada de mim.



CAPÍTULO 51

O helicóptero subiu rápido, o vento das hélices batendo contra meu rosto, bagunçando completamente o que restava do meu penteado.

A sensação de ser arrancada da casa que eu estava aprendendo a chamar de lar, da vida que eu havia planejado, era como um soco no estômago.

Eu olhava pela pequena janela, vendo a vila ficando cada vez menor. O mar azul se estendia infinitamente, e eu me perguntava para onde estavam me levando.

O barulho ensurdecedor das hélices parecia marcar o ritmo acelerado do meu coração. Respirei fundo, tentando me acalmar, mas o medo tomava conta de tudo.

O homem que estava sentado ao meu lado, começou a mexer no capuz da máscara. Ele puxou com cuidado, como se estivesse ajustando alguma coisa, e então... tirou a máscara.

Minha boca secou. Meus olhos se arregalaram tanto que achei que iam saltar do rosto. Era Stefanos.

Por um segundo, não consegui nem reagir. Fiquei ali, encarando aquele o rosto, me sentindo quase em choque, meus pensamentos se transformando em uma total confusão.

Então, tudo aconteceu de uma vez: perplexidade, descrença, e, por fim, uma explosão de raiva que subiu direto das profundezas do meu ser.

— VOCÊ??! — gritei, minhas palavras saindo sem filtro, carregadas de fúria — O que você pensa que está fazendo?!

Stefanos me deu um sorriso cínico, cruzando os braços como se estivesse completamente relaxado, como se não tivesse acabado de me sequestrar, junto com um bando de homens armados, no meu próprio casamento.

— Ora, Daphne, você não me deu escolha. Me transformou em um foragido da polícia. Eu não poderia sair na rua sem ser preso. Essa foi a única forma que encontrei de impedir que você se casasse — ele respondeu com um tom casual, como se estivesse me convidando para um café, e não me levando à força num helicóptero.

O ódio correu como brasas em minhas veias, o meu sangue pegando fogo. Antes que pudesse pensar, avancei nele. Meus punhos bateram contra seu peito e ombros enquanto eu gritava:

— Seu imbecil, seu psicopata, pode me levar de volta! Eu vou me casar com Michalis, queira você ou não! — Eu estava fora de mim.

Bati nele com toda a força que consegui reunir. Ele até tentou segurar meus pulsos, mas eu desviei e o acertei no braço.

— Não faça tanto esforço! Você está grávida! Cuidado com o bebê! — esbravejou ele, finalmente conseguindo imobilizar meus pulsos.

— Meu bebê não é da sua conta! Cuido dele como quiser!

— É da minha conta sim! Você sabe tão bem quanto eu que o filho que você está esperando é meu, não do Michalis!

Subitamente congelei, o choque me atingindo de novo.

— O que você disse? — perguntei, a voz baixa, quase sem fôlego.

— Você ouviu bem. Eu sei que o filho que você está esperando é meu. Acha que sou idiota? Acha que eu não ia descobrir? — Ele inclinou a cabeça, o sorriso desaparecendo. Havia algo mais sombrio na expressão dele agora, uma raiva contida — E se você não tivesse feito aquele escândalo todo, me transformado num foragido da polícia, eu teria vindo conversar como uma pessoa normal. Mas, por sua causa, não posso sequer sair na rua.

— Então resolveu me sequestrar?! — Eu puxei meus braços de volta, tentando me afastar dele no pequeno espaço do helicóptero. — Você procurou por isso! Você cavou sua própria desgraça quando apostou minha ruína com aquele outro psicopata! Sinta-se feliz por não estar atrás das grades, como ele!

A raiva na fisionomia de Stefanos se intensificou, tornando-o assustador, e tremi por dentro, temendo que me atirasse dali de cima e ficasse assistindo enquanto eu me espatifava no chão.

— Você me tornou um foragido, Daphne. Você tentou colocar o pai do seu filho na prisão! — ele falava como se eu tivesse cometido o maior dos absurdos — O que mais eu poderia fazer? Mandar flores?

— Se eu realmente quisesse te colocar na prisão, era lá que você estaria.

— De certa forma, você colocou. Estou preso em um muquifo, tendo que me esconder, porque sou procurado pela polícia!

— Não seja tão dramático. Uns dias vivendo em uma moradia simples vão te fazer muito bem.

— Assim como vai te fazer bem um pouco da vida em alto-mar.

Eu o fitei atônita.

— Em alto-mar?! — repeti — Como assim?! Para onde está me levando?!

— Para meu iate. Ficaremos lá até que meus advogados consigam provar a minha inocência. Depois, partiremos juntos para os Estados Unidos. Você fica comigo até meu filho nascer. Depois, pode fazer o que quiser da sua vida, inclusive se casar com um assassino homossexual!

Eu o fitei com meu queixo caído no chão. Como era possível que ele realmente acreditasse que eu deixaria meu filho com ele, ou mesmo o acompanhasse para o outro lado do planeta? E como ele sabia que Michalis era gay?

— Você é um lunático! — gritei, apontando o dedo para ele — Pode me levar de volta para Mykonos agora mesmo! Eu vou me casar com Michalis e dar ao meu filho um lar cheio de amor, ao lado dele.

— Só por cima do meu cadáver meu filho seria criado por aquele assassino! — vociferou — Vocês nem estão juntos de verdade. A fruta que ele gosta é outra! Aliás, quantas mentiras, hein? Tem mais alguma coisa que precisa me contar?

— O que aqueles homens armados vão fazer com ele? — indaguei, lembrando do ódio que Stefanos sentia por Michalis, e dos bandidos apontando a arma para ele.

— Não vão fazer nada — respondeu — Não que ele não mereça, ele merece. Mas aqueles homens são apenas meus funcionários, homens trabalhadores, e não bandidos. Além disso, todas as armas são de brinquedo. Veja.

Ele entregou-me a pistola moderna que usara para ameaçar todos nós enquanto me sequestrava. Era feita de plástico, leve e frágil como um brinquedo, o que não reduzia a gravidade das suas ações.

Mas que safado do cacete! Minha vontade era de avançar para cima dele e atirá-lo ali de cima.

— Eu vou te matar! — vociferei, levantando-me do assento.

Não sabia como, mas naquele momento parecia que o mataria com minhas próprias mãos. Porém, antes que eu pudesse alcançá-lo novamente, o helicóptero deu uma leve sacudida e me apressei em voltar a me sentar, enquanto percebia que começávamos a descer.

Olhei pela janela. O mar azul brilhava lá embaixo, e ao longe, vi o heliponto do luxuoso iate, tão grande que parecia ter saído de um filme de ação. Claro. Porque não bastava me raptar, Stefanos tinha que me trazer para um iate ridiculamente extravagante.

— Gostando do que vê? — Stefanos indagou, mas não esperou que eu respondesse — Espero que sim, pois esse será o seu lar pelos próximos dias, talvez semanas. Até que minha inocência seja provada e eu possa voltar para a minha casa. Torça para que sua armação não tenha sido tão bem-feita assim, pois quanto mais as acusações falsas prevalecerem sobre mim, mas tempo ficaremos aqui.

Eu o encarei em silêncio durante um longo momento. Ele havia mesmo planejado muito bem aquela loucura. Contudo, nem morta eu ficaria sozinha naquele iate com ele.

Como argumentar com ele seria inútil, decidi tentar com o piloto.

— Moço... — comecei — Como você está vendo, estou sendo trazida nessa viagem contra a minha vontade. Considerando que você é um trabalhador, e não um bandido de verdade, poderia, por gentileza, me levar de volta?

O piloto não respondeu, nem mesmo virou o rosto para mim, apenas continuou concentrado na tarefa de pousar no heliponto disposto na parte

mais alta do imenso iate.

— Ele não pode te ouvir — avisou Stefanos, claramente se divertindo à minha custa — Ele está de fones.

— Vai se foder, seu imbecil! — berrei.

— Fique calma. Tente relaxar um pouco. Vou cuidar bem de você e do meu filho. Embora você não mereça, vou fazer com que esses dias aqui comigo sejam as melhores férias que você já teve.

— Só na sua cabeça mesmo que vou ficar aqui com você.

— Você não tem escolha. Estamos a quilômetros de distância da terra e os botes estão presos ao iate por cadeados com senha. Você é minha pelos próximos dias e não poderá fazer nada a respeito.

— É o que vamos ver.

Respirei fundo, tentando manter a calma enquanto o helicóptero pousava suavemente no iate. Mas a verdade era que eu estava fervendo. Stefanos era insuportável, arrogante, pretensioso, e a coisa mais absurda de tudo isso? Ele realmente acreditava que eu ficaria aqui, que Michalis não daria um jeito de me resgatar. Ou pelo menos eu esperava que meu noivo fizesse isso.



CAPÍTULO 52

O helicóptero pousou, e Stefanos saltou. Ele estendeu-me a mão, como se para me ajudar a descer, mas simplesmente o ignorei. No instante em que o piloto tirou os fones que protegiam seus ouvidos, comecei a suplicar.

— Moço, por favor, não me deixe aqui. Sou uma mulher comprometida, leve-me para o meu noivo.

Mas o homem não disse nada, tampouco deu a entender que me ajudaria. Ele apenas lançou-me um sorriso impaciente, como se dissesse: *"Desça logo daí, pois tenho mais o que fazer"*.

Sem opção, segurei a mão do meu sequestrador e desci do helicóptero. Olhei para o iate luxuoso à minha frente e me perguntei como foi que a minha vida chegou a isso.

Stefanos deu várias instruções ao piloto, entre elas a ordem de vir até aqui apenas quando ele chamasse.

Então, o motor do helicóptero começou a roncar novamente, as hélices giraram com ferocidade, lançando seu vento forte para todos os

lados e minha última ligação com o mundo fora daquele iate começou a levantar voo, enquanto Stefanos e eu nos afastávamos.

Quando meus pés tocaram o deck, olhei para Stefanos e falei:

— Você foi o maior erro da minha vida, Stefanos.

Ele olhou para mim, com seus olhos azuis reluzentes de uma fúria tão absoluta que me assustei, um calafrio descendo pela minha espinha.

— Acredite, isso está sendo tão agradável para mim quanto para você — rosnou, seus dentes trincados, o semblante carregado de ira — Durante todos esses dias em que estou foragido da justiça, perdi a conta de quantas vezes pensei em invadir aquela maldita vila onde você mora e quebrar o seu pescoço com minhas próprias mãos, por me acusar de crimes que não cometi! Por armar contra mim!

Ele parecia furioso como um animal enjaulado e dei-lhe as costas, caminhando pelo deck imenso, repleto de espreguiçadeiras estofadas dispostas em torno de uma piscina redonda, procurando algum meio de fuga, enquanto Stefanos me seguia.

— Não fiz nada que você não tenha merecido! — berrei, sem me virar para o observar.

— Eu já admiti o meu erro, já pedi perdão, já até me ajoelhei! Mas você é teimosa como uma mula, não sabe perdoar! Em vez disso, me transformou em um criminoso, um foragido. Você não tem ideia do quanto eu a odeio!

— Eu te odeio mais!

Continuei caminhando pelo deck, o vento forte esvoaçando a saia rodada do meu vestido de noiva, assim como meus cabelos soltos.

A noite começava a cair, o iate estava ancorado, completamente inerte. Para todos os lados que eu olhava enxergava apenas o oceano, sem nenhum sinal de terra à vista.

Devíamos estar a cerca de cem quilômetros de Mykonos, onde dificilmente outra embarcação passaria, e nem mesmo o meu celular eu conseguira pegar antes de ser arrancada do meu quarto.

Puta merda! Eu estava mesmo ferrada!

Me aproximei do único bote salva vidas e constatei que estava mesmo preso ao iate por um cadeado com senha, como Stefanos dissera.

— Quem diabos prende um bote salva-vidas com cadeado?! — disparei, quase para mim mesma.

— Eu preciso garantir que você não tenha como fugir — Stefanos falou, às minhas costas, e virei-me de frente para ele, o ódio pingando nas veias — Você ficará aqui comigo até que meus advogados consigam provar que não tive qualquer participação nas falcatruas de Dimitrius, como você e o assassino inventaram.

— Só mesmo na sua cabeça vou ficar presa aqui!

— Você não tem como escapar. Não poderá nadar até a costa, pois estamos muito longe. Vai ter que se conformar.

— Vai pro inferno!

— Mas que boca suja para uma garota que até pouco tempo atrás era uma santinha puritana!

— Acontece que eu mudei! Você e Dimitrius fizeram um bom trabalho!

Subitamente, Stefanos deu um passo para trás, como se por reflexo, ao mesmo tempo em que a expressão nos olhos dele mudava, a raiva mesclando-se a algo mais que não consegui decifrar.

— Eu nunca quis te machucar — ele sussurrou, sua voz carregada de dor.

No entanto, sua dor não era suficiente para me convencer. Se algum dia eu ousasse entregar-lhe novamente meu coração, o que não seria nada difícil, considerando a paixão que ainda fervilhava em meu peito, por mais que eu tentasse reprimi-la, Stefanos o partiria em mil pedaços mais uma vez, porque ele era esse tipo de homem, tão cafajeste quanto Dimitrius.

— Você não machucou, você me destruiu — cuspi as palavras com amargura — Você e aquele demente tiraram tudo o que eu tinha. Agora só quero que fique longe de mim.

Ele deu um passo na minha direção, a fisionomia raivosa voltando.

— Acontece que ficar longe de você é a última coisa que vou fazer. Você está carregando meu filho! Vai ficar comigo até ele nascer — ele fez uma pausa, sua expressão revelando uma sutil perversidade — Veja pelo lado positivo. Pelo menos você está presa em um lugar confortável, muito diferente do muquifo onde estou tendo que viver, POR SUA CAUSA!

— Só mesmo na sua cabeça vou ficar presa aqui — retruquei — Michalis vai me encontrar mais depressa do que você possa imaginar. E quando eu sair daqui, vou providenciar para que você se torne colega de cela de Dimitrius.

Os olhos de Stefanos brilhavam de ódio, seus punhos se cerraram ao lado do seu corpo, ele deu um passo na minha direção e tive certeza de que me atiraria nas águas do mar.

Droga!

Agindo mesmo antes de pensar, repousei as mãos sobre meu ventre e encenei a melhor cara de dor que consegui representar.

— Ai! — gemi, mesmo sem sentir nenhuma dor.

A fisionomia de Stefanos rapidamente se transformou, a raiva dando lugar a uma expressão de preocupação que beirava o desespero.

— O que houve? Está sentindo alguma coisa? — indagou, aflito.

— Não sei o que é. Parece uma cólica — menti e os olhos dele se arregalara de tanta aflição.

— Cólica?! Cacete, acho que isso não é bom para uma mulher gestante. Você precisa se deitar e descansar.

Agindo rapidamente, Stefanos foi até a espreguiçadeira mais próxima, certamente com o intuito de puxá-la até mim. Pensei seriamente em esperar que ele chamasse um médico, a quem poderia pedir ajuda.

Contudo, lembrei-me da indiferença do piloto do helicóptero quando eu disse que estava sendo sequestrada e cheguei à conclusão de que seria mais uma tentativa inútil.

Aparentemente, todas as pessoas que cercavam Stefanos trabalhavam para ele. Eu precisaria dar um jeito de sair dali por meus próprios meios.

Decidida, aproveitei que Stefanos estava de costas, a certa distância, e saí correndo em disparada em direção à entrada da embarcação, torcendo para que estivesse destrancada.

Antes que meu raptor conseguisse me alcançar, entrei no compartimento interno do iate e tranquei a porta pelo lado de dentro, deixando Stefanos lá fora, ao relento.

— Será que você ficou maluca?! Abra a droga dessa porta! — gritou ele, furioso, dando murros na porta pequena de madeira envernizada.

— Vai se ferrar, seu desgraçado! — gritei.

No entanto, eu sabia que ele não demoraria a conseguir entrar ali, portanto precisava ser rápida.

Com exceção do teto mais baixo que de uma casa, aquele lugar parecia uma residência luxuosa, com duas salas de diferentes ambientes, uma cozinha grande e bem-equipada, bar, e até uma mine academia.

Atravessei um longo corredor ladeado por cabines e por fim cheguei à sala de controle. O objetivo era pedir ajuda à polícia marítima pelo rádio, porém, havia uma verdadeira parafernália de equipamentos ultramodernos no painel de controle, muito diferentes da simplicidade do barco do meu pai.

Procurei pelo rádio, mas havia vários deles. Peguei um aleatoriamente e tentei contato, mas não obtive nada além do silêncio. Ainda assim, continue tentando, obstinada a sair daquele iate.

Do lado de fora a noite já havia caído por completo e junto com ela uma chuva torrencial. Eu não queria nem imaginar o quanto Stefanos devia estar puto por pegar aquela chuva, porque o tranquei do lado de fora. Isso se ele já não tivesse dado um jeito de entrar.

Receosa, olhei por cima do ombro, só para checar se ele realmente ainda estava lá fora, e não vi ninguém.

No entanto, minha segurança durou pouco. Logo ouvi passos atrás de mim, e quando me virei me deparei com um Stefanos encharcado de água dos pés à cabeça, me fuzilando com uma expressão tão furiosa que tive certeza de que me mataria ali mesmo.

— Não faça nada de que possa se arrepender depois — falei, grudando as costas no painel, acuada, sem ter para onde correr — Não se esqueça de que estou grávida e é do seu filho.

— Ah, agora você se lembrou que o filho é meu?! — vociferou Stefanos, parecendo uma fera selvagem que acabara de fugir da jaula.

Caralho! Dessa vez eu estava mesmo enrolada!

— Vou te ensinar a nunca mais armar para cima de mim, sua desgraçada! — berrou Stefanos, furioso.

Com alguns passos rápidos, ele eliminou a distância entre nós e, antes que eu pudesse escapar, ou mesmo me mover, segurou-me pelas pernas e simplesmente me pendurou em seu ombro, carregando-me pelos corredores da luxuosa embarcação, enquanto o pânico tomava conta de mim.

— Me solta, seu brutamontes! — gritei, esmurrando as costas dele, numa débil tentativa de me libertar — O que você vai fazer?! Não esqueça que sou uma mulher grávida, portanto, estou fragilizada!

— Fragilizada, mas pra me trancar lá fora, debaixo da chuva, depois de me enganar com uma falsa cólica, você está bastante saudável!

— Eu não disse que estou doente, mas estou fragilizada. Se você me machucar, eu posso perder o bebê.

— Acontece que não vou te machucar, não que você não mereça, mas pelo bem do meu filho!

Stefanos continuou carregando-me pelo interior do iate. Abriu a porta do que parecia ser uma despensa e fiquei chocada quando pegou uma tesoura e um rolo de fita adesiva silver tape, daquelas bem largas.

— O que pretende com isso?! O que vai fazer comigo?! — berrei, com pânico crescente, um milhão de possibilidades terríveis se passando pela minha cabeça.

— Você já vai ver — disse Stefanos.

Ele carregou-me até a sala oval onde havia um bar, puxou uma cadeira para o centro do cômodo decorado com móveis modernos e sentou-me. Ainda tentei lutar contra ele e escapar, porém, Stefanos era muito mais forte e a raiva que o acometia parecia torná-lo ainda mais potente e assustadoramente letal.

Em poucos minutos, encontrava-me rigidamente presa à cadeira, totalmente imobilizada. Os meus braços estavam firmemente amarrados aos apoios da cadeira com várias voltas de fita adesiva prateada, enquanto os tornozelos estavam igualmente presos aos sólidos pés de madeira do móvel.

Um largo pedaço dessa mesma fita circundava o meu torso, colando-me ao espaldar, anulando qualquer possibilidade de fuga.

— O que você pretende com isso, seu doente mental?! — gritei, mais furiosa do que já estive um dia na vida — Eu vou acabar com a sua raça quando sair daqui!

— Fique calma! — ralhou ele — Toda essa radiação pode fazer mal ao nosso filho!

— Ficar calma?! — repeti, incrédula — É sério que você me amarra em uma cadeira e quer que eu fique calma?!

— Não vou te machucar, só quero te dar uma lição.

— Essa merda pode machucar o meu filho!

— Não vai machucá-lo. A fita nem passou perto do seu ventre. Ele está seguro. Quanto a você... — Stefanos pegou a tesoura, e arregalei os olhos — Você está mais em perigo do que possa imaginar.

— O que você vai fazer, seu louco?!

Em resposta, Stefanos aproximou-se de mim e simplesmente começou a cortar o meu vestido de noiva, resvalando a ponta da tesoura em

minha pele, suavemente. Começou pelo decote e foi descendo, abrindo cuidadosamente a peça de roupa, de cima a baixo, como se realmente tivesse ficado louco.

— Para que aprenda a nunca mais me desafiar, Daphne — rosnou e continuou cortando o vestido em meu corpo — Até porque não era um vestido tão bonito. Se fosse eu me casando com você, teria te comprado um melhor. Mas isso nunca vai acontecer, nós nunca nos casaremos, porque somos como água e óleo, não conseguimos nos misturar.

Stefanos cortou o vestido longo e esvoaçante até conseguir arrancá-lo completamente do meu corpo, de modo que fiquei com apenas o sutiã meia taça sem alças e a calcinha branca rendada, ali amarrada, diante do olhar atento dele.

— Isso é abuso sexual, seu tarado! — disparei — Quando sair daqui, vou acrescentar esse crime ao seu currículo!

Ele observou-me em silêncio durante um momento, uma expressão reflexiva mesclando-se à ira que parecia já fazer parte do seu olhar.

— Se você acha mesmo que é abuso sexual, e vai me denunciar por mais esse crime, acho que posso ir mais além, só para não ter que novamente pagar por algo que não fiz.

Ele voltou para perto de mim com a tesoura na mão e um estremecimento me varreu.

— Nem pense em fazer isso, Stefanos! — berrei, prevendo que ele arrancaria até a última peça de roupa do meu corpo.

Contudo, meu protesto foi em vão. Com muito cuidado para não ferir minha pele com a tesoura, Stefanos cortou a calcinha e o sutiã, deixando-me completamente nua, ali amarrada, com as pernas abertas, diante do seu olhar.



CAPÍTULO 53

Muito lentamente, Stefanos caminhou à minha volta, seus olhos varrendo-me por inteiro, devorando minha nudez com tamanha intensidade que eu quase podia sentir seu olhar queimando sobre minha pele.

Até que, por fim, ele parou. Com a tranquilidade de quem não tinha acabado de amarrar uma mulher grávida a uma cadeira, foi até o bar e se serviu de uma dose de uísque. Depois, sentou-se em um sofá à minha frente, seus olhos varrendo cada parte do meu corpo, enquanto ingeria vagarosamente o uísque, sua expressão enchendo-se de fogo quando fixou o olhar na minha boceta.

— Caralho... você é realmente linda. Que sorte Michalis não gostar de mulheres — sussurrou, sua voz arrastada pela respiração ofegante.

— Me solta, Stefanos. Estou falando sério!

— Te soltar?! Não Daphne, você vai morar nessa cadeira por um bom tempo. Mas não se preocupe, vou alimentá-la, limpá-la e cuidar muito bem de você — seu olhar, ardente pelo fogo da luxúria, subiu do meu sexo e se fixou em meu ventre, onde havia uma discreta protuberância.

Foi nesse instante que os lábios dele se esticaram num sorriso tão genuíno quanto inesperado, seu semblante relaxando, o mais indescritível afeto surgindo em seu olhar.

— Cacete! Meu garoto está crescendo — a emoção em sua voz era quase tangível, e por mais que eu tenha tentado, não consegui ficar indiferente, uma onda de calor inundando meu peito, se espalhando depressa por todo o meu ser — Você está tão linda com ele aí dentro.

Seus olhos subiram um pouco mais e, quando se fixaram nos meus, pude enxergar o brilho ardente da paixão, um brilho quase de veneração, que fez algo se agitar em meu íntimo.

Contudo, eu não podia baixar a guarda, afinal, Stefanos tinha me sequestrado.

— Talvez não seja um garoto. E sim uma menina — falei, tentando demonstrar uma frieza que já não existia.

— Ainda não dá pra saber o sexo com um exame de ultrassom?

— Não. Ainda é cedo.

— Está de quantas semanas?

— Engravidei na noite em que você tirou minha virgindade. Faça as contas.

Subitamente, a expressão nos olhos dele mudou novamente, toda a raiva, todo o afeto, deram lugar a um fogo abrasador, um fogo de pura luxúria. Lentamente, ele fez uma excursão pela minha nudez, observando demoradamente meus seios, descendo para a minha boceta, e voltando a me encarar.

Quando seus olhos encontraram os meus, quase perdi o fôlego com a intensidade da lascívia na sua expressão. Contudo, nada deixei transparecer, afinal, seria o fim da picada ficar excitada na frente de um homem que me sequestrara e me amarrara nua em uma cadeira.

— Não houve um só dia, durante todo esse tempo, que eu não tenha pensado naquela noite — ele sussurrou, de um jeito tão erótico, tão excitante, que senti meu ventre se contorcer.

Droga! Eu não podia ser tão fraca!

— Sério? Pois uma semana depois eu já nem me lembrava mais — menti.

— Não seja mentirosa, Daphne. Eu sei que você pensa em mim. Sei que continua pensando no meu pau, e se tocando, quando está sozinha no quarto.

Senti a vermelhidão subir pelo pescoço e me remexi na cadeira para tentar disfarçar o arquejo que suas palavras ameaçaram me arrancar. Porém, foi inútil, os olhos atentos de Stefanos já tinham registrado o quanto eu estava afetada.

Onde estava a porra do meu amor-próprio?

— Não se iluda, Stefanos — tentei — Você não é a última coca-cola do deserto.

— Não tente esconder suas emoções, Daphne. Eu sei o que você sente por mim. Sei que nunca deixou de me amar, de desejar o meu pau todo enterrado nessa bocetinha peluda, de gozar bem gostoso comigo.

Engoli em seco, tentando, em vão, reprimir o calor da lascívia que se espalhava lentamente pelo meu sengue, fazendo minha vagina pulsar, e minha pele arder como se estivesse febril.

— Você continua o mesmo depravado de sempre — murmurei.

— Sim, é porque perco a cabeça quando estou perto de você. Principalmente quando você está assim, nua, amarrada, com essa bocetinha aberta para mim.

Como se não tivesse limites, Stefanos livrou-se da camisa encharcada da água da chuva, jogando-a no chão. Em seguida, abriu o zíper da calça e puxou o pau de dentro da cueca. Estava completamente duro, esticado para cima, com as veias protuberantes e a glande toda babada.

Senti uma fisgada na minha vagina quando ele espalhou a líquido pré-sêmen por toda a extensão daquela carne dura e começou a alisá-la, masturbando-se lentamente, enquanto segurava o copo de uísque com a outra mão e percorria minha nudez com olhos esfomeados.

— Você é um degenerado. Vou te denunciar por abuso sexual quando sair daqui — tentei demonstrar uma frieza que estava longe de existir.

Toda a raiva, todo o medo, haviam dado lugar ao calor da luxúria, que se alastrava fervoroso pelo meu organismo. Tudo o que eu conseguia, era imaginar-me sentando naquele pau grande e duro.

— Pode denunciar, Daphne. Depois que eu conseguir provar que você inventou todas aquelas mentiras sobre eu estar envolvido com as falcatruas do Dimitrius, sua credibilidade vai estar tão manchada que ninguém mais acreditará em uma só palavra que sair dessa sus boquinha linda — ele sibilou, puxando a pele do seu cacete para baixo, esticando-o um pouco mais, proporcionando-me uma visão tão excitante que quase

perdi o fôlego, minha vagina lambuzando de tanta vontade de sentir toda aquela rigidez me penetrando — Aliás, você deveria usar essa boquinha gostosa para coisas mais úteis, como chupar o meu cacete, ao invés de inventar mentiras sobre mim, o pai do seu filho.

Subitamente, Stefanos levantou-se, despiu-se da calça e da cueca molhadas e aproximou-se de mim.

— O que está fazendo? — sussurrei, sem conseguir esconder o quanto minha respiração estava ofegante pelo tesão que me consumia.

— Vou te dar um banho de esperma, para puni-la por ter escondido meu filho de mim, isso depois de me tornar um foragido — ele começou a se masturbar bem na minha frente, seu pau muito próximo do meu rosto, a visão fazendo minha vagina se contorcer.

— Eu te odeio! — berrei, o sangue quente de tesão e fúria.

— Eu também te odeio! — retrucou.

Nesse momento, Stefanos eliminou toda a distância que havia entre nós e ajoelhou-se à minha frente. Espalmou as mãos fortes sobre meus joelhos e as deslizou para cima, alisando minhas coxas, intensificando o fogo do tesão que me consumia, de tal maneira que precisei morder o lábio para conter um gemido.

Stefanos ergueu o olhar, observando meu rosto, como se buscasse alguma contestação, ou aprovação. Procurei forças dentro de mim para mandá-lo parar de me tocar, mas não encontrei. Tudo o que eu queria era senti-lo mais intimamente, me perder no seu toque e no seu calor, e ele sabia disso.

Então, ele afastou meus joelhos e aproximou sua boca da minha barriga, beijando várias vezes a protuberância em meu ventre, enviando ondas violentas de calor lascivo que percorriam meu corpo inteiro e se instalavam entre minhas pernas, deixando-me perdida, insensata, irracional.

— Olá, bebê. Aqui é o papai. Eu já te amo tanto, meu pequenino — ele sussurrou, o calor da sua respiração acariciando minha pele sensível, suas palavras aquecendo meu coração.

Stefanos levou sua boca até um dos meus joelhos e o beijou repetidas vezes. Então, deslizou os lábios pelo interior da minha coxa, beijando e lambendo minha pele, até alcançar o meu sexo.

Lancei a cabeça para trás e soltei um gemido alto quando senti a língua dele se infiltrando entre meus lábios vaginais, dando uma lambida da

vagina até o clitóris, repetindo o movimento diversas vezes, levando-me a uma deliciosa insensatez.

Ele usou os polegares para abrir os lábios da minha boceta e lambeu-me mais fundo, mais delicioso, inserindo a ponta da língua na minha vagina, fodendo-me tão macio que eu seria facilmente capaz de enlouquecer se ele parasse.

Escorregou a língua para meu clitóris e passou a movimentá-la sobre ele, freneticamente, deliciosamente, me fazendo gemer sem ao menos perceber.

— Stefanos... — sussurrei, perdida de tanta luxúria — Não... não pare... por favor... não pare...

— Não vou parar.

Ele continuou esfregando a língua áspera sobre meu feixe de nervos, deixando-o duro, proporcionando-me o melhor prazer que já experimentei na vida. Sem parar de me lamber, inseriu dois dedos na minha vagina, movendo-os dentro de mim, acariciando o ponto sensível na parede frontal, repetidas vezes, deixando-me alucinada.

Desafiando os limites das fitas que me prendiam, projetei os quadris para a frente e abri um pouco mais as pernas, dando-me inteira para ele, recebendo suas carícias ainda mais profundamente e foi então que explodi, gozando e gemendo alto, meu corpo todo convulsionando num gostoso descontrole.

Assim que meu corpo começou a se aquietar, Stefanos ficou de pé. Fechou a mão na parte de trás do meu cabelo, fazendo-me erguer o rosto e segurou seu pau, duro como uma pedra, aproximando-o da minha face.

— Abra a boca e coloque a língua para fora — ele ordenou, com um rosnado quase selvagem e não hesitei, abrindo a boca e esticando a língua para fora, meus olhos fixos no seu rosto lindo, contraído de tanto tesão.

Stefanos sibilava enquanto se masturbava, seu olhar preso ao meu rosto, seu pau perto da minha boca. Com o gemido rouco, ele gozou, o esperma se derramando na minha língua, respingando em meu rosto e cabelo.

Quando os jatos quentes do seu sêmen cessaram, ele esfregou a grande melada em minha pele, espalhando os respingos do esperma, me lambuzando toda, até que enfiou a cabeça do pau na minha boca e chupei, me deliciando ao engolir até a última gota do seu prazer.

— Caramba... toda lambuzada de porra — Stefanos grunhiu, afastando-se alguns centímetros — Vou limpar você.

Ele pegou um pedaço cortado do meu vestido de noiva do chão e o esfregou cuidadosamente na minha face, limpando-me do esperma.

O rosto dele estava a poucos centímetros de distância do meu. Olhei dentro dos seus olhos azuis claríssimos e fui inundada por uma certeza absoluta de que, mesmo que eu viesse cem anos, jamais deixaria de amar aquele homem.

Ele era como um vício que já havia se enraizado em mim.

— Será que dá pra você me soltar? Essa porra tá desconfortável — falei, tentando reprimir as emoções que faziam meu coração bater em um ritmo descompassado.

Stefanos parou de me limpar e afastou-se um pouco mais, agraciando-me com a visão plena do seu másculo, completamente nu.

— Não sei, Daphne. O que você fez foi muito grave, deixando-me lá fora, debaixo da chuva. Você merece uma punição.

Ele só podia estar brincando!

— Me solta logo, ou vou começar a gritar — ameacei.

— Nem perca sem tempo. Não tem ninguém por perto que poderia te ouvir.

— Não vou ficar presa nessa cadeira como uma criminosa!

— Prove um pouco do seu próprio veneno.

— Vai se foder!

— Não vou me foder, vou foder você. Vou te comer bem aí amarrada e você não poderá fazer nada para me impedir, até porque quer meu pau dentro de você. Mas isso vai ficar para depois. Está tarde. Você precisa se alimentar. Vou preparar o jantar.

Sem esperar que eu continuasse protestante, Stefanos me deu as costas e desapareceu pelo corredor das cabines. Voltou instantes depois, completamente vestido, usando calça de moletom e uma camiseta de malha folgada.

Percebi que, para conseguir sair daquela cadeira, eu precisaria usar uma técnica diferente, então comecei a representar:

— Por favor, solte-me. Preciso ir ao banheiro — pedi, e ele parou diante de mim, com os braços cruzados, seu olhar analisando atentamente meu rosto — Mulheres grávidas precisam fazer xixi toda hora. Por favor, me tire daqui. Eu sinto muito ter te trancado lá fora, na chuva.

Ele continuou observando-me durante um momento de silêncio, até que por fim um sorriso largo se formou em seus lábios.

— Você sabe que pode conseguir qualquer coisa de mim, não é mesmo? — indagou.

— Eu só quero ir ao banheiro.

Stefanos soltou um suspiro de resignação.

— Certo, Daphne, você venceu. Eu vou te soltar.

Ele inclinou-se e retirou cada uma das fitas que me prendiam. Quando fiquei de pé, avancei para cima dele e dei-lhe uma bofetada estalada no rosto, pegando-o completamente de surpresa.

— Para que nunca mais me prenda, seu cafajeste! — falei.

— Ai, isso doeu! — ele esfregou a mão sobre sua face avermelhada pelo golpe.

— Era pra doer mesmo! Pra aprender a nunca mais amarrar uma garota em uma cadeira.

— Não seja hipócrita, eu sei que você gostou.

Subitamente, senti a vermelhidão subir pelo pescoço, e um sorriso se formou no rosto daquele safado.

— Isso não vem ao caso — tentei.

— Você não queria fazer xixi, não é mesmo?

— Não. Te enganei para que me soltasse.

Ele deu um passo na minha direção, parecendo bastante a ameaçador, e recuei outro. Foi então que seus olhos azuis varreram minha nudez de cima até embaixo, a expressão de cobiça surgindo em seu semblante.

— É melhor você ir se vestir — grunhiu ele, ofegante.

Percebi a dificuldade dele em controlar sua libido, e decidi atiçá-lo um pouco mais. Talvez por vingança, ou porque gostava daquela forma esfomeada que ele me observava.

— E o que vou vestir agora que você rasgou minhas roupas? — indaguei, gesticulando com as mãos, ciente de que meus movimentos faziam meus peitos balançarem diante do olhar sequioso dele.

— Tem roupas pra você em uma das cabines — disse ele, sem desviar o olhar dos meus seios — É a segunda à esquerda do corredor. São do seu tamanho.

— Nossa! Você pensou em tudo mesmo.

— Exatamente — ele voltou a fitar o meu rosto.

— Durante quanto tempo vinha planejando isso?

— Acho melhor você ir se vestir.

— É uma pergunta simples, Stefanos. Aliás, tenho muitas perguntas. Como soube sobre a orientação sexual de Michalis? Como soube que o filho que estou esperando é seu?

— Nós conversaremos sobre isso depois. Preciso preparar o jantar.

Com o intuito de provocá-lo um pouco mais, inclinei-me para pegar o que restava do meu vestido no chão, ciente de que o olhar dele acompanhava meus movimentos. Não satisfeita, dei-lhe as costas e me inclinei novamente, para que ele me observasse daquele ângulo também.

— Daphne, se você não for colocar uma roupa agora mesmo, eu te juro que vou te jogar em cima dessa mesa e te comer até que você não consiga mais caminhar! — vociferou e uma onda de tesão varreu o meu organismo.

— Seu descontrolado! — acusei.

— Sou mesmo. E se estou me segurando, é porque você precisa se alimentar. Agora vá e vista-se! — dito isto, ele deu-me as costas e seguiu em direção à cozinha.



CAPÍTULO 54

Fui para a cabine indicada, e fiquei impressionada com o quanto era grande. Decorada com mesa e cadeiras, cama e um grande armário, no qual encontrei várias combinações de looks que eram exatamente do meu tamanho.

Antes de me vestir, decidi tomar um banho frio, apenas para que aquele fervor incessante em minha pele, provocado pelo toque de Stefanos, desaparecesse e eu pudesse racionar sem a interferência de tais emoções.

Enquanto a água fria lavava abundantemente minha pele, pensei sobre toda essa situação e cheguei à conclusão de que não podia baixar a guarda para Stefanos novamente.

Eu o amava, ainda mais do que antes, e provavelmente sempre amaria. No entanto, não conseguia afastar o receio de que ele poderia machucar meu coração novamente, caso eu me entregasse a esse amor.

A verdade, era que Stefanos e eu fazíamos parte de mundos diferentes, jamais daríamos certo juntos. A coisa certa a ser feita agora, seria impor distância entre nós e parar de ceder cada vez que ele me tocava.

Precisava conversar seriamente com ele sobre isto. Dizer-lhe que ele poderia acompanhar minha gravidez e conviver com nosso filho depois que nascesse, mas era apenas isso. Nada mais voltaria a acontecer entre nós.

Após o banho demorado, escolhi usar um vestido de malha florido, soltinho e confortável, ajeitei os cabelos molhados, usando um finalizador para deixar os cachos bem-definidos e saí da cabine.

À medida que avançava pelo corredor, um aroma delicioso de comida caseira me envolveu, guiando-me até a cozinha, onde encontrei Stefanos. Ele retirava uma lasanha dourada do forno, movendo-se pela cozinha com um charme que parecia dançar entre as panelas e utensílios. Sua graciosidade máscula era tão incomum que me deixou fascinada, completamente hipnotizada. Parei à entrada da cozinha, observando-o em silêncio. Seus gestos fluidos e seguros capturavam completamente minha atenção, a ponto de me fazer esquecer o assunto sério que precisávamos discutir.

— Com fome? — indagou Stefanos, dando-me o mais lindo dos sorrisos, quando notou minha presença.

— Sim. Humm... o cheiroso está muito bom — comentei, avançando pelo recinto.

— Não te causa enjoos? Se causar, tem remédios em uma gaveta da sua cabine. Foi receitado pelo médico da minha família.

— Não. Eu estou bem. O obstetra que está me acompanhando disse que os enjoos passam com o tempo. Acho que estão passando.

— Era só meu garoto querendo ficar perto do pai dele — Stefanos falou, com aquele sorriso lindo demais.

Ele puxou uma cadeira para que eu me acomodasse à mesa e terminou de servi-la, trazendo uma jarra de suco de laranja, taças, e uma salada de espinafre, além da lasanha. Em seguida, acomodou-se do outro lado e me serviu, mimando-me como se eu fosse alguma criança.

Levei a primeira garfada à boca, constatando o quanto estava gostosa.

— Você é mesmo muito habilidoso na cozinha — comentei, lembrando da ocasião em que ele me ajudara a preparar o almoço na residência dos Papadopoulos, na noite em que nos beijamos pela primeira vez.

— Sim. Se eu tivesse tempo, cozinharia mais vezes, mas os negócios não me permitem.

— Como são seus negócios nos Estados Unidos?

Stefanos respondeu minha pergunta e engatamos em uma conversa despreocupada, continuando a refeição envolvidos em uma atmosfera tranquila e acolhedora. A comida estava deliciosa, mas o sabor que realmente se destacava era o da paz momentânea que pairava entre nós.

A tensão que normalmente preenchia o ar quando estávamos juntos parecia ter sido substituída por uma leveza que quase me fazia esquecer todas as mágoas do passado. O som de talheres contra os pratos e as risadas ocasionais eram as únicas interrupções em nossa conversa confortável.

A luz suave da cozinha desenhava sombras nas paredes, criando uma sensação de segurança, como se por um breve instante, o mundo lá fora não importasse.

Stefanos falava sobre os negócios nos Estados Unidos e sobre sua irmã estar finalmente conseguindo se recuperar da depressão. Sua voz grave soava como música em meus ouvidos. A sensação que eu tinha era de que conhecia aquela voz desde sempre, tamanho era o bem que me fazia ouvi-la.

Quando terminamos a refeição, continuamos ali sentados à mesa, bebericando suco e jogando conversa fora, como se nenhum tempo juntos fosse suficiente.

Passava das dez horas quando comecei a bocejar, meu corpo pedindo cama.

— É melhor irmos dormir. Umas horas de sono vão fazer bem ao bebê — disse Stefanos, levantando-se.

Concordei com um leve aceno, sentindo o peso do cansaço me envolver. Eu me levantei, acompanhando Stefanos para fora da cozinha e, juntos, atravessamos os ambientes da luxuosa embarcação, nos dirigido ao corredor estreito que levava às cabines.

O silêncio entre nós era quase palpável enquanto caminhávamos lado a lado. A tensão, densa e inevitável, parecia preencher cada centímetro daquele espaço apertado, quase tão real quanto o calor que eu ainda sentia em minha pele após a refeição compartilhada.

O jantar havia sido descontraído, envolto em uma serenidade incomum para nós dois, mas à medida que nos aproximávamos das cabines, o peso do que ainda não tinha sido dito entre nós parecia cada vez mais insuportável.

Eu sabia que Stefanos estava apenas a alguns passos atrás de mim, seus passos firmes e tranquilos ecoando levemente, e, mesmo assim, a proximidade dele me trazia uma sensação de inquietação

Quando chegamos à porta da minha cabine, eu hesitei. Minha mão pairou sobre a maçaneta por um instante mais longo do que o necessário, como se uma parte de mim soubesse o que estava para acontecer, mesmo que eu não quisesse admitir.

Stefanos parou ao meu lado, sua presença era uma constante silenciosa, mas poderosa, e senti seus olhos em mim.

— Boa noite, Daphne — ele disse suavemente, com a voz rouca de uma forma que fez cada fibra do meu ser reagir.

Era um tom familiar, que carregava uma mistura de carinho e desejo que, ao mesmo tempo, me confortava e me deixava em alerta.

Eu não consegui responder de imediato. Meu coração estava disparado, o ar parecia pesado demais para ser inspirado normalmente.

Algo dentro de mim, mais profundo do que a lógica, mais primitivo que a razão, queria virar e encarar aquele homem de frente, queria ceder àquele olhar que me queimava a pele.

Então, sem aviso, senti o movimento dele, não planejado, não premeditado. Apenas um reflexo. A mão de Stefanos roçou de leve meu braço, quase sem querer, enquanto ele dava um passo à frente, mais perto de mim do que esteve a noite toda.

A porta da minha cabine estava apenas entreaberta, e por um breve segundo, ambos ficamos parados ali, naquele limiar indefinido. Um momento suspenso no tempo.

Ele não disse nada, mas não precisava. Eu sabia o que ele estava pensando, porque eu estava pensando o mesmo. Poderíamos entrar juntos. Poderíamos deixar tudo o que foi dito e não dito no passado, o que foi prometido e quebrado, ser dissolvido no calor do que ainda existia entre nós.

Então, Stefanos deu um passo em direção à porta, e algo dentro de mim entrou em alerta. Antes que eu pudesse me conter, levei a mão ao peito dele, com suavidade, mas o suficiente para impedir que ele avançasse.

— Stefanos, não — minha voz saiu baixa, quase um sussurro.

Ele parou imediatamente, o corpo rígido sob meu toque.

— Por quê, Daphne? — Sua voz era suave, mas havia um peso em suas palavras, uma urgência quase dolorosa. — O que estamos tentando

negar aqui?

Eu senti o nó se formar em minha garganta, uma onda de emoção me subjugando por dentro.

O amor que eu sentia por ele era tão forte, tão visceral, que às vezes parecia impossível suportar. Mas ao mesmo tempo, havia a dor, o medo. Eu não podia simplesmente apagar o que havia acontecido antes, o que ele tinha feito. O risco de me machucar de novo era grande demais.

— Eu não posso — sussurrei, mais para mim mesma do que para ele, meus dedos ainda repousando no peito dele, sentindo o calor da sua pele, o ritmo da sua respiração. — Eu... eu quero, Stefanos, mais do que você imagina. Mas eu não posso. Eu simplesmente... não posso.

Por um instante, ele fechou os olhos, como se processasse minhas palavras. O silêncio entre nós era tão denso que parecia reverberar em cada parede daquele corredor. Quando ele os abriu novamente, havia uma dor ali que mal pude suportar.

— Eu só quero cuidar de você — disse ele, sua voz quase um murmúrio — De você e do nosso filho.

Eu podia ver a sinceridade em seus olhos. E esse era o problema. Porque se eu deixasse Stefanos entrar de novo, se eu cedesse agora, não sei se teria forças para me proteger se as coisas desmoronassem mais uma vez.

— Nós vamos criar nosso filho juntos — eu disse, minha voz ainda baixa, mas firme. — Mas eu não posso deixar que isso aconteça entre nós de novo. Não assim.

Stefanos segurou-me pelos braços, forçando-me a encará-lo. Quando olhei diretamente em seus olhos, pude ver a miríade de paixão e desespero estampada nas suas íris azuis.

— Eu sei que te magoei, muito mais do que imaginei. Mas já está na hora de enterrar o passado, Daphne. Está na hora assumirmos esse amor que sentimos, não apenas porque vamos ter um filho juntos, mas por nós mesmos. Nós não seremos felizes se ficarmos separados, meu amor. Você sabe disso.

Stefanos me olhava com uma intensidade que eu não conseguia sustentar por muito tempo sem sentir meu coração vacilar. O toque de suas mãos em meus braços parecia queimar minha pele, despertando em mim a paixão enterrada sob camadas de mágoa e receio.

— Stefanos... eu não posso.

— Daphne — ele murmurou, sua voz mais suave agora, como um sussurro que ecoava na minha mente. — Eu errei, e não há desculpa para o que fiz. Mas se há uma coisa que eu aprendi, é que viver sem você é um tormento que eu não estou disposto a suportar.

— É difícil para mim.

— Eu sei. E sei que você não acredita em mim agora, eu entendo. Mas, por favor, me dê uma chance de provar que nunca mais vou magoar você. Eu não posso apagar o que fiz, mas posso garantir que nunca mais a magoarei de novo.

Essas palavras, ditas com uma vulnerabilidade que eu nunca havia visto em Stefanos, fizeram algo dentro de mim se quebrar. Era como se todas as barreiras que eu havia construído começassem a desmoronar.

Eu queria resistir àquele homem, eu precisava resistir. Mas como poderia, quando o que ele dizia era exatamente o que meu coração sempre quis ouvir?

Afastei-me um pouco, cruzando os braços como se pudesse me proteger da avalanche de emoções que Stefanos provocava em mim.

— É complicado para mim — tentei argumentar, mas minha voz soou fraca, sem convicção.

Ele se aproximou mais, e eu podia sentir o calor do seu corpo. Seus olhos não me deixavam escapar, como se soubessem o efeito que tinham sobre mim.

— Não é simples, eu sei. Mas o amor nunca é simples. Ele é imperfeito, caótico, mas, quando é verdadeiro, ele cura. Eu estou pronto para te provar, todos os dias, que o amor que sinto por você é maior que qualquer erro que eu tenha cometido.

As palavras dele tocaram algo profundo dentro de mim, algo que eu tentei sufocar por tanto tempo. Lembranças dos momentos bons que vivemos juntos vieram à tona, e por um breve segundo, eu permiti que meu coração acreditasse.

Acreditei que talvez fosse possível recomeçar, que o amor poderia, de fato, ser mais forte que a dor.

Meu corpo reagia antes mesmo que minha mente pudesse processar. Dei um passo em direção a ele, nossas respirações se misturando, o espaço entre nós desaparecendo. Eu podia sentir as batidas aceleradas do meu coração ecoarem nas minhas costelas, uma mistura de medo e desejo se entrelaçando dentro de mim.

— E se você me machucar de novo? — perguntei, minha voz falhando, revelando toda a vulnerabilidade que eu ainda tentava esconder.

Stefanos ergueu a mão, tocando meu rosto com uma delicadeza que fez meu coração vacilar. Seu polegar traçou uma linha suave pela minha bochecha, enxugando uma lágrima que eu nem percebi ter caído.

— Nunca mais — ele prometeu, sua voz rouca de emoção. — Eu juro, Daphne, nunca mais vou te machucar. Vou passar o resto da minha vida provando isso, se for preciso.

E naquele momento, toda a luta dentro de mim cessou. Cedi. Não havia mais como resistir. O amor que eu sentia por ele era maior que qualquer medo, qualquer dúvida. Eu precisava de Stefanos como o ar que eu respirava, como a água que saciava minha sede.

Com um suspiro pesado, abandonei qualquer pretensão de manter distância. Meus braços envolveram seu pescoço, e ele, como se tivesse esperado por esse momento a vida inteira, me puxou para mais perto.

Nossos corpos se encontraram, quentes, trêmulos de desejo, e nossos lábios se tocaram, famintos, urgentes, como se o tempo tivesse parado e o mundo lá fora já não existisse.

Beijá-lo era como reencontrar um pedaço perdido de mim mesma. Toda a dor, todo o medo se dissipavam, substituídos por uma paixão tão voraz que era quase impossível de conter.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas, trazendo-me para mais perto, como se quisesse ter certeza de que eu era real, de que eu estava ali, com ele.

Eu sabia, naquele momento, que estava perdida. Perdida para sempre no amor que sentia por Stefanos, na paixão que consumia meu corpo e minha alma. E não havia mais volta.

— Eu te amo, Stefanos — confessei contra seus lábios, minha voz trêmula de emoção.

Ele sorriu entre o beijo, sua testa colada à minha.

— Eu também te amo, Daphne. Mais do que você possa imaginar.

E, ali, em seus braços, percebi que, por mais que tentasse lutar, eu era dele. Sempre fui. E sempre seria.



CAPÍTULO 55

Quando Daphne disse aquelas palavras, *"Eu te amo, Stefanos"*, algo dentro de mim se libertou. Era como se um peso insuportável, que eu carregava há tanto tempo, finalmente fosse dissolvido pelo som suave de sua voz.

Eu a tinha de volta. Não só ela, mas também o nosso futuro, o nosso filho. A ideia de perdê-la me dilacerava, mas naquele momento, soube que não estava mais sozinho.

Eu a segurei com mais firmeza, como se o mundo pudesse desmoronar ao nosso redor, mas isso não importasse desde que eu a tivesse nos meus braços.

Os beijos se intensificaram, famintos, desesperados, porém com uma doçura que eu jamais havia experimentado. O amor que sentia por ela me consumia, me dominava, e eu sabia que não haveria volta. Nós pertencíamos um ao outro, e sempre pertenceríamos.

Sem interromper o beijo, a peguei no colo. O corpo dela se moldou perfeitamente ao meu, como se tivéssemos sido feitos para nos encaixar daquela maneira.

Daphne riu contra meus lábios, aquele riso que eu adorava, cheio de uma leveza que há tempos não via. Era uma melodia doce, e saber que a havia feito sorrir novamente me encheu de uma felicidade indescritível.

Caminhei pelos corredores estreitos do iate, com ela nos meus braços, sem conseguir parar de beijá-la. Às vezes, tropeçava em um degrau ou em um móvel, e ela ria ainda mais, tornando a situação quase ridícula.

— Você vai acabar nos derrubando! — ela disse entre risos, os lábios ainda colados aos meus.

— Eu estou bem... mais ou menos — retruquei, sem fôlego — Mas não consigo parar de beijar você. É um problema.

Ela riu novamente, jogando a cabeça para trás, o que me deu mais acesso ao seu pescoço. Eu aproveitei, traçando uma linha de beijos pela pele quente, sentindo o perfume dela me entorpecer.

Quando finalmente chegamos à cabine, eu a deitei na cama com todo o cuidado, como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. E ela era.

Deitamo-nos juntos, e tudo ao nosso redor se apagou. Nossas mãos exploravam os contornos um do outro com uma delicadeza que contradizia o desejo ardente que pulsava entre nós.

Nós nos despimos com urgência e fizemos amor com a mesma intensidade da saudade que sentíamos um do outro. Depois, nos amamos novamente, só que desta vez com lentidão, sem pressa e sem urgência, com a certeza de que tínhamos toda a vida pela frente para pertencermos um ao outro.

O fogo do desejo que ardia em nós era inapagável. Nós teríamos sido um do outro durante toda a noite, contudo, Daphne logo se mostrou sonolenta, muito provavelmente devido à gravidez.

Então, a aninhei em meus braços e comecei a traçar linhas suaves em seus cabelos, sentindo seu corpo relaxar aos poucos. Em menos de um minuto, ela adormeceu.

Fiquei ali, observando-a em silêncio, o coração preenchido por uma sensação de plenitude que eu não experimentava havia muito tempo. Ela estava ali, comigo, e estava tudo bem.

Fechei os olhos, o som da respiração dela se tornando uma melodia reconfortante, e, finalmente, o sono me venceu também.

Acordei com um sobressalto, mergulhado em uma escuridão sufocante. O grito estava preso na minha garganta, o peito apertado como se

algo esmagasse meu coração. O desespero me envolvia como uma onda gigantesca, impossível de combater.

Lá estava ele de novo, aquele maldito pesadelo. Sempre o mesmo, sempre com os mesmos detalhes cruéis que me faziam reviver a dor.

Eu via Thanos. Meu sobrinho, um garoto tão jovem. Seus olhos cheios de medo, o corpo paralisado pela surpresa e pelo terror, encarando Michalis, seu assassino.

Eu não estava presente no momento do crime, não testemunhei o ato em si, mas meu subconsciente construíra aquela cena tantas vezes, alimentado pela culpa e pela dor.

A imagem de Michalis, implacável, sádico, com uma arma apontada para Thanos, estava gravada na minha mente. E o pior era o olhar de Thanos, aquele olhar que, no pesadelo, parecia me procurar, como se esperasse que eu o salvasse. Mas eu não estava lá. Eu nunca estive.

Eu os abandonei. Abandonei ele e minha irmã, sozinhos nesse fim de mundo. Era para eu estar aqui. Se tivesse ficado, se tivesse sido uma figura paterna para Thanos, ensinando-lhe os caminhos certos a serem percorridos, talvez ele ainda estivesse vivo.

Naquele instante, o disparo do tiro que tirou sua vida ecoava em minha mente como um trovão. O som, mesmo sendo fruto da minha imaginação, era o que mais me atormentava.

Eu me sentei na cama, o corpo coberto de suor, tremendo como uma folha. O ar parecia preso nos meus pulmões, minha respiração era frenética, ofegante.

As mãos tremiam, as imagens ainda frescas na minha mente como uma lembrança viva demais. A realidade e o pesadelo se misturavam, como se eu estivesse preso naquele momento de desespero que não podia mudar, não podia impedir.

Era tarde demais para que eu cuidasse do meu sobrinho, como deveria ter feito quando ele ainda estava vivo. A única coisa que eu poderia fazer por ele agora era levar o assassino à justiça, fazê-lo pagar, mas nem disso eu fui capaz.

Havia passado meses tentando fazer justiça, tentando de todas as formas colocar Michalis atrás das grades. Tentei usar meus contatos, os advogados mais caros, a pressão da mídia, mas nada parecia ser suficiente.

E mesmo que tenha tentado convencer a presidente a exonerá-lo, a fim de cumprir sua parte do acordo que infelizmente fizemos, Dimitrius não

havia conseguido. Eu tinha magoado minha Daphne por nada.

Michalis era intocável, protegido por seu partido político, por sua rede de influências. E essa frustração... essa maldita frustração... era quase tão insuportável quanto a própria perda. Eu falhei com Thanos. Falhei em protegê-lo e falhei em trazer justiça por sua morte.

Era isso que o pesadelo me mostrava, noite após noite. Minha impotência, minha incapacidade de fazer qualquer coisa para salvá-lo. E então, como um círculo vicioso, a culpa me devorava por dentro.

— Stefanos... — a voz suave de Daphne soou ao meu lado, arrancando-me do turbilhão de emoções. — Você está bem?

Sua mão, quente e reconfortante, pousou sobre a minha, e eu me virei para encará-la. Seus olhos estavam preocupados, cheios de carinho e compreensão.

Eu tentei falar, mas a voz estava rouca, como se estivesse presa na garganta junto com aquele grito que eu nunca conseguia soltar.

— Só... um pesadelo... — consegui murmurar, a voz falhando enquanto o peso do sonho ainda pressionava meu peito.

Ela se aproximou mais, envolvendo-me em um abraço tão acolhedor, tão seguro, que comecei a sentir o corpo relaxar aos poucos. O calor de seu toque era como um farol em meio à tempestade, me trazendo de volta, me resgatando do abismo onde eu havia caído.

— Vai ficar tudo bem... — ela sussurrou suavemente, seus lábios roçando a minha orelha. — Eu estou aqui, Stefanos. Eu estou com você.

Abracei-a com força, como se me agarrasse à última âncora que me mantinha são. Daphne era a única coisa que, naquele momento, parecia real. Sua presença, seu calor, me ajudavam a afastar a escuridão que me consumia.

Eu respirei fundo, sentindo sua pele contra a minha, e aos poucos, o desespero começou a se dissipar, embora a dor nunca fosse embora por completo.

— Desculpa... — sussurrei — Eu não queria te acordar.

— Tudo bem. Já dormi muito. Com o que você estava sonhando?

— Com o meu sobrinho. Eu falhei com ele de tantas formas que isso nunca vai parar de me perseguir. Nem mesmo consegui colocar na cadeia o homem que o matou.

Subitamente, senti o corpo de Daphne se enrijecendo entre meu abraço, a tensão tomando conta dos músculos dela. Ela permaneceu em

silêncio durante um longo momento, antes de começar a falar.

— As coisas não aconteceram como você imagina — disse ela — Não foi Michalis quem o matou.

Engolfado por um turbilhão de surpresa e confusão, levantei-me da cama com um sobressalto.

— Se não foi ele, então quem foi? O que diabos você está escondendo de mim? Eu preciso saber a verdade.

Calmamente, Daphne levantou-se também, aproximando-se de mim.

— Por favor, se acalme, eu vou te contar tudo — declarou ela.

Sem nem mesmo conseguir piscar os olhos, tamanha era minha expectativa para ouvir o que ela tinha a dizer, gesticulei para que se sentasse à pequena mesa e acomodei-me do outro lado.

— Então conte — falei.

Daphne respirou pesadamente, como se buscasse silenciosamente as palavras.

— Não era a primeira vez que Thanos era preso por traficar maconha entre os turistas. Todas as vezes, Michalis o tirava da prisão, por consideração à sua família. Mas, daquela vez, ele decidiu deixar o garoto preso por uns dias, para dar-lhe uma lição.

— E Thanos foi estuprado na cadeia. Essa parte eu já sei — falei.

— O que você não sabe é que Michalis e meu irmão mais velho, Nikolas, eram amantes. Mais que isso, eles eram o amor da vida um do outro. Quando Thanos invadiu a casa de Michalis, armado e determinado a matá-lo, por não tê-lo libertado como das outras vezes, meu irmão estava lá.

— E o que aconteceu?

Daphne hesitou, a mais angustiante dor emergindo na expressão do seu olhar. Quis mandá-la parar, para que não revivesse tamanho sofrimento, mas eu precisava saber da verdade.

— Nikolas acordou ao ouvir ruídos no andar de baixo. Ele pegou a arma de Michalis e saiu à procura do invasor. Ele e Thanos trocaram tiros na sala e foi assim que ambos perderam a vida — Daphne soltou um soluço, as lágrimas desabando abundantes pelo seu rosto, enquanto eu a fitava em choque.

Como assim o irmão dela e meu sobrinho se mataram? Como nem eu nem ninguém ficou sabendo sobre isso? Por que Michalis assumiu a culpa pelo assassinato?

As indagações conflitavam-se na minha cabeça, formando um turbilhão insuportável. No entanto, naquele momento, consegui enxergar apenas a dor no rosto da mulher que eu amava.

Então, saí do meu lugar e fui até ela, puxando-a para mim e envolvendo-a em um abraço apertado.

— Ei, não fique assim. Já passou. Tudo vai ficar bem um dia — tentei.

— Não, Stefanos. Nada nunca vai ficar bem. A dor de perder um irmão, um filho, um sobrinho, ela nunca se apaga.

— Eu sei, meu amor. Mas podemos viver com ela.

Enfiei o nariz no alto dos seus cabelos cacheados e fechei os olhos, inebriado com seu cheiro gostoso, a confusão ainda tomando conta de mim.

— Me desculpe não ter te contado isso antes. Eu não podia revelar a ninguém que Michalis é gay — sussurrou ela, seu rosto aninhado em meu peito.

— Tudo bem. Não precisa mais falar sobre isso.

— Não. Você precisa saber de toda a verdade — Daphne afastou-se, apenas o suficiente para fitar-me no rosto — Os motivos pelos quais Michalis assumiu a autoria do assassinato foram vários. Ele não queria manchar a memória de Nikolas, e também não podia permitir que os membros do seu partido político soubessem sobre sua verdadeira orientação sexual. Além disso, meus pais exigiram que ele não falasse sobre a presença de Nikolas na casa dele, naquela noite. Meus pais são muito conservadores, nunca aceitaram que Nikolas fosse homossexual. Preferiram inventar que ele morreu durante um assalto em Atenas, a ter que permitir que todos soubessem que ele era gay.

— Minha nossa! Seus pais são pessoas horríveis! — exclamei, atônito que ainda existissem pessoas com uma mentalidade assim.

— Não é culpa deles. Eles foram moldados pela educação que receberam, ensinados desde cedo a odiar tudo o que fugia do que se considera normal — ela soltou um soluço — O que eu tentei fazer por Nikolas, foi dar todo o amor que meus pais negaram a ele. Mas não sei se foi suficiente.

— Claro que foi, meu amor — eu a segurei e a puxei para mim novamente, aninhando-a se encontro ao meu corpo, meu peito repleto de paixão e ternura, mas também de confusão e perplexidade.

A realidade que Daphne havia revelado era sufocante, uma verdade que eu nunca teria imaginado. Thanos, Michalis, Nikolas... todos envolvidos em uma tragédia maior do que eu jamais poderia conceber.

A verdade agora estava clara, mas o que fazer com ela? Como lidar com o fato de que Michalis era inocente? De que Thanos e Nikolas, dois garotos tão jovens, se mataram? Não havia vilões clássicos aqui, apenas pessoas presas em circunstâncias insuportáveis.

Eu olhei para Daphne e meu coração se apertou dentro do peito, pela perda irreparável que ela sofrera. *Como ela podia não odiar Thanos, e toda a minha família, por termos tirado seu irmão de forma tão abrupta? Como ela fora capaz de nos perdoar, enquanto tudo o que eu conseguia era odiar Michalis, durante todo esse tempo no escuro?*

Isso só provava o quanto ela era melhor do que eu, do que seus pais, do que todos nós.

Daphne levantou os olhos para mim, ainda marejados de lágrimas, mas agora com um brilho diferente, como se algo tivesse finalmente se libertado dentro dela.

Ela estava despida de segredos, e eu... eu a amava ainda mais por isso. Pelo seu coração enorme, por ter suportado tanto e, mesmo assim, conseguido me amar com toda a intensidade que eu sempre senti.

— Stefanos... — ela murmurou, sua voz quebrando a barreira final entre nós. — Eu te amo. Com tudo o que somos, com todos os nossos erros e tragédias, eu te amo.

Meus olhos encontraram os dela, e senti uma onda de paz invadir meu peito. Pela primeira vez em muito tempo, não havia mais sombras entre nós. Nenhum segredo, nenhuma culpa, apenas o peso da verdade, agora compartilhado. A dor ainda existia, mas era uma dor que podíamos carregar juntos.

— Eu também te amo — respondi, minha voz cheia de sinceridade. — Eu não sabia o quanto precisava de você até agora. Você é a razão pela qual ainda consigo respirar. E tudo o que eu quero é te fazer feliz, te amar do jeito que você merece.

Ela sorriu, um sorriso suave, carregado de alívio e esperança. E, nesse instante, tudo o que havia de errado no mundo parecia perder importância. Havia apenas nós dois, aqui e agora.

Me inclinei e a beijei. Foi um beijo que selou tudo o que havíamos passado, todas as dores, todas as cicatrizes. Foi um beijo de redenção, de

perdão, de amor incondicional.

Ela correspondeu com a mesma intensidade, e naquele toque, encontrei a resposta para todas as minhas perguntas. Eu a tinha, e isso era o suficiente.

Nada mais importava, a não ser o fato de estarmos juntos.



EPÍLOGO

Dois anos depois.

O sol daquela manhã de domingo brilhava forte no céu claro, sem nenhuma nuvem, da Carolina do Norte, enquanto o churrasco se desenrolava de forma tranquila no jardim.

Eu observava Caleb, meu filho, com sua risada contagiante, correr pelo gramado, molhado da cabeça aos pés, depois de passar praticamente a manhã inteira brincando na piscina infantil.

Ao lado da churrasqueira, Stefanos me lançava olhares carinhosos entre uma virada e outra da carne, e eu sentia meu peito transbordar de amor por aquele homem. Ele era tudo o que eu sempre sonhei: meu marido, meu amigo, meu companheiro fiel.

Tudo ao nosso redor parecia perfeito, como se o universo tivesse conspirado para criar um momento tão sublime. Helena, irmã de Stefanos, estava sentada ao meu lado, com uma mão protetora sobre sua enorme

barriga de grávida de sete meses, e ríamos juntas das travessuras de Caleb, ao mesmo tempo em que jogávamos conversa fora.

O brilho nos olhos dela era inconfundível. Minha cunhada estava feliz, radiante, e eu sabia que muito disso se devia a Carlo, seu namorado espanhol. Ele estava ajudando Stefanos com o churrasco, conversando com ele de forma tranquila e despreocupada, como se já fosse parte da nossa família.

Carlo era um homem fascinante, do tipo que parecia ter nascido para viver o momento. Conhecê-lo havia mudado a vida de Helena. Eles se encontraram em Mykonos, durante a temporada de turismo e ele havia se mudado para lá, para viver com ela.

Estavam nos Estados Unidos apenas visitando a mim e Stefanos, que nos mudamos para a Carolina do Norte logo após nosso casamento.

Eu sempre fui cética quanto aos romances de verão, mas, vendo-os juntos agora, com Helena esperando o filho dele, percebi que estava errada. Era possível encontrar o amor verdadeiro entre os turistas que passavam pela ilha.

O amor deles era a prova disso. Helena havia encontrado o seu príncipe encantado em meio ao turbilhão de cores e sons das praias, e eu não poderia estar mais feliz por ela.

— Vocês dois formam um casal e tanto — comentei, sorrindo para Helena — Nunca pensei que você se apaixonaria por um turista! Ainda mais por um espanhol de coração tão grande.

— Talvez isso sirva para que você deixe de lado seu preconceito com os estrangeiros que frequentam Mykonos — interveio Stefanos, com tom descontraído.

— Não é preconceito. Continuo acreditando que a maioria ainda não quer nada sério com as garotas da ilha. Mas fico feliz que tenha dado certo para Helena e Carlo.

— Eu também acho que a maioria só quer diversão passageira, um amor de verão — concordou Helena — Tive muita sorte em conhecer meu amor.

— Eu é que tive sorte — acrescentou Carlo, olhando-a com paixão.

— Pois eu acho que Mykonos é a terra do amor. Foi lá que me apaixonei — disse Stefanos, lançando-me um olhar tão intenso que fez meu coração acelerar.

Nós estávamos casados há dois anos, vivendo sob o mesmo teto, dormindo juntos todas as noites, e ainda assim, tudo dentro de mim se agitava quando ele me olhava daquele jeito, ou quando eu ouvia sua voz pela nossa casa quando chegava do trabalho no fim da tarde, ou quando acordava pela manhã e o via deitado na cama ao meu lado.

Durante aqueles dois anos, nós tínhamos construído uma vida repleta de amor e paz, com nosso pequeno Caleb. Vivíamos em um lar cheio de harmonia, da forma que sempre sonhei conquistar, só que muito melhor, mais feliz.

A ironia do destino era que eu havia construído a vida que sempre sonhei, mesmo que não tivesse sido através dos caminhos que tinha escolhido, e um dia acreditei serem os certos.

— É verdade — Helena concordou com seu irmão — Mykonos é a terra do amor. Até Michalis está apaixonado por um estrangeiro.

Stefanos fitou-a surpreso.

— Sério? Ele assumiu a orientação sexual em público? — indagou meu marido.

— Assumiu — fui eu quem respondeu — Ele me ligou todo feliz, dizendo que seu partido político vai continuar apoiando-o, apesar de ser gay. Não é o máximo?

— Esses partidos estão aprendendo a se modernizar, pois sabem que perderiam muitos eleitores se não o fizessem — emendou Carlo.

Continuamos conversando enquanto preparámos o almoço, a ser servido ali mesmo, ao ar livre. Enquanto os rapazes cuidavam do churrasco, Helena e eu já tínhamos providenciado as guarnições e arrumado a mesa de madeira sob a sombra de um pergolado.

O que fazíamos ali, era algo parecido com os almoços de domingo na casa dos meus pais, de quem eu sentia uma saudade imensa. Mesmo que eles já tivessem me aceitado de volta em suas vidas, depois que me casei com o homem que me engravidou, ainda era difícil para mim enxergá-los com os mesmos olhos de antes.

Eu os visitava de vez em quando, afinal eram meus pais, mas não demorava muito na casa deles, preferindo voltar para os braços do meu marido.

Enquanto os rapazes se empenhavam em terminar de assar a carne, Helena e eu continuávamos conversando. Soltei uma gargalhada alta, que fez Stefanos olhar para mim com um sorriso curioso no rosto.

Nosso olhar se cruzou, e senti meu coração acelerar como sempre acontecia quando ele me olhava assim, cheio de amor e admiração.

— O que foi? — ele perguntou, se aproximando com um prato cheio de carne.

— Nada demais. Assunto de garotas — expliquei.

Stefanos riu e beijou o topo da minha cabeça antes de servir a carne.

— Eu queria mesmo saber o que tanto se fala nesse universo feminino.

— Aí você teria que opinar sobre cores de batom, roupas da moda, e outras coisas do gênero — Helena disse, sorrindo.

O ambiente estava carregado de uma leveza que era quase palpável. Helena, Carlo, Stefanos e eu conversávamos, ríamos, e a presença de Caleb correndo de um lado para o outro fazia o ambiente ficar ainda mais alegre.

Senti-me incrivelmente sortuda por estar ali, vivendo exatamente o que eu sempre sonhei. Minha vida nos Estados Unidos era, sem sombra de dúvida, o lar que eu sempre quis construir. Repleto de paz, amor, e com uma família que me preenchia de todas as maneiras possíveis.

O que mais me enchia de satisfação era a certeza de que, finalmente, todas as peças do meu quebra-cabeça estavam no lugar. Stefanos e Caleb eram o centro do meu mundo. Eu os amava mais do que as palavras podiam expressar.

E agora, ver Helena tão feliz com Carlo, esperando o primeiro filho deles, isso só completava ainda mais esse sentimento de gratidão que tomava conta de mim.

Almoçamos envoltos por aquele clima gostoso de paz e tranquilidade, e logo em seguida Caleb, cansado de tanto brincar, adormeceu no meu colo, exausto e satisfeito.

— Você está feliz? — Stefanos perguntou, baixinho, enquanto passava o braço pelos meus ombros.

Eu sorri, olhando para ele, e depois para todos ao nosso redor.

— Mais do que eu jamais poderia imaginar — respondi com sinceridade. — Eu nunca pensei que seria possível construir uma vida tão feliz, mas aqui estamos. E não mudaria nada.

Ele beijou a minha testa, e eu fechei os olhos por um instante, aproveitando a paz do momento. O futuro era brilhante, cheio de promessas. E eu sabia, com toda a certeza do meu coração, que estávamos

exatamente onde deveríamos estar: cercados de amor, de família e de infinitas possibilidades de felicidade.

Afinal, era isso que eu sempre quis. E agora, finalmente, era minha realidade.

FIM

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de seguir minha paixão pela escrita. À minha filha, por cuidar de mim e do lar com tanto carinho enquanto mergulho nas palavras, e aos meus queridos leitores, que tornam realidade esse sonho maravilhoso de viver do que mais amo fazer. Sou eternamente grata a vocês.

SOBRE A AUTORA

Nascida em 1973, no interior do estado do Tocantins, Ariela Pereira é divorciada e mãe de dois filhos. Viveu durante muito tempo no Rio de Janeiro, posteriormente trocando a agitação da cidade grande pelo sossego do interior.

Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Tocantins, atuou durante alguns anos como educadora na rede municipal de ensino, renunciando ao ofício para se dedicar integralmente à escrita de Romances Contemporâneos.

Sempre foi apaixonada pela literatura, tornando-se uma leitora assídua ainda criança. Escreveu seus primeiros rascunhos aos dezoito anos e, após publicar suas obras em duas editoras tradicionais, optou por tornar-se autora exclusiva do KDP.

---

[1] Vila pitoresca em Mykonos, Grécia, conhecida por sua atmosfera tranquila e praças charmosas.

[2] Grupo de ilhas gregas no Mar Egeu, conhecidas por sua beleza e cultura.

[3]. Tzatziki é um molho grego refrescante feito de iogurte, pepino, alho e azeite.

[4]. É um instrumento de cordas grego, parecido com um alaúde, usado em músicas tradicionais.

[5]. É um famoso ponto de encontro em Mykonos, conhecido por sua atmosfera animada, música vibrante e festas que duram até tarde da noite.

[6]. É um charmoso bairro costeiro de Mykonos, com casas coloridas à beira-mar, vistas deslumbrantes e bares românticos ao pôr do sol.

[7] Clube fictício, criado exclusivamente para o enredo do livro.

[8] É um clube de praia em Mykonos, conhecido por seu estilo boêmio e atmosfera mais modesta, focado em bem-estar e experiências musicais.

[9]. Pasta grega feita à base de berinjela assada, azeite, alho e limão, conhecida por seu sabor defumado e cremoso.

[10] Prato tradicional grego, composto por camadas de berinjela, carne moída e molho bechamel, assado até ficar dourado e cremoso.
[11] Sobremesa tradicional do Oriente Médio e dos Bálcãs, feita com camadas finas de massa filo, nozes trituradas e mel ou calda doce.
[12] Praia isolada que não possui muitas infraestruturas turísticas, mantendo um ambiente natural e rústico.